

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**CLAITON IVAN POMMERENING**

**FÁBRICA DE PASTORES: INTERFACES E DIVERGÊNCIAS ENTRE  
EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E FÉ CRISTÃ COMUNITÁRIA NA TEOLOGIA  
PENTECOSTAL**

São Leopoldo

2015

CLAITON IVAN POMMERENING

FÁBRICA DE PASTORES: INTERFACES E DIVERGÊNCIAS ENTRE  
EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E FÉ CRISTÃ COMUNITÁRIA NA TEOLOGIA  
PENTECOSTAL

Tese de Doutorado  
Para obtenção do grau de  
Doutor em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Instituto de Pós-Graduação  
Área de concentração: Teologia Prática

Orientador: Oneide Bobsin

São Leopoldo  
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P787f Pommerening, Claiton Ivan

Fábrica de pastores : interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal / Claiton Ivan Pommerening ; orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.  
202 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Igrejas pentecostais – Doutrinas. 2. Assembleia de Deus – Educação. 3. Teologia – Estudo e ensino – Assembleia de Deus. 4. Dons do Espírito Santo. I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

CLAITON IVAN POMMERENING

**FÁBRICA DE PASTORES: INTERFACES E DIVERGÊNCIAS ENTRE  
EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E FÉ CRISTÃ COMUNITÁRIA NA TEOLOGIA  
PENTECOSTAL**

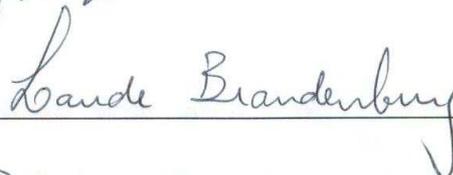
Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de  
Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia e História

Data de Aprovação: 21 de julho de 2015

Prof. Dr. Oneide Bobsin (Presidente)



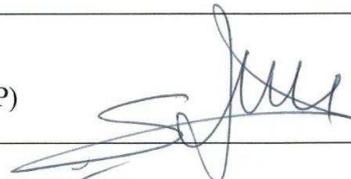
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laude E. Brandenburg (EST)



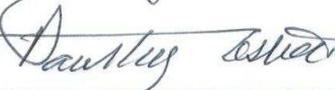
Prof. Dr. Roberto E. Zwetsch (EST)



Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar (PUCSP)



Prof. Dr. Paulo Ayres Mattos (METODISTA/SP)





Dedico a  
Thaís Andréa,  
minha companheira cotidiana e minha  
esposa,  
aquela com quem partilho o pão, as  
alegrias e as tristezas.  
Que suportou ausências, compromissos  
e leituras.  
Que mesmo sentindo, algumas vezes,  
necessidade de dizer não, disse sim às  
pesquisas e ainda me deu o suporte  
necessário.  
Sempre me lembrou que a fé precisava  
ser preservada e cultivada em  
comunhão com Aquele que é a fonte da  
teologia.  
MUITO OBRIGADO!

Pr. John Peter Kolenda,  
Pr. João Kolenda Lemos,  
Pr. Bernhard Johnson Júnior,  
pela incansável e sacrificial luta pelo  
ensino teológico nas Assembleias de  
Deus no Brasil.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela capacidade e criatividade sempre presentes em momentos de fim de linha. Por seu amor e cuidado. Por ser minha essência de vida.

Ao meu pai que me legou o desejo de servir.

A minha mãe (que partiu enquanto fazia esta pesquisa) pelo incentivo à cultura e aos estudos

Às minhas amadas filhas, Letícia e Thaíne, que suportaram as longas ausências do pai, e ao recente novo filho Alam.

Aos meus queridos irmãos Celton e Audrey, cunhados, cunhadas e sobrinhos.

A Evangelisches Missionswerk da Alemanha, por subsidiar financeiramente esta pesquisa; bem como ao CEEDUC e à Faculdade Refidim pela disponibilidade de tempo e recursos para a pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Oneide Bobsin, por me fazer avançar, na pesquisa, em ambientes desconhecidos e desafiadores.

Aos professores, colegas de aula e amigos que conheci na EST, me mostraram mundos diferentes.

Aos meus pastores e líderes que apoiaram meus estudos: Pr. Valmor Leonel Batista (*in memoriam*) e Pr. Sérgio Melfior, que soube entender minhas ausências das atividades eclesiais e administrativas.

Aos meus amigos Moisés e Sélia, Osmair e Andréa, Allan e Eliane e demais amigos e incentivadores, quando demandas maiores queriam me impedir.

Aos pesquisadores Gedeon Alencar, Mário Sérgio e Isael Araújo por me facilitarem o acesso às informações.

Aos colaboradores, professores e voluntários do CEEDUC.

Aos professores da Faculdade Refidim.

Aos amigos e colegas de trabalho que me incentivaram e apoiaram: Fernando, Valdinei, Andréa, Marcos, Stela, Orlando, Cristiane, Shirley, Damaris, Rose, Maria, Ailton, Débora, Simone, Carla Lanza, Greice, Ivan, Keila, Olívio.

Aos meus irmãos da fé pentecostal.

Aos estudantes de teologia da Faculdade Refidim e das ADs, alvo principal desta pesquisa.



Não sei muitas coisas, é verdade,  
digo apenas o que vi,  
e vi:

que o berço do homem é embalado com histórias...  
que os gritos de angústia do homem são abafados com histórias...  
que o pranto do homem cessa com histórias...  
que os ossos do homem são enterrados com histórias...  
e que o medo do homem inventou todas as histórias...

Sei bem poucas coisas, é verdade,  
mas adormeceram-me com todas as histórias...

e eu conheço todas as histórias.

FELIPE, León. *Antología rota*. Madrid: Cátedra, 2008.

## RESUMO

A teologia formal e reflexiva foi alvo de rejeição no início do pentecostalismo, por este apresentar uma cultura anti-intelectualista e de religiosidade experiencial. Ela era construída prioritariamente de forma oral e narrativa. Na medida em que o pentecostalismo foi crescendo e tomando forma no Brasil, com a adesão de elementos mais ilustrados da sociedade, começou a se dar abertura a uma reflexão teológica mais racional e elaborada. No entanto, os pressupostos iniciais de rejeição continuaram latentes, ainda que de forma velada e subjetiva, dificultando importantes avanços teológicos, especialmente em se tratando das Assembleias de Deus. Esta pesquisa tem por objetivo esclarecer, através de uma perspectiva histórica que leva a aportes sociológicos e teológicos, os avanços e retrocessos que a educação teológica empreendeu nas Assembleias de Deus no Brasil, detalhando discussões entre apoiadores e reprovadores da educação teológica, abordando a elaboração de currículos e as disputas de poder entre suecos, brasileiros e norte-americanos pela educação teológica, os empreendimentos de fundação de Institutos Bíblicos e cursos teológicos por extensão e a expansão da teologia até serem abertos os cursos reconhecidos pelo MEC, que atualmente são apoiados por algumas Assembleias de Deus no Brasil. Intenta-se explicar por que os pentecostalismos preferem teologias de caráter mais devocional e experiencial em detrimento de teologias mais reflexivas e críticas, levando em conta a ênfase dada à teologia mais de caráter pneumatológico. Para tal, demonstra-se a importância do fenômeno de êxtase através do batismo no Espírito Santo e todas as manifestações experienciais deste segmento religioso, além de propor um método teológico que tenta conciliar o legado teológico pentecostal com teologias acadêmicas e reflexivas na tentativa de traçar um possível caminho para a teologia pentecostal que ainda está em desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Teologia Pentecostal. Pentecostalismo. Pneumatologia. Educação Teológica.

## ABSTRACT

The formal reflective theology was a rejection target in the beginning of Pentecostalism since it presented an anti-intellectualist culture and of experiential religiosity. It was built primarily in oral and narrative form. As Pentecostalism was growing and taking shape in Brazil, with the adherence of more illustrious elements of society, it began to give opening to a more rational and elaborated theological reflection. However, the initial rejection assumptions continued latent, albeit in covert and subjective form making important theological advances difficult, especially in regards to the Assemblies of God. This research aims to clarify through historical research which leads to sociological and theological contributions, the advances and retreats that theological education undertook in the Assemblies of God in Brazil, detailing discussions between supporters and disapprovers of theological education, approaching the elaboration of curriculums and the dispute among Swedish, Brazilians and North-Americans for the theological education, the foundation enterprises of biblical institutions and theological courses by extension and expansion of theology until courses recognized by MEC were opened, which nowadays are supported by some Assemblies of God in Brazil. It tries to explain why Pentecostals prefer theologies with a more devotional and experiential character in detriment of more reflective and critical theologies, taking in consideration the emphasis given to theology of pneumatological character. For such, the importance of the ecstasy phenomenon through the baptism in the Holy Spirit and all the experiential manifestations of this religious segment is demonstrated and proposes a theological method that tries to reconcile the Pentecostal theological legacy with academic and reflective theologies in an attempt to draw a possible path for the Pentecostal theology that is still in development.

Keywords: Pentecostal Theology. Pentecostalism. Pneumatology. Theological Education.

## LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1: Distribuição das disciplinas nos eixos do MEC .....	70
Gráfico 2: Distribuição das disciplinas na estrutura teológica tradicional .....	71
Gráfico 3: Ilustração do método teológico informal .....	182
Gráfico 4: Imagem ilustrativa do método Gramático-experiencial .....	186
Gráfico 5: Imagem ilustrativa da tensão no método teológico Gramático-experiencial .....	187



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1 RACIONALIDADE E EMOTIVIDADE: HISTÓRICO, CONFLITOS E DESENVOLVIMENTOS DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL</b> .....	<b>25</b>
1.1 A educação teológica das Assembleias de Deus.....	27
1.1.1 As Escolas Bíblicas.....	30
1.1.2 Debates e embates em relação à educação teológica .....	32
1.1.3 O “Colégio de Jesus” .....	35
1.1.4 A tentativa em Santa Catarina .....	38
1.2 Criação do primeiro Instituto Bíblico.....	39
1.3 Consolidação da educação teológica.....	42
1.4 Ranços e avanços na educação teológica formal após a criação do IBAD ....	44
1.4.1 As apologias ao IBAD .....	45
1.4.2 A fábrica de pastores .....	47
1.5 Considerações .....	50
<b>2 RELAÇÕES ENTRE A ESCOLA BÍBLICA, O INSTITUTO BÍBLICO E A ACADEMIA: ANÁLISE DE CONTEÚDOS E DE PRODUÇÃO TEOLÓGICA</b> .....	<b>53</b>
2.1 O currículo como componente político racional .....	54
2.2 As fases da educação teológica nas ADs .....	55
2.2.1 As Escolas Bíblicas: um estilo que marcou gerações.....	56
2.2.2 Instituto Bíblico e ensino por extensão: a formalização da teologia.....	62
2.2.3 A teologia acadêmica e seus desdobramentos .....	65
2.3 Produção teológica nas Assembleias de Deus .....	73
2.3.1 A produção teológica literária .....	73
2.3.2 Fontes da teologia assembleiana .....	75
2.4 Uma proposta de princípios para a educação teológica .....	76
2.4.1 Um modelo integral.....	76
2.4.2 Currículos sinérgicos .....	77
2.4.3 A missão compassiva como núcleo principal.....	77
2.4.4 Os quatro pilares educacionais da UNESCO .....	79
2.4.5 Um método que leve em conta a hermenêutica do Espírito .....	80
2.5 Considerações .....	80
<b>3 A SUBVERSIVIDADE E A REJEIÇÃO DA TEOLOGIA FORMAL: RELAÇÕES DE PODER E DUALISMO ENTRE ACADEMICISMO E FÉ</b> .....	<b>83</b>
3.1 O anti-intelectualismo dos movimentos do espírito .....	83
3.2 Falta de prioridade à educação teológica .....	88
3.3 Aceitação velada da teologia .....	91
3.4 O motivo (i)lógico para a rejeição da teologia acadêmica.....	92
3.5 Assimilações estrangeiras na teologia pentecostal.....	98
3.6 A racionalidade institucional tomando o lugar da teologia .....	100
3.7 O poder institucional .....	102
3.7.1 A burocratização institucional .....	104

3.7.2 A burocracia como uma ameaça à teologia .....	105
3.7.3 A institucionalização produzindo a correta doutrina .....	107
3.8 A loucura (irracionalidade) da cruz e a racionalidade institucional .....	109
3.9 Considerações.....	113
<b>4 A FENOMENOLOGIA DA RELIGIOSIDADE PENTECOSTAL NA AD: FRONTEIRAS ENTRE A RACIONALIDADE E NÃO RACIONALIDADE.....</b>	<b>115</b>
4.1 As igrejas da palavra e (ou) do espírito .....	116
4.2 A transversalidade entre a racionalidade e a não racionalidade .....	119
4.3 O problema dos estudantes de teologia .....	121
4.4 A formação do sagrado no sujeito .....	124
4.5 O sagrado em Rudolf Otto.....	125
4.5.1 Aspectos do numinoso examinados a partir da obra de Otto.....	125
4.5.1.1 O sentimento de criatura .....	126
4.5.1.2 <i>Mysterium Tremendum</i> .....	126
4.5.1.3 O <i>Tremendum</i> (arrepiaante).....	127
4.5.1.4 O avassalador ( <i>majestas</i> ) .....	127
4.5.1.5 O enérgico.....	128
4.5.1.6 O <i>mysterium</i> .....	128
4.5.1.7 O fascinante .....	129
4.5.1.8 O assombroso.....	129
4.5.1.9 O <i>augustum</i> .....	130
4.5.2 O racional e o não racional no culto pentecostal: aproximações com Rudolf Otto .....	130
4.5.3 A letra mata.....	132
4.6 Paul Tillich e a compreensão do fenômeno religioso pentecostal .....	136
4.6.1 A profundidade da razão .....	137
4.6.2 Revelação, êxtase e o fundamento do ser .....	140
4.6.3 O ser e o não-ser como experiência de conversão .....	144
4.6.4 O milagre revelador e o milagre banalizado.....	146
4.6.5 Seria o pentecostalismo uma revelação histórica? .....	147
4.7 Teologia e ritos do pentecostalismo .....	149
4.8 Considerações.....	151
<b>5 COMPREENSÃO DA TEOLOGIA PNEUMATOLÓGICA NO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO .....</b>	<b>153</b>
5.1 A experiência com o espírito .....	157
5.2 O deslumbramento humano diante da revelação .....	160
5.3 A construção da comunidade do espírito.....	163
5.4 Propostas mínimas para uma teologia do Espírito Santo.....	165
5.4.1 Imprevisibilidade do Espírito .....	165
5.4.1.1 O pentecostalismo como sinal da imprevisibilidade do Espírito.....	167
5.4.1.2 Imprevisibilidade provocadora do Espírito .....	170
5.4.2 Irreverência .....	171
5.4.3 Paradoxismo .....	172
5.4.4 Holismo: viver segundo o Espírito .....	173
5.4.5 Carisma: os dons do Espírito .....	174
5.4.6 O agir cuidadoso do espírito.....	175

5.5 Considerações .....	177
<b>6 PROPOSTAS DE UM MÉTODO TEOLÓGICO PARA O PENTECOSTALISMO CLÁSSICO.....</b>	<b>179</b>
6.1 O método teológico pentecostal.....	179
6.1.1 O método gramático-experiencial informal ou devocional .....	181
6.1.2 O método gramático-experiencial acadêmico.....	183
6.1.3 Desdobramentos do método teológico .....	191
6.1.4 O método do amor de Deus.....	195
6.2 Considerações .....	196
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>199</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>205</b>



## INTRODUÇÃO

Educação teológica é parte da vida e missão das igrejas nas suas situações particulares. Ela deriva das obras criadoras e redentoras de Deus na história humana e procura entender o significado do evangelho no mundo de hoje.<sup>1</sup>

O pentecostalismo surgido nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX, foi um movimento leigo de William J. Seymour em 1906,<sup>2</sup> mas também oriundo de seminários teológicos como é o caso de Charles Fox Parham, que fundou uma escola bíblica denominada *O Espírito Santo e Nós*, de abordagem antiacadêmica, onde o “único professor” era o Espírito Santo, antes mesmo da eclosão do movimento pentecostal.<sup>3</sup> Desta forma, pode-se afirmar que o movimento pentecostal, inicialmente, não é popular, mas (anti) acadêmico, pois Parham influenciou Seymour no pentecostalismo, já que este era seu aluno.

As igrejas pentecostais ofereceram ao povo uma linguagem religiosa simples de se entender, com ênfase emocional e experiencial, com certo desprezo pela racionalidade e pelos dogmas engessados, permitindo uma expressividade religiosa acolhedora das mais variadas classes sociais, especialmente dos pobres. Este é um

---

<sup>1</sup> Huang Po Ho, 2009, *apud* SUNG, Jung Mo; MIGUEZ, Nestor; WIRTH, Lauri. *Missão e educação teológica*. São Paulo: Aste, 2011. p. 169.

<sup>2</sup> Além desta origem clássica, deve-se levar em conta os movimentos de santidade, os grandes avivamentos, o metodismo, o pietismo, bem como tantos outros precursores do pentecostalismo.

<sup>3</sup> No Brasil, sucederam-se algumas tentativas de implantar o pentecostalismo que merecem destaque, pois foram anteriores às iniciadas em 1910, concomitantes e independentes da origem norte-americana. Conforme Leonildo Campos, três investidas foram feitas. A primeira esteve ligada a um padre convertido ao presbiterianismo, ordenado pastor em 1865, que se recusou a pastorear igrejas e passou a visitar comunidades rurais, enfatizando a necessidade de uma “aproximação sentimental com Deus”. A segunda referiu-se a outro convertido ao presbiterianismo em 1874, Miguel Vieira Ribeiro, que abandonou sua igreja e fundou a Igreja Evangélica Brasileira, dando ênfase na iluminação interior e no recebimento de novas revelações de Deus. A terceira diz respeito à vidente Jacobina, imigrante alemã no Rio Grande do Sul, “que entrava em transe e recebia as revelações diretamente de Deus.” Este fato aconteceu entre 1873-74 e foi chamado de movimento “Mucker”. (CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim, (Ed.). *Na força do espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 83.) Outro caso conhecido na cidade de Guaramirim (SC), certamente o quarto, foi o de Pedro Graudim (1875-1935), um pastor imigrante da Letônia. O fato ficou sem muita notoriedade por ter envolvido menos de uma dezena de pessoas. Ocorreu em 1909, quando este recebeu o batismo no Espírito Santo, falou em línguas e profetizou em Guaramirim (SC) numa igreja Leto-Batista fundada por ele. (SANTOS, Ismael dos. *Raízes da nossa fé*. Blumenau: Letra Viva, 1996. p. 30.)

dos motivos do imenso sucesso proselitista destas igrejas, conforme escreve Míguez-Bonino:

Os pentecostais tinham algo a oferecer, algo que fez vibrar pessoas letargadas pela monotonia e desesperança de sua existência. [...] Sua vida foi transformada, seu horizonte foi ampliado; a vida cobrou um significado dinâmico. A realidade de Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo – que não passavam de termos sentimentais ligados ao ritual e ao folclore – cobraram novo significado, tornaram-se meios pelos quais se comunicavam luz, força e esperança ao espírito humano. Elas se transformaram em pessoas com um propósito para viver.<sup>4</sup>

Algumas características e contribuições positivas, além das anteriormente apontadas, trazidas por este segmento religioso à sociedade e aos indivíduos que dele participam podem ser enumeradas: as conversões com transformação moral e espiritual; a alegria e o entusiasmo; muitos conversos que abandonam vícios e vida pregressa e assumem responsabilidades familiares e comunitárias;<sup>5</sup> a busca pela presença manifesta de Deus nos cultos e na vida devocional; a busca pelos dons do Espírito Santo que enriquecem o povo com percepções de vida e mundo elevados; pessoas que outrora apenas eram religiosas sem participação na vida comunitária têm sido despertadas da “dormência de uma fé insípida e formal e conduzidas a uma espiritualidade vital”;<sup>6</sup> despertamento de muitas pessoas, outrora analfabetas, a aprenderem a ler e estudar a Bíblia; pessoas leigas e simples exercendo cargos de liderança importantes na igreja; ascensão social de pessoas de classe baixa, pois passam a economizar recursos ao invés de gastar com banalidades e vícios; reorganização ou ordenamento social de pessoas que viviam na anomia<sup>7</sup> e que foram alcançadas pelo evangelho; alcance de uma significação pessoal e social; pessoas marginais se sentem amadas, cuidadas e incluídas;<sup>8</sup> experiência do batismo no Espírito Santo, com sua ênfase na expressão oral dos sentimentos,

---

<sup>4</sup> John A. Mackay. *Apud*: MÍGUEZ-BONINO, José. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 53s.

<sup>5</sup> NAÑEZ, Rick. *Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto*. São Paulo: Vida, 2007. p. 8.

<sup>6</sup> NAÑEZ, 2007, p. 19.

<sup>7</sup> Sentimento de falta de objetivos ou de desespero, provocado pela vida social moderna, fazendo com que as vidas cotidianas careçam de significado, resultando na perda da influência das normas sociais sobre o comportamento individual. GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4ª ed. São Paulo: Artmed, 2005. p. 31, p. 562.

<sup>8</sup> MARTINS, Aílto. Pentecostalismo clássico: da natureza inclusiva à institucionalização exclusivista. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 227.

como “uma resposta ao sofrimento”;<sup>9</sup> a democracia da participação no culto onde se pode expressar livremente; alívio de sofrimentos ao proporcionar esperança de libertação, cura e solução de problemas; ênfase na disposição divina em abençoar atendendo necessidades e vontades; “expressão emocional libertadora na adoração”;<sup>10</sup> envolvimento comunitário em missões mundiais; o Espírito Santo como guia e consolador diário e constante; vida cristã pautada na experiência com Deus.

Estas são apenas algumas das contribuições que o pentecostalismo trouxe e ainda traz às pessoas que a ele se filiam. Faltaria espaço para relatar inúmeros testemunhos de ressignificação, cura, libertação, esperança e transformação de vida a partir da experiência pentecostal. De tal modo, tem-se um aprimoramento na qualidade de vida em várias situações, que se organizam a partir da experiência emocional de conversão tão comum nesta forma de religiosidade. Entretanto para que se mantenham as conquistas da experiência emocional é necessária uma posterior racionalização da fé, uma reflexão teológica. Caso contrário, o converso estará entregue ao sentimentalismo vazio e fugidio. Contudo, esta racionalização nem sempre é tranquila e sem percalços, especialmente em se tratando da teologia acadêmica.

Nas últimas décadas, algumas lideranças pentecostais têm-se despertado para a necessidade de criar meios de promover a educação teológica formal de novos líderes, bem como estendê-la para seus membros leigos e ainda criar escolas de Educação Básica.<sup>11</sup> Neste sentido, as Assembleias de Deus em Joinville têm sido destaque no sul do Brasil, pois há mais de 35 anos iniciaram este processo com a fundação do Instituto Bíblico Beréia<sup>12</sup> e do Colégio Evangélico Pr. Manoel Germano de Miranda, fundado em 31 de agosto de 1981. Ambas as escolas foram pioneiras

---

<sup>9</sup> CESAR, Waldo; SHAULL Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1999. p. 11.

<sup>10</sup> NAÑEZ, 2007, p. 19.

<sup>11</sup> Sobre a história dos cursos teológicos no Brasil convém consultar: LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de. Teologia: do público para o privado ou do privado para o público? Breve incursão na história da institucionalização da teologia no Brasil. In: SCHAPER, Valério Guilherme et al. (Orgs.). *Deuses e ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012. p. 217-235.

<sup>12</sup> Esta iniciativa, feita provavelmente antes de 1978 por Liosés Domiciano, foi sendo sucedida por outras como: IBADEJ – Instituto Bíblico da Assembleia de Deus em Joinville (1989), um núcleo da FAETEL – Faculdade Teológica de Lorena, EMICS – Escola Missionária por Correspondência Siloé (1994), CAPV – Curso Bíblico para a Igreja, EBOJ – Escola Bíblica para Obreiros de Joinville (1995), EPOS – Escola Preparatória de Obreiros Siloé e finalmente a atual Faculdade Refidim criada em 1999 e autorizada pelo MEC a oferecer curso superior em teologia em 01/06/2011.

no estado de Santa Catarina nas Assembleias de Deus.<sup>13</sup> Tudo por iniciativa de alguns líderes da época com forte visão progressista, que não foi isenta de conflitos.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus,<sup>14</sup> conhecida como a igreja que acolheu durante muitas décadas as pessoas de uma classe social menos privilegiada, recebeu, nos últimos vinte anos, vários segmentos da sociedade que até então não se sentiam acolhidos ou ainda não se sentiam à vontade dentro deste movimento. Esta atratividade diferenciada é um fenômeno recente, podendo ser atribuído à ascensão social de boa parte dos brasileiros. Assim, pode-se dizer que as Assembleias de Deus (ADs) acolhem sempre mais pessoas das mais variadas origens, etnias e classes sociais. Se o Brasil é o país de todos, as ADs poderiam ser consideradas a igreja de todos.

Pertencer às ADs é um jeito de ser cristão derivado do mundo evangélico, não é simplesmente estar filiado a ela, mas apreender seu *ethos* sócio religioso característico. Isto envolve: crer na inspiração das escrituras, crer no batismo no Espírito Santo, na glossolalia e na atualidade dos dons espirituais, seguir um estilo fundamentalista de entender a Bíblia, interpretá-la de forma literalista, mas paradoxalmente atual, ser legalista ético-moral, as lideranças são centralizadoras apesar da democracia do Espírito, a teologia é oral e narrativa mas também escrita, a liturgia é mais espontânea e menos formal; entre outros. Este seria o modelo ideal do assembleianismo clássico que aparece como elemento de fundo deste trabalho. Por isso, leva-se em conta que este é perpassado pelas novas dinâmicas sociais em constante mutação.

Os modelos ideais logicamente são atravessados por singularidades regionais, personalísticas e por progressos sócio-históricos que nem sempre se hegemonizam em todas as situações.<sup>15</sup> Também por isto tornam difícil uma caracterização correta e definitiva, mas as aqui mencionadas servem apenas para

---

<sup>13</sup> Se considerada a fundação da Escola Primária Florianópolis, provavelmente em 1960 (embora não funcionou por muito tempo), tem-se 55 anos (2015) desde a primeira iniciativa educacional em Joinville.

<sup>14</sup> Daqui em diante será abreviado o nome da igreja para ADs. A nomenclatura é grafada no plural para dar conta das multifacetadas formas de ser desta igreja.

<sup>15</sup> “Os tipos ideais [de Weber] possuem uma coerência, que evidentemente não é possível encontrar na realidade.” MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 78.

tentar traçar uma aproximação e possibilitar uma compreensão generalista, muito consciente da pluralidade de assembleianismos.<sup>16</sup>

Portanto, a pesquisa desenvolvida no presente trabalho visa entender o funcionamento da educação teológica encetada pelas ADs no Brasil, procurando por suas origens, as diferentes posições defendidas entre os principais líderes e os desdobramentos práticos e atuais que foram desenvolvidos a partir de sua história. Portanto, aborda uma tensão existente entre o laicato defendido por líderes da vertente sueca e a formação teológica formal defendida por líderes da vertente norte-americana, tendo em vista que ambas encontraram acolhida e resistência ao longo da implantação, formatação e fundamentação teológica das ADs, embora a grande parte dos resultados desta pesquisa sejam também verificáveis na maioria dos pentecostalismos.<sup>17</sup>

Mas esta tensão não é exclusividade do pentecostalismo, está presente em várias vertentes evangélicas, sendo os seminários considerados algumas vezes como “cemitérios da espiritualidade”, de “deserto espiritual”,<sup>18</sup> onde “homens e mulheres [perdem] a fé”.<sup>19</sup> Embora seja um tema antigo na teologia, não há muitas obras que o abordam. Neste sentido, é um tema novo, especialmente para o pentecostalismo. Sabe-se que os atuais institutos das igrejas tradicionais não deram conta desta equação e os seminários pentecostais caminham na mesma direção.

Claro está que as igrejas históricas também enfrentam problemas com a teologia acadêmica e a teologia desenvolvida nas comunidades, bem como a igreja e seminário também têm seus atritos, certamente transversalizando a luta entre carisma e tradicionalismo/burocratização. O livro *Igreja, Carisma e Poder* de autoria de Leonardo Boff é uma referência católica para o mesmo problema.<sup>20</sup> Estes exemplos mostram que todas as igrejas enfrentam a questão do distanciamento entre a reflexão teológica acadêmica e a vida prática de fé das comunidades. Nesta

---

<sup>16</sup> Sobre a fragmentação das ADs consultar: ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus: 1911-2011*. Rio de Janeiro: Diálogos, 2013. CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: ministérios, carismas e exercício de poder*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. Esta fragmentação não se dá apenas no nível institucional e de relações de poder, mas também no doutrinário.

<sup>17</sup> Os pentecostalismos no Brasil têm uma infinidade de nuances e jeitos de ser social e teologicamente, portanto, numa pesquisa como esta não há como abarcar tão grande variedade.

<sup>18</sup> ZABATIERO, Julio P. T. A encruzilhada da educação teológica. In: BOMILCAR, Nelson. *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 257.

<sup>19</sup> PETERSON. Eugene. *Espiritualidade subversiva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p. 75-76.

<sup>20</sup> BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.

perspectiva, o presente trabalho salienta que esta questão pode ser mais grave no pentecostalismo.

Neste sentido, Eugene Peterson faz uma crítica veemente:

A decepção mais frequentemente expressa pelos homens e mulheres que ingressam no seminário está relacionada com a espiritualidade. Não raro, chegam ao seminário motivados por um compromisso com Deus e um desejo de servir a seu Senhor em alguma forma de ministério, e então descobrem que, em cada ocasião, estão sendo confundidos ou desviados em relação a essa intenção.<sup>21</sup>

Zabatiero cita como uma das prováveis causas desta realidade a racionalidade surgida entre os séculos XVII a XIX e que forçou a teologia se tornar uma ciência exclusivamente racional: “em várias escolas foram desenvolvidas formas de subordinação da fé à razão a fim de manter o prestígio intelectual da teologia.”<sup>22</sup> Assim, “o divórcio entre fé e razão está instalado na cultura ocidental, e refazer o casamento é um processo contínuo e desgastante, que deve ser intencional e intencionado.”<sup>23</sup>

Sendo o seminário o lugar onde se ensina a Palavra (logos), esta facilmente pode ser impedida por meras palavras, conforme dizia Evágrio. Assim, o candidato ao ministério sofre uma deformação profissional.

Os médicos correm o risco constante de se tornarem insensíveis ao sofrimento; os advogados, o de descreverem da justiça; e os que pensamos, conversamos, lemos e escrevemos sobre Deus, o de que as próprias palavras que usamos acerca de Deus nos separem de Deus, a mais maldita de todas as deformações.<sup>24</sup>

Embora a abordagem acadêmica da educação teológica nas ADs seja recente, já conta com algumas excelentes pesquisas, dos seguintes autores: Gedeon Alencar,<sup>25</sup> Jose Ozean Gomes,<sup>26</sup> Ricardo Bitun,<sup>27</sup> Altair Germano<sup>28</sup> e Mário

---

<sup>21</sup> PETERSON, 2009, p. 75.

<sup>22</sup> BOMILCAR, 2005, p. 259.

<sup>23</sup> BOMILCAR, 2005, p. 272.

<sup>24</sup> PETERSON, 2009, p. 81.

<sup>25</sup> ALENCAR, Gedeon Freire de. Educação teológica no pentecostalismo brasileiro: rupturas & continuidades. In: SOARES, Afonso Maria Ligório. *Religiões e paz mundial: 23º Congresso Internacional SOTER 2010*. Belo Horizonte: SOTER/Paulinas, 2010. p. 630-639.

<sup>26</sup> GOMES, José Ozean. *Educação teológica no pentecostalismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

<sup>27</sup> BITUN, Ricardo. Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios. *Revista Caminhando*, v. 14, n. 2, p. 55-65, Jul./Dez. 2009.

Sérgio Santana.<sup>29</sup> Dos autores mencionados a única obra transformada em livro é a de Ozean, duas são artigos científicos e duas constam em blogs de endereço eletrônico.

A epistemologia desta pesquisa foi baseada nas questões de carisma nas categorias de Pierre Bourdieu e Max Weber. E também nas questões de relações de poder em Michel Foucault, nas questões da fenomenologia da religião em Rudolf Otto e Paul Tillich e na questão do Espírito Santo em Jürgen Moltmann, Frank Macchia e Amos Yong. Entretanto esta pesquisa, embora dialogue com vários teólogos, inclusive europeus, tenta manter como interlocutor a comunidade das ADs. Dessa maneira, escapa-se da tentação de ficar se explicando e se justificando diante de outras ciências. Em alguns capítulos as Ciências da Religião, a Sociologia da religião e, principalmente, a Teologia se fazem presentes, mas evitou-se um problema, inserido por algumas ciências, que invadem a teologia de forma indevida, tirando-lhe o aspecto numinoso e a tornando uma ciência quase ateia. Este pode ser o motivo pelo qual há uma tendência da Teologia no Brasil esvaziar-se de seu sentido numinoso em sua reflexão e escorregar para os métodos utilizados por outras ciências, perdendo assim seu foco principal com o uso demasiado de outros referenciais, esquecendo-se de refletir sobre a fé e sobre a vida da comunidade.

Trago no texto, como pressuposto, o paradoxo de conciliar na prática uma igreja de vivência do Espírito em experiências extraordinárias, mas que tem uma compreensão teórica limitada. O que é bastante diferente de teólogos que vêm de igrejas em que a manifestação do Espírito é tímida, mas que sabem teorizar tão bem sua atuação. Numa se manifesta a superficialidade da teoria, noutra a superficialidade da prática; numa a profundidade da vivência, noutra a profundidade do entendimento. Assim, o presente trabalho teve como tarefa instigante tentar conciliar e fazer convergir essas duas virtudes, teoria e práticas eclesiais e teológicas, muitas vezes opostas.

Tenho clareza de que, como afirma Morin, “os homens sempre elaboram falsas concepções de si próprios, do que fazem, do que devem fazer, do mundo

---

<sup>28</sup> GERMANO, Altair. *Os antecedentes históricos da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil de 1517 a 1979*. Disponível em: <<http://www.altairgermano.net/>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

<sup>29</sup> SANTANA, Mário Sérgio. *Ensino teológico*. Disponível em: <<http://mariosergiohistoria.blogspot.com.br/search/label/Ensino%20Teol%C3%B3gico>>. Acesso em: 24 maio 2015.

onde vivem”.<sup>30</sup> Concordando com Morin, entendo que poderei cometer equívocos na pesquisa, especialmente pelo exercício hermenêutico de me afastar do objeto de pesquisa, visto pertencer desde sempre ao pentecostalismo e tê-lo entranhado em minha alma, inclusive por experimentar momentos de êxtase.

A motivação desta pesquisa deu-se em função de minha própria experiência, mas também pela curiosidade de entender o motivo pelo qual deu-se a ojeriza institucional à teologia, a consequente discriminação comunitária e como isto ainda afeta esta instituição de forma profunda e relevante.

Os capítulos foram construídos ao longo de quase cinco anos de pesquisa e ressaltam histórica, sociológica e teologicamente o processo de debate das ADs a respeito da formação teológica de seus pastores e líderes e propõe um equilíbrio entre fé e razão no fazer teológico.

No primeiro capítulo será feito um levantamento histórico, com abordagem das discussões das principais reuniões dos líderes da igreja, especialmente numa fase mais oral das controvérsias, envolvendo a manutenção das Escolas Bíblicas e a criação dos Institutos Bíblicos, ambas explicitadas no desenvolvimento deste trabalho. As principais foram as Convenções Gerais das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), das quais se tem algumas atas. Estas convenções se iniciaram a partir do ano de 1930 e as Semanas Bíblicas, de caráter não deliberativo, que aconteceram de 1939 a 1943.

A fase escrita das discussões em fontes primárias é feita através da análise do jornal *O Mensageiro da Paz*, que é o órgão oficial da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB) no Brasil, publicado a partir de dezembro de 1930, proveniente da fusão dos jornais *Boa Semente*, editado na AD de Belém (PA) e do *Som Alegre*, da AD do Rio de Janeiro (RJ). Este serve até hoje de importante instrumento para a produção de artigos teológicos e devocionais, bem como de notícias das principais atividades das igrejas e da CGADB. Teve como seus principais editores e redatores Gunnar e Frida Vingren, Samuel Nyström, Nels Nelson, Nils Kastberg, Emílio Conde, Antonio Gilberto e outros.<sup>31</sup> A análise inclui também *A Seara*, que era o segundo mais importante periódico das Assembleias de

---

<sup>30</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo/Brasília: Cortez/Unesco, 2012. p. 19.

<sup>31</sup> ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 457-460.

Deus em formato de revista.<sup>32</sup> Foi lançada em setembro de 1956 por Joanyr de Oliveira. Depois da revista ser reformulada várias vezes, não circula mais como órgão oficial.<sup>33</sup>

A análise das discussões das reuniões citadas e dos periódicos das edições lançadas pela CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus - não será exaustiva, serve apenas de modelo para as discussões que ocorreram e que estão presentes ainda na organização teológica da instituição. O título do capítulo será *Racionalidade e emotividade: histórico, conflitos e desenvolvimento da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil*.

O segundo capítulo, *Relações entre escola bíblica, o instituto bíblico e a academia: análise de conteúdos e de produção teológica*, fará uma avaliação do currículo em três momentos distintos da educação teológica das ADs, as Escolas Bíblicas, a fundação do IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus - e a teologia acadêmica, percebendo evoluções e retrocessos da teologia devocional e da teologia acadêmica. Abordará ainda alguns conceitos quanto ao currículo escolar, relacionando-os com o caso das ADs por meio de dois teóricos: Gimeno Sacristán e José Augusto Pacheco. Este capítulo analisará também a produção teológica literária nas ADs e suas principais fontes, levando em conta a importante contribuição que a edição de jornais, revistas e livros da CPAD trouxeram e ainda trazem para a formatação e preservação da teologia assembleiana, e mais recentemente a criação de faculdades teológicas com formalização governamental, levando desta forma a uma produção acadêmica mais relevante. Ao fim, propor-se-á um currículo para a educação teológica que leve em conta alguns pressupostos mínimos.

Para entender como as relações de poder interferem na educação teológica, o terceiro capítulo, *A subversividade e a rejeição da teologia formal: relações de poder e dualismo entre academicismo e fé*, traçará o perfil anti-intelectualista das ADs e como esta atitude deu lugar à inserção da racionalidade e burocratização mercadológica relegando novamente a educação teológica a um plano inferior, embora sem tanta rejeição como no início desta igreja. Serão utilizadas as obras de

---

<sup>32</sup> Ambos os periódicos (A Seara e MP) publicaram textos a favor e contra os Institutos Bíblicos, ou seja, havia uma certa democratização do livre pensar nos artigos editados pela CPAD, hoje, todos os artigos precisam ser alinhados, qualquer contrariedade, por menor que seja, não é editada.

<sup>33</sup> ARAUJO, 2007, p. 773-774.

Max Weber, Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Rubem Alves como teóricos principais. Contrapondo ao distanciamento da teologia da cruz propor-se-á uma volta à irracionalidade (loucura) da cruz, conforme aponta o apóstolo Paulo.

No quarto capítulo tentar-se-á compreender como se dá o fenômeno da reflexão teológica oral presente nas comunidades pentecostais em detrimento da reflexão teológica escrita presente nos seminários; além das tensões delas decorrentes, bem como determinar convergências e divergências entre ambas. Procurar-se-á explicitar as causas do distanciamento entre estudo teológico e fé nos seminaristas pentecostais e as crises de fé surgidas entre alguns acadêmicos, ao verem confrontados seus mitos e crenças de pertença religiosa. Considerar-se-á o aspecto mitológico fundante e a experiência de fé nos eventos mais importantes do pentecostalismo: conversão, batismo no Espírito Santo e êxtase. Responder-se-á a pergunta pela possibilidade do fazer teológico que não fira ou destrua a fé mais simples e comunitária das pessoas, em continuidade com o saber de fé que vem da comunidade ou a possível resignificação desta fé levando em conta a racionalidade teológica e a experiência. Isto é, permitir que a teologia gere crises resilientes de fé. Os teólogos Paul Tillich e Rudolf Otto emolduram o quadro teórico deste capítulo, cujo título será *A fenomenologia da religiosidade pentecostal na AD: fronteiras entre racionalidade e não racionalidade*, levando em conta a fenomenologia da religiosidade pentecostal e como esta constrói seus mitos, símbolos e consequentemente seus ritos.

No quinto capítulo, *Compreensão da teologia pneumatológica no pentecostalismo clássico*, tentar-se-á decifrar como a teologia pentecostal é organizada. Da mesma forma, o que ela produz no indivíduo e na comunidade utilizando-se do dogmatismo pentecostal oral, ou seja, o entendimento não escrito do Espírito Santo, aliada a alguns teólogos pentecostais como Amos Yong e Frank Macchia. E especialmente o teólogo luterano Jürgen Moltmann, cuja pneumatologia em muitos aspectos dialoga com o pentecostalismo.

No último capítulo, *Propostas de um método teológico para o pentecostalismo clássico*, intenta-se propor um método teológico levando em conta a experiência pneumatológica do pentecostalismo, imbricando com a racionalidade da teologia histórica, cujo nome é *método gramático-experiencial*. Para isto, tentar-se-á esclarecer porque a teologia pentecostal necessita dar valor à experiência com o

Espírito Santo e como se pode estabelecer um paralelo com a racionalidade teológica, mantendo um equilíbrio retroalimentador entre ambas. Não se tem a pretensão de ser um estudo exaustivo, mas em estabelecer um diálogo entre racionalidade e experiência.

Assim sendo, convido o leitor a embarcar na experiência do Espírito de conhecer a educação teológica pentecostal através destas páginas.



## 1 RACIONALIDADE E EMOTIVIDADE: HISTÓRICO, CONFLITOS E DESENVOLVIMENTOS DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

"A historiografia oficial, seja religiosa, seja política, é sempre míope em avançado grau - quando não ostensivamente estrábica, em boa parte não é senão uma grande farsa. Quantos pseudos santos e heróis nos forja, sem o mínimo pudor... Sim, a história dos vencedores - a que prevalece - é sempre tendenciosa, desonesta".<sup>34</sup>

Os fundadores das Assembleias de Deus no Brasil, Daniel Berg e Gunnar Vingren, servem de importante modelo de como se construiu a educação teológica assembleiana no Brasil. Gunnar Vingren estudou durante um mês numa escola bíblica em Götabro, Närke, na Suécia, em torno do ano de 1898, em regime de imersão. Sobre isto escreveu em seu diário: "nunca mais na minha vida recebi uma instrução tão profunda como aquela."<sup>35</sup> Quando foi aos Estados Unidos, ingressou num seminário teológico sueco da Igreja Batista, estudando durante quatro anos e se diplomando em 1909.<sup>36</sup> Sua monografia foi sobre o tema "O tabernáculo e suas lições"<sup>37</sup> escrito à mão e no idioma sueco, editado recentemente como livro pela editora CPAD. Já Daniel Berg teve apenas uma formação escolar básica na Suécia, sua terra natal, e nos Estados Unidos fez um curso de fundidor.<sup>38</sup> Foi um homem simples, agradável, despretensioso e trabalhador.<sup>39</sup>

O trabalho evangelístico de "ganhar almas"<sup>40</sup> ficou a cargo de Daniel Berg, enquanto Gunnar Vingren pastoreava o pequeno "rebanho" que se iniciava em Belém (PA). Berg fazia o trabalho de colportagem de Bíblias pelos interiores dos estados do Pará, Maranhão e Amazonas enquanto instalava novas igrejas das

---

<sup>34</sup> Joanyr de Oliveira. *Apud*: SANTANA, Mário Sérgio. *Ensino teológico*. Disponível em: <<http://mariosergiohistoria.blogspot.com.br/search/label/Ensino%20Teol%C3%B3gico>>. Acesso em: 24 maio 2015.

<sup>35</sup> VINGREN, Ivar. *O diário do pioneiro*: Gunnar Vingren. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. p. 19.

<sup>36</sup> VINGREN, 1982, p. 22.

<sup>37</sup> VINGREN, Gunnar. *O tabernáculo e suas lições por Gunnar Vingren*: monografia de graduação em Teologia do fundador das Assembleias de Deus no Brasil, defendida em 1909 no Seminário Teológico Sueco de Chicago (EUA). Rio de Janeiro: CPAD, 2011. 96 p.

<sup>38</sup> BERG, Daniel. *Enviado por Deus*: memórias de Daniel Berg. 10ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 22.

<sup>39</sup> ARAÚJO, 2007, p. 122-124.

<sup>40</sup> Termo utilizado para fazer prosélitos nas Assembleias de Deus.

Assembleias de Deus.<sup>41</sup> Desta forma as pessoas que este pioneiro alcançava eram como ele, pessoas da classe mais pobre, que mais tarde vieram a se tornar líderes e pastores da igreja. Embora Vingren fosse mais culto e influente que Berg, foi este último que formatou o estilo de pessoas que, inicialmente, aderiram à nova igreja: gente simples e sem muitos estudos formais. Deve-se levar em conta ainda que no censo de 1920, quase 70% da população brasileira se dedicavam à agricultura, viviam no campo.<sup>42</sup> Consequentemente, com o rápido crescimento da igreja, as lideranças foram sendo escolhidas entre estes homens iletrados, pobres e migrantes de situações sociais, econômicas e políticas adversas. Portanto, estas pessoas viam com desconfiança a educação que geralmente era elitista.

Este exemplo é emblemático para os dois modelos de ensino teológico (algumas vezes conflitantes) adotados no Brasil: as Escolas Bíblicas e mais tarde os rejeitados Institutos Bíblicos, como será visto adiante. Berg representa as Escolas Bíblicas, mais breves, simplistas, bíblicistas e voltadas à edificação espiritual dos obreiros. Vingren representa os Institutos Bíblicos de caráter mais formal, adotando estudos sistemáticos, de longa duração, com regime de internato. As difamadas “fábricas de pastores”.<sup>43</sup>

O exemplo serve apenas para modelo do nível de escolarização dos líderes assembleianos, pois não foram Vingren nem Berg, sendo carismáticos que burocratizaram a instituição, mas sim Samuel Nyström, como se verá adiante. Gunnar e Frida Vingren, embora representem o carisma desta igreja, eram teologicamente mais escolarizados que o próprio Nyström.

As discussões nas reuniões dos líderes das Assembleias de Deus são fonte de consulta importante, no sentido de traçar um perfil seguido por esta denominação por muitos anos, especialmente numa fase mais oral das controvérsias, envolvendo a manutenção das Escolas Bíblicas e a criação dos Institutos Bíblicos. As principais reuniões foram as Convenções Gerais das Assembleias de Deus no Brasil

---

<sup>41</sup> Inicialmente denominada Missão de Fé Apostólica. O nome Igreja Evangélica Assembleia de Deus foi adotado no Brasil em 1918, após a criação nos EUA, em 1914, de uma igreja pentecostal de origem branca. Em plena época de segregação racial, não seria aceitável uma igreja mista, embora no início do movimento pentecostal havia completa fusão de raças.

<sup>42</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora USP, 1995. p. 281.

<sup>43</sup> Esta expressão foi oficialmente utilizada pela primeira vez nas Assembleias de Deus na convenção geral de 1948 e foi verbalizada pelo Pr. Francisco Pereira. DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 254

(CGADB), que se iniciaram a partir do ano de 1930 e as Semanas Bíblicas, de caráter não deliberativo, que aconteceram de 1939 a 1943.

A fase escrita das discussões é abordada através da análise do *Mensageiro da Paz* que é o órgão oficial da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB) no Brasil, publicado a partir de dezembro de 1930. Este jornal é proveniente da fusão dos jornais *Boa Semente*, editado na AD de Belém (PA) e do *Som Alegre*, da AD do Rio de Janeiro (RJ) e serve até hoje de importante instrumento para a produção de artigos teológicos e devocionais, bem como de notícias das principais atividades das igrejas e da CGADB. A análise parte também de *A Seara*, que era o segundo mais importante periódico das Assembleias de Deus, em formato de revista. Depois de reformulada várias vezes, não circula mais como órgão oficial.<sup>44</sup>

A análise das discussões das reuniões citadas e dos periódicos das edições lançadas pela CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus - não é exaustiva, serve apenas de modelo para as discussões que ocorreram e que ocorrem ainda nos embates teológicos da instituição, conforme visto adiante.

### **1.1 A educação teológica das Assembleias de Deus**

A visão positiva em relação à educação nas Assembleias de Deus no Brasil é um evento recente que começa a tomar forma e força, impondo-se sobre as compreensões e ideias contrárias até então presentes. Durante muitos anos, em sua fase de consolidação, houve forças contrárias à educação teológica formal, o que pode ter preservado esta igreja de algumas racionalidades que poderiam ter esfriado o movimento. Por outro lado trouxeram prejuízos aos quais cabem reparos. Quais os principais fatores da rejeição teológica que este movimento enfrentou? Quem foram seus defensores e opositores? Quais discursos fizeram e fazem parte da disputa por racionalidade teológica e não racionalidade experiencial?

A importância que as Assembleias de Deus no Brasil começaram a dar na área da educação é percebida em dois artigos veiculados no periódico *A Seara* em 1958. No primeiro o autor discorre sobre a importância da educação por parte do

---

<sup>44</sup> ARAUJO, 2007, p. 773-774.

povo em geral e dos membros e líderes das Assembleias de Deus, expõe as iniciativas do governo para minimizar o índice de analfabetismo, nesta época em torno de 50% da população,<sup>45</sup> Davanzo lamenta a pouca inserção da igreja nesta área: “Quanto ao ensino complementar, secundário ou superior, sentem todos, a falta de escolas exclusivamente nossas. A providência há de determinar um tempo para a realização desse anelo de muitos”.<sup>46</sup>

O segundo artigo discorre sobre a importância da liberdade trazida pela educação para os cidadãos de um país. Evoca a teoria corrente na época de que regiões onde a reforma protestante teve maior influência, tornaram-se países mais desenvolvidos e com menor índice de analfabetismo, destacando em sentido contrário, a América do Sul, desbravada pelos portugueses católicos com 44% de analfabetismo, sendo esta “a vida cancerosa da Igreja Romana”.<sup>47</sup> O autor salienta que se o Brasil houvesse sido colonizado pelo “evangelho” (se referindo aos evangélicos) sua sorte teria sido melhor. Certamente os artigos fizeram ecoar a necessidade de esta igreja apoiar iniciativas na área educacional, embora com críticas veementes e infundadas à igreja católica, fruto de uma evangelização proselitista.

Avançando neste sentido e apontando para uma educação emancipatória e libertadora, o mesmo periódico publicou no ano seguinte um artigo em que o autor cita o educador Anísio Teixeira. Neste defende-se que:

Educa em vez de instruir; forma homens livres em vez de homens dóceis; prepara para um futuro incerto e desconhecido, em vez de transmitir um passado fixo e claro; ensina a viver com mais inteligência, com mais tolerância e com mais felicidade, em vez de simplesmente ensinar dois ou três instrumentos de cultura e alguns manuaizinhos escolares. Essa escola dar-nos-á o homem educado.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> Os índices de ponta estão no nordeste com 75% e no sul com 42%.

<sup>46</sup> DAVANZO, Américo. A instrução popular no Brasil. *A Seara*, Rio de Janeiro, ano III, n. 2, p. 19, mar./abr. 1958a.

<sup>47</sup> DAVANZO, Américo. A influência da religião na instrução popular. *A Seara*, Rio de Janeiro, ano III, n. 3, p. 31, maio/jun. 1958(b).

<sup>48</sup> FALCÃO, Rubens. Educação para a vida. *A Seara*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1, p. 3, jan./mar. 1959.

Os artigos veiculados nos periódicos assembleianos demonstram quase uma militância em prol da intelectualidade de seus líderes.<sup>49</sup>

[...] Nós, os pastores e evangelistas que militamos no serviço do Senhor nos sertões de nossos Estados, quando ocupados nos nossos labores nos meios em que estamos servindo, sentimo-nos à vontade, porque somos cercados de um povo cujo grau de cultura é semelhante ao nosso e em alguns casos somos em nossos locais os maiores expoentes da cultura! Porém, esta nossa posição se torna insustentável e nos sentimos pouco à vontade quando nos visitam pessoas formadas ou quando tomamos parte em reuniões nas igrejas das capitais onde há pessoas cultas, ou somos forçados a participar de cerimônias conjuntamente com obreiros de outras denominações etc., e às vezes chegamos a fugir de tais oportunidades nomeando muitas vezes a um membro da Igreja, alheio ao ministério, mas por ter melhor grau de cultura para nos representar! [...] Quantas vezes acontece que as nossas são as maiores igrejas onde existe e, no entanto, ao invés de serem apresentadas ao público como cabeças, sempre invariavelmente são apresentadas como caldas devido à ausência cultural de seus pastores!? Há alguma vantagem nisto? Absolutamente nenhuma! Isto não é humildade de nossa parte é, pelo contrário, fruto de nossa fraqueza cultural.<sup>50</sup>

Gessey ainda culpa os missionários suecos por não terem formado substitutos à altura e por não terem investido na educação teológica.<sup>51</sup>

Antes destes artigos abordarem a necessidade da educação teológica, os textos eram de cunho contrário, como no exemplo abaixo, onde é citado um dos principais assuntos abordados na convenção das ADs no Rio de Janeiro em 1931. O título do artigo é *Como ser um bom obreiro*. “O melhor seminário para o pregador, é o de joelhos perante a face do Senhor. Ali, o Espírito Santo, nos transmite os mais belos e poderosos sermões. Aleluia. São Pedro não foi formado por nenhum seminário.”<sup>52</sup>

<sup>49</sup> ARAÚJO, Arão Inocência Alves de. Sob o domínio do presente: a valorização do tempo presente no pentecostalismo assembleia brasileiro (1950-1990). In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.). *Cem anos de pentecostes*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 193.

<sup>50</sup> GESSEY JUNIOR, João. Necessitam os obreiros cristãos de melhor preparo intelectual? *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 34, n. 7, p. 2, abr. 1964.

<sup>51</sup> Este fato em relação aos suecos será discutido adiante.

<sup>52</sup> COMO SER um bom obreiro. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano I, n. 18, p. 3, 15 set. 1931.

### 1.1.1 As Escolas Bíblicas

O modelo inicial de preparo de obreiros nas Assembleias de Deus no Brasil era uma formação de caráter devocional<sup>53</sup>, que consistia em um período de tempo de aproximadamente um mês, onde os obreiros se reuniam em tempo integral, para terem estudos de formação bíblica, espiritual e ministerial. Servia como confronto diante da grande necessidade de evangelizar o Brasil e também de conforto para os sofrimentos e privações infringidos aos primeiros obreiros. Era o que havia de melhor na época para preparo de obreiros e foram imensamente difundidas e adotadas no Brasil inteiro.

As Escolas Bíblicas eram adotadas na Suécia, antes mesmo de Lewi Pethrus inspirar Samuel Nyström a adotá-las no Brasil. Uma grande leva de missionários suecos que chegaram ao Brasil tiveram que estudar na Escola Bíblica de Pethrus, inclusive o próprio Samuel Nyström<sup>54</sup>, em 1916.<sup>55</sup> A escola fundada por Pethrus<sup>56</sup> era fruto de sua compreensão do ensino teológico, pois sua experiência não foi boa no tempo que passou no Seminário Betel em Estocolmo; com preconceito<sup>57</sup>, relata que este o deixou frívolo, foi um perigo para sua vida espiritual, as “matérias profanas”, os estudos teológicos, exegéticos e dogmáticos lhe tomavam

<sup>53</sup> Murad a denomina “teologia popular” ou “sopa” (no sentido de ser mais facilmente deglutível), está mais preocupada em trazer respostas sobre o “agir de Deus em meio às lutas, aflições e esperanças dos seguidores de Jesus. Como em um sopão há um pouco de tudo: devoções e religiosidade popular, teologia repetitiva e tradicional.” Ela é elaborada na realidade cotidiana, nas coisas corriqueiras. Pode revelar imensa sabedoria, mesmo sem formação acadêmica, valoriza as “bênçãos e o sentido do perdão, do arrependimento, da paciência e da esperança nas adversidades; utilizam provérbios e salmos da Bíblia, oram, clamam a Deus, valorizam o sentido da festa e da celebração.” MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. *A casa da Teologia: introdução ecumênica da fé*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 141-142.

<sup>54</sup> Chegou ao Brasil, como missionário sueco enviado por Lewi Pethrus, em 18/08/1916; foi cooperador mas também desafeto de Gunnar Vingren e exerceu grande influência sobre importantes decisões nas Assembleias de Deus; ajudou a lançar os fundamentos teológicos das ADs; foi presidente da Convenção Geral por nove gestões. Trabalhou no Brasil durante 30 anos. ARAÚJO, 2007, p. 508-511.

<sup>55</sup> ARAÚJO, 2007, p. 282.

<sup>56</sup> Lewi Pethrus era líder da Igreja Filadélfia de Estocolmo, a primeira igreja pentecostal da Suécia e que mais tarde veio a ser a mantenedora de Berg, Vingren e muitos outros missionários suecos no Brasil. Fundou sua escola bíblica em 19 de outubro de 1915 com 30 alunos, com duração de 3 meses de estudos, depois deste período os alunos eram enviados como evangelistas. (ARAÚJO, 2007, p. 655-667). Este modelo de Pethrus foi criado pelo pastor Nikolai Grundtvig na Suécia em 1868 e seguia o sistema de educação de adultos aplicado nos países escandinavos. ARAÚJO, 2007, p. 282.

<sup>57</sup> Este preconceito de Pethrus deve ter sido superado, quando, por influência de líderes de sua igreja comprou uma grande propriedade em 1943 para criar uma universidade. PETHRUS, Lewi. *Lewi Pethrus: a vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 267.

tanto tempo, que perdeu a humildade, a saudade de Deus e a pureza e entregou-se a coisas mundanas e a brincadeiras com os colegas. A situação somente mudou quando surgiu um avivamento no seminário, mas logo ele saiu do seminário e foi dirigir uma igreja.<sup>58</sup> Esta compreensão negativa do seminário teológico foi que acompanhou a vida de Pethrus e marcou profundamente também Samuel Nyström, que não teve uma formação teológica densa por conta disto e posteriormente se opôs à criação de Institutos Bíblicos no Brasil. A formação teológica de Nyström durou apenas alguns meses do ano de 1914,<sup>59</sup> quando estudou na escola bíblica de John Ongmann em Örebro, um importante líder pentecostal sueco. Mas ele era fluente em vários idiomas, era culto e conhecia as línguas bíblicas. Uma pessoa tão culta quanto ele poderia ter desejado o mesmo para os obreiros brasileiros, isto certamente é contraditório nele.

Foi Samuel Nyström quem ajudou a formatar o *ethos* das Assembleias de Deus no Brasil, tomando lugar nas principais decisões, aconselhando os pastores e organizando o pensamento teológico. Sua influência foi tão marcante que a sua opinião foi a que prevaleceu quanto a não consagrar mulheres ao pastorado e liderança de igrejas na 1ª convenção de pastores em 1930,<sup>60</sup> contrariando o pensamento de Vingren, que apoiava tal ideia, sendo Frida Vingren, sua esposa, uma ardorosa pregadora, escritora e líder.<sup>61</sup>

Assim, Nyström foi contra a criação de institutos bíblicos (cursos teológicos formais), que eram defendidos pelos missionários norte-americanos, porém rechaçados por ele. Embora reconhecesse a necessidade de um “maior preparo teológico para os obreiros, mas, segundo [Nyström] pensava, as Escolas Bíblicas seriam suficientes.”<sup>62</sup>

A primeira Escola Bíblica no Brasil, seguindo o modelo sueco, aconteceu em Belém (PA), de 04 de março a 04 de abril de 1922, e foi ministrada exclusivamente por Samuel Nyström. Nesta época já se percebe que a influência de Gunnar Vingren na liderança das Assembleias de Deus no Brasil havia diminuído, sendo este lugar ocupado por Nyström. Vingren havia viajado para a Suécia, por motivos de

---

<sup>58</sup> PETHRUS, 2004, p. 60.

<sup>59</sup> PETHRUS, 2004, p. 158.

<sup>60</sup> DANIEL, 2004, p. 34-40.

<sup>61</sup> Frida Vingren e Samuel Nyström estudaram juntos no instituto bíblico na Suécia.

<sup>62</sup> ARAUJO, 2007, p. 282.

enfermidade, permanecendo naquele país de maio de 1921 a agosto de 1922.<sup>63</sup> Foi neste período que Nyström organizou a Escola Bíblica. Após esta primeira, muitas outras se seguiram, não somente em Belém, mas em todo Brasil; Nyström foi um de seus principais professores durante os 30 anos que trabalhou no Brasil. Entretanto, outros missionários e pastores também começaram a ser professores como Gunnar Vingren, Eurico Bergsten e Nels Nelson, que eram suecos; Nels Lawrence Olson e John Peter Kolenda, norte-americanos; João Kolenda Lemos e João de Oliveira, brasileiros.

Depois destes anos de consolidação, as Escolas Bíblicas passaram a durar menos tempo, extinguindo-se em muitas igrejas do Brasil. Atualmente algumas que ainda adotam este sistema, com poucos dias de duração, são as igrejas do Belenzinho (SP), Recife (PE), Belo Horizonte (MG), Curitiba (PR) e Joinville (SC).<sup>64</sup> Nesta última cidade chega a 800 o número de alunos matriculados.

### **1.1.2 Debates e embates em relação à educação teológica**

Para exemplificar o conflito que permeia a questão da educação teológica, descrevem-se adiante algumas situações vivenciadas em debates e discussões das principais lideranças das ADs no Brasil, sobre a implantação de estudos formais de teologia.

Foi somente em 19 de maio de 1943, 21 anos depois do início das Escolas Bíblicas, durante a 4ª Semana Bíblica das Assembleias de Deus no Brasil, que se discutiu a necessidade do ensino teológico formal nesta igreja.<sup>65</sup> Na época já havia nas ADs a influência dos missionários norte-americanos, que começaram a chegar a partir de 1936 e defendiam a ideia da criação de estudos formais em teologia, pois a formação teológica dos mesmos era, em sua maioria, em faculdades e seminários teológicos de longa duração. Seus principais expoentes e defensores foram John Peter Kolenda (de nacionalidade alemã, porém enviado pelos Estados Unidos), Nels Lawrence Olson, Orlando Boyer e João Kolenda Lemos. Foi Paulo Leivas Macalão

---

<sup>63</sup> VINGREN, 1982, p. 114.

<sup>64</sup> ARAUJO, 2007, p. 283.

<sup>65</sup> A nomenclatura Semana Bíblica foi adotada na convenção de Natal de 1938 numa tentativa de substituir as convenções, embora fossem também tratados assuntos administrativos, conforme: ARAUJO, 2007, p. 149. Seria esta uma tentativa de amenizar a burocratização da instituição?

que deu a ideia da criação de uma escola bíblica noturna de maior duração, mas que não “atrapalhasse” os obreiros nas tarefas eclesiais. Além disso, ele se opôs a Lawrence Olson que propôs Institutos Bíblicos pelo país, pois, disse Macalão, isso seria “perigoso” para os obreiros ficarem somente no intelectualismo.<sup>66</sup>

Estas discussões e a entrada de missionários norte-americanos coincidiram (ou foram incentivadas) com a iniciativa do governo dos Estados Unidos, na década de 1940, em estreitar relações comerciais com os países da América Latina e especialmente com o Brasil, e, conseqüentemente, com envio de recursos financeiros. As ADs brasileiras foram beneficiadas com a criação da CPAD, patrocínio para programas radiofônicos e cruzadas evangelísticas. Estas iniciativas foram quebrando a resistência aos missionários norte-americanos e possibilitando a criação do primeiro Instituto Bíblico. Além disso, a influência sueca também foi diminuindo no Brasil, especialmente quando Nyström, ardoroso defensor das Escolas Bíblicas, voltou para a Suécia em 1948.

Os pastores brasileiros bem como a Missão Livre Sueca, mantenedora dos missionários no Brasil, opunham-se à entrada dos missionários norte-americanos. E isto foi alvo de algumas reuniões, acordos e desacordos até que finalmente foi permitida a entrada deles na América-latina. Inicialmente, orientaram que os norte-americanos trabalhassem na Argentina, Uruguai e outros países da América Latina, menos no Brasil.<sup>67</sup> Mais tarde, em 1937, numa carta endereçada à Junta de Missões da Assembleia de Deus dos Estados Unidos afirmaram que “poderiam vir para o Brasil, mas deveriam se sujeitar à liderança das ADs brasileiras.”<sup>68</sup> Dizia-se entre os pastores brasileiros, que

[A] relação com os Estados Unidos será aceita devido ao poderio econômico, não obstante a sua “falta de doutrina” pois que “os suecos têm a doutrina e os americanos os dólares” afirma um líder da Igreja Assembleia de Deus brasileira.<sup>69</sup>

<sup>66</sup> SANTANA, Mário Sérgio. *Ensino teológico*. Disponível em: <<http://mariosergiohistoria.blogspot.com.br/search/label/Ensino%20Teol%C3%B3gico>>. Acesso em: 24 maio 2015.

<sup>67</sup> ARAUJO, 2007, p. 465.

<sup>68</sup> ARAUJO, 2007, p. 466.

<sup>69</sup> FRESTON, Paul (Org.). *Marxismo e Fé Cristã: o desafio mútuo*. São Paulo: A.B.U., 1988. p. 85. O autor não menciona o nome do líder que proferiu esta frase.

Somente após a missão norte-americana dar certeza de sua cooperação e lealdade é que foram finalmente “aceitos” na convenção geral de 1939.<sup>70</sup> Esta aceitação sempre foi tumultuada,<sup>71</sup> pois as discussões entre norte-americanos e suecos permaneceram acirradas, principalmente quanto ao ensino teológico, subproduto das relações de poder entre norte-americanos e suecos.<sup>72</sup>

Na referida Semana Bíblica de 1943 houve intenso debate em torno da implantação ou não de Seminários Teológicos, propositalmente chamados de “institutos bíblicos” para abrandar o impacto negativo causado pelo uso da palavra “teologia”. Isto porque era sinônimo, para os que defendiam a linha de pensamento sueca, de intelectualismo, frieza espiritual e toda sorte de adjetivos depreciativos. Seria até mesmo “perigoso investir muito na educação teológica do obreiro.”<sup>73</sup> O missionário Walter Goodband, sueco, disse que havia necessidade de crescer em sabedoria, todavia o “muito estudar é enfado da carne”.<sup>74</sup> Os brasileiros estavam “resolvidos a impedir a aprovação dessa obra. [...] temiam que o treinamento em institutos bíblicos levasse os obreiros brasileiros a dependerem do seu conhecimento e capacidade intelectual, ao invés de confiarem unicamente na direção do Espírito Santo e na Palavra de Deus”.<sup>75</sup>

Outra dificuldade apontada pelos pastores brasileiros e suecos foi quanto a quem seriam os professores, pois quase não haviam obreiros preparados para este ofício. Causou maior desconforto ainda, especialmente para os suecos, quando se cogitou que os professores seriam os missionários norte-americanos e ainda o João Kolenda Lemos, um brasileiro que havia estudado teologia nos Estados Unidos. Os brasileiros não queriam ser dominados pelos americanos<sup>76</sup>, pois havia um forte sentimento nacionalista imposto pelo governo de Getúlio Vargas, além do hábito

---

<sup>70</sup> ARAUJO, 2007, p. 466.

<sup>71</sup> ALENCAR, 2010, p. 103.

<sup>72</sup> Os principais motivos da minimização desta intriga foi o fato da diminuição do apoio da Suécia e a volta dos missionários suecos, como também o trabalho de campanhas evangelísticas empreendidas pelos norte-americanos com substanciais resultados em termos de visibilidade da igreja, curas e conversões.

<sup>73</sup> DANIEL, 2004, p. 194.

<sup>74</sup> DANIEL, 2004, p. 195.

<sup>75</sup> BRENDA, Albert W. *Ouvi um recado do céu*: biografia de J. P. Kolenda. Rio de Janeiro: CPAD, 1984. p. 119.

<sup>76</sup> LEMOS, Edson Kolenda. Joinville, 15 fev. 2013. Depoimento concedido a Claiton Ivan Pommerening.

assembleiano de não se abrir para influências externas e “mundanas”. A influência americana era vista com desconfiança.

A proposta de institutos bíblicos tinha seus limites, até mesmo por quem a propunha. Diante do receio dos obreiros suecos e brasileiros de um esfriamento no zelo religioso com a adoção do modernismo (o estudo teológico seria uma espécie de modernismo), os próprios propositores dos seminários formais diziam que poderiam levar

à dependência do intelecto ao invés da direção da Palavra e do Espírito Santo de Deus, mas o que pleiteavam não era isso e sim o estabelecimento de um currículo de matérias exclusivamente bíblicas, a fim de capacitar os ministros a manejarem bem a Palavra da verdade. Mesmo assim, depois de dois dias de debates, a convenção votou contra os institutos bíblicos.<sup>77</sup>

Percebe-se assim que, mesmo entre os defensores dos institutos bíblicos, havia um temor de que seu estabelecimento de forma a contemplar discussões contemporâneas em teologia levaria a uma instituição da racionalidade e conseqüente esfriamento da fé experiencial.

Dentro do acalorado debate entre os que defendiam e repugnavam os Institutos Bíblicos, surgiu por parte de Lawrence Olson a proposta de criar um curso teológico por correspondência, corroborado por Paulo Leivas Macalão; o qual salientou a existência das Escolas Bíblicas e das Semanas Bíblicas. Considerou que a proposta de Olson supriria a necessidade que havia. Este curso foi proposto de forma que circulasse juntamente com o jornal *Mensageiro da Paz*, mas não poderia ser dirigido por nenhum missionário norte-americano nem por brasileiros, mas por Samuel Nyström. Foi também criada uma lista de livros possíveis a serem pesquisados e utilizados pelos alunos, ou seja, foi criada a primeira censura oficial a livros nas Assembleias de Deus.<sup>78</sup>

### **1.1.3 O “Colégio de Jesus”**

Na convenção de 1946, por proposta de Virgil Smith foi autorizada a criação de institutos bíblicos no Brasil, sendo incumbido J. P. Kolenda de levantar ofertas

<sup>77</sup> BRENDA, 1984, p. 119. Esta convenção foi em Natal, mas não consta data.

<sup>78</sup> DANIEL, 2004, p. 195-196.

nas igrejas norte-americanas e comprar uma propriedade na região mais central do Brasil. Esta resolução foi “aprovada por grande maioria de votos depois de cuidadosamente considerada.”<sup>79</sup>

Em 1948, na Convenção Geral, o assunto novamente veio à discussão. Em resposta à proposição de Leonard Pettersen, missionário norueguês, de adotar as Escolas Bíblicas existentes na Suécia para o preparo de obreiros, o missionário sueco Gustavo Nordlund disse que “se sente muito bem, porque começou, e ainda permanece no colégio de Jesus”.<sup>80</sup> J. P. Kolenda insistiu na necessidade de escolas formais para os obreiros das Assembleias de Deus. De outro lado, Pettersen argumentou que esta educação poderia “significar a quebra desses princípios [bíblicos], uma vez que fugissem da órbita da igreja local.”<sup>81</sup> Desta maneira, apelou para que as igrejas ampliassem as Escolas Bíblicas. Kolenda, em contrapartida, insistiu que o Instituto Bíblico deveria permanecer fora da “órbita” da igreja local, ou seja, deveria ter autonomia e pessoas preparadas para tal ofício,<sup>82</sup> certamente prevendo um engessamento dos conteúdos disciplinares.

Eugênio Pires, pastor da igreja em Natal (RN), salientou a contrariedade que a “maioria” dos irmãos tinham ao curso bíblico por correspondência, criado em 1943. Afirmou que

Temos uma escola, a de Jesus, que não pode nem deve ser orientada por determinada pessoa [seria uma alusão a J. P. Kolenda?]. Aprendeu, como outros, e foi provado na igreja para o ministério. Mostrou a necessidade de ser chamado por Deus e consagrar-se ao Senhor, e não desprezar a graça que Deus tem dado à sua igreja pelos ministérios.<sup>83</sup>

O pastor Francisco Pereira do Nascimento opôs-se à posição de Kolenda dizendo: “viu-se algum perigo já no curso bíblico por correspondência [...]. Aconselhou “cuidado para não incorrerem nos erros das igrejas denominacionais, terminando em formalismo.”<sup>84</sup> Propôs ainda que os que se sentissem vocacionados para dirigir Escolas Bíblicas, ao estilo sueco, se colocassem à disposição das igrejas.

---

<sup>79</sup> DANIEL, 2004, p. 228-229.

<sup>80</sup> DANIEL, 2004, p. 251.

<sup>81</sup> DANIEL, 2004, p. 252.

<sup>82</sup> DANIEL, 2004, p. 253.

<sup>83</sup> DANIEL, 2004, p. 253.

<sup>84</sup> DANIEL, 2004, p. 253-254.

Os maiores receios elencados para não apoiar a criação de Institutos Bíblicos são esclarecidos nesta Convenção de 1948. Os que defendiam as Escolas Bíblicas diziam que o Instituto Bíblico, caso fosse criado “apartado” da igreja, quebraria os princípios bíblicos, criaria o formalismo religioso, impediria o despertamento espiritual. Salientaram que não é preciso preparo formal, devendo-se “permanecer nos moldes antigos”, e os institutos bíblicos fugiriam da “órbita da igreja local” gerando “dualidade de poderes”, porque a direção “vem do Espírito Santo”. As Assembleias de Deus não comportariam um Instituto Bíblico considerando-o uma “fábrica de pregadores”, pois é Deus quem dá o ministério, baseado em Efésios 4.11. O presidente da convenção Samuel Nyström encerrou as discussões dizendo-se contrário à criação de Institutos Bíblicos, mas que se deveria investir mais nas Escolas Bíblicas, pois eram suficientes para o propósito formativo.<sup>85</sup>

Além dos argumentos contrários acima expostos, Araújo cita outros: “Jesus vem breve e não há tempo nem urgência para estudar”; “o conhecimento espiritual, quem dá é o Espírito Santo”; “quando se é ungido de Deus, muita cultura deixa o crente vaidoso”; “o povo de Deus deve ser humilde, pobre e distante dos livros, como os apóstolos de Cristo.”<sup>86</sup>

Hoje, quase não se percebem mais estes conflitos, embora presentes em congregações de periferia, contudo permanecem subjetivos, velados e presentes nas atuais decisões em prol da educação nas Assembleias de Deus, tendo em vista que a base do apoio educacional foi colocada de maneira tardia e tímida, influenciando a pouca importância dada atualmente a este assunto.<sup>87</sup> Como prova da influência sueca nas decisões tomadas nas Assembleias de Deus atualmente, cita-se uma entrevista concedida no ano de 2011 pelo presidente das ADs.

Nós temos influência dos suecos, temos doutrina firme. Nosso objetivo é salvação e edificação. O deles é baseado nos americanos [referindo-se a Samuel Câmara]. Eles se amoldam a determinados costumes que não nos adaptamos.<sup>88</sup>

---

<sup>85</sup> DANIEL, 2004, p. 252-254.

<sup>86</sup> ARAUJO, 2007, p. 388.

<sup>87</sup> Alencar afirma que esta tensão foi superada, entretanto subjetivamente ainda existem resquícios. ALENCAR, 2013, p. 230.

<sup>88</sup> CARVALHO, Celso. *A Assembleia não é de A ou B*. Disponível em: <<http://www.creio.com.br/2008/noticias01.asp?noticia=13930>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

Na entrevista concedida por João Kolenda, é salientada a atualidade da controvérsia quando este afirma que até hoje ainda existem pastores “que são contra a escola”,<sup>89</sup> referindo-se ao IBAD. Dentre estes destacou o presidente nacional da igreja, acima citado. Disse ainda que existem pastores que excluem do rol de membros pessoas que vão estudar neste instituto.

#### **1.1.4 A tentativa em Santa Catarina**

As primeiras tentativas de implantar um instituto bíblico no Brasil foram feitas em Santa Catarina sob esforço do missionário John Peter Kolenda, por volta do ano de 1956.<sup>90</sup> A escolha das cidades, na versão de Edson Lemos, foi entre Joinville e Brusque, já na versão de João Kolenda seria Joinville ou Blumenau. Em Joinville, um provável local seria na Av. Procópio Gomes.<sup>91</sup> Mas segundo relatos de um pastor<sup>92</sup> da época que trabalhava junto com J.P. Kolenda, esta primeira tentativa, após ter sido apresentada à mesa diretoria da convenção de pastores de Santa Catarina por meio de um acalorado debate, foi reprovada.<sup>93</sup> Tendo sido frustrada a tentativa, o missionário foi forçado a deixar o estado, voltou para os Estados Unidos e de lá foi enviado para a Alemanha onde, com o dinheiro que era para ter sido investido em Santa Catarina com a finalidade de criar um instituto bíblico, destinou o recurso para o mesmo fim naquele país.<sup>94</sup>

Antes desta tentativa, no ano de 1951, seu sobrinho João Kolenda Lemos, havia voltado ao Brasil, junto com sua esposa Ruth Dóris Lemos, para iniciar um instituto bíblico. Contudo, “existia muito antagonismo, [...] seria quase impossível fundar uma escola. Quem fizesse isso seria excluído das Assembleias de Deus.

---

<sup>89</sup> LEMOS, João Kolenda. Pindamonhangaba, 26 set. 2011. Entrevista concedida a Claiton Ivan Pommerening.

<sup>90</sup> LEMOS, Edson Kolenda. Joinville, 15 fev. 2013. Depoimento concedido a Claiton Ivan Pommerening.

<sup>91</sup> LEMOS, Edson Kolenda. Joinville, 15 fev. 2013. Depoimento concedido a Claiton Ivan Pommerening.

<sup>92</sup> LEMOS, Issac Kolenda. Barra Velha, 07 jan. 2000. Depoimento concedido a Marcos Tedesco.

<sup>93</sup> Para a reprovação foram relatados até mesmo sonhos de sentido pejorativo que alguns pastores de Santa Catarina tiveram com J.P.Kolenda. Era a experiência se sobrepondo à racionalidade.

<sup>94</sup> Um norte-americano chamado Bryan Smith havia destinado US\$20.000,00 para este fim, entretanto, como não foi aprovado no Brasil, o dinheiro acabou não sendo doado, conforme: BRENDA, 1984, p. 118-120.

Havia um antagonismo aberto contra os institutos bíblicos.<sup>95</sup> Os pastores brasileiros eram da opinião que a teologia estava “corrompendo e estragando a igreja” e que isto “iria acabar com a igreja.”<sup>96</sup> Mas eles não enfrentaram apenas a batalha do antagonismo, havia também o fato de que desde o início do instituto, abriu-se oportunidade para mulheres estudarem, o que “foi um problema bem sério, mas nós tínhamos certas convicções [...] e achamos que aquele era o caminho a seguir.”<sup>97</sup> Para vencer este problema foi acordado entre os pastores que a escola teria no mínimo 51% de homens.

Outro problema a ser vencido pelo casal seria o fato de que Ruth,<sup>98</sup> de nacionalidade norte-americana, jornalista e teóloga, havia sido ordenada pastora nos Estados Unidos. No Brasil, sem ter sido reconhecido o ministério feminino, renunciou ao título e exerceu sua missão em submissão às regras da igreja brasileira.

Se ainda existem dúvidas sobre a legitimidade do ministério feminino, ofereço como exemplo, luminoso, a vida de minha querida esposa Dóris. Quando a conheci no verão de 1948, ainda um jovem seminarista, ela já era uma pastora ordenada pela Assembleia de Deus norte-americana. Tão grande era seu zelo e sua paixão pela obra missionária que ela se dispôs a abrir mão do título de pastora para junto comigo ministrar no Brasil, num contexto eclesiástico machista que ainda tinha um forte preconceito contra o ministério feminino. Mesmo sem credenciais oficiais pela igreja brasileira, ela pastoreou e mentoreou milhares de brasileiros e brasileiras, e mesmo após sua morte continua um paradigma ministerial para todos os que a conheceram. Os que foram discipulados por ela nunca poderão negar a legitimidade do seu pastorado, mesmo sem o reconhecimento institucional. Até o final de sua vida, Dóris nutriu o sonho de um dia ver jovens brasileiras assembleianas reconhecidas por sua denominação como pastoras, e só posso esperar que a geração presente faça desse sonho uma realidade.<sup>99</sup>

## 1.2 Criação do primeiro Instituto Bíblico

O primeiro Instituto Bíblico foi criado à margem do que desejavam os pastores das Assembleias de Deus no Brasil. Não foi uma iniciativa institucional, pode-se dizer que foi oficial apenas com base na resolução da convenção de 1946.

<sup>95</sup> LEMOS, João Kolenda; LEMOS, Ruth Doris. Pindamonhangaba, CPAD, 09 maio 1985. Entrevista concedida a Nemuel Kessler e Jeremias do Couto.

<sup>96</sup> LEMOS, João Kolenda. Pindamonhangaba, 26 set. 2011. Entrevista concedida a Claiton Ivan Pommerening.

<sup>97</sup> LEMOS, João Kolenda; LEMOS, Ruth Doris. Pindamonhangaba, CPAD, 09 mai. 1985. Entrevista concedida a Nemuel Kessler e Jeremias do Couto.

<sup>98</sup> ALENCAR, 2013, p. 187-191.

<sup>99</sup> LEMOS, João Kolenda. *Ética ministerial: conselhos de uma jornada ministerial*. Pindamonhangaba, IBAD, 2011. p. 52.

Entretanto, em convenções posteriores foi duramente criticado e rechaçado até ser finalmente “aprovado”. “De início, havia muita oposição a esta escola, [mas depois] a oposição diminuiu.”<sup>100</sup> Numa das convenções nacionais “cada vez que [referindo-se a J.P. Kolenda que nesta convenção estava sozinho na argumentação] se levantava para falar, havia nove irmãos suecos, manifestando-se contra a iniciativa proposta”<sup>101</sup> de estabelecer institutos bíblicos. Thomas Hoover, um missionário norte-americano que trabalhou por muito tempo no Brasil, ao escrever a biografia de Gustavo Bergstrom, salientou que “eles [os norte-americanos] não podiam estabelecer um instituto bíblico permanente devido à violenta oposição por parte dos missionários suecos.”<sup>102</sup>

Após 48 anos de fundação<sup>103</sup> das Assembleias de Deus no Brasil é que, João Kolenda Lemos e Ruth Dóris Lemos, rompendo com a situação adversa, iniciaram as aulas do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus<sup>104</sup>, em Pindamonhangaba (SP), em 18 de março de 1959.<sup>105</sup> Paradoxalmente, o nome indígena Pindamonhangaba significa “fábrica de (ou arte de preparar) anzóis” (preparando obreiros para se tornarem pescadores de homens?).<sup>106</sup> Ou seria, “fábrica de pastores”?

Na Convenção Geral de 1966,<sup>107</sup> portanto sete anos depois de sua criação, o IBAD ainda gerava polêmica. Afirmou-se que os assuntos de criação de Institutos Bíblicos deveriam ser tratados “a priori” e não “a posteriori”, que o IBAD foi criado “a contragosto de muitos líderes brasileiros”, que “o melhor educandário é o Colégio do Espírito Santo”, que os institutos são “fábricas de pastores”, falou-se do “perigo de

---

<sup>100</sup> BRENDA, 1984. p. 121.

<sup>101</sup> BRENDA, 1984, p. 119.

<sup>102</sup> HOOVER, Thomas Reginald. *Gustavo Bergstrom*: herói anônimo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 26.

<sup>103</sup> Comparativamente a outros países da América Latina, as ADs brasileiras foram as que mais demoraram para criar um Instituto Bíblico; dos citados por Alencar, em segundo lugar vem o Paraguai com 26 anos e depois o Perú com 21 anos de demora, os demais países tem uma média de 9 anos entre a fundação da igreja e do Instituto Bíblico, contra os 48 anos de demora no Brasil. ALENCAR, 2013, p. 365-366.

<sup>104</sup> A data da fundação no ano de 1958 consta no site do IBAD e é citada por Alencar. IBAD. Disponível em: <[http://www.ibadsimposios.com.br/novosite/sobre\\_o\\_ibad.html#historia](http://www.ibadsimposios.com.br/novosite/sobre_o_ibad.html#historia)>. Acesso em: 09 abr. 2015. ALENCAR, 2013, p. 185. A segunda data é designada pela próxima nota de rodapé. Certamente a primeira data é a da fundação e a segunda do início das aulas, para esta pesquisa consideramos o início das aulas.

<sup>105</sup> CONDE, Emílio. Instituto Bíblico das Assembleias de Deus. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 1, p. 4, 01 jan. 1960. LEMOS, João Kolenda; LEMOS, Ruth Doris. Pindamonhangaba, CPAD, 09 mai. 1985. Entrevista concedida a Nemuel Kessler e Jeremias do Couto.

<sup>106</sup> ARAUJO, 2007, p. 388.

<sup>107</sup> DANIEL, 2004, p. 380-381.

alguns ficarem com as cabeças cheias e o coração vazio”, que os missionários “da outra América não foram enviados para estabelecer institutos bíblicos, mas para ganhar almas para Jesus”.<sup>108</sup> E ainda, que há o perigo de se fazer um “trabalho psicológico nas Assembleias de Deus” (lavagem cerebral?) e que, as Assembleias de Deus cresceram durante 55 anos sem “o concurso dos institutos bíblicos”. Alguns pastores brasileiros se uniram a favor dos missionários americanos, defensores dos institutos bíblicos, com argumentos de melhor preparação de obreiros, com a finalidade de promover expressamente o ensino bíblico, mas evitando usar a palavra teologia. Novamente nota-se, agora mais claramente, o calor da controvérsia, chegando o presidente a encerrar a discussão por causa da polêmica criada. Somente na Convenção Geral de 1973 é que finalmente, depois de 14 anos de sua criação, o IBAD é reconhecido, após uma comissão “fiscalizá-lo” e se reunir oito vezes para conseguir deliberar favoravelmente. Um fato curioso é que o Pr. João Pereira de Andrade e Silva que na convenção de 1966 foi contrário à criação de Institutos Bíblicos foi o presidente da comissão que aprovou a criação do IBAD.

No auge da discussão sobre “institutos bíblicos” na convenção de 1966, dá-se o testemunho de ressurreição, ocorrido meses antes, de um dos professores do IBAD, pastor João de Oliveira, que após uma grave enfermidade de 20 dias veio a falecer. Ao saber do ocorrido o pastor J. P. Kolenda, na época um dos professores do IBAD, orou por ele e este “voltou à vida e sem sequela alguma”<sup>109</sup>. Com certeza, esta foi uma boa estratégia para mostrar aos pastores das Assembleias de Deus, que no “Instituto Bíblico” também aconteciam milagres, em uma tentativa de ratificar a “aprovação divina” ao projeto.

Depois da iniciativa do casal Lemos seguiram-se outras, como o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP), fundado pelo missionário Lawrence Olson, auxiliado pelo pastor Gilberto Malafaia, em dezembro de 1961. Houve ainda a Escola Bíblica Pentecostal de Brasília e o Instituto Bíblico Ebenézer em 1969 e 1972<sup>110</sup>, respectivamente. Além do Instituto por Correspondência Internacional (ICI) em 1972

---

<sup>108</sup> “A própria experiência pentecostal fomenta o interesse e a disposição por compartilhar essa mensagem a outras pessoas. Esta disposição gera uma mobilidade de leigos conquistando outras pessoas à sua fé, que simplesmente dispensou uma educação bíblico-teológica formal.” Conforme: GOMES, 2013. p. 63.

<sup>109</sup> DANIEL, 2004, p. 375-376.

<sup>110</sup> NASCIMENTO, Irvaldino Alves do. 10º aniversário do Instituto Bíblico Ebenézer. *Revista IBE*, Rio de Janeiro, IBE, ano I, n. 1, p. 3, dez. 1982.

através do missionário Bernhard Johnson Júnior. Este de conteúdo mais devocional e evangelístico.<sup>111</sup>

### 1.3 Consolidação da educação teológica

Dois grandes passos, a nível nacional foram dados para a consolidação da educação teológica nas ADs, além da fundação do IBAD. O primeiro foi a criação em 1971 (cinco anos depois da rejeição do ensino formal na convenção de 1966), da Comissão de Educação Religiosa<sup>112</sup> da CGADB, que propôs estímulos às escolas permanentes e um currículo mínimo que deveria ser adotado nas escolas teológicas no Brasil. Aliás, estas foram as únicas incumbências dadas a este órgão. O segundo foi a grande virada no ensino bíblico-teológico no Brasil, rompendo o “ostracismo teológico”,<sup>113</sup> em 1979, com a fundação da EETAD - Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus, por Johnson. Este produziu material em forma de apostilas distribuídas e vendidas a várias igrejas do Brasil para quem quisesse ter um núcleo de estudos por extensão. Neste mesmo ano, a Convenção Geral das Assembleias de Deus<sup>114</sup> reconheceu e recomendou o curso com “consenso pleno”.<sup>115</sup> Sabe-se que este consenso não foi pleno, houve dificuldades, mas o curso alcançou sucesso porque prevaleceu a grande aceitação no Brasil do evangelista norte-americano Bernhard Johnson. Johnson fez muitas cruzadas pelo país, sendo sempre muito bem recebido pelos pastores brasileiros e querido pelo povo. Na divulgação desta escola deu-se ênfase à visão dada por Deus a este missionário para que a criasse. Ela é criada a partir de uma experiência (êxtase) pentecostal, ou seria o relato da experiência apenas uma estratégia de inserção num ambiente hostil? Em outro artigo afirma-se que esta escola “nasceu por inspiração do Espírito

---

<sup>111</sup> ARAUJO, 2007, p. 387-389.

<sup>112</sup> DANIEL, 2004, p. 409. Esta comissão teve vários nomes, até atualmente ser fixado como CEC – Conselho de Educação e Cultura.

<sup>113</sup> Esta afirmação revela certo desprezo pelo que até então já se havia conquistado em termos de estudos formais em teologia, mas ao mesmo tempo constata a realidade da pouca importância dada a este assunto. [?] A pérola de grande valor. *EETAD em revista*, Campinas, ano X, n. 29, p. 5, maio/out 2009.

<sup>114</sup> O presidente da convenção era o Pr. Túlio Barros Ferreira de tendência progressista.

<sup>115</sup> A PÉROLA de grande valor. *EETAD em revista*, Campinas, EETAD, ano X, n. 29, p. 5, maio/out. 2009.

Santo” e foi por “Ele impulsionada”.<sup>116</sup> Seguiram-se a esta iniciativa muitas outras, sendo que hoje a maioria das igrejas no Brasil tem algum curso de educação teológica.

A partir da década de 1970 houve um crescimento de escolas teológicas no Brasil<sup>117</sup> com a criação de 24 delas em todo país.<sup>118</sup> A demanda reprimida fez com que houvesse uma explosão de escolas pelo país, mas todas elas de iniciativa local. Não houve a preocupação, como será descrito mais adiante, de um grande projeto nacional para além da criação do Conselho de Educação Religiosa. Não houve mais contrariedades abertas, mas também não houve incentivo nem união de forças para formar grandes instituições de educação.

Certamente a falta de um grande projeto educacional teológico ainda é reflexo da ideia de Pettersen, uma vez que este não poderia fugir do controle absoluto da “órbita da igreja local,”<sup>119</sup> ou seja, a vigilância precisa ser próxima e constante para evitar jogos de poderes indesejados, com receio da teologia indicar o futuro da igreja.

Embora as escolas teológicas tivessem aumentado em número, não houve até então uma relação entre a função pastoral e a educação teológica obrigatória. Essa decisão somente aconteceu na convenção de 1983, mas o texto apenas afirma que um dos requisitos à ordenação de obreiros é que seja “qualificado teologicamente para o manejo da Palavra”<sup>120</sup>, sem citar diretamente que tipo de formação teológica. Isto deu margem para que se continuasse consagrar pastores sem uma instrução teológica formal e densa.

---

<sup>116</sup> GILBERTO, Antonio. A EETAD e o ensino teológico. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano LIV, n. 1168, p. 10, ago. 1984.

<sup>117</sup> As principais foram: ICI – Instituto por Correspondência Internacional (1972), Instituto Bíblico Beréia (1978), IBADAM - Instituto Bíblico das Assembleias de Deus no Amazonas (1979), EETAD – Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus (1979).

<sup>118</sup> ARAUJO, 1988, p. 14.

<sup>119</sup> DANIEL, 2004, p. 252.

<sup>120</sup> DANIEL, 2004, p. 492.

#### 1.4 Ranços e avanços na educação teológica formal após a criação do IBAD

Os missionários que chegaram dos Estados Unidos, em sua maioria, não pastorearam igrejas.<sup>121</sup> Ocuparam-se com serviços fora do ambiente eclesial, certamente em consequência da rejeição inicial pelos missionários suecos. O que é contraditório nesta decisão foi o fato de serem os americanos a insistir na criação de Institutos Bíblicos. Isto poderia ser uma forma de poder paralelo, estando os missionários suecos e pastores brasileiros defendendo sua autoridade, sabedores do empoderamento que a educação formal traz.

Sempre se percebeu determinado receio de usar a palavra teologia. Até mesmo pelos que defendiam a educação teológica formal evitou-se usar a palavra seminário. Por isso, utilizavam o termo “instituto bíblico” ao invés de “seminário teológico”. Um dos autores, contrário à ideia de estudos formais, escreveu um artigo, que será analisado em detalhes adiante, com o título “Instituto Bíblico – Sinônimo de Seminário”<sup>122</sup>, no qual se dizia: Elias era “profeta e diretor de um colégio de profetas que, se fora hoje, poderíamos conferir-lhe o título de: ‘Instituto Bíblico’”.<sup>123</sup>

Este cuidado que se tinha de usar a palavra “teologia” é demonstrado de forma clara no artigo do Pr. Francisco Assis Gomes. Neste artigo defende a criação de escolas teológicas formais, porém substituindo a nomenclatura “seminário teológico” por “instituto bíblico”.<sup>124</sup> Ele também cita as críticas feitas na época: “O Espírito Santo é quem ensina; quem é chamado por Deus não precisa aprender de homem, para pregar o Evangelho, basta ler a Bíblia, o mestre do crente é o Espírito Santo; Seminário e Instituto Bíblico são fábricas de pastores, lá os homens ficam com a cabeça cheia e o espírito vazio.”<sup>125</sup>

O pastor Gomes fez várias refutações às críticas na criação de estudos formais de teologia.

---

<sup>121</sup> J. P. Kolenda, Orlando Boyer e Virgil Smith pastorearam igrejas no sul do Brasil, especialmente em Santa Catarina.

<sup>122</sup> REGO, José Teixeira. Instituto bíblico – sinônimo de seminário. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 11, p. 3, 01 jun. 1960.

<sup>123</sup> GOMES, Francisco Assis. Uma palavra aos líderes do movimento Pentecostal. *A Seara*, Rio de Janeiro, ano III, n. 3, p. 6, Mai/Jun. 1958.

<sup>124</sup> GOMES, 1958, p. 5, 6, 8, 33.

<sup>125</sup> GOMES, 1958, p. 5.

Seminário ou Instituto Bíblico, não são fábricas de pastores nem tão pouco tiram a espiritualidade de quem tem sido chamado por Deus, antes é um meio de preparar em conhecimentos úteis e indispensáveis aqueles que são vocacionados para servirem na santa Seara do Senhor. Muitos de nós pastores, devemos agradecer pelo conhecimento que hoje temos, à leitura da Bíblia e muitos livros escritos por servos de Deus, cujas instruções receberam nos seminários. Achamos digno de reprovação o costume de alguém sentar-se à mesa, receber a alimentação, saboreando-a com todo o paladar, e depois falar mal da cozinha, das cozinheiras e da família que lhes forneceu alimento.<sup>126</sup> [...] Se [Deus] fez a raça humana para ser culta, ela não pode permanecer na imbecilidade, ainda que, quanto ao Evangelho, muitos morram na ignorância por causa do endurecimento de coração. É tempo de nossas igrejas possuírem (muitas já estão agindo com louváveis iniciativas) instituições educacionais para o nosso povo.<sup>127</sup>

Percebe-se que o receio da teologia está presente até mesmo nos que a defendem.

Muitos homens que estudaram nos seminários, saíram dali apavoados, confiam mais no seu diploma e no título de doutor em teologia, do que no próprio Senhor Jesus; escrevem muitas asneiras e até com os seus escritos prejudicam a marcha do evangelho em muitos corações. Mas isso não é base para se desprezar Institutos Bíblicos e Seminários. Pois se uns indivíduos saem orgulhosos, outros saem humildes e cheios de bons conhecimentos para edificação da fé dos que recebem suas instruções.<sup>128</sup>

Em outro artigo, Francisco Gomes, destaca: “com referência a diplomas [...] para o ministério evangélico, é coisa desnecessária. Não é o diploma, o verdadeiro comprovante da ortodoxia doutrinária de um pastor.”<sup>129</sup>

#### **1.4.1 As apologias ao IBAD**

A defesa que os órgãos de comunicação da igreja deram à criação do IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus - foram importantes para sua sobrevivência nos tumultuados anos iniciais, tendo em vista as muitas críticas sofridas. Desta forma, um artigo do *Mensageiro da Paz*, alguns meses após a fundação do IBAD, torna clara a defesa nas seguintes afirmações:

Uma escola genuinamente pentecostal, sem a afetação que geralmente domina em estabelecimento desta natureza; [...] tudo é simples; [...] tudo funciona de acordo [sic] com a Palavra de Deus; [...] as aulas iniciam-se

<sup>126</sup> GOMES, 1958, p. 5,s.

<sup>127</sup> GOMES, 1958, p. 8.

<sup>128</sup> GOMES, 1958, p. 8.

<sup>129</sup> GOMES, Francisco Assis. Parabéns às Assembleia de Deus no Brasil. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 6, p. 5, 15 mar. 1960.

com oração, e meditação da Palavra de Deus; [...] o Instituto não forma pastores, não dá diplomas de pregador; existe para proporcionar conhecimento da Palavra de Deus; [proporciona conhecimento da] Palavra de Deus àqueles que sentem a chamada divina para o ministério e que desejam servir melhor a Deus e a Igreja, dentro do espírito salvo para servir; [seu] programa é servir às igrejas; [os alunos] encontram um ambiente simples, fraternal, no qual insiste [sic] em conservar a simplicidade cristã na direção divina; [...] consagração de vidas a Deus e ao próximo; [...] dependência do Espírito Santo; [...] o Instituto iniciou suas atividades de forma simples e humilde, sem pretensões de grandeza; [...] não possuía bens nem recursos para manter-se; [...] Deus tem ajudado os abnegados professores a confiar em Deus que tudo pode.<sup>130</sup>

O esforço para equiparar o IBAD às antigas Escolas Bíblicas de obreiros (que tinham duração de no máximo um mês), tentando assim convencer os críticos, é demonstrado no artigo de um professor deste instituto, escrito quase sete anos após sua criação. Ele explica que o IBAD nada mais é do que uma ampliação do formato original das Escolas Bíblicas, onde os alunos

aprendem a buscar a Deus; antes de qualquer atividade realiza-se o culto de adoração e louvor, do qual todos participam. Como resultado, há consagração de vidas, conversões, batismo com Espírito Santo, sinal evidente que a Escola tem aprovação divina.<sup>131</sup>

A aprovação divina como tentativa de provar a viabilidade espiritual do IBAD permeia todo seu texto.

A Escola [Instituto] Bíblica não separa pastores; não está no seu programa formar pastores porque não é fábrica de pastores. A escola somente proporciona ensino àqueles que as igrejas ou pastores credenciam para receber ensino, da mesma forma que as Escolas periódicas [as que funcionam apenas um mês, nas igrejas] recebem aqueles que as igrejas ou seus pastores recomendam para frequentarem os estudos. [São as igrejas] que podem dar certificados de ORDENAÇÃO a quem desejarem. Pensamos, pois, que está bem claro, que a Escola Bíblica de Pindamonhangaba, não fabrica pastores, nem dá qualquer diploma, privativo das igrejas e Convenções.<sup>132</sup>

O único texto que é mais crítico em relação às Escolas Bíblicas foi escrito na revista *A Seara* de 1957. Refere-se ao pouco tempo que as escolas tinham, a falta de compromisso na frequência regular, afirmando que serve para “alegrar” os alunos, porém com pouco aproveitamento do que é essencial. As Escolas Bíblicas

<sup>130</sup> CONDE, Emílio. Instituto Bíblico das Assembleias de Deus. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 1, p. 4, 01 jan. 1960.

<sup>131</sup> OLIVEIRA, João de. Instituto Bíblico da Assembleia de Deus – Pindamonhangaba – São Paulo. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 15, p. 3, 01 Ago. 1960.

<sup>132</sup> OLIVEIRA, 1960, p. 3.

servem para promover a emulação dos obreiros, mas não satisfazem pedagogicamente.<sup>133</sup> Em todos os textos analisados esta é a única vez que aparece uma visão mais ampla da educação formal e contrária às Escolas Bíblicas.

#### **1.4.2 A fábrica de pastores**

Em um artigo escrito na revista *A Seara* de autoria do pastor Francisco Assis Gomes percebe-se como este assunto foi motivo de controvérsias. O autor escreveu que “muitos têm horror ao vocábulo INSTITUTO BÍBLICO nos meios pentecostais”. Ele salienta que surgiram reações “um tanto pesada[s]” aos artigos que escreveu anteriormente. Argumenta que em outros países as Assembleias de Deus possuem institutos bíblicos e que a “tendência da geração moderna é progredir no conhecimento, é estudar.” Disse ainda que “a alegação de que o Instituto Bíblico é fábrica de pastores, não é justa. Trata-se de um exercício no estudo da Palavra de Deus em local que em outra parte tornar-se-ia difícil conseguir”<sup>134</sup>.

Observa-se que mesmo havendo uma considerável defesa por parte do autor da realização de estudos formais em teologia, na verdade a ênfase está sobre o estudo bíblico, com tendências apologéticas, fundamentalistas e com material produzido a partir de reflexão oral e narrativa, geralmente de conteúdo ético-moral próprio desta cultura. Assim mesmo, se considerava que o Instituto Bíblico produziria pastores desqualificados, pois lhes tiraria a “unção do Espírito”.

Qual a razão por que não produzimos literatura? A resposta é simples: Porque nos falta o necessário conhecimento bíblico, histórico e literário. Pensemos nisso, e havemos de concordar que há necessidade de termos instituições para o estudo de nosso povo.<sup>135</sup>

Em um artigo denominado “Fábrica de Pastores”, o Pr. Alcebíades Pereira de Vasconcelos, um importante líder das ADs brasileira, na época presidente da igreja-mãe em Belém (PA), ataca com veemência as críticas aos institutos bíblicos.

<sup>133</sup> PEREIRA, João. Escola bíblica, instituto ou seminário? *A Seara*, Rio de Janeiro, ano II, n. 4, vol. V, p. 3-4, jul./ago. 1957.

<sup>134</sup> GOMES, Francisco Assis. Que significa instituto bíblico. *A Seara*. Rio de Janeiro, n. 28, p. 07, set./out. 1962. Esta expressão “fábrica de pastores” foi oficialmente utilizada pela primeira vez nas Assembleias de Deus na convenção geral de 1948 e foi verbalizada pelo Pr. Francisco Pereira. DANIEL, 2004, p. 254.

<sup>135</sup> GOMES, 1962, p. 45.

Comenta sobre visitas feitas a escolas bíblicas fora do país, como elas têm produzido bons pastores e missionários.

UMA COISA NOTEI COMPLETAMENTE AUSENTE EM QUALQUER DELES: foi justamente a tal “fábrica de pastores”! Dali ninguém sai feito pastor, evangelista ou missionário, a menos que já se hajam matriculado como tal.<sup>136</sup>

Tal é sua defesa que se propõe a matricular-se num Instituto Bíblico para “humildemente” aprender mais.

Seguindo esta mesma linha de defesa da instrução formal em teologia, o missionário americano, radicado no Brasil, Lawrence Olson, relatando uma viagem feita a alguns países escandinavos, expôs o avanço destas escolas nestes países e como contribuíram positivamente para a “expansão do Evangelho”, a aculturação dos jovens pentecostais destes países e a “dupla capacidade: intelectual e espiritual”. Termina seu artigo afirmando: “o trabalho dos Institutos Bíblicos está recebendo mais e mais o apoio dos líderes e do povo pentecostal.”<sup>137</sup>

Nota-se um importante embate entre a cultura oral e a escrita,<sup>138</sup> presente nas Assembleias de Deus. A cultura oral criticava as “fábricas de pastores” do púlpito das igrejas, pois estes não sabiam escrever nas revistas e jornais da igreja, enquanto os que dominavam a escrita defendiam os institutos bíblicos, utilizando os periódicos *Mensageiro da Paz* e *A Seara*.

Os poucos que se utilizavam dos meios impressos para se oporem à criação do Instituto Bíblico endossavam apenas o que era dito de forma intensa nos púlpitos e nas pregações, de tal forma que um deles se refere a si mesmo como “um pobre alfaiate, analfabeto”. O referido autor era José Teixeira Rego. Ele escreveu o artigo na tentativa de fazer coro a milhares de obreiros leigos das Assembleias de Deus que se sentiam ameaçados com a educação teológica formal. Seu medo é tanto que diz acreditar

<sup>136</sup> VASCONCELOS, Alcebíades Pereira. “Fábrica de Pastores”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 35, n. 1, p. 2, 01 jan. 1965.

<sup>137</sup> OLSON, Nels Lawrence. Instituições de ensino religioso na Europa. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n. [?], p. 2,7, 15 jan. 1965.

<sup>138</sup> Uma análise completa da cultura oral e escrita no pentecostalismo pode ser encontrada em POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na Teologia Pentecostal. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. I, n. 1, p. 23-62, 2010.

que com a existência dos Seminários, homens dessa espécie [leigos e analfabetos, cita uma longa lista de nomes no artigo] não poderão mais ser consagrados ao trabalho, mas somente os diplomados [...]. Se não está sendo assim, ainda, contudo futuro próximo será [sic], a continuar a propaganda que vem sendo encetada nesse sentido. E os pastores caducos e analfabetos, como muitos dizem, serão postos fora das igrejas. Eu, serei o primeiro.<sup>139</sup>

### Segue seu artigo afirmando que

nenhum argumento mais forte para convencer [é o de] igrejas centenárias, dirigidas por homens que são verdadeiras sumidades nas ciências e letras, e no entanto, tais igrejas não apresentam grande número de membros. [...] A ideia de homem preparar outro para o trabalho do Senhor não me parece do Espírito Santo.<sup>140</sup>

Paradoxalmente, corroborando o receio dos formados em teologia, cita que “Deus é poderoso para chamar crentes formados em Direito, Agronomia, Odontologia, Engenharia, etc., para serem pastores, sem necessitarem frequentar Institutos Teológicos”.<sup>141</sup>

O Pr. Cícero Canuto de Lima<sup>142</sup> afirmava ser do tronco principal, ou seja, legítimo herdeiro do pentecostalismo sueco, nisto igualmente contrário à educação teológica formal. Ele afirmou no final de uma entrevista feita a Willis Sawe, querendo comprovar que na Suécia em 1967 ainda não havia Institutos Bíblicos, que é mortalmente perigoso a um obreiro adquirir eficiência em Institutos Bíblicos.<sup>143</sup> Certamente Canuto desconhecia o fato de que em 1943 Lewi Pethrus começou a construir uma universidade na Suécia, ou se adotou uma espécie de ocultamente daquilo que realmente acontecia entre os pentecostais naquele país.<sup>144</sup>

A situação era tão periclitante que alguns jovens que ousaram estudar no IBAD foram sujeitos a processos disciplinares em suas igrejas.<sup>145</sup> Hoover salienta que a maioria dos pastores nacionais proibiam seu povo até de se aproximar das

<sup>139</sup> REGO, José Teixeira. Instituto bíblico – sinônimo de seminário. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 11, p. 3, 01 jun. 1960.

<sup>140</sup> REGO, 1960, p. 3.

<sup>141</sup> REGO, 1960, p. 3.

<sup>142</sup> Pastoreou durante 34 anos a AD do bairro Belém em São Paulo, vindo depois a ser substituído por José Wellington Bezerra da Costa.

<sup>143</sup> LIMA, Cícero Canuto de. Pastor Cícero de Lima entrevista o pastor Willis Sawe. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 37, n. 09, p. 04, 1-15 maio 1967.

<sup>144</sup> O mesmo acontecia com a questão do uso do rádio e da TV, do ministério feminino, da política; pois aqui os suecos eram contra, mas na Suécia era permitido.

<sup>145</sup> ALENCAR, 2010, p. 92.

escolas.<sup>146</sup> Na igreja de Joinville (SC) o jovem Reginaldo Leandro Plácido, quando foi estudar neste instituto sofreu tentativa de dissuasão e forte repreensão por parte de seu pastor. Já os que se formavam no referido instituto tinham muita dificuldade de se reinserirem em suas igrejas de origem e de ingressarem no ministério pastoral.<sup>147</sup>

Embora haja na maioria dos textos a defesa dos institutos bíblicos, está subjetivamente presente o forte receio de se avançar muito no ensino teológico. “Dar instrução intelectual a um indivíduo e depois consagrá-lo ao ministério, sem que o Senhor o tenha chamado, é periclitir a causa evangélica.”<sup>148</sup>

## 1.5 Considerações

A situação dos seminários, institutos e faculdades teológicas nas Assembleias de Deus no Brasil hoje é bem mais confortável do que em anos anteriores, como se viu nesta pesquisa. Entretanto, vários líderes e comunidades ainda apresentam discursos contrários à educação teológica. Como não há uma exigência mais séria quanto à formação teológica dos pastores e obreiros desta igreja, os que chegam a alguma liderança sem ela acabam por fazer comentários pejorativos e/ou irônicos em relação à teologia e aos que tiveram alguma, por mínima que seja instrução nela.<sup>149</sup> Desta forma, trava-se uma “guerra fria” em relação ao assunto, polarizando inclusive os membros das igrejas.

A preocupação inicial das lideranças com a teologia, de modo que ela continuasse sendo informal e instituída pela liderança da igreja e sua forma de pensar, tem sua razão de ser, embora não pelos mesmos motivos que a liderança o desejava ou deseja. A liderança das ADs não quer por causa da “dualidade de poderes”<sup>150</sup>, já debatida anteriormente. Entretanto, a maior contribuição que esta resistência à teologia trouxe, foi o acesso da liderança leiga ao exercício do

---

<sup>146</sup> HOOVER, 2002, p. 39.

<sup>147</sup> Conforme ALENCAR, 2010, p. 92; e ALENCAR, 2013, p. 186.

<sup>148</sup> GOMES, Francisco Assis. Parabéns às Assembleia de Deus no Brasil. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 6, p. 5, 15 mar. 1960.

<sup>149</sup> Esta exigência se apoia em resoluções convencionais. Entretanto, como algumas vezes isto não é devidamente regulamentado, muitos são ordenados pastores e evangelistas sem, contudo terem concluído qualquer curso básico em Teologia.

<sup>150</sup> DANIEL, 2004, p. 254.

pastorado de igrejas, o que permitiu que um grande contingente de pessoas se sentisse incluído por um discurso teológico mais simplista, prático e melhor contextualizado com o dia a dia dos fiéis. Assim, se permite que não haja fronteiras clericais, sendo a relação entre o pastor e a comunidade sem demarcações<sup>151</sup> e uma melhor aplicação do sacerdócio universal de todos os santos.

Logicamente que isto trouxe também uma grande deficiência no entendimento de postulados cristãos importantes para os fiéis das Assembleias de Deus, com prejuízos históricos inestimáveis.

Procurou-se mostrar neste breve histórico das Assembleias de Deus a dificuldade que a educação teológica teve para se impor nesta igreja, permanecendo ainda hoje as heranças culturais desta resistência. Entretanto, é preciso reconhecer também que em muitas igrejas, na multifacetada forma de assembleianismos no Brasil, existem apoios e avanços importantes nesta área, como a criação do IBAD seguida por outras iniciativas em vários estados do Brasil, bem como da criação da EETAD que ajudou a popularizar uma formação teológica mínima nas ADs brasileiras.

---

<sup>151</sup> ORELLANA, Luis. El futuro del pentecostalismo em América Latina. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis. (Ed.). *Voces del pentecostalismo Latinoamericano IV: identidad, teología e historia*. Concepción (Chile): RELEP, 2011. p. 146.



## **2 RELAÇÕES ENTRE A ESCOLA BÍBLICA, O INSTITUTO BÍBLICO E A ACADEMIA: ANÁLISE DE CONTEÚDOS E DE PRODUÇÃO TEOLÓGICA**

Neste capítulo se fará uma análise de conteúdos curriculares de três momentos da educação teológica nas ADs: nas Escolas Bíblicas, na fundação do IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus e em alguns elementos atuais, especialmente a partir do reconhecimento dos cursos de Teologia pelo MEC – Ministério da Educação, percebendo evoluções e retrocessos da teologia devocional e da teologia acadêmica, bem como eventuais tensões existentes nos períodos mencionados.

A divisão deste capítulo em três momentos, analisando o desenvolvimento histórico do tema não significa que se entende que haja evolução a respeito da educação teológica de forma linear e harmônica em todas as comunidades e lideranças das ADs. Isto ocorreu de forma tão diversa como a heterogeneidade das ADs no Brasil. Muitos destes momentos históricos ainda se repetem em várias comunidades pelo Brasil, não sendo possível estabelecer uma unanimidade entre o pensamento teológico no sentido de ser caracteristicamente mais devocional ou acadêmico. Portanto, pratica-se uma transversalidade de momentos históricos.

Para entender melhor a educação teológica pentecostal faz-se necessário refletir sobre os currículos adotados durante seus principais períodos históricos, pois assim pode-se analisar em maior medida o currículo teológico das ADs como “instituição cultural e de socialização em termos reais e concretos”.<sup>152</sup>

Para conceituar o que é currículo recorre-se ao que pensa Sacristán sobre o assunto:

É uma prática, expressão, da função socializadora e cultural que determinada instituição tem, que reagrupa em torno dele uma série de subsistemas ou práticas diversas, entre as quais se encontra a prática pedagógica desenvolvida em instituições escolares que comumente chamamos ensino. É uma prática que se expressa em comportamentos práticos diversos. O currículo, como projeto baseado num plano construído e ordenado, relaciona a conexão entre determinados princípios e uma

---

<sup>152</sup> SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 17.

realização dos mesmos, algo que se há comprovar e que nessa expressão prática concretiza seu valor. É uma prática na qual se estabelece um diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele, professores que o modelam, etc.<sup>153</sup>

## 2.1 O currículo como componente político racional

A implantação ou organização de um currículo<sup>154</sup> nunca é neutra.<sup>155</sup> Nesta vem embutidas dimensões administrativas, organizativas, institucionais, didáticas,<sup>156</sup> sociais, religiosas, econômicas e emocionais, e na maioria das vezes de forma impositiva.<sup>157</sup> “Dentro de todas elas agem pressupostos muito diferentes, teorias, perspectivas e interesses muito diversos, aspirações e gestão de realidades existentes, utopias e realidade”.<sup>158</sup> Mesmo que nos anos iniciais as ADs no Brasil não tenham implantado um currículo mais racional,<sup>159</sup> sempre houve uma racionalidade subjacente às temáticas principais desta denominação, mesmo que valorizassem as questões mais emotivas do Espírito, as “racionalidades contextuais.”<sup>160</sup> Por isso, Pacheco afirma que “a política curricular representa a racionalização do processo de desenvolvimento do currículo nomeadamente com a regulação do conhecimento, que é a face visível”<sup>161</sup> do processo educativo. A educação é “fortemente intersectada por opções políticas que obedecem à lógicas de poder muito díspares e que são a expressão de conflitos”.<sup>162</sup>

<sup>153</sup> SACRISTÁN, 2000, p. 15-16.

<sup>154</sup> Uma crítica que se faz aos currículos das escolas teológicas no Brasil é que eles são orientados por “conteúdos (conteudista) em vez de ser orientado por objetivos educacionais.” REGA, Lourenço Stelio. Revendo paradigmas para a formação teológica e ministerial. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. (Orgs.). *Educação teológica transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006. p. 113.

<sup>155</sup> “Por trás de todo currículo existe [...] uma *filosofia curricular* ou uma orientação teórica que é, por sua vez, síntese de uma série de posições filosóficas, epistemológicas, científicas, pedagógicas e de valores sociais,” apresentando incoerências e contradições. SACRISTÁN, 2000, p. 35.

<sup>156</sup> SACRISTÁN, 2000, p. 29.

<sup>157</sup> “O currículo [é] considerado como uma invenção social que reflete escolhas sociais conscientes e inconscientes, que concordam com os valores e as crenças dos grupos dominantes na sociedade.” WHITTY, G. *Sociology and school knowledge*. Londres: Methuen, 1985. p. 8. *Apud*: SACRISTÁN, 2000, p. 19.

<sup>158</sup> SACRISTÁN, 2000, p. 29.

<sup>159</sup> “Antes de se elaborar um currículo é preciso que haja o estabelecimento de uma declaração de valores e objetivos educacionais norteadora de todo sistema educacional.” REGA, Lourenço Stelio. Revendo paradigmas para a formação teológica e ministerial. In: KOHL; BARRO, 2006, p. 115.

<sup>160</sup> PACHECO, José Augusto. *Políticas curriculares: referenciais para análise*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 27.

<sup>161</sup> PACHECO, 2003, p. 14.

<sup>162</sup> PACHECO, 2003, p. 18.

As políticas curriculares resultam de complexas decisões que derivam tanto do poder político oficialmente instituído quanto dos atores com capacidade para intervir direta ou indiretamente nos campos de poder em que estão inseridos.<sup>163</sup>

Desta forma, o currículo, na maioria das vezes, é impositivo, fruto de “uma criação discursiva que não é simplesmente um texto, mas um texto de poder”.<sup>164</sup> No caso das ADs, a criação dos currículos adotados ao longo de sua história não reflete necessariamente uma racionalidade técnica, mas uma racionalidade contextual,<sup>165</sup> ou seja, levaram-se em conta os vários elementos que foram considerados importantes em cada momento histórico desta igreja.

## 2.2 As fases da educação teológica nas ADs

Gedeon Alencar divide as ADs no Brasil em três fases<sup>166</sup>: a primeira é a implantação (1911-1930) e os desdobramentos iniciais de sua fundação; a segunda a institucionalização (1930-1946) marcada pela primeira convenção; e a terceira fase sendo a oficialização da denominação (1946 em diante), com o registro estatutário da CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus.<sup>167</sup> Ele a divide ainda numa tipologia histórica de três momentos: a “iluminação do carisma” de 1911 a 1946, o “avanço da tradição” de 1946 a 1988 e a “(ir)racionalidade dos poderes” de 1988 a 2011.<sup>168</sup> Estas classificações sociológicas são didáticas e conseguem dar conta de organizar a complexidade da igreja. Para além desta abordagem, neste trabalho, foi utilizada a divisão seguindo uma ordenação do início das fases teológicas, sendo: as Escolas Bíblicas criadas em 1922, o início do IBAD em 1959 e um terceiro momento com a teologia acadêmica a partir de 1999. Logicamente que estas fases teológicas

---

<sup>163</sup> PACHECO, 2003, p. 27-28.

<sup>164</sup> PACHECO, 2003, p. 103.

<sup>165</sup> PACHECO, 2003, p. 116.

<sup>166</sup> Outras classificações são feitas no pentecostalismo, sendo a mais utilizada a das três ondas de Paul Freston. FRESTON, Paul. Breve histórico do Pentecostalismo no Brasil. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 70-72. Um novo movimento pentecostal está surgindo nos Estados Unidos da América denominado *restauracionismo*, cuja característica principal não é neopentecostal, mas aproxima-se de um judaísmo messiânico com ênfase pentecostal. Nele prega-se a restauração da nação de Israel e a bênção àqueles que se alinharem a este modelo. A estratégia utilizada por Edir Macedo na Igreja Universal do Reino de Deus é parecida mas não tem a ênfase nos dons espirituais como aquela, a IURD é mais mercadológica.

<sup>167</sup> ALENCAR, 2010, p. 47-53.

<sup>168</sup> ALENCAR, 2013, p. 25.

estão dentro da classificação sociológica de Alencar, que traz clareza e serve de modelo ideal para a organização teológica desta igreja.

### **2.2.1 As Escolas Bíblicas: um estilo que marcou gerações**

Foi somente na década de 1930 que o governo brasileiro começou a implementar políticas mais avançadas na educação, como a frequência obrigatória e a divisão do Ensino Fundamental em dois ciclos. O importante impulso aconteceu com a divulgação do Manifesto da Escola Nova em março de 1933, destacando o atraso educacional do Brasil em relação aos demais países da América Latina. Embora os expoentes desta escola fossem perseguidos, começou a influenciar mudanças significativas na educação brasileira. Todavia a influência conservadora católica prevaleceu durante a era Vargas.<sup>169</sup> Obviamente se o Brasil tinha problemas com sua educação, quanto mais uma igreja cuja esmagadora maioria era composta por pobres iletrados, levando-se em conta que em 1920, o Brasil tinha 69,9% da população analfabeta e em 1940 ainda eram mais da metade da população, ou seja, 56,2%.<sup>170</sup>

As Escolas Bíblicas foram as primeiras tentativas de ensinar teologia nas ADs do Brasil. Elas eram o que havia de mais elaborado na época, e seus conteúdos indicavam uma teologia experiencial e prática. Além das Escolas Bíblicas que apontavam para o início de uma racionalidade teológica, o que sempre marcou profundamente a formação de novos obreiros e pastores nas ADs é o aprendizado por imitação e observação, em que o neófito permanece junto do mais experiente até que aprenda e apreenda todas as técnicas religiosas.

Diante da concretude dos fatos no Brasil esta seria a melhor forma de preparar obreiros na época. Ozean Gomes salienta que dadas as condições financeiras precárias dos primeiros missionários do movimento pentecostal no Brasil, bem como de seus primeiros membros, não haveria nem mesmo como pensar em fundar escolas ou institutos bíblicos, pois simplesmente não havia condições

---

<sup>169</sup> FAUSTO, 1995, p. 338-340.

<sup>170</sup> FAUSTO, 1995, p. 393.

financeiras para tanto.<sup>171</sup> A realização de Escolas Bíblicas na década de 1920 era um esforço enorme, tendo em vista, as condições econômicas, as condições de transporte, o nível de escolaridade; tudo isso aponta para um imenso esforço para superar as condições precárias da época.

De um lado os suecos não dispunham de recursos e interesse para manter uma instituição de ensino formal, do outro os assembleianos, oriundos de situação de pobreza, não tinham como custear suas despesas. Então, entre formar-se academicamente para o exercício do pastorado – opção concretamente inviável – e cuidar da comunidade local, a prioridade foi pastorear a comunidade.<sup>172</sup>

No mínimo três razões podem ser apontadas ao motivo pelo qual suecos e brasileiros não implantaram seminários teológicos: primeiro por questões políticas. Na Suécia as escolas eram propriedade do estado e os imigrantes batistas fundadores vêm para o Brasil com a mentalidade de marginalidade, lá a igreja oficial é a Luterana, portanto os batistas eram privados de plenos direitos civis, assim a religiosidade e a educação dominante era vista como suspeita; segundo por questão econômica, pois as igrejas suecas não têm condições financeiras para investir em educação. Os próprios missionários instalados no Brasil, em seus relatos, dão conta de que passavam necessidades financeiras. Os demais institutos teológicos das outras denominações históricas instaladas no Brasil são financiados pelos seus países de origem. Não é o caso das ADs. E terceiro por questão teológica. Se Jesus está voltando para que investir em educação? A urgência seria a evangelização e para evangelizar basta a Bíblia. Além disso, o forte argumento ainda utilizado hoje é de que se a igreja cresceu sem seminários porque agora serão necessários?

---

<sup>171</sup> GOMES, 2013, p. 69-72. O autor aponta ainda outros fatores para a não implantação inicial do estudo formal em teologia: o anti-intelectualismo; o senso de prioridade, ou seja, o foco na urgência da evangelização, desta forma não se deveria perder tempo com estudos; a autodefesa em relação ao protestantismo histórico intelectualista. Acrescente-se a esta lista o rápido crescimento do trabalho e a falta de obreiros, a baixa escolaridade dos brasileiros, a iminência da volta de Jesus aquilatada pelas previsões apocalípticas dos pós-guerras mundiais e a difusão do dispensacionalismo entre os pentecostais, a falta de acesso da maioria dos brasileiros aos estudos formais, os que tinham acesso eram desencorajados pela desconfiança de esfriar a fé e o fervor, a mensagem de negação do mundo e contra cultura pregada pelos pentecostais, a presença de forte cultura oral em detrimento da escrita (cf. POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na Teologia Pentecostal. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. I, n. 1, p. 23-62, 2010.). O rápido crescimento desta igreja no Nordeste do Brasil deu-se em função do início da crise da borracha em 1910 e a conseqüente volta dos migrantes empobrecidos do Norte para aquela região. Belém e Manaus haviam se urbanizado no apogeu da borracha, cujo final coincidiu com o início do pentecostalismo nestas cidades. FAUSTO, 1995, p. 291.

<sup>172</sup> GOMES, 2013, p. 73.

As Escolas Bíblicas não eram sistemáticas, regulares e avaliatórias, embora apresentassem abundantes e profundos ensinamentos bíblicos, principalmente quando Samuel Nyström estava à sua frente.<sup>173</sup> Eram de caráter eminentemente devocional, com uma teologia formatada no exterior, não incentivava à reflexão, nem utilizava manuais teológicos de grandes pensadores, mas estavam plenamente de acordo com a ênfase na experiência com o Espírito Santo presente no pentecostalismo. Cita-se uma descrição, neste sentido, de um dos participantes:

Percebemos desde o primeiro dia, que Jesus estava conosco e que, pelo Espírito Santo, iluminou de uma maneira especial as preciosas preleções bíblicas. A liberdade do Espírito era palpável e o Senhor derramou muita graça e poder sobre o irmão Samuel Nyström, para a condução do estudo bíblico. Os primeiros dias foram empregados para a oração.<sup>174</sup>

Os conteúdos abordados na primeira Escola Bíblica apontam o que seriam as demais escolas, pois pouco se alterou deste formato até os dias de hoje nas igrejas que ainda adotam este modelo. Embora tivessem até uma certa ideia de sistematização, na verdade, não era regida por nenhum plano de curso, ementa ou orientação que lhe assegurasse que os conteúdos seriam rigidamente seguidos. Conforme modelo amplamente difundido pelas preleções pentecostais, os conteúdos eram transmitidos pelo que o pregador<sup>175</sup> ou ensinador considerava mais conveniente. Muito embora houvesse um tema previamente definido. Além disso, a sequência com que os palestrantes convidados davam suas aulas era de “acordo com a direção do Espírito Santo”,<sup>176</sup> ou seja, conforme iam “sentindo no coração”, sem critérios racionais definidos.

Na primeira Escola Bíblica, em 1922, o tema escolhido foi “O edifício de Deus”, cujo desdobramento é esclarecido por um dos presentes:

Durante a primeira semana estudamos “O alicerce: a Palavra”, sua autenticidade histórica, a inspiração e a autoridade divina. Fixado o alicerce, sim, inabalável, na segunda semana foi estudado “O exterior”, os vários livros bíblicos, e na terceira semana “O interior”, as dispensações ou períodos de tempo e os contextos econômicos. Depois de ter atravessado as sete dispensações, a quarta semana foi utilizada para estudar mais

<sup>173</sup> ARAUJO, Isael. *Pequena história da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil*. Apostila. Rio de Janeiro: 1988. p. 3.

<sup>174</sup> CARLSON, 1923 *apud* GOMES, 2013, p. 99.

<sup>175</sup> Pode-se usar a palavra pregador, pois em grande parte estas escolas seguem o modelo de uma preleção ou pregação.

<sup>176</sup> HOOVER, 2002, p. 39.

profundamente a “Dispensação da graça” (na qual estamos vivendo) segundo a epístola aos Efésios, Cristo e a Igreja, os privilégios dos filhos de Deus em Cristo e nossos deveres como membros de Seu corpo.<sup>177</sup>

Se isto for transformado em estudo sistemático pode-se dizer que o que foi estudado tem a ver com Bibliologia e Teologia Bíblica (duas semanas), Escatologia (uma semana) e Soteriologia (uma semana).<sup>178</sup> Mas sabe-se que estes ensinamentos tinham quase que unicamente a Bíblia como livro único de estudos (com ajuda de alguns poucos autores também de cunho bíblico), tornando-se assim um estudo bíblico devocional, sempre valorizando a experiência, conforme descrito no dizer de um dos presentes: “A liberdade do Espírito era palpável e o Senhor derramou muita graça e poder”.<sup>179</sup>

O destaque fica por conta da terceira semana e da quarta semana, cujo assunto marcou grandemente o pentecostalismo, que é o dispensacionalismo.<sup>180</sup> Trata-se de um sistema de interpretação bíblica e teológica que divide a ação de Deus na história em diferentes períodos, que são por Ele administrados em bases diferentes; nos quais Deus teria apelado para várias formas de agir em sete dispensações: da Inocência, da Consciência, do Governo Civil, da Promessa, da Lei, da Graça e do Reino.<sup>181</sup> É baseado em uma interpretação literal da Bíblia, uma distinção entre Israel e a Igreja, sendo esta última um hiato de tempo na história de Israel, e uma escatologia pré-tribulacionista<sup>182</sup> e pré-milenista.<sup>183</sup> Foi popularizado pela Bíblia de Estudo Scofield a partir de 1909, mas criado por John Nelson Derby (1800-1882)<sup>184</sup>. Derby e seus seguidores ensinaram que haviam “redescoberto

<sup>177</sup> CARLSON, 1923 *apud* GOMES, 2013, p. 99s.

<sup>178</sup> Joaquim Wach propõe que “o conteúdo da expressão intelectual da experiência religiosa gira em torno de três tópicos de particular importância – Deus, o mundo, o homem. Em outras palavras, as concepções teológica, cosmológica e antropológica estão sendo continuamente expandidas em termos de mito, doutrina e dogma.” WACH, Joaquim. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 36.

<sup>179</sup> CARLSON, 1923, *apud* GOMES, 2013, p. 99.

<sup>180</sup> NELSON, Samuel. *Samuel Nyström: pioneiro do ensino pentecostal em Escolas Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 109.

<sup>181</sup> ARAUJO, 2007, p. 611. Podem existir variações destas dispensações, alguns incluem também o período patriarcal.

<sup>182</sup> Defende que a **primeira** vinda de Cristo em glória se dará antes da grande tribulação, que seriam os sete anos de grandes aflições que se abateriam sobre a terra após o arrebatamento da igreja.

<sup>183</sup> Defende que a **segunda** vinda de Cristo em glória se dará antes do milênio, que seria o reinado de paz de Cristo na terra durante um período de mil anos. Portanto, esta compreensão escatológica divide a vinda de Cristo (*parousia*) em duas partes.

<sup>184</sup> Bíblia de Estudo Scofield. São Paulo: Bom Pastor, 1986. Paradoxalmente Cyrus Ingerson Scofield era cessacionista, defendendo que os dons espirituais se limitaram à era apostólica, mas este fato é encoberto pelas interpretações e adaptações pentecostais deste método. A literatura

verdades” desconhecidas ao longo da história, desde os dias apostólicos, que teriam ficado à margem da teologia tradicional. Para tanto, interpretaram as profecias de forma literal. Outro importante divulgador desta doutrina foi Dwight L. Moody em suas conferências e em seu Instituto Bíblico.

O dispensacionalismo atenta para o fato de que cada vez mais no Brasil a influência norte-americana pós-guerra se fazia forte com o *american way of life* (estilo de vida americano), o que acentuou a disputa entre suecos e norte-americanos pelo domínio das ADs no Brasil e a conseqüente luta pelo ensino teológico. Isto é, se ao estilo sueco de Escolas Bíblicas ou ao estilo norte-americano de Institutos Bíblicos.

Os períodos pós-guerras mundiais,<sup>185</sup> bem como a herança do milenarismo nas passagens do século XIX para o século XX, ajudaram a difundir esta forma de interpretação bíblica. A primeira Escola Bíblica, feita após a primeira guerra mundial, baseou-se no dispensacionalismo e causou grande impacto nos pastores nacionais, que não tinham formação escolar ou teológica e, certamente, um total desconhecimento do assunto. Assim voltaram para suas igrejas inflamados pelo que ouviram na primeira Escola Bíblica e difundiram isto com novas interpretações e desdobramentos, pois este método tornava fácil encaixar vários textos bíblicos (e proféticos) desconexos entre si, formando um imenso e complicado quebra-cabeça<sup>186</sup>. Paradoxalmente, esta visão provem de uma racionalidade intensa.

Como o pentecostalismo se considerava a “última chuva” de Deus sobre a terra e acreditavam na restauração da igreja apostólica através do derramamento do Espírito antes da volta de Cristo, a escatologia baseada no dispensacionalismo tomou grande vulto na interpretação teológica, ideia esta corroborada pela pregação do juízo iminente, com “guerras e rumores de guerras” aliadas ao escapismo do arrebatamento da igreja. Ou seja, o castigo para os incrédulos e o céu para os crentes. Esta interpretação bíblica faz com que o pentecostalismo enfatize com veemência o evangelismo agressivo para salvar o maior número de pessoas possível, diante da iminência da volta de Cristo e do arrebatamento da igreja.

---

dispensacionalista é representada hoje por autores como Ryrie, Dwight Pentecost, John McArthur e Charles Swindoll.

<sup>185</sup> ALENCAR, 2010, p. 142. As palavras bíblicas “guerras e rumores de guerras”, as catástrofes da natureza no apocalipse e nos evangelhos e as convulsões sociais indicariam as previsões proféticas das palavras da Bíblia e acentuaram assim a ênfase escatológica.

<sup>186</sup> ARAÚJO, 2007, p. 611.

De forma resumida, pode-se afirmar que os conteúdos mais enfatizados nas Escolas Bíblicas eram o **batismo no Espírito Santo**, que capacitava os crentes a **evangelizarem** e fazerem **missões** para conseqüentemente levarem o maior número de pessoas a escapar das catástrofes **escatológicas** e estarem elas **prontas** para o arrebatamento da igreja. Este último trazia um sentido de urgência, um dos motivos pelos quais o pentecostalismo cresceu tanto. Portanto, as Escolas Bíblicas giravam em torno de quatro temas principais: Pneumatologia, Evangelismo, Escatologia e Soteriologia (leia-se santidade).<sup>187</sup> Obviamente que outros assuntos eram tratados, mas de forma menos enfática.

Os motivos anteriormente expostos contribuíram para que houvesse uma rejeição de outras correntes teológicas que poderiam pôr à prova ou duvidar desta interpretação bíblica.

Uma igreja carente de líderes formados, mas que conseguiram ter acesso a uma forma de interpretação bíblica coerente com suas demandas e anomia social em que viviam, fez explodir nacionalmente este método, que justamente dispensava qualquer necessidade de educação teológica formal. Juntou-se o útil ao agradável e expulsou-se a possibilidade da reflexão teológica por outros meios. Não se está dizendo que tal método descarta a reflexão, muito pelo contrário, ele exige certa reflexão; porém, é uma reflexão dentro de parâmetros perfeitamente ajustados para que não houvesse interpretações equivocadas.

Assim, a formação teológica que tivesse objetivos concretos da vida diária era desnecessária<sup>188</sup>, pois o escapismo proporcionado pela escatologia tornou descartável qualquer espécie de educação teológica. A preparação para o céu era mais necessária e, para esta teologia, a emoção do momento era mais interessante, pois esta apontava para o fato de que o fiel estava pronto para a vinda de Cristo. O escapismo, tão presente no pentecostalismo, é abordado por Peter Berger como alienação, quando pessoas se encontram em estado de anomia.

---

<sup>187</sup> A santidade pentecostal tem origem no dualismo entre sacro e profano, sendo que tudo o que seja moral ou eticamente ilícito deve ser evitado sob pena de tornar-se impuro e impróprio (chamado de mundanismo) para a atuação do Espírito Santo. Dentro desta lista também se incluem os “usos e costumes” que são o regimento de uso de vestimentas e adereços para homens e mulheres, sempre com maior carga de proibições sobre as mulheres, formando um forte *ethos* estético pentecostal.

<sup>188</sup> É preciso diferenciar entre traçar metas concretas na vida diária e o conforto que o pentecostal experimenta na vida diária proporcionada pela experiência do Espírito. A primeira é propositiva, a segunda é mais conformista e consoladora.

A religião tem sido um dos mais eficientes baluartes contra a anomia ao longo da história humana. É importante vermos agora que esse mesmo fato está diretamente relacionado à propensão que a religião tem de se tornar alienante. A religião tem sido uma força de nomização tão poderosa, exatamente porque também tem sido uma poderosa, talvez a mais poderosa, força de alienação.<sup>189</sup>

Outro fator que apontava para a falta de necessidade do estudo teológico formal é descrito por Donald Gee (1891-1966), um estudioso pentecostal e pastor nas ADs da Inglaterra:

Houve pioneiros rijos que não estudaram em Escolas Bíblicas mas que faziam um bom trabalho para Deus. Alguns deles eram realmente “homens sem letras e indoutos” no sentido literal da palavra. Temos de frisar, contudo, que eram homens de grande e forte inteligência e capacidade natural. Ainda mais, o batismo no Espírito Santo deu-lhes um amor apaixonado pela Bíblia. [...] Eram homens excepcionais, fazendo uma obra excepcional.<sup>190</sup>

Gee expõe o fato de que ele mesmo era contra o estudo sistemático da teologia, achando este desnecessário, mas reconhece que seu entendimento era oriundo de “um certo elemento de orgulho em minhas afirmações”.<sup>191</sup> Portanto, o trabalho árduo e zeloso é um substituto para o estudo teológico, razão pela qual ainda hoje se vê um certo ativismo na liderança das ADs em detrimento dos estudos.<sup>192</sup> Percebe-se assim que o anti-intelectualismo pode estar repleto de orgulho, tanto quanto o orgulho intelectual.

### **2.2.2 Instituto Bíblico e ensino por extensão: a formalização da teologia**

Com a abertura do primeiro Instituto Bíblico nas ADs brasileiras, o IBAD em 1958, seguido depois por outras iniciativas, passou-se a estudar teologia de uma forma mais formal e abrangente, utilizando-se livros-texto de autores pentecostais de outros países. Alguns estrangeiros radicados no Brasil e alguns poucos autores

<sup>189</sup> BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 99. Berger chama de alienado o indivíduo que não consegue diferenciar o socialmente construído daquilo que seria a ordem natural criada pela divindade, se impondo acima da primeira, ou seja, tem uma consciência não dialética. Este pode ser o motivo do conformismo dos pentecostais.

<sup>190</sup> GEE, Donald. Porque creio em Institutos Bíblicos. *A Seara*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 06, Nov./Dez. 1962.

<sup>191</sup> GEE, Donald. Porque creio em Institutos Bíblicos. *A Seara*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 06, Nov./Dez. 1962.

<sup>192</sup> Não se pode negar que este ativismo ajudou a expandir esta igreja no Brasil.

nacionais como Donald Gee, Eurico Bergsten, Myer Pearlman, Orlando Boyer e Emílio Conde.

Esta fase do ensino teológico foi marcada por estudos bíblico-devocionais, ampliando os conteúdos estudados nas Escolas Bíblicas descritas anteriormente, agora de forma mais organizada e sistemática. Mas a marca positiva inicial deste período, não levando em conta o exclusivismo e o isolamento, é que a grande maioria dos autores teológicos era pentecostal, que sempre reafirmavam a experiência do Batismo no Espírito Santo e os dons espirituais.

O surgimento dos Institutos Bíblicos carrega consigo um aprofundamento escatológico, pois seus instituidores norte-americanos enfatizaram o dispensacionalismo, fazendo assim com que o labor teológico inicial fosse canalizado para o extramundo, ao invés do incentivo a uma práxis eclesial ou mesmo uma crítica ao modelo extramundo adotado pelas ADs. Desta forma a teologia, inicialmente, aceita e dialoga com aquilo que a igreja já fazia: preocupar-se com o porvir celeste<sup>193</sup> ao invés da relevância eclesial no mundo.

Com o passar do tempo foram-se adotando livros e estudos de outras correntes teológicas, que vieram a enriquecer a reflexão teológica pentecostal, pois aquelas eram de caráter mais reflexivo e acadêmico. Estes textos,<sup>194</sup> embora necessários e de bons teólogos, foram descaracterizando uma das grandes ênfases da teologia pentecostal que é a atualidade dos dons espirituais e o batismo no Espírito Santo, pois muitas contêm teologias cessacionistas de autores norte-americanos e europeus.<sup>195</sup> Esta necessidade de buscar obras teológicas marcou

<sup>193</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.

<sup>194</sup> Por exemplo, a obra de um reformado: BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 1990.

<sup>195</sup> Interpretações teológicas que situam os dons espirituais apenas ao tempo apostólico bíblico. Dentre as obras editadas pela CPAD de autores não pentecostais pode-se citar: *Novo manual dos usos e costumes dos tempos bíblicos* de Ralph Gower (batista); *Dicionário bíblico Wycliffe* de John Wycliffe (reformado); *Pregando e ensinando a partir do Antigo Testamento* de Walter C. Kaiser Junior (evangelical ortodoxo da *Evangelical Free Church of America*); *20 Evidências de que Deus existe* de Kenneth D. Boa (reformado) e Robert M. Bowman Jr. (reformado); *Isaías Deus salva os pecadores* de Raymond C. Ortlund Jr. (reformado); *Dicionário Vine* de William Edwy Vine (origem anglicana); *Guia do leitor da Bíblia e Comentário histórico-cultural do Novo Testamento* de Lawrence O. Richards (reformado); *Evidências da ressurreição* de Josh McDowell (evangélico tradicional) e Sean McDowell; *Teologia do Antigo Testamento e Teologia do Novo Testamento* de Roy B. Zuck (evangélico tradicional); *Teologia Sistemática* de Norman Geisler (reformado); *Tempos do Antigo Testamento* de Roland Kenneth Harrison (reformado); *Pequeno dicionário bíblico* de Stuart Edmund McNair (de origem anglicana, mas pertencente ao grupo Irmãos Unidos); *Tempos do Novo Testamento* de Merrill C. Tenney (batista); *Mapas para a história futura da Igreja*

muito o pentecostalismo, tanto de forma negativa como visto acima como também de forma negativa, que agora precisa adequar seus conteúdos doutrinários a pensamentos divergentes daquilo que sempre foi a tônica da teologia pentecostal, o que causou uma perda doutrinária.

Esta fase da educação teológica foi acompanhada por uma maior ênfase na questão dos “usos e costumes”, como consequência da reação contra igrejas que surgiram na época, menos rígidas neste assunto, como a Igreja do Evangelho quadrangular, que se estabeleceu no Brasil em 1952; também a Igreja Brasil para Cristo, instituída no Brasil em 1955; e de certa maneira, também buscando esboçar uma reação contra a Revolução Sexual da década de 1960.

Os usos e costumes, embora sempre presentes nas ADs, não foram muito enfatizados na doutrina inicial das ADs no Brasil, pois a sociedade da época era mais regrada quanto à vestimentas. Esta ênfase aconteceu mais tarde, na década de 1960, pelos motivos anteriormente descritos. Interessante destacar é que na Convenção Nacional das ADs de 1946 foi refutada uma circular,<sup>196</sup> emitida anteriormente pela AD de São Cristóvão (RJ), sobre a questão de usos e costumes. Salientava-se na refutação que as ADs não deveriam:

Ressuscitar leis ou inventar outras leis. [...] Estatutos e ordenanças para os que já morreram com Cristo não tem utilidade nenhuma. [...] As ordenanças para manifestar humildade e severidade para com o corpo servem para

---

de Justo L. Gonzalez (metodista); *Comentário Lucas a luz do NT grego* de Archibald Thomas Robertson (batista); *História de Israel no Antigo Testamento* de Eugene H. Merrill (evangélico tradicional); *Dicionário de referências bíblicas* de Harold L. Willmington (batista); *Ressurreição* de Hank Hanegraaff (reformado); *Verdade absoluta* de Nancy Pearcey (inicialmente luterana depois aderiu ao neo-calvinismo); *A Bíblia e a terra* de Gary M. Burge (reformado); *Léxico grego do Novo Testamento* de Edward Robinson (evangélico tradicional); *Manual bíblico do estudante* de Walter A. Elwell (evangélico tradicional); *Quem é Jesus?* de Ravi Zacharias (evangélico tradicional); *Comentário bíblico* de Matthew Henry (reformado); *Ética, as decisões morais à luz da Bíblia* de Arthur F. Holmes (reformado); *Cristo entre outros deuses* de Erwin W. Lutzer (batista); *Como aplicar os princípios da pregação bíblica* de Haddon W. Robinson (batista); *Guia básico para a interpretação da Bíblia* de Robert H. Stein (batista); *A supremacia de Cristo em um mundo pós-moderno* de John Piper (batista reformado); *A história da Igreja* de D. Jeffrey Bingham (batista); dentre outras obras pois esta lista não é exaustiva.

<sup>196</sup> Esta circular chamou de “mundanismo” o que estava invadindo as outras igrejas, classificou a mulher como “parte mais fraca e mais facilmente tentada para a vaidade.” A circular expõe o machismo da liderança da AD impondo restrições apenas às mulheres, tais como: não poder raspar sobrancelhas, ter cabelo solto, cortado, tingido ou “outra extravagância de penteado”, deveriam usar vestidos compridos com mangas e sem decotes, obrigatoriedade do uso de meias. Quem desobedecesse seria punido com excomunhão. Este documento foi publicado na edição de julho de 1946 no *Mensageiro da Paz*. ARAÚJO, 2007, p. 879s. Embora fosse refutada na época ela deu o caminho do que seriam os usos e costumes na AD.

satisfazer a carne, o erro, e elas, com facilidade, arranjam os que se julgam mais santos do que os outros.<sup>197</sup>

Entretanto na Convenção de 1975 foram estabelecidas regras rígidas com relação a usos e costumes, sendo escrito no respectivo documento normativo que se deveria reafirmar os “princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil.”<sup>198</sup>

Esta afirmação traz uma séria consequência para a teologia das ADs, pois ela confundiu usos e costumes com doutrina (teologia). Isto fez com que durante muito tempo, ainda persistente em alguns lugares hoje, a questão dos usos e costumes fosse tratada com demasiada ênfase, tomando o lugar de uma reflexão teológica mais aprofundada de outros temas mais relevantes, ou seja, tornou-se conteúdo teológico relevante.

Até mesmo o fundador do IBAD, João Kolenda Lemos, numa entrevista concedida em 1985 se refere a usos e costumes como uma questão moral de alta importância a ser observada pelos alunos do instituto.<sup>199</sup> Assim, foram instituídos uniformes aos alunos para que atendessem a esta regra das ADs no Instituto Bíblico.<sup>200</sup> Não se apela apenas à formalidade teológica, coloca-se a formalidade do corpo como uma grandeza teológica. Esta é a dimensão da simbiose efetuada entre doutrina (teologia) e usos e costumes nas ADs.

### **2.2.3 A teologia acadêmica e seus desdobramentos**

A teologia acadêmica pentecostal tem características próprias e, portanto, um pouco diferentes da católica ou do protestantismo histórico, apesar de que sua teologia tem sido feita em grande medida seguindo o protestantismo histórico. Na teologia pentecostal, os candidatos não precisam ser indicados pela liderança da igreja, ou seja, qualquer um pode fazer o curso. Muitos estudam sem permissão da igreja ou do pastor, o fazem por decisão própria, assim, o pastor perde o domínio

---

<sup>197</sup> ARAÚJO, 2007, p. 882.

<sup>198</sup> ARAÚJO, 2007, p. 883.

<sup>199</sup> LEMOS, João Kolenda; LEMOS, Ruth Doris. Pindamonhangaba, CPAD, 09 mai. 1985. Entrevista concedida a Nemuel Kessler e Geremias do Couto.

<sup>200</sup> Isto poderia ainda ser uma estratégia para agradar as lideranças da AD contrárias ao Instituto Bíblico.

sobre o estudante. Ao mesmo tempo, a formação teológica não significa acesso ao ministério. Em alguns casos, é até um impedimento. Há ainda outras características: uma maior ênfase nas disciplinas bíblicas e práticas; a teologia sistemática, pelos motivos já apontados nesta pesquisa, enfrenta dificuldades em sua aplicação; pouca discussão em questões éticas; ênfases ecumênicas são pouco abordadas e as questões da pneumatologia são abordadas, mas com certa desconfiança e com imposição de regras como consequência da absorção de teologias cessacionistas.<sup>201</sup>

Duas correntes teológicas disputam espaço neste novo momento da educação teológica nas ADs:

Uma é o **fundamentalismo**<sup>202</sup> teológico e religioso, exacerbado pelos recentes embates político-religiosos que tiveram lugar no Brasil nas duas últimas eleições presidenciais, quando a militância homossexual duelou com o fundamentalismo religioso e veio a fortalecer ainda mais este último. Esta polarização é prejudicial à teologia porque causa a rejeição de autores considerados liberais, mas que têm enorme riqueza teológica a ser aproveitada pelos pentecostais.<sup>203</sup>

Por outro lado, com a rejeição de teologias liberais, este vácuo acabou sendo preenchido por teólogos cessacionistas, já tratados em outro momento deste trabalho, mas que acabam esvaziando uma das principais ênfases pentecostais que é a atuação experiencial do Espírito Santo na comunidade.

---

<sup>201</sup> Os usos e abusos dos dons espirituais foram alvo de vários textos escritos nos periódicos das ADs e foi assunto de muitas pregações, palestras e aulas, levando a uma certa desconfiança e subliminar rejeição.

<sup>202</sup> Era um grupo de cristãos conservadores que atribuíram a si essa designação, publicaram a obra *The Fundamentals: a testimonium to the truth*, entre 1909 e 1915. Entendiam-se como uma contra ofensiva ao liberalismo teológico. Seus principais temas eram: a inspiração verbal e literal da Bíblia; afirmação da divindade e nascimento virginal de Cristo; não aceitação da ciência moderna quando em contraste com a Bíblia e consideravam não cristãos os que não aceitassem estas normas. DREHER, Martin Norberto. *Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 82-84. Atualmente esta designação pode assumir conotações de militância contra determinadas posturas imorais, bem como uma interpretação literalista da Bíblia carregada de moralismo.

<sup>203</sup> Exemplo disto são autores como Paul Tillich e Jürgen Moltmann que propõem teologias que valorizam a ação do Espírito Santo, muito afinadas com o pentecostalismo, mas que, por serem considerados liberais, acabam sendo censurados.

A outra corrente teológica que disputa espaço, em menor proporção, é o **liberalismo**<sup>204</sup> teológico que propõe um olhar mais cuidadoso e misericordioso sobre as pessoas e a natureza. Este se alinha com a sensibilidade professada pelos pentecostais em relação ao Espírito Santo. Entretanto, a assimilação descuidada desta corrente poderá gerar a perda das convicções evangelizadoras, missiológicas e das pregações retóricas inflamadas que caracterizam o pentecostalismo.

O fazer teológico pentecostal certamente deverá romper com estas teologias que lhe são prejudiciais, mantendo apenas aquilo que se alinha ao seu modo de pensar, somadas ao legado teológico já presente no pentecostalismo. Este legado vem se perdendo durante as últimas décadas como consequência da carência de teólogos pentecostais, em função do déficit e do atraso teológico desta denominação ao longo dos seus mais de cem anos no Brasil.

O referido déficit é fruto do preconceito em relação à teologia e a um certo descaso de seus principais líderes. Cite-se como exemplo a desinformação do presidente nacional das ADs, José Welington Bezerra da Costa, por ocasião da 1ª Conferência de Educação Teológica da Assembleia de Deus no Brasil nos dias 19 a 21/03/2010, realizada na cidade de Santos (SP).<sup>205</sup> Em seu discurso de abertura José Welington falou dos objetivos do encontro, conforme redação do *Mensageiro da Paz*: dar “ênfase à necessidade da avaliação de algumas práticas, costumes e doutrinas que tentam se infiltrar na igreja trazendo vários prejuízos.”<sup>206</sup> Na verdade o

---

<sup>204</sup> Para os liberais, desde o tempo da igreja apostólica o mundo experimentou sucessivas e progressivas alterações culturais, de modo que as terminologias da Bíblia e das declarações de fé contidas nos credos ecumênicos são pouco compreensíveis para as pessoas de hoje, advogam que todas as crenças devem passar pela prova da razão, não existem questões teológicas fechadas ou decididas. A primeira fase do moderno liberalismo teológico, chamada Racionalismo ou Iluminismo, perdurou até meados do século 18. Os principais filósofos e teólogos dessa fase foram Baruch Spinoza (judeu holandês), Gottfried Wilhelm Leibniz e Gotthold Ephraim Lessing (alemães), John Locke (inglês), os escritores e filósofos ingleses conhecidos como Platonistas de Cambridge e também os deístas. O segundo estágio do liberalismo teológico, o Romantismo, também chamado de Modernismo, aconteceu a partir no final do século 18 e perdurou até o final do século 19. Nele se destacam Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant, que foram os arquitetos do liberalismo romântico. Na teologia, o maior destaque coube ao alemão Friedrich Schleiermacher, chamado de pai da moderna teologia protestante. O alemão Albrecht Ritschl dominou a teologia liberal protestante após Schleiermacher, e outro teólogo alemão, Adolf von Harnack, foi o mais proeminente discípulo de Ritschl. COSTANZA, José Roberto da Silva. As raízes históricas do liberalismo teológico. *Fides Reformata*, nº 1, p. 79-99, 2005.

<sup>205</sup> CONFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO Teológica. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano 80, n. 1.500, p. 07, Maio 2010.

<sup>206</sup> CONFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO, 2010, p. 7.

assunto da conferência,<sup>207</sup> nas palavras de Paulo Freire, presidente do Conselho de Doutrina da CGADB, foi tratar “para que haja em nossas igrejas [...], na Assembleia de Deus, uma reflexão e orientação sobre como realizar a educação teológica dentro dos parâmetros legais.”<sup>208</sup>

O CEC - Conselho de Educação e Cultura da CGADB, implantou normas para três níveis de ensino teológico: o curso básico, médio e bacharel (este pode ser utilizado tanto por cursos livres quando autorizados pelo MEC). Para obter o reconhecimento do CEC é preciso que o currículo siga suas diretrizes quanto a carga horária mínima e matriz curricular.<sup>209</sup> Esta é uma tentativa de criar uma identidade coletiva, pois este

É o instrumento adequado de regulação não só para a formulação dos objetivos de aprendizagem, que se encontram nas diversas formas de seleção e organização do conhecimento oficial, bem como para estabelecimento de critérios de controle.<sup>210</sup>

O currículo tem o poder de estabilizar tanto os “sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando-os reciprocamente mais unificados e previsíveis.”<sup>211</sup> Muito embora considerando o sujeito pós-moderno, entendido como “não tendo mais uma identidade fixa ou permanente”, sua identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”<sup>212</sup>

---

<sup>207</sup> Os demais palestrantes abordaram temas como: adequação dos cursos de teologia aos parâmetros da lei; possibilidades da continuidade dos cursos livres em teologia; perpetuação dos princípios da Reforma Protestante seguindo como exemplo seus principais teólogos; e hermenêutica contemporânea.

<sup>208</sup> CONFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO, 2010, p. 7.

<sup>209</sup> Zabatiero aponta algumas características que o currículo teológico adquiriu: “divisão do currículo em áreas acadêmicas relativamente estanques entre si, divisão do saber em disciplinas científicas relativamente autônomas entre si, configuração do saber dentro dos limites da “disciplina”, que cria seus próprios critérios de validade, sua bibliografia, sua história e sua problemática, desvinculação entre seus conteúdos, problemas e critérios disciplinares e o contexto da vida cotidiana (ou entre teoria e prática), tendência à especialização e fragmentação do saber, desconsideração de outras fontes do saber que não as acadêmicas, indiferença para com as situações específicas de docentes e estudantes, seja cultural, econômica, racial, etc. ZABATIERO, Júlio P. Tavares. Em busca de um projeto teológico-pedagógico para educação teológica. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. (Orgs.). *Educação teológica transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006. p. 163-164.

<sup>210</sup> PACHECO, 2003, p. 73.

<sup>211</sup> PACHECO, 2003, p. 87.

<sup>212</sup> PACHECO, 2003, p. 87-88.

Como o CEC não consegue fiscalizar os educandários teológicos das ADs, suas diretrizes curriculares são seguidas livremente por algumas escolas.<sup>213</sup> Este órgão disponibiliza em seu site, como componente das Diretrizes e Bases Normativas, um modelo curricular dos cursos avançados e bacharelados em teologia<sup>214</sup>, comendo ao todo 37 disciplinas que, se organizadas conforme Parecer do Conselho Nacional de Educação nº51/2010,<sup>215</sup> ficam assim distribuídas de acordo com os eixos teológico, filosófico, metodológico, histórico-cultural, sociopolítico, linguístico e interdisciplinar.

Eixo teológico: Antigo Testamento; Estudos da Estrutura da Bíblia; Evangelismo; Exegese do Antigo e Novo Testamento; Missiologia; Homilética; Novo Testamento; Teologia contemporânea; Teologia Pastoral; Teologia Sistemática I: Introdução à Teologia e Antropologia Teológica; Teologia Sistemática II: Cristologia e Soteriologia; Teologia Sistemática III: Pneumatologia e Eclesiologia; Teologia Sistemática IV: Escatologia; Estágio Supervisionado e Práticas de Ensino.

Eixo filosófico: Filosofia Antiga e Medieval; Filosofia Moderna e Contemporânea.

Eixo metodológico: Metodologia do Trabalho Científico; Teoria do Método Teológico.

Eixo histórico-cultural: Geografia do Mundo Bíblico; História da Filosofia; História da Igreja; História do Movimento Pentecostal; História e Cultura Religiosa Judaica; História Social das Religiões.

Eixo sociopolítico: Protestantismo e Cultura Brasileira.

Eixo linguístico: Grego Bíblico; Hebraico Bíblico; Hermenêutica.

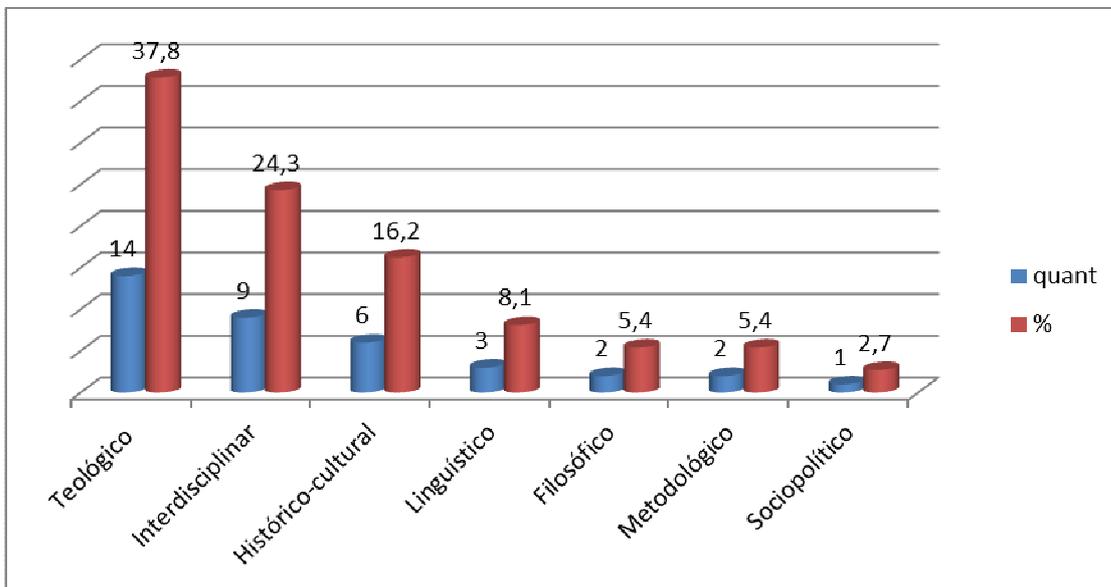
Eixo interdisciplinar: Administração Eclesiástica; Comunicação Cristã; Didática; Introdução à História da Música; Português; Psicologia da Religião; Sociologia da Religião; Sociologia Geral; Teologia e Ecologia.

<sup>213</sup> No estatuto do CEC consta que o estudo não confere grau de pastor, com isto mantem-se a teologia totalmente sob controle institucional.

<sup>214</sup> Conselho de Educação e Cultura da CGADB. *Diretrizes e Bases Normativas*. Disponível em: <<http://www.e-cgadb.com.br/index.php/diretrizes>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

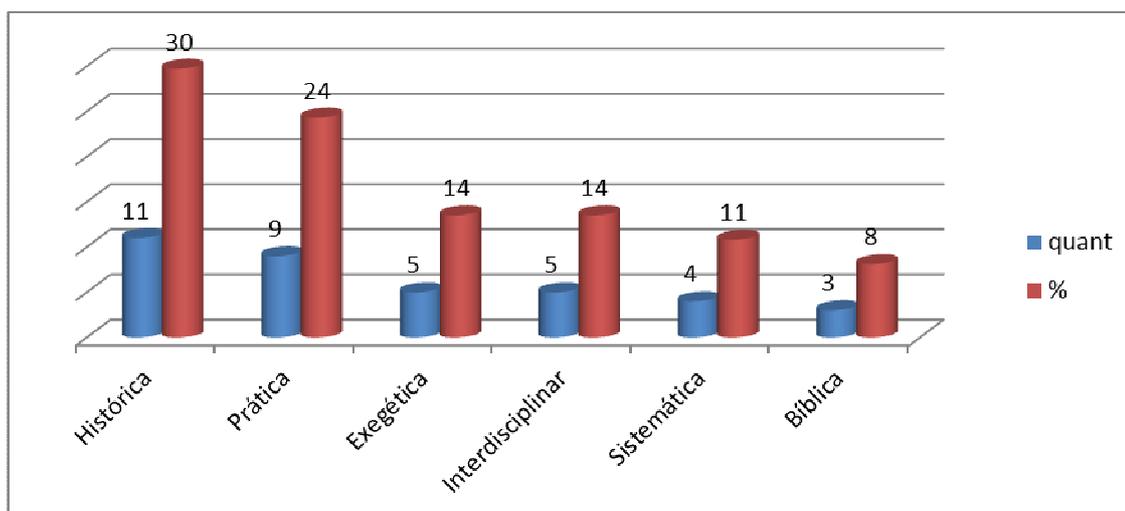
<sup>215</sup> O novo Parecer CNE/CES de n. 60/2014 propõe a revisão dos 7 eixos para 4, a saber: 1) Eixo de Formação Fundamental; 2) Eixo de Formação Interdisciplinar; 3) Eixo de Formação Teórico-prática; e Eixo de Formação Complementar, no entanto, até a presente data não havida sido homologado.

Gráfico 1: Distribuição das disciplinas nos eixos do MEC.



Percebe-se uma boa quantidade de disciplinas no eixo teológico, mas uma grande deficiência no eixo sociopolítico e pouca ênfase no filosófico e metodológico. Se as disciplinas forem distribuídas conforme a divisão tradicional da teologia, ter-se-ia a seguinte configuração de acordo com o gráfico abaixo.

Gráfico 2: Distribuição das disciplinas na estrutura teológica tradicional.



Nesta configuração vê-se que as disciplinas históricas e práticas são de grande relevância. Talvez pela facilidade com que podem ser ministradas. Já as sistemáticas e bíblicas, que caracterizam e valorizam um curso teológico, aparecem em menor quantidade. Eventualmente esta matriz curricular proposta pelo CEC reflete aquilo que ao longo dos anos foi sendo construído, imperceptivelmente, mas de forma deliberada, em relação à teologia nas ADs. Isto pelo fato de que esta igreja encontra dificuldades para refletir e sistematizar seus pressupostos teológicos. Uma ênfase nas disciplinas históricas pode ainda apontar para a estreita relação que existe entre história, narratividade e oralidade na teologia pentecostal. Desta forma, começa a ser admitido, imperceptivelmente, mas oficialmente, que a teologia pentecostal é construída na narrativa e na oralidade, relegando para um segundo plano a racionalidade escrita.

Com a possibilidade dos cursos teológicos serem reconhecidos pelo MEC a partir do ano de 1999, várias ADs do Brasil regularizaram seus cursos livres e outras iniciaram faculdades dentro dos parâmetros da lei.<sup>216</sup> Um grande avanço, pois obriga

<sup>216</sup> Com o parecer 64/2004 do Conselho Nacional de Educação permitindo que fossem integralizados os créditos cursados nestes cursos livres obtendo-se o diploma de bacharel em Teologia, muitas faculdades entraram por caminhos escusos e aceitaram documentos duvidosos quanto a sua idoneidade (carga horária insuficiente, qualidade das aulas, cursados a distância, etc.) e acabaram formando uma quantidade enorme de supostos teólogos sem que realmente estivessem à altura deste título. Assim, aquilo que já era problemático nas ADs, a formação teológica deficiente, acabou se aquilatando ainda mais. Isto ainda com a conivência de convenções, igrejas e líderes importantes.

as instituições a buscarem qualidade no ensino, o que vem a beneficiar o avanço teológico acadêmico de forma a levar à uma reflexão teológica mais aprofundada e contribuir para a solidificação dela nas ADs. A primeira instituição das ADs a ser credenciada pelo MEC foi a FAESP – Faculdade Evangélica de São Paulo em 2007, mantida pelas Assembleias de Deus do bairro Belém presidida pelo Pr. José Wellington Bezerra da Costa, porém sua teologia é eminentemente pautada na tradição assembleiana, sem abertura para uma reflexão ampla da teologia pentecostal em diálogo com outras teologias.

A segunda faculdade das ADs reconhecida pelo MEC foi a FAECAD – Faculdade Evangélica de Ciências e Tecnologia, no Rio de Janeiro, em 2009, de confessionalidade assembleiana, porém indiretamente instituída e mantida pela CPAD. Estas instituições têm, em sua maioria, apenas relações fraternais com as Assembleias de Deus. É importante saber que seu maior nicho de alunos/clientes provém das ADs. A FAECAD está relacionada ao início de faculdades ligadas às Assembleias de Deus, ainda que indiretamente, mas que tem seus funcionamentos autorizados pelo MEC. Neste grupo encontram-se, no sul do país, a Faculdade Cristã de Curitiba (PR) e a Faculdade Refidim em Joinville (SC).<sup>217</sup> Existem muitas outras faculdades, institutos e seminários, porém oferecem apenas cursos livres em teologia e nas modalidades de Ensino a Distância bem como cursos básicos e médios em teologia. Isto em regime de extensão nas igrejas, com materiais fornecidos por estas instituições e professores locais.

---

<sup>217</sup> A fundação deste educandário é interessante do ponto de vista da experiência pentecostal, numa clara demonstração de carisma e racionalidade transversalizadas, conforme depoimento de seu fundador. “Quando eu morava em Lages, Deus me mostrou em uma visão que eu deveria fundar uma escola teológica em Joinville. Eu vi a fachada dourada da escola, e Deus disse: que aquela parte do prédio simbolizava a palavra de Deus que não pode ser mudada. Quando eu me mudei para Joinville, conversei com os obreiros sobre o assunto, e o pastor Joel Montanha, que era o responsável pelo departamento de ensino executou o projeto. Na primeira aula em uma escola de obreiros, um obreiro, na primeira oração teve uma visão, que tinha vários homens fazendo um poço. Alguns homens estavam dentro do poço cavando, outros puxando com um molinete a terra para fora. O irmão Joel cuidava da corda para não se embaraçar em algum lugar, e eu vinha de vez em quando até a boca do poço e perguntava, já tem água? Até que encontraram água, que transbordou o poço e fez um enorme lago em volta. E na oração final daquela escola, Deus falou em profecia, que não se orgulhassem porque aquela escola era Dele. A minha visão foi baseada em Êxodo 17:1, onde o povo de Israel se acampou em Refidim e não tinha água, mas depois Deus disse para Moisés ferir a rocha e ela jorrou água, e como cumprimento desta visão temos hoje a Faculdade Refidim, que está jorrando a Palavra de Deus para muitas pessoas e muitos lugares. [...] Eu sempre dei muito valor para o estudo genuíno da palavra de Deus, em obediência à Bíblia que diz que devemos crescer na graça e no conhecimento, e que devemos manejar bem a palavra da verdade.” VIEIRA, José João. *Nasce a Faculdade Refidim*. Joinville, 20 jul. 2012. 46 f. Arquivo pessoal.

## 2.3 Produção teológica nas Assembleias de Deus

As fontes da Teologia desenvolvida nas ADs e os métodos da educação teológica adotados levam em conta a importante contribuição que a edição de jornais, revistas e livros da CPAD trouxeram e ainda trazem para a formatação e preservação da Teologia assembleiana; e, mais recentemente a criação de faculdades teológicas com formalização do MEC, levando desta forma a uma produção acadêmica autêntica.

### 2.3.1 A produção teológica literária

Com todo este cuidado que as lideranças inicialmente assumiram em relação à educação teológica formal, acabou-se por formar nas Assembleias de Deus uma teologia inteiramente submissa aos ditames da igreja. Teologia esta que não reflete nem busca novos horizontes, torna-se apenas reprodutivista dos que a formataram em anos passados. Exemplo disto são os materiais publicados pela CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus, editora oficial da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), responsável pela formação<sup>218</sup> teológica das Assembleias de Deus. A CPAD prioriza a edição de materiais de linha fundamentalista e discurso dogmático. Em certo sentido, tal formatação é benéfica, pois permitiu a existência de um mínimo de teologia sendo produzida e freou a invasão de teologias neopentecostais que adentram em muitas igrejas pentecostais.<sup>219</sup> Entretanto, não é benéfica na medida em que tolhe o livre pensar.

Segundo escreve Gomes, a criação da CPAD trouxe significativos avanços na educação teológica:

O número crescente de publicações possibilitou o acesso a literaturas e novas formas de conhecimentos, até então desconhecidas. Naturalmente os pastores foram tendo contato com subsídios adicionais aos textos bíblicos. Aos poucos, a visão restrita de que bastava somente a Bíblia com a ajuda

<sup>218</sup> Destaque importante deve-se dar às revistas de Escola Bíblica Dominical, que mesmo sendo de caráter devocional, mantém certa unidade de pensamento teológico denominacional, como o adotado em todas as demais confissões religiosas.

<sup>219</sup> Esta constatação pode ser encontrada em: CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alterações das características da Igreja Assembleia de Deus no Bairro Bom Retiro em São Paulo. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 3, n. 1, p. 07-25, 2011.

do Espírito Santo para se pregar um bom sermão, foi cedendo espaço a uma prática de consulta a outros textos de conteúdo teológico.<sup>220</sup>

Convém destacar um grande avanço na produção literária das Assembleias de Deus com o lançamento da Teologia Sistemática Pentecostal, editado pela CPAD, inteiramente produzida por teólogos brasileiros. Isto demonstrando um despontar positivo de reflexão teológica, embora ainda, em boa parte, comprometida com um discurso dogmático. Desta forma, está-se percebendo boa autonomia num processo teológico iniciado com os missionários escandinavos, com influência inicial de Gunnar Vingren até 1932. Posteriormente com Samuel Nyström, de 1916 a 1949, com alguns livros escritos e como o mais profícuo professor das Escolas Bíblicas.<sup>221</sup> Em seguida chegou Eurico Bergstén, de 1948 a 1999, substituindo Nyström nas Escolas Bíblicas e tornando-se o maior escritor de Lições Bíblicas da Escola Dominical da história das ADs. Escreveu ainda o livro *Teologia Sistemática*,<sup>222</sup> a primeira obra pentecostal deste gênero produzida no Brasil.<sup>223</sup> Paralelamente aos escandinavos, os norte-americanos tiveram sua influência, com Orlando Boyer<sup>224</sup>, de 1936 até aproximadamente 1978. Boyer publicou várias obras das quais merecem destaque *Espada cortante* e *Pequena enciclopédia bíblica*, que serviram de referência para milhares de obreiros e pregadores brasileiros.<sup>225</sup> Depois Lawrence Olson<sup>226</sup>, de 1938 a 1989, com o livro *O plano divino através dos séculos*, que vendeu mais de 100.000 cópias e popularizou o dispensacionalismo no Brasil.<sup>227</sup> Contudo, a literatura de maior influência na teologia pentecostal brasileira recente foi o lançamento da *Bíblia de Estudo Pentecostal*<sup>228</sup> nos anos 1990 pela CPAD, que vendeu mais de 1 milhão de cópias.<sup>229</sup>

Somente mais recentemente é que a teologia acadêmica foi inserida em alguns seminários teológicos das ADs e já se produzem importantes reflexões com

<sup>220</sup> GOMES, 2013. p. 119.

<sup>221</sup> ARAÚJO, 2007, p. 508-511.

<sup>222</sup> BERGSTÉN, Eurico. *Teologia sistemática*. Vol. 4. 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

<sup>223</sup> ARAÚJO, 2007, p. 559.

<sup>224</sup> Escreveu ainda os seguintes livros: *Esforça-te para ganhar almas*, *Heróis da fé* e comentou várias *Lições Bíblicas*.

<sup>225</sup> ARAÚJO, 2007, p. 136-138.

<sup>226</sup> Escreveu ainda os seguintes livros: *A bomba atômica: precursora do Armagedon*, *Enoque: o arauto da vinda de Cristo*, *Profecias bíblicas*, *O servo de Jeová*, *O batismo bíblico e a trindade*, *O alinhamento dos planetas* e comentou várias *Lições Bíblicas*.

<sup>227</sup> ARAÚJO, 2007, p. 531-532.

<sup>228</sup> BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

<sup>229</sup> ARAÚJO, 2007, p. 560.

alguns livros escritos, especialmente com o apoio do RELEP – Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais iniciada em 2003 com o lançamento da coleção *Voces del pentecostalismo Latinoamericano*; este livro contém várias pesquisas do pentecostalismo e com o Fórum Pentecostal Latino-americano e Caribe,<sup>230</sup> realizado em São Paulo, de 27 a 29 de junho de 2015. Nesta ocasião foi lançado o livro *Pentecostalismos e unidade*.

### **2.3.2 Fontes da teologia assembleiana**

A teologia esboçada pelas Assembleias de Deus tem sua fonte, conforme visto acima, nos movimentos pentecostais da Suécia e dos Estados Unidos. Contudo, seu nascedouro é muito mais abrangente e complexo. José de Oliveira traça o perfil eclético do movimento pentecostal de forma bastante clara, pois bebeu de diversas fontes teológicas. O que é perfeitamente aplicado ao Brasil, ao transcrever as palavras de Thomas Ball Barrat (1862-1940), pastor pentecostal em Oslo, na Noruega:

Com respeito à salvação por meio da justificação pela fé, somos luteranos. Na forma do batismo pelas águas, somos batistas. Com respeito à santificação, somos metodistas. Em evangelismo agressivo, como o Exército da Salvação. Porém, com respeito ao batismo no Espírito Santo, somos pentecostais!<sup>231</sup>

Claro está que a afirmação acima é simplista, entretanto traz determinada luz sobre a fonte teológica das Assembleias de Deus. Nota-se na teologia pentecostal assembleiana elementos presentes nos movimentos pietistas com a rigorosa ascese. Ou ainda, nos quacres, com a ênfase sobre movimentos corporais; nos metodistas (John Wesley)<sup>232</sup> com a ênfase nas emoções e na santidade; em Charles Finney e Dwight L. Moody com a ênfase avivamentalista; em William H. Durham, pregador dos movimentos de santidade e da segunda bênção;<sup>233</sup> e nos

<sup>230</sup> O primeiro Fórum Pentecostal da América Latina aconteceu em Lima, Peru, em agosto de 2011. OLIVEIRA, 2015, p. 25.

<sup>231</sup> Thomas Ball Barrat, *apud* OLIVEIRA, José de. *Breve história do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 70.

<sup>232</sup> BARROS, Paulo Cesar. Pentecostalismo: a liberdade do Espírito. *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 6, jan./abr. 2011.

<sup>233</sup> Uma linha pentecostal que seguia a Seymour argumentava que havia três ações: conversão, santificação e batismo. Durham entendia que a conversão e a santificação eram uma só etapa da conversão, este entendimento ficou conhecido como “obra consumada do Calvário” ou “obra

batistas de onde procedem grande parte dos dogmas. Amos Yong afirma que o método teológico pentecostal consegue ter sua vertente na teologia protestante tradicional em relação à autoridade das escrituras e na teologia liberal, na experiência que funciona para moldar o entendimento teológico.<sup>234</sup>

## 2.4 Uma proposta de princípios para a educação teológica

Para se estabelecer uma política educacional nas ADs brasileiras, far-se-á necessário uma discussão ampla, em nível nacional, entre as lideranças da igreja e dos educandários teológicos. A título de proposta segue um breve possível caminho a seguir.

### 2.4.1 Um modelo integral

Por modelo integral entende-se, segundo Rega, aquele que faz convergir os vários modelos educacionais, adotados de modo também a estabelecer prioridades e critérios para o ensino.<sup>235</sup> Os modelos são: **humanista** com ênfase na pessoa, no caráter e no *ser*; **situacionista** preocupado em atender as demandas eclesiais do momento; **pragmático** prepara alunos para execução de tarefas, a fazer coisas; **academicista** que se importa com a formação acadêmica do aluno, o currículo se concentra em matérias teóricas e doutrinárias; **especialista** treina alunos para um ministério específico; **social-comunitário** cujas atividades valorizam o convívio em grupo e com a interação do aluno com seu grupo; e o **afetivo**, adaptar o aluno a sua realidade afetiva, pois se preocupa com os seus sentimentos. O ideal é que cada instituição se aproprie de todos estes modelos sem preterir nem valorizar em demasia nenhum deles, permitindo uma educação teológica integral.

Seguindo esta mesma ideia de integralidade, Rossi aponta para uma troca mútua entre docentes e discentes, abandonando relações de poder que se orgulham

---

acabada de Cristo” (ARAUJO, 2007, p. 278), e é a que é aceita como doutrina das Assembleias de Deus no Brasil.

<sup>234</sup> YONG, Amos. *In the days of Caesar: Pentecostalism and political theology*. Grand Rapids (Michigan): Eerdmans Publishing, 2010. p. 91.

<sup>235</sup> REGA, Lourenço Stelio. Revendo paradigmas para a formação teológica e ministerial. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. (Orgs.). *Educação teológica transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006. p. 116s.

do saber e promovem absolutização do discurso professoral. Dessa maneira, propõe-se um “discurso teológico que priorize a socialização do conhecimento e a construção do conhecimento ao mesmo tempo em que negue o discurso teológico fundamentalista.”<sup>236</sup>

O modelo integral deve levar em conta não apenas a realidade eclesial, de caráter reducionista, geralmente preocupada em formar pregadores e missionários, mas também focar em reflexões aprofundadas e complexas, mesmo que vistas com desconfiança pelo dogmatismo religioso.<sup>237</sup>

#### **2.4.2 Currículos sinérgicos**

Rega propõe ainda a adoção de currículos sinérgicos, ou seja, diferentemente dos entrópicos que enfatizam apenas dimensões práticas ou pragmáticas e se fecham para aquilo que não compreendem.<sup>238</sup> Por outro lado, desenvolvem sistemas flexíveis e adaptáveis, com as seguintes características: se comunicam com o público interno (professores, denominação) e com o externo (igrejas, sociedade); são flexíveis, dinâmicos e equilibrados; estão preparados para as alterações do contexto; formam de maneira adequada e equilibrada; geram maturidade pessoal; aceitam críticas; e, evitam extremos integrando polaridades.

Essa forma de construção de currículo evita a proliferação de modelos engessados, retrógrados e reprodutivistas, que não atendem às crescentes demandas das igrejas e da sociedade atual.

#### **2.4.3 A missão compassiva como núcleo principal**

Alguns autores apontam para a necessidade da educação teológica estar voltada para a missão, pois é nela e dela que se concentra e provém o fazer

---

<sup>236</sup> ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Relações de poder na educação teológica. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. (Orgs.). *Educação teológica transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006. p. 207.

<sup>237</sup> GOMES, José Ozean. O anti-intelectualismo nas origens do pentecostalismo norte-americano. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, vol. VI, n. 01, p. 41, Jan./Jun. 2015.

<sup>238</sup> REGA, Lourenço Stelio. Revendo paradigmas para a formação teológica e ministerial. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. (Orgs.). *Educação teológica transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006. p. 139s.

teológico adequado às necessidades do mundo caótico e necessitado, para dar respostas concretas aos sofrimentos de marginalizados, enfermos e sociedades inteiras entregues à pobreza.<sup>239</sup> “Educação teológica equipa as pessoas, homens e mulheres, para participar na missão das igrejas de testemunho e serviço ao povo nos diferentes contextos do mundo”.<sup>240</sup>

Diante das demandas que o [...] mundo apresenta, problemáticas antropológicas, sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas, a própria teologia da missão sofre impactos significantes e a prática da missão também recebe novos questionamentos. Apesar dessa realidade, fica claro que a *missio Dei* não se tornou estanque ou insignificante, pelo contrário ela procura novos contornos e se apresenta de novas formas, não mais no *Ide*, mas sim no *Sede*, no sede missionários a partir da compaixão. O paradigma aqui proposto é o paradigma da compaixão e da experiência que tem na teologia da cruz e na fraqueza de Deus espaço para compartilhar de maneira ativa a missão de Deus, se lançando diante das lutas e enfrentamentos históricos contemporâneos. É um caminho difícil e complexo, mas se mostra possível e aberto para realidades [desesperadoras da vida]. Um caminho que não se trilha unicamente com o paradigma da missão do discurso, mas se percorre com os modelos missiológicos da compaixão e experiência de quem faz a missão de Deus acontecer na face da terra.<sup>241</sup>

Jung Mo Sung propõe, além da compaixão e da experiência, o diálogo:

Uma educação teológica que realmente esteja em função dos desafios da missão não se caracteriza por novos conteúdos e nem por novas ferramentas científicas na interpretação dos textos sagrados ou da realidade social, mas sim por um novo método: o diálogo.<sup>242</sup>

Assim, Mo Sung propõe que quando a educação teológica entra em choque com mundos linguísticos diferentes entre a compreensão e a percepção, o diálogo seria uma categoria central para pensar a educação teológica, evitando assim pré-julgamentos.<sup>243</sup> Admite-se que se a educação teológica está voltada para a missão,

<sup>239</sup> ZABATIERO, Júlio P. Tavares. Em busca de um projeto teológico-pedagógico para educação teológica. In: KOHL, 2006, p. 157. SUNG, Jung Mo; MIGUEZ, Nestor; WIRTH, Lauri. *Missão e educação teológica*. São Paulo: Aste, 2011. ZWETSCH, E. Roberto. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. BOSCH, J. David. *Missão Transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. 3ª ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002.

<sup>240</sup> Huang Po Ho, 2009, *apud* SUNG, 2006, p. 169.

<sup>241</sup> GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue; POMMERENING, Claiton Ivan. Novos paradigmas na teologia africana: a experiência e a compaixão como possibilidades missiológicas. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. VI, n. 01, p. 09-30, Jan. 2015.

<sup>242</sup> SUNG, 2011, p. 177.

<sup>243</sup> SUNG, 2011, p. 177.

ela também respeitará o pensar e o acreditar mitológico de pessoas desacostumadas com a academia.

Para que haja diálogo é necessário abertura ao outro ou diferente e isso custa um esforço, primeiramente, ético e também pedagógico. Em outras palavras, professores com formação teológica em diálogo com os instrumentos teóricos do mundo moderno precisam se abrir para as diferentes formas de compreensão da fé cristã que trazem os estudantes, geralmente de cosmovisão pré-moderna. Assim como também os estudantes precisam se abrir para o diálogo com formas críticas de compreender a tradição teológica cristã.<sup>244</sup>

Neste mesmo sentido, a Teologia Pública faz importantes contribuições quando propõe uma participação ativa da teologia na vida pública, pois ela não milita unicamente para si, mas expande sua atuação para qualquer lugar que se faça necessário, especialmente em contextos de necessidades humanas.<sup>245</sup>

#### **2.4.4 Os quatro pilares educacionais da UNESCO**

A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, através do livro organizado por Jacques Delors propôs que a educação contemple quatro pilares, ou aprendizagens fundamentais.<sup>246</sup> Estes quatro pilares são: **aprender a conhecer** - aprender a aprender, saber compreender o mundo que o cerca, perceber a si mesmo, ter o prazer de descobrir a verdade, pois esta liberta da ignorância, do medo e da opressão. Aprender a beneficiar-se das oportunidades que a educação oferece ao longo da vida. **Aprender a fazer** – preparar o indivíduo de forma prática para as múltiplas tarefas que a vida lhe exige, na família, na escola, no trabalho, nas relações; desenvolver competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. **Aprender a conviver** – criar laços fraternos e de interdependência, promover a diminuição da violência e da opressão. Amar uns aos outros e aprender a colocar em prática a pacificação ativa de Jesus, que denuncia pacificamente situações desumanas, trazendo esperança, conforto e alívio. **Aprender a ser** - a educação deve contribuir para o

---

<sup>244</sup> SUNG, 2011, p. 177-178.

<sup>245</sup> SINNER, Rudolf von. Teologia Pública: um olhar global. In: CAVALCANTE, Ronaldo; SINNER, Rudolf von; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). *Teologia Pública em debate*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. p. 11-36.

<sup>246</sup> DELORS, Jacques (Coord.). *Educação: um tesouro a descobrir*. Brasília: UNESCO/Faber Castel, 2010. p. 31.

desenvolvimento total da pessoa: espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e sua espiritualidade. Deve estar à altura de agir cada vez com maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal.

A revelação divina não é mais compreendida como um depósito de informações corretas, mas sim como um “processo pedagógico verdadeiro”, um processo que permite o crescimento da humanidade, onde o ser humano aprende a aprender a ser mais humano e a realizar melhor as missões que Deus lhe dá nos dias de hoje, no nosso contexto concreto.<sup>247</sup>

Seguindo esta proposta da UNESCO, é aconselhável estar presente na educação pentecostal estas orientações pedagógicas. Isto para evitar a forma reprodutivista e engessada com que tem sido encarada a educação teológica, preparando líderes pensadores e reflexivos em relação ao ambiente eclesial e social que os cercam. E também preparando-os em relação às complexas questões da vida e em relação às necessidades sociais, espirituais, emocionais, mentais e físicas dos indivíduos.

#### ***2.4.5 Um método que leve em conta a hermenêutica do Espírito***

A teologia pentecostal se faz através da hermenêutica do Espírito, em que o sujeito tem a criatividade, a inteligência e a emotividade aquilatadas pelo mover deste para produzir teologia. Esta proposta da hermenêutica do Espírito é abordada no capítulo 6, onde se propõe uma teologia pneumatológica, no item que discorre sobre o método teológico.

### **2.5 Considerações**

As várias fases do currículo teológico apresentados neste texto demonstram uma evolução, embora tímida, da teologia nas ADs. Em tempos mais recentes alguns avanços significativos têm sido feitos com adaptações dos educandários às exigências do MEC, e com publicação de obras teológicas pentecostais, porém muitas com tendência cessacionistas. Para escapar desta lógica propõe-se um

---

<sup>247</sup> SEGUNDO, 2000, *apud* SUNG, 2011, 180.

currículo mais amplo para dar conta da complexidade do fazer teológico pentecostal. Resta agora entender, no próximo capítulo, quais seriam alguns dos obstáculos institucionais que podem impedir ou atrasar um avanço mais significativo.



### **3 A SUBVERSIVIDADE E A REJEIÇÃO DA TEOLOGIA FORMAL: RELAÇÕES DE PODER E DUALISMO ENTRE ACADEMICISMO E FÉ**

Este capítulo pretende compreender como se dá o fenômeno da reflexão teológica oral presente nas comunidades pentecostais e que valoriza a experiência, a devoção e a oralidade. Isto tem ocorrido, muitas vezes, em detrimento da reflexão teológica escrita presente nos seminários, além das tensões delas decorrentes, bem como determinar convergências e divergências entre ambas. Cabe ainda salientar que o conflito e/ou convergência entre oralidade e escrita está presente na própria Bíblia, que é tradição oral, fixada pela racionalidade escrita no testemunho bíblico.

#### **3.1 O anti-intelectualismo dos movimentos do espírito**

Apesar de muitos avanços, o rompimento com o estilo de pensamento que desprezava a educação acadêmica e, conseqüentemente, a teologia não foi tão simples para os que tentaram fazê-lo, pois existiram e ainda existem pastores que temem que seus jovens se contaminem através dos relacionamentos e aprendizados de um curso superior. Acreditam que “filosofias mundanas” ensinadas nas salas de aula possam desviar os “incautos” jovens do bom caminho. Temem a “lavagem cerebral da cultura” em detrimento da fé que um dia abraçaram.<sup>248</sup>

O apego à teoria de que não é necessário estudar sempre fez parte da maioria dos movimentos pentecostais e também, em alguns casos, dos movimentos avivamentistas que apelavam mais à emotividade. Refere-se aos movimentos, surgidos nos séculos XVIII e XIX, que se apoiaram na ideia, geralmente difundida por seus líderes, que o estudo extinguiria o agir do Espírito.<sup>249</sup>

Dentre as várias influências que o pentecostalismo norte-americano sofreu, tem-se o metodismo, formando uma cultura avivalista no protestantismo dos Estados

---

<sup>248</sup> CARVALHO, Deise Mara de. A fé diplomada. *A Seara*, Rio de Janeiro, CPAD, ano 40, n. 3, p. 38, fev. 1997.

<sup>249</sup> Baseavam-se nas passagens erroneamente interpretadas de “ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, mas o Espírito vivifica” de 2Co 3:6; e ainda em: 1Co 1:19-20; 2:4; 8:1; Mt 11:25; 1Jo 2:27.

Unidos como uma religião do coração, que por outro lado sofreu a influência do avivalismo com forte ênfase emocional. Portanto, nestas construções históricas estão presentes vertentes anti-intelectualistas que reforçarão os movimentos de santidade e contribuirão grandemente para o pentecostalismo.

Estes movimentos avivamentistas influenciaram o pensamento pentecostal sobre a não importância dos estudos e levaram a um anti-intelectualismo.<sup>250</sup> Eles diziam que: a revelação acontecia de modo experiencial das Escrituras e não haveria revelação por outro modo.<sup>251</sup> Ou ainda, as grandes obras espirituais estavam acontecendo nas pessoas e por meio de pessoas sem instrução; a atividade médica seria carnal; os livros e sermões escritos deviam ser condenados ao fogo do juízo; a teologia e os credos eram inimigos do reavivamento; a interpretação das Escrituras era uma obra exclusivamente do Espírito; o uso de instrumentos musicais foi desestimulado, pois o Espírito Santo tocava piano em todos os corações. Quando os instrumentos eram utilizados se afirmava que a música não vinha do homem, mas que era dada sobrenaturalmente pelo Espírito. A maior parte dos líderes do início do movimento pentecostal consideravam as igrejas não pentecostais como inimigas de Deus e anticristãs.

Ao se preparar a mente apenas com dados simples, a doutrinação não somente falha em aprimorar a intelectualidade da pessoa, mas acaba por cegar os limites do intelecto, fazendo uma lavagem cerebral nesses assuntos e levando à crença de que a mente, de fato, foi aguçada! Portanto, embora [...] escolas tenham sido estabelecidas [no] pentecostalismo, a maioria delas não treinou seus estudantes a ler amplamente, a pensar de forma crítica e a defender a sua fé.<sup>252</sup>

Ideias contrárias à educação têm sua razão de existirem quando o estudo teológico é direcionado a desvalorizar o sentido da experiência da conversão pentecostal, que enfatiza a ruptura com a religiosidade anterior. Isto é uma experiência traumática, no sentido de abandonar determinadas práticas, mas que, por outro lado, é extremamente agradável, pois permite ao converso experiências de enlevo, bem-estar, gratidão e abandono de culpas e emoções negativas. Deve-se levar em conta que a maioria dos adeptos do pentecostalismo se convertem a partir

---

<sup>250</sup> Predisposição contra o uso organizado, reflexivo, ponderado e diligente do intelecto.

<sup>251</sup> GERMANO, Altair. *Os antecedentes históricos da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil de 1517 a 1979*. Disponível em: <<http://www.altairgermano.net/>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

<sup>252</sup> NAÑEZ, 2007, p. 115.

de suas necessidades físicas, materiais, emocionais, sentimentais e familiares, sendo elas a fonte motivadora de encontro com o sagrado, já que este seria o poder, o sobrenatural, o solucionador e o provedor destas necessidades. Além disso, segundo o pentecostalismo, a experiência do batismo no Espírito Santo é fundamental na concretização e continuidade desta experiência de conversão inicial. Portanto, cargas emotivas e experienciais de conversão empurram para um segundo plano a racionalidade, conseqüentemente, o estudo e a teologia. Bobsin afirma, parafraseando Peter Berger “o banho ortodoxo e iluminista do protestantismo erudito fez com que as três dimensões fortes do sagrado – mistério, milagre e magia – fossem expulsas de seu meio e incorporadas pelo pentecostalismo.”<sup>253</sup>

Com todos estes receios expostos, ainda que algumas vezes subjetivos e disfarçados com outros argumentos, é que durante muitos anos a liderança das Assembleias de Deus foi contrária ao aprofundamento nos estudos,<sup>254</sup> especialmente o estudo teológico. Dizer que a escolarização não é importante ou desnecessária pode gerar uma tranquilidade para pessoas que não a completaram de forma adequada, assim, culpando a educação teológica podem escapar da necessidade árdua e extenuante de estudar. Demorou 48 anos desde a fundação da igreja até que, a contragosto de muitos líderes, fosse aberto o primeiro Instituto Bíblico.

A ideia negativa em relação aos estudos tem dado margem para que os pentecostais sejam acusados de forma pejorativa, conforme ampla pesquisa efetuada por Nañez.<sup>255</sup> Nañez elenca alguns destes perigos da resistência ao estudo teológico: enfatizar a experiência ao invés do conhecimento das escrituras cai no perigo do subjetivismo, permite a livre interpretação do texto bíblico, gerando novidades doutrinárias, criatividade questionável no levantamento de dinheiro e

---

<sup>253</sup> BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI/PPL/IEPG, 2002. p. 70. “Com variações apenas de estilo, as práticas populares devolvem os três ao mundo da religião.” BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 142.

<sup>254</sup> Rubem Alves consegue sintetizar parte do pensamento pentecostal quando diz: “Cuidado com a academia! Ela é fatal para a leviandade do pensamento.” *Apud*: REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 141. Entretanto é preciso salientar também que em muitos casos o que se revela é certa preguiça intelectual diante dos desafios de horas de estudos e certa inveja contra quem demonstra conhecimento teológico mais refinado.

<sup>255</sup> NAÑEZ, 2007, p. 9, 96, 98-99, 165. O autor cita vários autores acadêmicos que foram pesquisados, conforme ampla lista em notas de rodapé com aproximadamente 22 nomes diferentes. Esta relação contém também acréscimos do autor do presente texto.

técnicas de persuasão psicológica na busca de adeptos; fazer pouco esforço para produzir literatura teológica especializada; rejeitar a análise intelectual da experiência religiosa pentecostal, com receio de esvaziar a mesma; ter um distanciamento quando o assunto é formação intelectual; falta uma boa exegese e hermenêutica no preparo de sermões e aulas; abordar assuntos bíblicos profundos de forma simplista e alegórica;<sup>256</sup> desenvolver doutrinas e práticas supostamente bíblicas, de interpretação duvidosa; criar doutrinas fragmentadas e isoladas de declarações proféticas sem levar em conta o contexto; desenvolver uma escatologia escapista e alienante; abusar dos dons espirituais; gerar uma intelectualidade retrógrada; ter sentimentalismo extremado; interessar-se pouco pelas artes e ciências; desprezar a educação.

Todas estas afirmações poderiam apontar para uma possível valorização da não racionalidade presente no pentecostalismo.<sup>257</sup> Conforme salienta Brito, existe uma transversalidade entre racionalidade do texto e a crença religiosa oral. “A oposição entre religião universal letrada e religião local oral parece falsa, porque religiões letradas também se expandem por transmissão oral, e tradições locais podem ser fixadas por escrito.”<sup>258</sup> Ou seja, a polarização e a categorização absolutas são impossíveis de se fazer, pois o anti-intelectualismo pode também ser letrado e racional, como também na academia “o coração pode ter razões que a razão desconhece”, como dizia Pascal. Embora o pentecostalismo tenha dado ênfase à emoção, os jornais e revistas que desde o início estiveram presentes atestam a transversalidade da entre razão e da emoção.

A crença no “absurdo”, o triunfo, que já aparece nas prédicas de Jesus, sobre o fato de serem as crianças e os ignorantes, e não os cientes, aqueles que recebem de deus este carisma da fé, indica a tensão enorme entre esse tipo de religiosidade e o intelectualismo, apesar de que ela, ao

---

<sup>256</sup> Alegoria é uma figura de linguagem que pode ser utilizada na pregação, cujo sentido extrapola a simples literalidade do texto bíblico, produzindo vários sentidos para além daquilo que o autor quis dizer.

<sup>257</sup> Poderia se apontar ainda para a racionalidade da irracionalidade, pois ao arrazoar assim contra a intelectualidade está-se raciocinando.

<sup>258</sup> O autor critica o estereótipo de religião racional/irracional como letrado/oral criado por Max Weber e defendido por Clifford Geertz. Mas o próprio Weber admite que os tipos ideais, criados por ele, não existem de forma completa. BRITO, Ênio José da Costa. Tradições religiosas entre a oralidade e o conhecimento do letramento. In: PASSOS, Joao Décio; USARSK, Frank. (Orgs.). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013. p. 492.

mesmo tempo, procurar empregar este, continuamente, para seus próprios fins.<sup>259</sup>

O resultado do anti-intelectualismo, entretanto, ainda hoje se vê presente em alguns segmentos deste movimento; no desequilíbrio entre emoção e razão. Isto acaba por fazer prevalecer a emoção, como se esta fosse mais importante que o pensamento racional da reflexão escrita. Normalmente quando alguém se converte ao pentecostalismo a experiência vivida é tão marcante que naturalmente se esvazia a questão racional, como se esta fosse enganosa (quase diabólica). Por este motivo se percebe em algumas pregações, críticas a qualquer atividade mental ou teológica, o receio de que esta anule a experiência de fé. Num relato de conversão alguém disse que “os perdidos [...] depositavam seus pecados aos pés do altar, junto com o intelecto”.<sup>260</sup> Ou ainda: “A desconfiança que recai sobre o ensino formal da Teologia se dá pela sua relação intrínseca com uma postura que enfatiza a racionalidade humana, em contraposição a um forte apelo ao misticismo e às emoções”.<sup>261</sup>

Obviamente que não é somente o pentecostalismo que é anti-intelectual, pois as demais expressões protestantes também o são em certo sentido, levando-se em conta a mentalidade patriarcal rural que imperava no Brasil nesta época e o fundamentalismo religioso que por aqui já dava seus primeiros sinais. Portanto, além das raízes suecas e das próprias do pentecostalismo, temos este *ethos* brasileiro que também influencia esta postura.

Um dos motivos pelos quais o anti-intelectualismo assembleiano se opõe ao ensino teológico formal racional é o questionamento da arrogância do racionalismo.<sup>262</sup> Para corroborar esta ideia, a revista *A Seara* de 1995 publicou uma matéria de título: *Alemanha, um fracasso espiritual*. Nesta matéria, a revista entende

<sup>259</sup> WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB; São Paulo: IOESP, 1999. p. 380.

<sup>260</sup> NAÑEZ, 2007, p.162.

<sup>261</sup> GOMES, 2013, p. 32. Gomes cita as designações que alguns autores dão ao binômio: “emocionalidade e racionalidade (Campos, 2002); coração e mente (Nañez, 2007); zelo e entendimento (Matos, 2005); espiritualismo e racionalismo (Gonzalez, 1984).”

<sup>262</sup> Esta arrogância pode ter duas origens: uma no racionalismo como corrente filosófica surgido no século XVIII e outra, decorrente desta, de que a razão foi a única faculdade humana não afetada pela queda. Desta forma a teologia, para se firmar como ciência, se racionalizou de maneira exacerbada, excluindo de seu arcabouço as questões do Espírito e a experiência.

que a “Igreja Protestante tem sido um sustentáculo dos liberais, neo-ortodoxos e outras teologias não bíblicas há décadas.”<sup>263</sup>

A teologia racional pode não ser o problema, mas a teologia cria um problema ao racionalizar algo que não poderá ser racionalizado.<sup>264</sup> Isto porque não se pode atribuir “à razão humana a função de tribunal de última instância quanto à legitimação científica do saber objetivo.”<sup>265</sup> Flickinger argumenta ainda que, se a razão adquiriu toda esta sobrecarga de responsabilidade, ultrapassando seus próprios limites, é porque ela teve origem na própria teologia ao querer se afastar desta. Quando a ciência tenta preencher o espaço deixado pela teologia na rejeição à esta, reforça sua raiz teológica, na medida em que a ciência se fundamenta exclusivamente na razão humana. “A confiança irrestrita na capacidade da razão [...] evidenciaria apenas as determinações teológicas nela encobertas”.<sup>266</sup>

### 3.2 Falta de prioridade à educação teológica

Nas Assembleias de Deus, em função da influência sueca com sua ênfase nas semanas bíblicas negou-se a necessidade de formação teológica acadêmica. As igrejas assembleianas assimilaram esta maneira de construir sua teologia, o que fez com que o ensino formal e sistemático fosse sendo relegado, criticado e desprezado. Isto ocorreu por um longo tempo até que finalmente começasse a ser aceito. Embora hoje já se tenha outra visão sobre o assunto e se aceite o estudo teológico parcialmente, esta rejeição histórica acabou legando grandes preconceitos ainda hoje operantes de forma subjetiva contra a educação teológica.<sup>267</sup>

<sup>263</sup> ALEMANHA, UM FRACASSO espiritual. *A Seara*, Rio de Janeiro, Ano 38, n. 332, p. [?], Maio/Jun. 1995.

<sup>264</sup> “É preciso redescobrir o núcleo central da religião. Pois a ênfase intelectualista em ressaltar as características conceituais na ideia de Deus obscureceu o seu núcleo não-racional.” BIRCK, Bruno Odélio. *O sagrado e Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 26.

<sup>265</sup> FLICKINGER, Hans-Georg. O lugar do novo paradigma no contexto da teoria moderna do conhecimento. In: FLICKINGER, Hans-Georg; NEUSER, Wolfgang. *A teoria de auto-organização: as raízes da interpretação construtiva do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 28.

<sup>266</sup> FLICKINGER; NEUSER, 1994, p. 30.

<sup>267</sup> Em uma consulta continental na área da teologia feita em fevereiro de 2.000 em Nairobi, Kenia, constatou-se que as instituições teológicas e as igrejas locais “não estão trabalhando no sentido de auxiliarem-se mutuamente.” Existem até mesmo atitudes de confrontação, pois algumas igrejas alegam que aquilo que é oferecido pelas escolas teológicas não serve para elas, por outro lado as escolas teológicas alegam que as igrejas não querem ser parceiras. KOHL, Manfred Waldemar. *Educação teológica: o que necessita ser mudado*. In: KOHL, 2006, p. 90-91.

Ainda hoje a educação não é prioridade na formação de líderes, ou seja, mesmo quando começou a se falar em formação teológica formal a instituição perdeu a grande oportunidade de traçar um projeto educacional amplo, permitindo apenas iniciativas locais. Embora tivesse entendido que a formação educacional da liderança como positiva, não conseguiu grandes avanços no sentido de inserir-se socialmente e eclesiologicamente a tal ponto de causar influência nacional. Iniciativa excludente desta perspectiva foi a criação do IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus em Pindamonhangaba, discutido em capítulo anterior, que formou líderes importantes no cenário nacional, quando as ADs ainda tinham dimensões menores. Ainda assim, não deu conta da imensa demanda que a igreja impunha. As iniciativas educacionais hoje são localizadas e regionalizadas sem uma unidade nacional.<sup>268</sup> Corroborando com esta afirmação o pastor Antonio Gilberto, a maior referência teológica das Assembleias de Deus no Brasil e atuando como consultor doutrinário e teológico da CPAD, em recente entrevista disse:

Eu viajo bastante e vejo isso em toda parte: a falta da disposição em apoiar os ensinadores. As igrejas não apoiam, as convenções não apoiam, os empresários cristãos não patrocinam. E quem vai pagar a conta? Estudar custa caro, muito caro. Resultado disso: temos talentos maravilhosos por aí que são desperdiçados. Eu mesmo recebo um volume enorme de escritos, pela misericórdia de Deus, na Casa Publicadora onde atuo como consultor doutrinário e teológico, e até do exterior, mas não há patrocínio da igreja pentecostal no Brasil a esses talentos. E outra causa: o desestímulo. Muitos jovens e até velhos recebem o chamado divino para o ensino e a gente nota a falta de estímulo. Muitos nas igrejas dizem aos ensinadores que larguem tal tarefa. E dizem: vamos buscar a Deus e deixemos isso pra lá, etc. Eu já vi casos até de pessoas chamadas ao ensino totalmente reclusas em suas igrejas. E aí vemos como a nossa igreja sofre nessa área.<sup>269</sup>

Quando surgiu a necessidade da educação teológica criou-se o Conselho de Educação e Cultura Ensino sobre Assuntos Religiosos no ano de 1971.<sup>270</sup> Este tinha diretrizes nacionais (diga-se da CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) de controle, mas sem poder de fiscalização, apenas atua com função sugestiva e agregadora das instituições que se filiam a ela. O número de

<sup>268</sup> Sobre a fragmentação das ADs consulte: ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus: 1911-2011*. Rio de Janeiro: Diálogos, 2013. CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: ministérios, carismas e exercício de poder*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

<sup>269</sup> GILBERTO, Antonio. *Erudição e piedade: uma entrevista com o pastor Antonio Gilberto*. Entrevista concedida a Gutierrez Fernandes Siqueira em 17 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.teologiapentecostal.com/2015/03/erudicao-e-piedade-uma-entrevista-com-o.html?spref=fb>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

<sup>270</sup> Inicialmente se chamava Conselho de Educação e Ensino sobre Assuntos Religiosos.

filiados é reduzido em relação a todas as escolas teológicas que as ADs possuem. O que se vê são iniciativas autônomas de igrejas locais que na verdade, em sua maioria, reproduzem o discurso de seu líder local ou quando muito, utilizam-se de teologias ortodoxas, que suprimem um dos grandes legados da teologia pentecostal: o movimento livre do Espírito Santo.

Estas constatações demonstram um movimento bastante lento no crescimento da valorização da teologia. Apontam para o fato de que as iniciativas são ineficientes para a formação teológica. Salientam resquícios de anti-intelectualismo e medo da teologia, especialmente no empoderamento que a educação produz.

A teologia entrou pela porta dos fundos nas ADs e aos poucos foi adquirindo sua respeitabilidade em algumas esferas desta igreja. Contudo, veladamente permanecem intactos os postulados de rejeição à formação teológica de seus líderes iniciais. Nas entranhas da instituição permanecem as ideologias contrárias à formação teológica, como prova disto tem-se os constantes discursos ouvidos nas pregações que discriminam o estudo teológico.<sup>271</sup>

Os seminários são espaços incômodos em todas as organizações religiosas, e tolerados somente porque podem, se devidamente controlados, reproduzir ou então aceitar apenas mudanças secundárias e inconsequentes no conjunto dos valores simbólicos do campo religioso.<sup>272</sup>

Trata-se a teologia como uma inimiga do progresso da igreja e da manifestação de dons. Já se ouviu muitas vezes falar, da parte de alguns importantes líderes, que os problemas que as ADs atravessam hoje são oriundos da teologia. Não seriam oriundos da falta dela? Constata-se em muitos lugares que a prioridade para a consagração ao ministério pastoral não é o conhecimento teológico, mas sim a capacidade do novo pastor em atrair pessoas, construir e reformar igrejas. Embora haja em algumas convenções, tanto nacional quanto

---

<sup>271</sup> Apenas como um exemplo, em pregação proferida na cidade de Joinville (SC) o Pr. Moshe Stein, no meio da pregação em que afirmava a possibilidade de milagres, virou-se para um professor de teologia presente e disse: “é muito difícil na teologia, não é?”. STEIN, Moshe. *Além do que ousamos pedir*. Joinville, Assembleia de Deus, 03 mai. 2014. 24min15seg.

<sup>272</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. O estudante de teologia candidato a pastor. São Paulo: Aste, 2003. p. 14. In: GOMES, José Ozean. *Educação teológica no pentecostalismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 164.

estadual e local, normas que exigem<sup>273</sup> no mínimo, um curso básico em teologia por parte do candidato, estas são algumas vezes desprezadas tendo em vista outras habilidades.<sup>274</sup> Neste sentido ainda se percebe que, quando um jovem provém de uma instituição teológica de cunho mais acadêmico, isso suscita certa desconfiança por parte da liderança local, desvalorizando o indivíduo que tem formação teológica mais avançada em relação ao seu líder.

### 3.3 Aceitação velada da teologia

A maioria das escolas de formação existentes reafirmam as teologias importadas dos Estados Unidos da América no início do século XX. Igreja que não faz teologia, copia, mimetiza, fica dependente e empobrece teologicamente.<sup>275</sup> Quando há novas assimilações teológicas estas retratam uma decadência em direção ao neopentecostalismo. Não se fez escola teológica no Brasil, fizeram-se cursos bíblico/devocionais que retratam aquilo que a liderança entendia como teologia. Colocaram-se ferramentas prontas nas mãos dos novos líderes ao invés de instrumentos que ensinassem a refletir, capazes de fazer frente às novas demandas da igreja e da sociedade.

Para corroborar com esta afirmação a mesa diretora da CGADB impôs um calendário das Escolas Bíblicas de Obreiros a serem realizadas nas cinco regiões do Brasil, que acontecem de setembro de 2014 a novembro de 2015.<sup>276</sup> Este método educacional é de caráter informativo e não formativo, e perpetua o modelo sueco de Escolas Bíblicas de caráter devocional e não reflexivo. Seria uma forma subjetiva de substituir os Institutos Bíblicos ou uma iniciativa para dar uma formação mínima aos obreiros? Se bem que na prática estas Escolas Bíblicas são frequentadas por

---

<sup>273</sup> Em pesquisa elaborada por Gomes este constatou que apenas 25% das convenções, das que disponibilizaram seus estatutos, não fazem exigência a formação teológica de seus obreiros e pastores. GOMES, 2013, p. 174.

<sup>274</sup> Curso básico em teologia consiste, na maior parte das vezes, de um curso modular composto de 24 disciplinas, estudadas uma vez por semana na igreja local, ou ainda, pode ser feito por correspondência e o estudante envia as provas ao final de cada livro texto para a instituição teológica que oferece o curso. Os livros textos reproduzem uma teologia bíblico/devocional, em sua maioria.

<sup>275</sup> PADILHA, C. René. *Missão Integral*. São Paulo: FTL, 1992. p. 46.

<sup>276</sup> CGADB. *Escola Bíblica de Obreiros – 2014/2015*. Disponível em: <[http://cgadb.org.br/home5a/index.php?option=com\\_content&view=article&id=233:escolas-biblicas-de-obreiros-20142015&catid=23:conselhos&Itemid=134](http://cgadb.org.br/home5a/index.php?option=com_content&view=article&id=233:escolas-biblicas-de-obreiros-20142015&catid=23:conselhos&Itemid=134)>. Acesso em: 27 set. 2014.

pastores presidentes destas regiões, que têm mais condições financeiras de se locomover e hospedar.

O 1º Simpósio Nacional sobre o Ensino Teológico foi realizado na cidade de Pindamonhangaba (SP) nos dias 16 a 19/07/1986 e contou com a presença de 160 (cento e sessenta) pessoas entre diretores, professores e demais interessados. Nos dias 19 a 21/03/2010 foi realizada a 1ª Conferência de Educação Teológica da Assembleia de Deus no Brasil, na cidade de Santos (SP), com apenas 100 (cem) participantes, e nos dias 26 a 28/08/2010 foi realizado o 1º Seminário de Reflexão Teológica do Movimento Pentecostal, na cidade de Campinas (SP).

A constatação do pouco interesse poderia indicar que existe veladamente uma sabotagem da teologia por parte da instituição. Certamente não por culpa completa dos líderes atuais, mas pelos motivos históricos já anteriormente discutidos, que permanecem no cerne das ADs, impedindo maiores investidas na educação teológica. A CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus, maior editora evangélica da América Latina, produz poucas obras teológicas de teólogos brasileiros,<sup>277</sup> a grande maioria, quando pentecostais, são de teólogos norte-americanos ou oriundas do protestantismo histórico, cujos problemas teológicos serão tratados em outro capítulo.

### **3.4 O motivo (i)lógico para a rejeição da teologia acadêmica**

É inegável a contribuição que a filosofia grega e a teologia europeia racionalista, cartesiana e organizada tiveram para a compreensão da fé e para a construção do edifício teológico bíblico e sistemático atual. Entretanto, outros escritos já revelaram que este estilo acadêmico acaba, algumas vezes, se afastando

---

<sup>277</sup> Na revista Lições Bíblicas da Escola Bíblica Dominical do 3º trimestre de 2014, das cinco obras teológicas divulgadas nas capas e no encarte, apenas uma é de autoria brasileira e assembleiana. Os autores estrangeiros são: Matthew Henry, Norman Geisler, Louis Berkhof e os autores do Comentário Bíblico Beacon que são: Ross E. Price, C. Paul Gray, J. Kenneth Grider e Roy E. Swim. A obra de autoria brasileira é de Alexandre Coelho e Silas Daniel, Fé & Obras que é um auxílio bibliográfico ao próprio tema da lição do trimestre. Outro exemplo é a lista de Best-seller's da CPAD divulgada no Mensageiro da Paz. Das dez obras teológicas mais vendidas no mês de dezembro de 2014 apenas uma é de autor pentecostal brasileiro, as demais são de autores estrangeiros, na maioria deles não pentecostais. DANIEL, Silas (ed.) Best Seller: dezembro 2015. *Mensageiro da Paz*, Ano 85, n. 1.556, p. 26, Jan. 2015.

dos anseios comunitários por não dar respostas concretas aos problemas da vida.<sup>278</sup> Neste sentido as teologias feitas abaixo da linha do Equador são mais humanizadas e conseguem se inserir neste contexto. Sabine Dievenkorn salienta que as igrejas da Europa, cujas lideranças têm formação teológica densa, estão se esvaziando, enquanto as igrejas da América Latina, cujos líderes são mais avivamentistas, estão cada vez mais cheias e têm sido alvo de críticas das igrejas europeias ilustradas.<sup>279</sup>

A teologia baseada no academicismo racional encontra dificuldade de se inserir na dinâmica diária das pessoas simples, porque depara-se com problemas sociais e econômicos, seu arrazoado teológico não faz sentido, sua prédica é enfadonha, seus pressupostos não encontram lugar apropriado e faz perguntas que não precisam mais ser respondidas.<sup>280</sup> Vitor Westhelle chama este afastamento da teologia de seu propósito primordial de “princípio európtico”.<sup>281</sup> Westhelle critica a formatação europeia de fazer ciência, e neste caso a teologia.

O que não pode ser classificado, ordenado geneticamente e por fim colocado em uma matriz de cálculo está fora da cena no sentido mais estrito do termo. O contrário então também vale: o que quer que exista, para existir precisa ajustar-se aos padrões aceitos e reconhecidos pelos quais possa ser classificado, ordenado e calculado. O que não é reconhecido nesta prática não faz parte do quadro, é o obscuro, o irracional.<sup>282</sup>

A teologia é uma ciência, mas não se “enquadra em alguns aspectos da definição de ciência, porque esta é definida pela própria ciência.”<sup>283</sup> O problema da teologia é que ao querer recuperar seu lugar junto às ciências teve que se dobrar ao

<sup>278</sup> MARASCHIN, Jaci C. Novas estruturas para a educação teológica. *Revista Teológica da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos*. São Paulo, Ano III, n. 5, p. 3-9, jun. 1970.

<sup>279</sup> DIEVENKORN, Sabine. *La noticia del evangelio como traducción intercultural: una teología sin imperativos em pos de um cristianismo inclusivo y de(s)colonial*. Concepción (Chile): CEEP, 2013. p. 241.

<sup>280</sup> Bourdieu sustenta que os leigos são os produtores de bens religiosos em estado bruto, que depois são trabalhados pelos especialistas e devolvidos ao povo de forma irreconhecível.

<sup>281</sup> WESTHELLE, Vítor. Outros saberes: teologia e ciência na modernidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 3, n. 35, p. 262, 1995. O autor se refere às teologias criadas na Europa e que podem influenciar negativamente o fazer teológico na América Latina. Ele afirma ainda que este “é o modo de produção de não existência mais poderoso.” Aquilo que eles, os poderosos, não legitimam ou reconhecem é declarado inexistente. “A não existência assume, aqui, a forma de ignorância ou de incultura.” SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 180.

<sup>282</sup> WESTHELLE, Vítor. Outros saberes: teologia e ciência na modernidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 3, n. 35, p. 262, 1995.

<sup>283</sup> REBLIN, 2009, p. 64.

cartesianismo, cientificismo e racionalismo<sup>284</sup>, perdendo, num certo sentido, sua essência. De algum modo, afastou-se de seu objeto de estudo, de sua humanidade e da capacidade empática.

O processo racional que liga a liberdade humana a seu objeto último e transcendente de preocupação extrapola esse processo de argumentação objetiva. O movimento em direção à fé inclui toda gama de outros dinamismos e respostas subjetivos que, por esse motivo, são parte da própria fé: no contexto da razão, mas além e acima daquilo que se denomina razão “pura”, a fé inclui abertura moral, preferência, tendência, temperamento, gosto, pressuposições latentes, expectativas conscientes e antecedentes de probabilidades, esperanças, desejos afetivos, reações emocionais, apreciação de valores, exposição a certas experiências, pessoas e eventos. Ao tipo de raciocínio que a fé envolve Newman chama de raciocínio implícito, como distinto do raciocínio formal e explícito. Em virtude desse caráter autotranscendente da razão, manifesto na dinâmica da fé, pode-se dizer que a fé tem uma dimensão de validade autônoma que vai além de qualquer exercício explícito de raciocínio objetivo. O raciocínio implícito envolvido na inferência da fé aduz razões ao objeto de fé, mas essas razões transcendem o poder da razão “pura”. A fé tem suas razões, que a razão crítica pode não ser capaz de suprir.<sup>285</sup>

Os colonizadores da América Latina implantaram em suas colônias suas próprias teologias, tanto o catolicismo quanto o protestantismo de imigração e de missão.<sup>286</sup> Eles trouxeram consigo suas teologias, mesmo fora de contexto original, que tiveram de ser aceitas pelos nativos, já que a teologia local não era elaborada academicamente, tendo a cultura local de se adaptar à nova religiosidade e a todo seu arcabouço teológico europeu. Sobreviveu quem era mais cartesiano, e, portanto, em condições de impor sua religiosidade à força, pois “ela está de fato e genuinamente vinculada ao poder”.<sup>287</sup> Além disso, toda teologia que não for alinhada com a racionalidade não é considerada teologia. É justamente o equilíbrio entre devoção e racionalismo que permite que a teologia seja encantadora, pois o racionalismo exacerbado tira-lhe a “vida” e a emoção exagerada tira-lhe a coerência.

<sup>284</sup> “Suas técnicas são construídas segundo a lógica ocidental, podendo-se perguntar se esta seria realmente adequada para captar as manifestações de uma lógica diferente, cujos princípios de base são divergentes dos seus.” QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Rumos do pensamento etnológico na França: a atualidade de Maurice Leenhardt. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, p. 82, mar. 1987.

<sup>285</sup> HAIGHT, Roger. *Dinâmica da Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 59-60.

<sup>286</sup> A América Latina tem este nome oriundo do idioma falado pelo colonizador, num completo desprezo a qualquer cultura, teologia, razão, lógica ou construção intelectual nativa.

<sup>287</sup> WESTHELLE, Vítor. Desabusando o deus das lacunas. In: SCHAPER, Valério Guilherme et al. (Orgs.). *Deuses e ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012. p. 24.

Assim, não é “possível prender” Deus nas amarras linguísticas que o ser humano cria para se comunicar, para sobreviver, para dar sentido à sua existência”.<sup>288</sup>

Rubem Alves, de forma poética, conta a estória do galo para exemplificar esta dificuldade com a qual a teologia se depara:

\_\_ Vou cantar para fazer o sol nascer...

E se empoleirava no alto do telhado, olhava para o horizonte, e ordenava, categórico:

\_\_ Co-co-ri-co-có...

Dali a pouco a bola vermelha mostrava o seu primeiro pedaço e o galo comentava, confiante:

\_\_ Eu não disse?...

E os bichos ficavam boquiabertos e respeitosos ante poder tão extraordinário conferido ao galo: cantar pra fazer o sol nascer. E nem havia sombra alguma de dúvida, porque tinha sido sempre assim, com o galo-pai, com o galo-avô...

Aconteceu, entretanto, que o galo certo dia perdeu a hora, e quando ele acordou o sol já estava lá, brilhando no meio do céu...

Há teólogos que se parecem com o galo.

Acham que, se não cantarem direito, o sol não nasce: como se Deus fosse afetado por suas palavras. E até estabelecem inquisições para perseguir galos de canto diferente e condenam outros a fechar o bico, sob pena de excomunhões. Claro que fazem isto por se levarem muito a sério e por pensarem que Deus muda de ideia ou muda de ser ao sabor das coisas que nós pensamos e dizemos. [Isto é] máxima loucura, delírio maníaco.

[...] O sol nasce sempre, do mesmo jeito; com galo ou sem galo.

Assim, o galo pode dormir à noite, sem a angústia de ter de acordar na hora certa. [...] O que sem dúvida, diminui seu senso de importância, mas tem a compensação do sono tranquilo.<sup>289</sup>

Este problema com a teologia poderia ser um dos motivos inconscientes, mas históricos, pelo qual o pentecostalismo tem tido dificuldades para lidar com as teologias mais acadêmicas e até mesmo as rejeitado durante muito tempo. O pentecostalismo inicial rejeitou os estudos teológicos mais aprofundados, mantendo-se de forma rasa nos pressupostos que não comprometem a experiência com o Espírito Santo. Sabe-se que existem outros motivos também envolvidos, como lutas de poder e anti-intelectualismo, mas este posicionamento do pentecostalismo pode ser uma desforra para com uma teologia acadêmica fria e alienante da vida cotidiana. Ao aceitar esta teologia perderia sua emotividade e espiritualidade, a

<sup>288</sup> REBLIN, 2009, p. 75.

<sup>289</sup> ALVES, Rubem. *Por uma teologia da libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 17s.

capacidade de dar conforto aos que não tiveram acesso aos estudos formais e poderia aniquilar a riqueza presente na experiência com o Espírito Santo. A “teologia se torna uma desilusão, ou seja, ela provoca um sentimento de decepção devido à sedimentação e ao aprisionamento das experiências religiosas e à abstenção da liberdade do indivíduo”.<sup>290</sup>

No momento atual, cada vez mais parece o Ocidente só conseguir valorizar de fato seu próprio sistema lógico, não compreendendo senão a ele, não admitindo alternativas legítimas. Noutras palavras, a tendência seria para a hegemonia do pensamento racional, impondo-se por toda a parte e em todos os setores, em prejuízo do pensamento mítico, relegando para o purgatório do que é ineficaz e supérfluo. Já em seu tempo, havia Maurice Leenhardt chamado a atenção para o perigo da predominância excessiva quer de um pensamento quase exclusivamente dominado pelo mito, quer de um pensamento quase exclusivamente racional; num ou noutro caso, seriam sistemas de pensamento desequilibrados e aberrantes. Pois se uma sociedade “desse total prioridade ao conhecimento primordialmente racional, teria como objetivo a instalação de uma ordem tecnicamente perfeita (...) e levaria sua construção lógica às últimas consequências, até a náusea, até a morte. Haverá algo de mais lógico do que a guerra dita total?”<sup>291</sup>

Neste sentido, o pentecostalismo, ao dar menos importância à teologia acadêmica e à razão, fez a tentativa de deixar que a teologia exerça uma de suas funções: aproximar o homem de Deus e Deus das demandas da vida, além de procurar entender como relacionar-se com Ele; no entanto acabou provocando um desequilíbrio. Pode ser que Samuel Nyström e todos os demais pastores suecos e muitos outros brasileiros estivessem querendo dizer exatamente isto quando se opunham à criação de Institutos Bíblicos nas ADs do Brasil. Quem sabe apenas se anteciparam a Rubem Alves, que afirma que se demitiu da teologia por causa de suas verdades prontas e enrijecidas, que não se preocupam com a realidade atual. Evidentemente, os pioneiros também criaram sua própria teologia ao seu estilo, se contrapondo à teologia tradicional, como escreve Reblin:

Talvez, pelo fato de perder espaço, a teologia “oficial” tente se reafirmar como a única detentora do “saber correto” e do “caminho correto” para encontrar Deus, subjugando, assim, outros saberes, uniformizando experiências e generalizando a própria imagem *elaborada* de Deus. Em outras palavras, teólogos estudam e estudam e acham que, com as técnicas, eles podem resolver tudo o que a teologia se propõe a fazer ou

---

<sup>290</sup> REBLIN, 2009, p. 54.

<sup>291</sup> LEENHARDT, Gallimard, 1947, *apud*: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Rumos do pensamento etnológico na França: a atualidade de Maurice Leenhardt. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, p. 84, mar. 1987.

tudo o que ela implica em ser feito; o que, em grande medida, faz parte das heranças que a história destinou a própria teologia: o racionalismo.<sup>292</sup>

Numa forma de atualizar este conceito antigo em relação à formação teológica, e também para se perceber como ainda está presente na filosofia dos principais líderes, cita-se abaixo uma recente entrevista dada ao Mensageiro da Paz pelo Pr. Sebastião Rodrigues de Souza, um proeminente líder das ADs. Souza é presidente da Convenção de Ministros das Assembleias de Deus no Estado do Mato Grosso (COMADEMAT). Ele afirma:

Oriento [os obreiros] que não tenham diploma de Teologia como se fosse tudo na vida. Sempre incentivo a eles a não pararem no diploma, mas a continuarem lendo a Bíblia, estudando-a e buscando a Deus, até que tenham condições de serem realmente bons obreiros. Eclesiastes 10.10 diz: “Se estiver embotado o ferro, e não se afiar o corte, então se deve pôr mais forças.” O conhecimento teológico é uma excelente ferramenta, *mas* ela deve ser afiada através da oração. As mensagens devem ser buscadas no joelho e com a boca no pó. *A Teologia é só um auxílio.*<sup>293</sup>

Percebe-se que, embutidas nestas palavras, há a preocupação com a experiência, sendo este o fato mais importante da religiosidade pentecostal.<sup>294</sup> Ao mesmo tempo, esta preocupação minimiza a formação teológica. Corroborando com a afirmação de Gunar Berg:

É um alerta a todos os estudantes de Teologia, para que não se percam na grande jornada teológica, para que não se desviem no caminho que se estende da mente ao coração. A finalidade da formação teológica não é o saber pelo saber, mas o saber sobre Deus, para servir a Deus e ao povo de Deus. Precisamos nos render a isto: a educação teológica é a obra do Espírito Santo. A educação geral exige um desempenho eficiente de tarefas, mas a educação teológica vai além e exige um desempenho do espírito.<sup>295</sup>

Num vestibular para ingresso no curso de Teologia da Faculdade Refidim em Joinville (SC), um candidato, indignado com um pequeno texto teológico que foi proposto aos candidatos para, a partir dele, fazerem suas redações se recusou a fazê-la. Alegou, em tom profético:

<sup>292</sup> REBLIN, 2009, p. 76.

<sup>293</sup> SOUZA, Sebastião Rodrigues. Estamos trabalhando por coisas eternas, afirma líder da AD no Mato Grosso. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano 85, n. 1.555, p. 11, Dez. 2014. Grifos do autor.

<sup>294</sup> Outras teologias também falaram desta dimensão como: Teologia da Libertação, Martinho Lutero, Karl Barth, Friedrich Schleiermacher, etc.

<sup>295</sup> BERG, Gunar. Refletindo a formação teológica. Caderno Teológico, *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano 85, n. 1.555, p. 01, Dez. 2014.

Até agora não estou conseguindo entender a razão destes textos na prova. Mas tenho que respeitar, pois são uma autoridade. Tenho muita coisa para falar (ou escrever). É que eu não vejo a Bíblia precisando de outra "apostila". Eu não quero ser mais "01" (um). Para onde iremos se só o Senhor tem a palavra de vida eterna. Em nome de Jesus.<sup>296</sup>

Estas afirmações acima atualizam o conflito existente entre a assimilação e a rejeição da teologia nas Assembleias de Deus e apontam para o longo caminho a ser percorrido no equilíbrio entre estas demandas. Mas isto não dá condições para afirmar, como teologias mais racionalistas o fazem, que o pentecostalismo não tem teologia. Isto significaria "supor que só há uma forma de fomento do pensamento teológico, baseado numa compreensão de teologia".<sup>297</sup>

### 3.5 Assimilações estrangeiras na teologia pentecostal

Certamente que o exposto acima é resquício de uma teologia vinda da América do Norte. O pentecostalismo brasileiro teve facilidade de assimilar a teologia norte-americana, desenvolvida em contexto de entre guerras mundiais, com forte ênfase escatológica. O escapismo alienante é uma das marcas da teologia pentecostal. Assim, esta assimilação aconteceu por similaridade de pressupostos teóricos e por ser uma teologia mais simples. Entretanto, esta teologia há muito pode ter sido abandonada, se não oficialmente, continua presente nos manuais de teologia pentecostal.

Desta forma, o pentecostalismo brasileiro, de forma consciente e inconsciente, se posicionou contrariamente às teologias que valorizavam mais a inteligência do que a devoção para preservar esta última, pois tem mais conexões com a dinâmica da vida e oferece respostas mais concretas à finitude humana. Isto não necessariamente seria uma atitude anti-intelectualista, mas uma tentativa de mostrar e denunciar que algo estaria errado neste tipo de teologia. O grande problema é que ao rejeitar esta teologia racional, teve dificuldades para propor algo mais acadêmico, por valorizar a teologia experiencial. Recentemente, com a criação de seminários e faculdades teológicas de caráter mais acadêmico está tendo de

<sup>296</sup> Prova de vestibular. Joinville, Faculdade Refidim, 17 jun. 2012. Para manter sigilo do autor não foi mencionado seu nome.

<sup>297</sup> MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. O pentecostalismo e o pensamento teológico atual: reflexões sobre pneumatologia e experiência na reflexão teológica. *Estudos de religião*, São Bernardo do Campo, ano XII, n. 15, p. 65, dez. 1998.

importar sua teologia das escolas racionalistas. Com isso pode perder seu caráter experiencial, emotivo e mais próximo da realidade das pessoas. Fato este que já se constata em algumas comunidades. Esta teologia na maioria das vezes é:

Desprovida de significado para os homens e mulheres, restringindo-se a um corpo de doutrinas desconexas com a vida concreta, um conjunto de fórmulas elaboradas por um grupo seletivo de cristãos, [é] uma mera repetição de fórmulas desconexas da vida concreta das pessoas e culturas.<sup>298</sup>

Neste sentido Reblin afirma:

A teologia jamais [deveria ser] um sistema fechado, pois ela está intrinsecamente vinculada à vida, as suas nuances e a suas particularidades, e ao contexto histórico, social, político, econômico, psicológico, existencial, em que ela se desenrola, sob a perspectiva da abolição dos fatos não valorativos que compreendem essa realidade.<sup>299</sup>

“Em todas as religiões há uma oscilação entre o imaginar e o pensar”.<sup>300</sup> O imaginar como a dimensão emocional e o pensar como a dimensão racional, sendo aceita como teologia somente a que for racional. Porém, o equilíbrio entre estas duas dimensões humanas é o ideal da teologia. Ela precisa ter um mínimo de dogmas para não se perder, para não se enredar nas inconstâncias de desejos e ilusões. Ao mesmo tempo, deve dar lugar à subjetividade, ao sonho, à utopia, à poesia, à ludicidade e às emoções. A primeira é a dimensão cristológica da teologia, a segunda é a dimensão do Espírito. Ambas devem estar presentes no fazer teológico. Isto porque o absoluto ou o anseio último do ser humano extrapola os limites do raciocínio. Assim a teologia “apresenta-se, pois a um só tempo como o movimento que vai da experiência à palavra (...) e o movimento inverso da palavra à experiência, [...] para encontrar as palavras e verificá-las, subvertê-las, nutri-las”.<sup>301</sup>

<sup>298</sup> MACHADO, Renato da Silva. Teologia e experiência: uma abordagem sobre a centralidade da experiência para a teologia. *Atualidade teológica*, Rio de Janeiro, Ano XVI, n. 40, p. 91, jan./abr. 2012.

<sup>299</sup> REBLIN, 2009, p. 142.

<sup>300</sup> HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*. Frankfurt: Suhrkamp, 1971. p. 107. In: WESTHELLE, Vítor. *Outros saberes: teologia e ciência na modernidade. Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 3, n. 35, p. 272, 1995.

<sup>301</sup> FORTE, Bruno. *A teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 59. In: MACHADO, 2012, p. 98.

### 3.6 A racionalidade institucional tomando o lugar da teologia

A tradução e incorporação de obras de outros países e denominações não reflete uma abertura das ADs ao ecumenismo, pois ecumenismo é um tema não discutível e inadmissível no seio das ADs.<sup>302</sup> A carência de teólogos autóctones em seu meio é consequência direta da falta de prioridade e de investimentos<sup>303</sup> em formação teológico-acadêmica ao longo da existência das ADs, que preferiu formar evangelizadores a teólogos. Aqui se percebe como o mercado literário falou mais alto que a própria visão institucional. Não fosse a necessidade de contínuos lançamentos literários não se teria investido em obras de autores que não são brasileiros. Assim, tem-se um grande benefício da racionalidade mercadológica, pois, ao menos atualmente, há obras teológicas de relevância lançadas pela CPAD e que ajudam na formação teológica de seus líderes.

A teologia poderia proporcionar um empoderamento aos teólogos da instituição, em contraposição à maioria dos líderes sem formação teológica, que ficariam em desvantagem no prestígio interno das ADs. Assim, “a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a “legitimação do poder dos dominantes”<sup>304</sup> e para a “domesticação dos dominados”.<sup>305</sup> Neste sentido, estaria em vantagem um reduzido número de pastores que, além da legitimação do poder institucional, tiveram a oportunidade de estudarem teologia.

A teologia não pode ser valorizada, segundo Bourdieu, pois ela poderia ser uma ameaça ao poder instituído. Em se tratando de ADs seria ainda mais grave, pois com a centralização de poder no pastor presidente, nenhuma instância de

---

<sup>302</sup> ALENCAR, Gedeon Freire de. Igreja Católica & Assembleias de Deus: o diálogo ecumênico seria uma relação do pescoço com a guilhotina? In: OLIVEIRA, 2015, p. 123.

<sup>303</sup> “Ao invés de investir na formação teológica, é “mais sensato” reduzir gradativamente os investimentos em seminários e direcionar maior aporte financeiro a centros de formação missionária, onde os resultados são mais imediatos - num tempo mais curto, treina-se um missionário ou evangelista e passa-se sobre ele um verniz teológico, evitando-se de preferência que essa formação seja muito crítica.” CALVANI, Carlos Eduardo B. *Desafios para o ensino da Teologia Latino-americana*. Palestra proferida na Semana de atualização teológica, 2002.

<sup>304</sup> Um “ponto de vista que se torna alvo de preocupação é quando pensamos na educação teológica como sistema de indução e manutenção de hegemonia, de modo a transformá-la numa ação adestradora e domesticadora dos espíritos. Poderia ir mais longe indicando que já presenciei o uso da educação teológica como “aparelho ideológico” ou como instrumento de dominação ideológica.” REGA, Lourenço Stelio. *Reverendo paradigmas para formação teológica e ministerial. Teológica*, São Paulo, ano 3, n. 4, p. 12, 2º sem. 2001.

<sup>305</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 32.

poder, ainda que apenas conceitual ou simbólica, poderia ocupar lugar de influência. Certamente que a teologia questionaria algumas decisões como também algumas compreensões teológicas desta denominação. Assim, “[...] os especialistas religiosos devem forçosamente ocultar a si mesmos e aos outros que a razão de suas lutas são interesses políticos. [...] em linguagem “pagã”, interesses “temporais”.<sup>306</sup> A teologia seria o desvelamento deste interesse, ou seja, uma ameaça política. Weber dizia que interesses práticos podem anular as consequências da lógica do dogma.<sup>307</sup>

No início das ADs no Brasil esta ameaça não era tão evidente. Embora estivesse presente a preocupação com a teologia devido à possibilidade de esfriamento espiritual. Preocupação esta que tem como motivação o anti-intelectualismo do pentecostalismo. Assim, aquilo que no início era um receio de perder o poder da experiência com o divino se institucionalizou. No entanto, não foi a teologia que fez isto, mas sim a racionalização burocrático-administrativa com a consequente rotinização do carisma que acabou por extinguir o Espírito.<sup>308</sup> Neste sentido, Estrada diz que

Há uma primazia do afetivo e do não racional, própria da vivência religiosa primeva, em relação à racionalização e à conceituação doutrinária subsequente. O problema é que essa mediação institucional e doutrinária acabe por se sobrepor à experiência matricial da qual emergiu o universo das representações e das instituições, que são uma projeção e uma criação humana, embora tenham origem em uma inspiração divina. À medida que essas experiências originais se esclerosam e perdem atualidade, ocorre também uma maximização do institucional. É o processo que leva do carisma às instituições. Estas são necessárias à transmissão do carisma, mas também podem sufocar e tornar-se potenciais substitutas do carisma de que são originárias.<sup>309</sup>

Por isso, não foi a teologia que mediu, no pentecostalismo, a passagem da fase carismática à burocrática, mas sim lideranças centralizadoras que passaram a ditar as próprias compreensões teológicas, baseadas nas suas inclinações e preconceitos.<sup>310</sup> O processo foi dialético entre a teologia dos suecos e o coronelismo social nordestino. Prevaleceu a liderança carismática, mas com organização

<sup>306</sup> BOURDIEU, 2005, p. 54-55

<sup>307</sup> MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. *Assembleia de Deus e Teologia Pública: o discurso Pentecostal no espaço público*. São Leopoldo: IEPG/EST, 2010. Dissertação de Mestrado. p. 77.

<sup>308</sup> WEBER, 1999, p. 161.

<sup>309</sup> ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodicéia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 30-31.

<sup>310</sup> Exemplo disto são as Escolas Bíblicas instituídas por Samuel Nyström e dirigidas por ele por um longo tempo. Ele também foi por várias vezes presidente da convenção nacional.

burocrática. Os valores sagrados mais estimados estão presentes apenas nestes líderes. Por causa disso, são reverenciados e obedecidos.<sup>311</sup> Basta repetir os mesmos discursos e compreensões simples, pois isso traz segurança à comunidade. O fundamentalismo religioso tem nisto uma de suas principais bases, a segurança.<sup>312</sup> Para isso não é preciso teologia reflexiva, apenas habilidade de perpetuação de pressupostos inquestionáveis.

### 3.7 O poder institucional

A teologia acadêmica poderá ser um ameaça a esses líderes. Ela pode vir a subverter sua liderança e suas decisões, que algumas vezes são tomadas com bases políticas e não teológicas, pois são eles que detêm a palavra final em tudo e a teologia poderá fazer com que percam parte desta prerrogativa.

A legitimidade de sua autoridade funda-se na fé e na devoção pelo extraordinário, estimado na medida em que ultrapassa as qualidades humanas normais, e considerado originariamente como sobrenatural. A legitimidade do poder carismático funda-se, conseqüentemente, na fé em faculdades mágicas, revelações e culto ao herói. O alimento dessa fé é a “demonstração” da qualidade carismática por meio de milagres, triunfos e outras façanhas, ou seja, mediante o bem-estar dos governados.<sup>313</sup>

A legitimidade da autoridade esteve presente no pentecostalismo durante muito tempo, enquanto as demonstrações do Espírito eram evidentes nos cultos, mas com a rotinização<sup>314</sup> foi dando lugar à racionalidade organizada do culto. Isto

---

<sup>311</sup> WEBER, Max. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone, 2010. p. 31.

<sup>312</sup> “O fundamentalismo tornou-se uma espécie de último refúgio do indivíduo contra forças espirituais maléficas que o querem destruir. Estas forças maléficas encarnam-se, ora na ciência moderna, ora no humanismo, ora na reflexão crítica, ora na arte, ou em qualquer coisa ou ideia com a mínima aparência de novidade.” SOUZA, Sandro Alves Martiniano de. *O fazer teológico como hermenêutica-transdisciplinar: a teologia desafiada pelo pensamento complexo de Edgar Morin*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: UESP, 2012. p. 28.

<sup>313</sup> WEBER, 2010, p. 41.

<sup>314</sup> Rivera contesta esta tese weberiana no pentecostalismo alegando que acontece o contrário, “a instituição não se obriga a preservar a tradição ou manter-se fiel a ela. Não há esforço para atualizá-la e quanto menor a tradição, melhor para a liberdade da emoção religiosa. A cada culto mantém-se a autenticidade e a intensidade da emoção religiosa, dispensando-se a referência tradicional. Então, o que se encontra é uma domesticação institucional da razão religiosa.” RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2001. p. 232.

faz desaparecer o carisma do líder<sup>315</sup> e a presumida autoridade que se funda no extraordinário.<sup>316</sup> É nesse momento que pode surgir a manipulação, o embuste e a falsificação do carisma para simplesmente dar suporte à manutenção do poder. “A burocracia se caracteriza por um profundo desprezo por toda religiosidade irracional, o que se alia à consciência de que ela pode ser utilizada como meio de domesticação”.<sup>317</sup>

Novamente aqui a teologia é rechaçada, pois ela poderia questionar a falsificação. Assim o afastamento da teologia pode-se dar por supostamente provocar a aniquilação do carisma pela racionalidade, como também pelo questionamento que esta faz ao falso. Estabelece-se um governo hierocrático<sup>318</sup> e anti-intelectualista que exclui de seu meio a teologia e ainda tenta domesticar a experiência religiosa. Este é o motivo da publicação de obras de autores cessacionistas?

A tensão entre religião e conhecimento intelectual foi comprovada de modo acentuado cada vez que o conhecimento, empírico-racional colaborou firmemente no desencantamento do mundo e em sua transformação em um mecanismo causal.<sup>319</sup>

A polarização entre razão e emoção não acontece somente na teologia e na comunidade. Na comunidade existe razão e na academia também existe amocionalidade e mito. O que muda é a maneira com que cada uma dessas dimensões é enfatizada em cada um destes lugares e como são instrumentalizadas. Talvez a categorização de Bourdieu explique em parte o que acontece entre as várias classes que tentam dominar a experiência religiosa no pentecostalismo.

O sacerdote é, por excelência, o agente da religião estabelecida, aquele que reproduz e pereniza um sistema de crenças e ritos sagrados, inserindo-os na rotina social, de modo que a religião se incorpore a cada membro dessa sociedade e torne-se hábito que ninguém questiona. [...] O profeta, ao contrário, é o agente religioso que, em situações extraordinárias, de crise, ou a partir de grupos marginais, produz por seu discurso ou sua prática uma nova concepção religiosa. [...] o mago, ou feiticeiro, é o agente religioso autônomo, como um free-lancer do sagrado, que se utiliza dos

<sup>315</sup> Geertz afirma que “nas religiões carismáticas [a autoridade] reside na atração hipnótica de uma personalidade extraordinária.” GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 81.

<sup>316</sup> WEBER, 2010, p. 41.

<sup>317</sup> BOURDIEU, 2005, p. 88.

<sup>318</sup> WEBER, 2010, p. 54.

<sup>319</sup> WEBER, 2010, p. 77.

bens simbólicos produzidos pelos profetas e sacerdotes (independentemente de seu consentimento), para atender interesses imediatos e utilitários de sua *clientela*.<sup>320</sup>

### 3.7.1 A burocratização institucional

O pentecostalismo passou de uma religião profética (carismática) para uma religião sacerdotal (burocrática). Entretanto, contrariando a ideia de Weber,<sup>321</sup> o pentecostalismo não se aproximou de um intelectualismo racional teológico, mas sim de uma burocracia racional administrativa.<sup>322</sup> Este se organiza no sentido de arregimentar novos conversos ao batismo e arrecadar fundos para manter a classe sacerdotal e promover a reforma e construção de novos templos. Ou seja, muito mais uma aproximação às leis de mercado do que de raciocínios teológicos. Esta aproximação mercadológica acaba por se transformar em “teologia” no entendimento dos líderes.

Segundo Bourdieu, isto gera a “ambiguidade econômica da oferenda”, onde se pratica um ato econômico, mas sem saber o que de fato ocorre. “Faço-o de tal modo que posso dizer a mim mesmo e aos outros que não se trata de um ato econômico”.<sup>323</sup>

Essas empresas objetivamente econômicas só podem beneficiar-se dessas vantagens desde que sejam continuamente reproduzidas as condições de desconhecimento de sua dimensão econômica, isto é, enquanto os agentes continuem a crer, e a fazer crer, que suas ações não têm nenhuma incidência econômica.<sup>324</sup>

Assim, investe-se grande energia em converter a “dimensão econômica em tarefa sagrada”, embora ela seja permanentemente desafiada pela troca dos bens simbólicos envolvidos na transação religiosa. “A economia dos bens simbólicos é

<sup>320</sup> OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, 2007, p. 187-188.

<sup>321</sup> WEBER, 2010, p. 78.

<sup>322</sup> “O controle direto da produção e dos usos de símbolos religiosos é domesticado e estabilizado quando o grupo popular transforma-se em uma ou é cooptado por uma confraria de especialistas que se apropria de uma dupla tarefa que lhe resulta em duplo poder: sistematizar o repertório [...] sagrado, transformando [...] crenças populares em um corpo ideológico único de doutrina; e inculcar [...] a doutrina [...] sobre a congregação de fieis.” BRANDÃO, 1980, p. 154.

<sup>323</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996. p. 185-186.

<sup>324</sup> BOURDIEU, 1996, p. 191.

uma economia fluida e indeterminada”.<sup>325</sup> Cada vez mais presente no campo religioso pentecostal. Além do exposto, para a liderança manter-se no poder precisa fazer concessões às necessidades dos leigos.<sup>326</sup>

Foucault salienta que cada vez mais na sociedade moderna a função pastoral está se desviando da função de “dirigir o povo para a sua salvação no outro mundo, mas, antes, assegurá-lo neste mundo”.<sup>327</sup> A salvação pode derivativamente assumir contornos de bem-estar, saúde, proteção contra acidentes e prosperidade, ou seja, estas são as mercadorias neste mercado de bens simbólicos.

Toda a visão do mundo e todos os dogmas cristãos dependem das condições sociais características dos diferentes grupos ou classes, na medida em que devem adaptar-se a estas condições para manejá-las. As crenças e práticas comumente designadas cristãs (sendo este nome a única coisa que têm em comum) devem sua sobrevivência no curso do tempo à sua capacidade de transformação à medida que se modificam as funções que cumprem em favor dos grupos sucessivos que as adotam.<sup>328</sup>

### **3.7.2 A burocracia como uma ameaça à teologia**

A organização da teologia racional de forma administrativa acaba por tornar a teologia acadêmica uma ameaça. Por isso, a rejeição que em outros tempos tinha os seus motivos, agora tem motivos modernizados de acordo com as novas estruturas eclesiais e administrativas.

Este novo tipo de teologia cristalizada, não necessariamente uma teologia bíblico-sistemática, se torna a norma de autoridade absoluta. Segundo Rubem Alves

Temos necessidade emocional, psíquica, de um mundo estável. E é justamente esta necessidade emocional que se constitui na origem de nossa tendência dogmática. Mas o que acontece quando realizamos a transição da fé para o dogma, que ocorre? O mundo se solidifica, nós nos solidificamos, a experiência se cristaliza, e assim lançam-se os fundamentos para o comportamento autoritário. O autoritarismo é o resultado de uma obsessão emocional que exige que os riscos sejam transformados em conhecimento absoluto. No risco, a realidade permanece além do nosso

<sup>325</sup> BOURDIEU, 1996, p. 191-193.

<sup>326</sup> WEBER, 1999, p. 313.

<sup>327</sup> FOUCAULT, Michel O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. São Paulo: Forense Universitária, 1995. p. 231-249, à p. 238.

<sup>328</sup> BOURDIEU, 2005, p. 52

controle no conhecimento absoluto, afirmamos que conseguimos dominar intelectualmente o real.<sup>329</sup>

Rubem Alves prossegue afirmando que este conhecimento cristalizado se transforma num ídolo, proveniente da criatividade humana, que depois passa a dominar seu criador, levando-o à alienação.<sup>330</sup> A sujeição oriunda deste processo leva à criação de um novo deus. Isto porque “a busca do conhecimento absoluto, impulsionada pela obsessão da certeza, tende, inevitavelmente, à produção de ídolos”.<sup>331</sup>

Novamente aqui a teologia poderá produzir desconforto, pois a princípio ela não deixaria o poder se absolutizar.<sup>332</sup> A absolutização pode produzir dogmas tão rígidos que levam ao fundamentalismo religioso. Aliás, quando o fundamentalismo ou o dogmatismo não conseguem dialogar com o que lhe é diferente ou estranho (neste caso a experiência religiosa), não estaria deixando de ser racional e tornando-se irracional?

Os crentes estão sempre em busca de conforto quando vão às igrejas aos domingos. A repetição conforta porque ela afirma a imutabilidade da verdade. E na medida em que a verdade dita no momento é a verdade que alguém já está acostumado a ouvir, cria-se a certeza de ser-se senhor da verdade.<sup>333</sup>

A absolutização da verdade, independente se estiver correta ou não, é sempre definida pelos mais fortes, por aqueles que detêm a última palavra, por aqueles que têm poder político.<sup>334</sup> Assim, a imposição de qualquer ideia é uma questão de poder.<sup>335</sup> Foi a esta absolutização que os seminários pentecostais

<sup>329</sup> ALVES, 2005, p. 111.

<sup>330</sup> “A religião [tem a propensão] de se tornar alienante. A religião tem sido uma força de nomização tão poderosa, exatamente porque também tem sido uma poderosa, talvez a mais poderosa, força de alienação.” BERGER, 1985, p. 99. Alienação é a diminuição da capacidade dos indivíduos em pensar ou agir por si próprios. Os indivíduos alienados não têm interesse em ouvir opiniões alheias, e apenas se preocupam com o que lhes interessa, por isso são pessoas alienadas.

<sup>331</sup> ALVES, 2005, p. 112-113.

<sup>332</sup> “A certeza de se ter conhecimento absoluto abriga no seu seio duas atitudes aparentemente contraditórias, mas que na verdade são complementares. A primeira é o orgulho intelectual. Nós possuímos a verdade. Os outros estão nas “trevas”. Nós detemos o monopólio do conhecimento, portanto, falamos “sem vacilações nem concessões.” ALVES, 2005, p. 140.

<sup>333</sup> ALVES, 2005, p. 139.

<sup>334</sup> Um tema que não cabe aqui ser discutido, mas que ajuda a perpetuar velhos pressupostos ultrapassados, é o nepotismo praticado na sucessão das ADs no Brasil, essa sim poderia ser considerada uma “fábrica de pastores”. Este nepotismo, se não de próprio sangue, é também disseminado por obreiros subservientes e adotados como filhos pelos pastores mais influentes.

<sup>335</sup> ALVES, 2005, p. 153.

tiveram que se render, pois precisaram se adequar à reta doutrina para sobreviver.<sup>336</sup> Esta constatação pode ser vista na entrevista com o fundador do IBAD, João Kolenda Lemos.<sup>337</sup> Quando perguntado pelo impacto que os estudantes de teologia tinham ao se depararem com os pressupostos teológicos ensinados, afirmou que não havia qualquer problema em relação a isso, ou seja, mesmo que houvesse problemas, eles serão rapidamente minimizados em nome da reta doutrina.

### **3.7.3 A institucionalização produzindo a correta doutrina**

Percebe-se desta forma que foi o poder institucionalizado que, após racionalizado, gerou a teologia propagada nas ADs.<sup>338</sup> Teologia esta não necessariamente condizente com manuais teológicos. Isto tornou a teologia pentecostal fluida e adaptável à influência dos líderes das igrejas locais. Na maioria das religiosidades produzem-se três tipos de teologias ou vivências da fé: a acadêmica, a leiga e a clerical.

A acadêmica é a produzida pelos seminários e institutos bíblicos, geralmente de caráter mais racionalista. A leiga nasce das demandas da vida e das credences populares.<sup>339</sup> Já a clerical, geralmente, tem a ver com a manutenção do *status quo*, com a institucionalização e a que detém o poder.

O poder não é da ordem do consentimento; ele não é, em si mesmo, renúncia a uma liberdade, transferência de direito, poder de todos e de cada um delegado a alguns (o que não impede que o consentimento possa ser uma condição para que a relação de poder exista e se mantenha); a relação

---

<sup>336</sup> “Geralmente é sempre assim: lá onde reina a ordem da instituição cristã, e com isso se inaugura o poder sagrado, menos se sente a necessidade da invocação do Espírito para animar a comunidade. A rotina substitui a criatividade que vem do Espírito.” BOFF, Leonardo. *O Espírito Santo: fogo interior, doador da vida e Pai do pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 73.

<sup>337</sup> LEMOS, João Kolenda. Pindamonhangaba, 26 set. 2011. Entrevista concedida a Claiton Ivan Pommerening.

<sup>338</sup> Apesar da institucionalização as igrejas pentecostais crescem pela “habilidade para explorar a emoção religiosa carente de memória.” RIVERA, 2001, p. 225.

<sup>339</sup> “[As camadas inferiores] aproveitam, da docência dominante, os valores não contraditórios com o seu modo de vida e reescreve-os, retirando-os do contexto doutrinário de fórmulas de sacralização das confrarias de igrejas eruditas e emissárias, e reconstruindo [recriando], como um imaginário mítico de narrativas de épica popular, o sistema simbólico que legitima o modo subalterno de vida, inclusive da vida religiosa.” BRANDÃO, 1980, p. 220-221.

de poder pode ser o efeito de um consentimento anterior ou permanente, ela não é, em sua própria natureza, a manifestação de um consenso.<sup>340</sup>

O poder produz a verdade,<sup>341</sup> existe uma relação natural entre poder e verdade imposta. O pastor sem estudos ganha o público pela oratória e performance, e o teólogo ganha pelo conteúdo. Desta maneira, estabelece-se a tensão de poderes entre um e outro, mas especialmente pelo que tem o poder institucionalizado, pois a realidade das ADs no Brasil é que pastores não têm formação teológica adequada.

Não pode haver governo possível sem que aquele que governa não indexe sua ação, sua escolha, sua decisão, a um conjunto de conhecimentos verdadeiros, de princípios racionalmente fundados ou de conhecimentos exatos.<sup>342</sup>

A verdade produzida pelo poder passa a ser a dogmática pentecostal, mesmo que nos livros teológicos se diga outra coisa. Esta afirmação não pode ser generalizada, mas é uma constatação. Cria-se uma teologia que está nos manuais editados pela CPAD e outra que é transmitida de forma oral e sempre de novo recriada, reformada e reaplicada pela força da persuasão do suposto carisma. Suposto porque agora não mais produzido pelo Espírito, mas pelo poder. Este é um dos motivos pelos quais no pentecostalismo acontecem tantas divisões e surgimento de novas igrejas: o poder cria novas verdades que, se não aceitas, fazem surgir novas igrejas, com novos poderes e novas verdades impostas.

O fato de um certo número de indivíduos apresentarem-se como especialistas da verdade a ser imposta [...] é porque, no fundo, eles encobriram qualquer coisa. Quer dizer que se fosse possível encontrar o meio através do qual cada um na sociedade, todos os indivíduos que nela vivem; se fosse possível fazer com que eles conhecessem a verdade e que soubessem efetivamente isso que se passa com realidade, profundamente, e que a aparente competência dos outros serve apenas para ocultar; se todo mundo soubesse tudo na sociedade na qual vive, bem, muito simplesmente o governo não poderá mais governar.<sup>343</sup>

A obrigatoriedade de a teologia sujeitar-se à verdade criada pelo poder acabou por causar algumas consequências:<sup>344</sup> a proliferação de cursos a distância

<sup>340</sup> FOUCAULT, 1995, p. 243.

<sup>341</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 184.

<sup>342</sup> FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009. p. 22.

<sup>343</sup> FOUCAULT, 2009, p. 25.

<sup>344</sup> Alguns destes itens são citados por: GOMES, 2013, p. 180.

ou modulares que ocorrem nas igrejas sem estrutura física e pedagógica adequada; a banalização da teologia com cursos meramente mercadológicos; a instrumentalização do certificado<sup>345</sup> como possível ferramenta de acesso ao ministério, sem atentar para o conteúdo e formação do aluno; escolas que apenas informam mas não formam com legados teológicos densos; falta de uma coesão nacional das ADs em torno da educação teológica; falta de um projeto educacional de relevância nacional; impossibilidade de instituições educacionais fortes que difundam com êxito a teologia pentecostal; falta de reflexão teológica profunda e acadêmica; falta de teólogos pentecostais.

Essas constatações são amenizadas por iniciativas quase particulares de pessoas que contam com um apoio mínimo da instituição, e conseguem se impor e fazer a diferença em várias igrejas locais espalhadas pelo Brasil.

### **3.8 A loucura (irracionalidade) da cruz e a racionalidade institucional**

Além do prejuízo à teologia<sup>346</sup> que a racionalização administrativa/institucional traz, outra consequência é a troca da loucura do escândalo da cruz, uma completa irracionalidade sob o ponto de vista da racionalidade burocrática, por essa lógica que compromete a simplicidade do evangelho.

Neste sentido, o “fracasso” da cruz precisa ser substituído pelo “sucesso” mercadológico, que, em sua maioria, é contrário aos preceitos tão preciosos do evangelho de Cristo. Assim, o discipulado da renúncia e do tomar a sua cruz é substituído pelo comprometimento com esquemas que dão certo, com

---

<sup>345</sup> Aqui surge um problema apontado por Alencar: a folclorização dos títulos acadêmicos, algumas vezes alcançados de forma escusa. ALENCAR, 2012, p. 230-232.

<sup>346</sup> Para maiores esclarecimentos sobre a identidade assembleiana consultar: GANDRA, Valdinei Ramos. Uma análise da identidade assembleiana a partir da “Carta de Campinas”. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. II, n. 2, p. 19-34, jul. 2012. Apontando na mesma direção Geremias do Couto em entrevista ao blog Teologia Pentecostal salienta os seguintes problemas: “Em relação à identidade assembleiana, cabe refletir: qual? A do reteté, com suas expressões culturais estranhas ao genuíno pentecostalismo, como descrito em 1 Coríntios 12, 13 e 14? A do neopentecostalismo, que grassa em nosso meio a olhos vistos, com a introdução de ritos judaicos na liturgia? A do liberalismo, que já encontra eco em diversas cátedras de alguns dos nossos seminários? A do engessamento institucional e político-religioso, que tem devastado a unidade da igreja em nosso país?” COUTO, Geremias do. *Teologia Pentecostal*. Assembleiano e calvinista convicto: uma entrevista com Geremias do Couto. Disponível em: <<http://www.teologiapentecostal.com/>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

racionalidades burocráticas e o que sobrou da teologia é instrumentalizado. Aquilo que seria a Palavra de Deus passa a ser a palavra da conveniência, como disse Rubem Alves: a “Palavra de Deus [pode ser transformada na] divindade da (minha) palavra”.<sup>347</sup> A cruz pode se tornar realizadora de promessas triunfalistas e a glória do poder temporal. Vítor Westhelle lembra que sempre que se troca indevidamente a vergonha da cruz pelo triunfo da cruz, o evangelho perde seu sentido.<sup>348</sup> Pois,

O lema emblemático de Constantino, inscrito com a cruz sobre os escudos de seu exército antes da batalha do rei contra o exército de Maxêncio, em 312, é revelador: “neste sinal vencerás”. Esta máxima foi desfraldada sempre de novo nas cruzadas, o que descreve literalmente um empreendimento “da cruz”, e em todo o triunfalismo cristão até os dias de hoje.<sup>349</sup>

Além dos problemas acima apontados, o que perpassa a racionalidade burocrática é a grande importância que se dá ao dinheiro, ao poder e ao sucesso. Na verdade, está por detrás desta racionalidade a crescente individualização da sociedade.<sup>350</sup> “Tal prática reforça tendências seculares, como um tipo de individualismo que se encaixa perfeitamente em um modelo de economia de mercado, do tipo capitalismo selvagem”.<sup>351</sup>

Em certo sentido pode-se afirmar que o Deus do AT com suas formas de ser adorado e venerado, assume agora o caráter de ‘Deus Mercado’ em que este dita as normas para ser corretamente ‘adorado’ para obter seu favor. Assim, o dinheiro assume caráter sagrado de oferta-sacrifício a ser oferecido sobre o altar do holocausto, realizando trocas simbólicas para merecer o favor de Deus. Desta forma, volta-se para a religiosidade primitiva da magia, em que a ira da divindade, para abençoar as colheitas ou evitar doenças, teria que ser aplaca através de sacrifícios e oferendas.<sup>352</sup>

<sup>347</sup> ALVES, Rubem. *Dogmatismo & tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 108.

<sup>348</sup> Este foi o alerta que Jesus fez a Pedro quando tentou dissuadi-lo de ir para a cruz.

<sup>349</sup> WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo, Sinodal/EST, 2008. p. 26.

<sup>350</sup> “Entre tantos problemas contemporâneos encontra-se o consumismo, os seres humanos se tornaram vorazes consumistas e vivem em forte e agressiva competitividade, que gera pessoas doentes na alma e nos relacionamentos, e estes inevitavelmente se tornam superficiais, sem raízes. O homem se tornou autônomo, individualista, senhor de sua existência e como consequência relativiza a verdade [de Deus] e sofre devido a um grande vazio existencial. SANTOS, Andréa Nogueira Gomes. O ungido de Deus frente aos desafios da contemporaneidade. *Expressão teológica*, Capinzal (SC), Ano III, Vol. V, p. 32, Dez. 2014.

<sup>351</sup> ALBANO, Fernando. Pneumatologia *Crucis* e o sofrimento: teologia do Espírito à sombra da cruz. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. 5, n. 2, p. 50, jul. 2014.

<sup>352</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalismo líquido: fluidez teológica entre os pentecostalismos. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. IV, n. 1, p. 13, jan. 2013. Baseia-se também em Os. 6:6: “Pois desejo misericórdia, e não sacrifícios; conhecimento de Deus em vez de holocaustos.”

Foi no vácuo de uma teologia mais racional e acadêmica, aliada à falta da centralidade da cruz da atual religiosidade pentecostal, que se instalou o poder da racionalidade institucional mercadológica, que agora passa a ser quase a única regra de fé e conduta. Transformou-se em verdade absoluta, inquestionável e inviolável. Mesmo que experiências com o Espírito Santo aconteçam, elas acabam sendo eclipsadas e encampadas pela verdade imposta. “Esta inumanidade forçada, leva muitos homens à apatia e ao desespero”.<sup>353</sup> Subverte a grande capacidade do pentecostalismo de trazer alívio ao sofrimento humano através da experiência com o Espírito. Nesse sentido, Bourdieu critica a falsidade com que se tenta legitimar esta prática.

[...] a dialética da experiência íntima e da imagem social é apenas a face visível da dialética da fé e da má fé (no sentido de mentira consigo mesmo, individual ou coletiva) que constitui um dos princípios dos jogos de máscaras, dos jogos de espelho e dos jogos de máscara diante do espelho, visando fornecer aos indivíduos e aos grupos coagidos ao recalque interessado do interesse temporal.<sup>354</sup>

Portanto, faz-se necessário que a teologia pentecostal redescubra a cruz de Cristo, que sempre foi a grande fonte motivadora do fazer teológico pentecostal, ainda que baseada numa teologia devocional, para que a centralidade da cruz esteja presente nesta comunidade. Comunidade esta que sempre foi conhecida como do Espírito e dos pobres. Neste sentido, Albano afirma:

O elemento fundamental é a experiência da cruz: Deus crucificado pela humanidade. Sem a cruz, a experiência pentecostal se torna mera alienação. É necessário lembrar que as mãos que enviam o Espírito são marcadas pela crucificação. A glória emana da cruz, a vitória surge da derrota, o poder surge do não-poder do crucificado.<sup>355</sup>

A experiência da cruz chama os cristãos a enfrentarem o sofrimento de forma abnegada e resiliente. Concordam com Paulo quando diz: “completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja”.<sup>356</sup> Diante do sofrimento desenvolvia a disciplina interior da alegria, sem apelar para racionalidades de poder que lhe tirariam deste sofrimento.

<sup>353</sup> MOLTSMANN, Jürgen. El Dios crucificado. *Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 12, n. 45, out./dez. 1973.

<sup>354</sup> BOURDIEU, 2005, p. 56

<sup>355</sup> ALBANO, 2014, p. 57.

<sup>356</sup> BÍBLIA SAGRADA. NVI. Colossenses 1:24.

A cruz de Cristo é símbolo e sinônimo de morte. Os cristãos são chamados a abandonar tudo aquilo que se opõe a esta realidade *crucial* e tudo o que destoa da teologia da cruz, ou o que se envereda pelas trilhas da racionalidade burocrática, voltando-se à realidade da cruz que expressa morte, que convoca a derramar o próprio sangue, se necessário. Pois essa racionalidade, em certo sentido, tornou-se inimiga da teologia cristã.

O cristão que derrama seu sangue é alguém que compreendeu a verdade fundamental do cristianismo, a ponto de por ela dar a vida; alguém capaz de viver de fato o cristianismo, mesmo nas situações mais adversas. Derramar o sangue por Cristo é testemunho de verdadeiro cristão, que foi capaz de assumir como sua a verdade de Cristo e a viveu em todos os momentos da existência, mesmo diante da certeza da morte suscitada pela confissão de sua fé.<sup>357</sup>

Conforme disse Oscar Romero: absolutamente nada pode tirar o ser humano desta vocação transcendental. “Nem o dinheiro, nem o poder”, pois para além da racionalidade burocrática há algo a mais que se “chama o transcendente, [...] Cristo, que não se deixa abarcar pelas coisas, mas que abarca a tudo.”<sup>358</sup>

Nesta “vergonha da cruz” o pentecostalismo não há de se esquecer de que começou no meio dos sofredores e marginalizados da terra que se revelam nos sofrimentos de Cristo. Reconhece a “Deus naqueles que são transpassados em nosso tempo. [...] Deus está com aqueles que sofrem, [...] sofre juntamente com eles”, pois a “palavra da cruz [...] é loucura para os sábios.”<sup>359</sup>

A cruz ensina-nos a viver nossa fé não a partir de certezas, forças, sucesso, conquistas, mas a partir de uma *profunda* intimidade com [...] Jesus Cristo que caminha conosco em nossas fraquezas, fortalecendo-nos. Assim a paixão por Jesus Cristo está atrelada à paixão pela humanidade sofredora. Essa é uma perspectiva de teologia da cruz, [...] que aguça nossa consciência para reconhecer que sucesso, glória e poder, na sociedade e na Igreja, nos afastam daquele que transpassaram.<sup>360</sup>

<sup>357</sup> COSTA, Alfredo Sampaio. Espiritualidade do martírio. *Itaici Revista de Espiritualidade Inaciana*. São Paulo, n. 97, p. 23-24, set. 2014.

<sup>358</sup> COSTA, 2014, p. 39s.

<sup>359</sup> HURTADO, Manuel. Olhar para aquele que transpassaram. *Itaici Revista de Espiritualidade Inaciana*. São Paulo, n. 97, p. 53, set. 2014.

<sup>360</sup> HURTADO, 2014, p. 54.

### 3.9 Considerações

O autoritarismo da liderança pentecostal tem sua razão de ser, pois esse movimento eclodiu no Brasil, inicialmente, como resposta à anomia social em que viviam muitos brasileiros. Assim, o autoritarismo imposto pelos líderes ajudou àqueles que precisavam se organizar e dar novo sentido às suas vidas, mas perpetuou-se como marca preponderante da liderança das ADs brasileiras.

A partir dos anos 1930 o autoritarismo ganhou força na cultura política brasileira, pois havia um grupo de corrente autoritária que “não acreditava na mobilização em grande escala da sociedade, mas na clarividência de alguns homens”.<sup>361</sup> Desta maneira, se fortaleceriam as instituições, mas infelizmente em detrimento da democratização. Outra marca política e governista deste período foi a centralização de poderes com a nomeação das principais lideranças políticas da época, o que com certeza influenciou também a inexperiência administrativa dos pastores nacionais.<sup>362</sup> Esta parece ter sido uma forte assimilação por parte das ADs. Além de ter sido fertilizada pelo coronelismo nordestino.<sup>363</sup> Com o início de sua institucionalização a partir da convenção de 1930, estas marcas autoritárias ficaram indelevelmente entranhadas nas instâncias de poder das ADs e persistem fortemente ainda hoje.

Dessa maneira, a autoridade pastoral é valorizada demasiadamente. Isto ocorre em detrimento da própria teologia, bem como de outras instâncias.

O desafio para nós é sermos capazes de discernir, [...] os lugares e tempos em que o quebrantamento, a vida ferida, as profundas crises estão recebendo operação plástica por parte dos sumos sacerdotes do novo evangelho global, o que o teólogo D.J. Hall chama de culto do “otimismo oficial”, [...] que significa que a cruz é apenas um estágio transitório descartável que pode ser relegado ao esquecimento depois de termos ascendido à glória da Páscoa. Temos de lembrar constantemente o fato de que o corpo ressuscitado carrega consigo os sinais da cruz.<sup>364</sup>

Esses são os desafios que as ADs brasileiras terão de enfrentar com vigor para continuar sendo relevante para as novas demandas da sociedade brasileira.

<sup>361</sup> FAUSTO, 1995, p. 357.

<sup>362</sup> FAUSTO, 1995, p. 333,357.

<sup>363</sup> O coronelismo era baseado no clientelismo, tanto no campo quanto nas cidades, oriunda da desigualdade social, da impossibilidade dos cidadãos terem acesso a seus direitos e da ausência do estado. FAUSTO, 1995, p. 263.

<sup>364</sup> WESTHELLE, 2008, p. 72.

Além de saber discernir, como afirma Westhelle citando Lutero: o “quebrantamento, a vida ferida”, as crises estão recebendo apenas uma operação plástica pelos oficiantes do novo evangelho, chama a cruz de estágio transitório e descartável, apenas um ressurrecionismo.<sup>365</sup>

Por que esta resistência à teologia? Será que os postulados teológicos estariam equivocados quanto à forma? Estariam se repetindo durante séculos aquilo que uma mentalidade moderna não consegue mais assimilar? Seria um novo mover do Espírito no sentido de se construir uma teologia com postulados e paradigmas diferentes? É o que será analisado no próximo capítulo.

---

<sup>365</sup> WESTHELLE, 2008, p. 72.

#### **4 A FENOMENOLOGIA DA RELIGIOSIDADE PENTECOSTAL NA AD: FRONTEIRAS ENTRE A RACIONALIDADE E NÃO RACIONALIDADE**

O pentecostalismo prescinde de obras que lhe investiguem com profundidade seus fenômenos experienciais com o sagrado.<sup>366</sup> Embora haja muitas obras que descrevam estes eventos em outras formas de religiosidade, aquilo que para um pentecostal é simplesmente definido como a “experiência” e é tão profundo que afeta à vida, o futuro e as escolhas do indivíduo, precisa ser melhor estudado, mesmo reconhecendo que podem existir obras que o fizeram com mais esmero que neste apanhado literário.

Certamente um dos motivos para este déficit é o fato de que, ao entrar nesta “dimensão do Espírito”, segundo os pentecostais, tem-se medo de que se “perca” o Espírito, num receio de correr o risco de “zombar” d’Ele. Ou ainda ocorre a falta de interesse, pois a experiência já (não) diz tudo por si mesma, ou seja, ela é inexplicável e inefável.

Por causa do receio de que a racionalidade toque e desconstrua o emocional, estas dimensões podem entrar em conflito entre a fé ensinada na teologia acadêmica da fé professada na comunidade.

As crenças entram em jogo antes que um indivíduo comprometa sua fé com os objetos que tais crenças representam; as crenças parecem anteriores e geradoras da fé. Como ajudam a definir essa identidade da comunidade, as crenças afetam a identidade íntima de cada pessoa no interior da comunidade. Como anunciam ao mundo o conteúdo da fé de uma comunidade, as crenças geram uma sensação de segurança que revela uma clara identidade social distinta de outras comunidades. Como interpretam e definem o objeto de preocupação última, as crenças também tendem a compartilhar o caráter último da própria preocupação. Interferir ou modificar as crenças que expressam a fé de uma pessoa ou de uma comunidade só pode suscitar profunda e feroz resistência.<sup>367</sup>

---

<sup>366</sup> “O fenômeno nos dá o conhecimento preparatório que precede todo outro conhecimento possível.” JOSGRILBERG, Rui de Souza. *Hermenêutica fenomenológica e a tematização do sagrado*. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012. p.36.

<sup>367</sup> HAIGHT, 2004, p. 53-54.

Sabe-se que não há como falar do divino unicamente pela via da razão, pois a experiência do sagrado extrapola os limites desta. Assim, não hierarquicamente superior, mas holisticamente correlato, surge a necessidade de se entender o numinoso no pentecostalismo.<sup>368</sup>

#### 4.1 As igrejas da palavra e (ou) do espírito

Até o início do surgimento de teologias mais racionalistas não havia diferença na Teologia entre academicismo e piedade, ambos caminhavam juntos. Posteriormente com as ênfases no racionalismo por um lado e no emocionalismo de outro, passou-se a fazer diferença entre ambas na manifestação prática da fé. Desta forma, tem-se as igrejas da Palavra, as que valorizam a racionalidade,<sup>369</sup> o academicismo, a reflexão escrita e de outro lado as igrejas do Espírito,<sup>370</sup> que valorizam a emotividade, os dons carismáticos, o exorcismo, a cultura oral.<sup>371</sup> No dizer de Rudolf Otto, o irracional, e para Herman Brandt, o risco do Espírito Santo.

O espírito toma de um texto, de uma doutrina, o seu caráter puramente "histórico", rompe o passado e se manifesta hoje. Onde uma palavra da velha Bíblia me atinge hoje, ali nós falamos da ação do Espírito Santo. [...] A atuação do espírito não se restringe à inspiração da Escritura em um passado remoto, mas o espírito se torna efetivo e presente exatamente pelo fato de revelar a verdade da velha palavra bíblica "para mim" "hoje".<sup>372</sup>

O protestantismo precisa, em certo sentido, se libertar da ética protestante e da racionalidade desta para poder abrir-se mais à expressão do corpo, da experiência e da vida, pois sua racionalidade tende a negar isto. Brandt faz uma crítica às igrejas da Palavra por seu engessamento ao mover do Espírito. Entretanto, entende-se que a racionalidade também é uma das dimensões do mover do Espírito,

---

<sup>368</sup> ALVES, 2005, p. 134.

<sup>369</sup> "Razão designa a forma como sentido em que toda a realidade – incluído o espírito com todas as suas funções – se encontra estruturada." BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 145.

<sup>370</sup> "O espírito como uma dimensão da vida compreende mais do que a razão. Ele abrange eros, paixão, emoção, mas sem a estrutura da razão ele não seria capaz de criar coisa alguma." BRANDT, 1985, p. 145-146.

<sup>371</sup> Bobsin relaciona algumas características do pentecostalismo, dentre as quais uma "forte tradição oral, com destaque para a experiência religiosa emocional em detrimento da racionalidade ocidental." BOBSIN, 2002, p. 65.

<sup>372</sup> BRANDT, 1985, p. 58.

porém esta mais comedida. O sentido deste texto é quanto às manifestações ditas espontâneas e estáticas.

Terminou-se acorrentando o Espírito Santo à letra. A diferença entre o Espírito e a letra, ou seja, a soberania do Espírito de Deus sobre a Escritura desaparece como tema. A autoridade da Palavra se tornou tão “fundamental” que ela nem mais necessita de sua fundamentação através da atuação presente e livre do Espírito. O Espírito que outorgou autoridade à Bíblia é praticamente supérfluo, o ato da inspiração se tornou um fato do passado. Com a inspiração dos escritos bíblicos o Espírito concluiu o seu propósito. Agora temos a Escritura, e a doutrina pura zela pela explicação escriturística. Ou seja, o Espírito Santo é inserido no sistema dogmático.<sup>373</sup>

Em algumas igrejas da Palavra, o Espírito permanece acorrentado à ortodoxia da Escritura,<sup>374</sup> pois esta não pode mais se revelar de maneira criativa e não racional, uma “ameaça à autoridade da Bíblia”.<sup>375</sup> Assim, “a ortodoxia não conseguiu manter viva a experiência religiosa”.<sup>376</sup> Somente é aceito aquilo que se adapta ao entendimento escriturístico racional, porém o Espírito não se deixa submeter, ele caminha com a Palavra e de maneira irreverente.

O Espírito vivo de Deus representa uma ameaça para qualquer lei da fé, ele ameaça até mesmo a Bíblia na medida em que a sua autoridade não consistir em seu conteúdo – o Evangelho de Jesus Cristo – mas for imposta por leis eclesiais e doutrinárias. [...] O “assalto” do Espírito tornou-se um “processo psíquico” controlável por lei. O “fogo”, o “queimar” do Espírito, que arrasta consigo e causa escândalo, foi esfriado ou tornou-se, no mínimo, em algo perfeitamente regulável.<sup>377</sup>

Assim pode-se afirmar que somente na unidade entre Espírito e Palavra o Reino de Deus se estabelece em sua completude no mundo e nos indivíduos, gerando a comunidade dos que se submetem à *dynamis* do *pneuma* e à verdade do *logos*.

É impossível reivindicar a escritura como única norma para a fé... O evangelho de João afirma que é o Espírito que mostrará o caminho da verdade a toda cristandade. [Tenta-se] reduzir o seu “soprar de onde e para onde quiser” a um momento histórico.<sup>378</sup>

<sup>373</sup> BRANDT, 1985, p. 13.

<sup>374</sup> Jesus relativizou a palavra escrita manifestando-se apenas na palavra dita e aplicada.

<sup>375</sup> BRANDT, 1985, p. 14.

<sup>376</sup> BIRCK, 1993, p. 17.

<sup>377</sup> BRANDT, 1985, p. 14,19.

<sup>378</sup> SCHÜTZ, 1963, *apud* BRANDT, 1985, p. 29.

O pentecostalismo, como igreja do Espírito, tem a experiência como fundamento para a religiosidade, como salienta Rubem Alves: “é a crise emocional que cria a possibilidade e a necessidade da conversão. Mas a crise é o colapso dos sistemas de significação. A linguagem se revela incapaz de dar nome às coisas: elas perdem o seu sentido.”<sup>379</sup>

A experiência é fundamento porque a maioria dos adeptos do pentecostalismo adere a ele a partir de suas necessidades físicas<sup>380</sup>, materiais, emocionais, sentimentais e familiares; sendo elas a fonte motivadora do encontro com o sagrado, pois este seria o poder,<sup>381</sup> o sobrenatural, o solucionador e o provedor destas necessidades.<sup>382</sup>

Neste sentido, Oneide Bobsin chama atenção para o selvagem e o domesticado na religião.<sup>383</sup> O primeiro representa o aspecto bruto e não racional da religião e o segundo os dogmas, regulamentos e a organização científica desta. Bobsin propõe ao pentecostalismo um estado mais selvagem que domesticado. Talvez o racionalismo da cultura ocidental,<sup>384</sup> com boa dose de positivismo, obscureça, em certo sentido, a validade desta experiência selvagem, pois tenta racionalizar a experiência. Se todavia não for possível racionalizar tende a invalidar a experiência religiosa. “A conversão está para a racionalidade da mesma forma como a experiência religiosa está para as construções intelectuais que a seguem”.<sup>385</sup>

A linguagem religiosa se origina nas emoções e, por isso, é necessário identificar as emoções a partir das quais ela se construiu praticamente. O

<sup>379</sup> ALVES, 2005, p. 76.

<sup>380</sup> Croatto classifica as necessidades supridas pela religião em: as *físicas* por milagres; as *psíquicas* com a paz e plenitude de vida e as *socioculturais* com uma nova ordem social e a irrupção de um novo mundo (apocalíptico). CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 45.

<sup>381</sup> Na pesquisa desenvolvida por Brandão, uma entrevistada disse: “Eu tô onde Cristo é mais forte.” A crença popular é de “que onde há menos saber erudito, há mais poder do sagrado e, onde agentes e fiéis são socialmente mais fracos, os deuses são mais fortes.” BRANDÃO, 1980, p. 140, 231.

<sup>382</sup> “Muito mais do que o milagre, os sujeitos subalternos [pessoas simples] esperam da religião a proteção. Mesmo um fiel que nunca tenha sido escolhido para um milagre, continua devoto, desde que se reconheça ligado ao sagrado e protegido por alguma de suas forças. No entanto, mais ainda do que proteção, [...] procuram encontrar a identidade que a crença e a prática religiosa sobrepõe aos nomes comuns dados às categorias “dos pobres”.” BRANDÃO, 1980, p. 140.

<sup>383</sup> BOBSIN, Oneide. Pentecostalismo: desafios e perspectivas pastorais. *Revista de cultura teológica*, São Paulo, ano III, n. 13, p. 73, out./dez. 1995.

<sup>384</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 32.

<sup>385</sup> ALVES, 2005, p. 67-68.

caminho da inteligência científica deve refletir o processo real da constituição do seu objeto.<sup>386</sup>

## 4.2 A transversalidade entre a racionalidade e a não racionalidade

Para a análise ora proposta, utilizou-se o binômio racional/não racional, entretanto ambas as culturas que as compõem são perpassadas, em maior ou menor medida, por uma e outra. Cada uma tem características próprias, como analisa Ênio Brito. O autor destaca: “O pensamento oral pode ser sofisticado e de certa maneira reflexivo, mas não é capaz de criar cadeias elaboradas de causas em sequência linear como o pensamento analítico apoiado em textos”.<sup>387</sup>

Pelo fato do pentecostalismo ter surgido entre classes pobres e oprimidas, e como uma reação à marginalidade social e à institucionalização protestante<sup>388</sup> e católica, a oralidade no pentecostalismo necessita de formas menos elaboradas e racionalizadas de religiosidade, abrindo mão até da necessidade do estudo acadêmico da teologia em alguns casos, pois muitos fiéis não tem acesso a educação formal, aderindo assim ao caminho menos exigente da emoção.

Segundo Hollenweger, o movimento pentecostal é revolucionário porque oferece alternativas à teologia escrita e permite que o pensamento cristalizado na forma escrita se torne fluido no culto através da oralidade, oferecendo possibilidades para pessoas que somente podem falar, que não conseguem se expressar de forma escrita. O acesso à palavra permite a democratização do saber, pois suprime a abstração sistemática e racional dos conceitos.<sup>389</sup> O autor salienta ainda que a teologia oral e portanto, experiencial, tem igualdade de direitos sobre a escrita. Argumenta que Deus não criou faculdades mentais inferiores umas às outras, se compararmos a razão com a emoção, a devoção contemplativa com a dança, etc.<sup>390</sup>

<sup>386</sup> ALVES, 2005, p. 66.

<sup>387</sup> Para uma análise do pentecostalismo na questão oralidade e letramento consultar: POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na Teologia Pentecostal. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. I, n. 1, p. 23-62, jul. 2010.

<sup>388</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 240.

<sup>389</sup> HOLLENWEGER, Walter J. *El Pentecostalismo: Historia y doctrinas*. Buenos Aires: La Aurora, 1976. p. 23.

<sup>390</sup> HOLLENWEGER, 1976. p. 26-27.

A coisa de que se fala torna-se comum aos interlocutores na oralidade, já na escrita ocorre o distanciamento entre ambos.<sup>391</sup> Quando uma lenda ou história é escrita, cristaliza-se a história na escrita. A oralidade não se cristaliza, logo, se adapta e se contextualiza facilmente ao meio, não se encerra como na forma escrita.

Já Leenhardt escreveu que toda mentalidade humana é composta de dois elementos primordiais: mito e razão.<sup>392</sup> Quanto a estes dois elementos, escreveu: “não existe anterioridade em relação ao outro”, pois na história do pensamento humano a razão é tão antiga quanto o mito, não existindo nenhum idioma que seja desprovido de racionalidade. O erro está em comparar “civilizados” e “não civilizados”, em lugar de “julgar cada qual segundo a medida que lhe é peculiar”.<sup>393</sup> Salienta ainda que “toda mentalidade comporta um aspecto racional e um aspecto mítico. Mas um desses aspectos pode suplantar o outro ao ponto de recobri-lo quase inteiramente”.<sup>394</sup>

Não há na realidade passagem de um pensamento mítico a um pensamento racional, como também não há

Sucessão entre um período mítico anterior e uma nova era racional posterior, e nem mesmo existia a transformação de um estado de personagem a um estado de pessoa. Todos estes aspectos e estados se encontram enovelados, fundidos, misturados, indiferentes e virtuais.<sup>395</sup>

Ao invés de “encarar a tensão entre fé e razão, e entre crença e razão, segundo uma postura defensiva, é preciso que sejamos capazes de perceber a

<sup>391</sup> RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. p. 54.

<sup>392</sup> O termo mito é, com efeito, uma velha palavra que entrou em nossa língua com o sentido enfraquecido de fábula ou narrativa relacionada com os deuses. Posteriormente, Van Gennep definiu o mito como uma narrativa que explica ou determina um ritual. Concorda-se hoje que o mito transpõe mecanismos e comportamentos reguladores da sociedade. Ele assegura a repetição dos atos e acontecimentos primordiais, cuja renovação é uma condição do equilíbrio social e do equilíbrio humano. O acontecimento que o mito circunscreveu originalmente é levado ao coração dos ouvintes pelo efeito da recitação. A narrativa age como uma liturgia, que atualiza na alma dos fieis o acontecimento religioso inicial. LEENHARDT, Maurice. O mito. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, p. 90, mar. 1987. Seguindo o conceito de Eliade, os mitos “revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenatural, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar.” ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1963. p. 24.

<sup>393</sup> LEENHARDT, 1947, *apud* QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Rumos do pensamento etnológico na França: a atualidade de Maurice Leenhardt. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, p. 72, mar. 1987.

<sup>394</sup> LEENHARDT, 1947, p. 252. *Apud*: QUEIROZ, 1987, p. 83.

<sup>395</sup> LEENHARDT, 1947, p. 224. *Apud*: QUEIROZ, 1987, p. 81.

interação entre fé, crença e razão em termos construtivos”.<sup>396</sup> Cada vez mais a religiosidade contemporânea busca aquilo que não encontra em outros lugares: a magia e o mito.<sup>397</sup> Entende-se que estas categorias são irracionais, porém, elas mesmas, exigem certo sentido lógico da ação e perpassam todas as religiões, mesmo aquelas consideradas racionais e letradas.

Fé e razão não são atividades opostas ou separáveis do sujeito humano. [...] a fé é uma forma de raciocínio. [...] A ação do espírito humano, que é liberdade reflexiva em seu dinamismo em prol de um objeto de compromisso último e de lealdade, desenvolve-se na e por meio da mente humana. De certa maneira, toda consciência humana envolve uma razão questionadora e crítica; no nível profundo de sua reflexividade, sempre remete a si mesma.<sup>398</sup>

### 4.3 O problema dos estudantes de teologia

A construção da religiosidade e da fé, adquiridas nas igrejas das quais são oriundos os estudantes, entram em conflito, em sua grande maioria, com os postulados acadêmicos. Portanto, é preciso certo cuidado com estes alunos para não serem desrespeitados em suas crenças na academia com a suposta superioridade da razão sobre os postulados de fé. Eles são motivados por sua vida religiosa ou pela experiência de conversão,<sup>399</sup> geralmente de ruptura,<sup>400</sup> e sua formação religiosa ainda não foi devidamente racionalizada. Além disso, a experiência extraordinária tende a colocar a racionalização num lugar secundário.<sup>401</sup> Por outro lado, a descrição do mito, conforme Croatto, não tem sintonia com o saber da ciência, não se misturam, pois são de ordens distintas. Isso extingue o mito e

---

<sup>396</sup> HAIGHT, 2004, p. 59.

<sup>397</sup> BOMFIM, Adailson Jose Rosendo. Um “alarido” neopentecostal: diversidade e ressignificação simbólica na Igreja Universal do Reino de Deus. *Scientia Plena*. São Cristóvão (SE), vol. 3, n. 5, p. 66, 2007.

<sup>398</sup> HAIGHT, 2004, p. 59.

<sup>399</sup> SUNG, 2011, p. 171.

<sup>400</sup> Este conceito para as gerações subseqüentes começa a não ser mais aplicável, pois a necessidade ontológica vai desaparecendo com o tempo. “Os filhos nascidos em famílias protestantes encaram a conversão mais como prática cultural da família, [...] ela acontece, não raramente, desprovida de crise emocional.” RIVERA, 2001, p. 168. Alessandro Bartz indica ainda que o conceito weberiano de conversão não atende mais às idas e vindas do atual trânsito religioso. BARTZ, Alessandro. *Percursos religiosos e adesão: comunidades urbanas da IECLB como estudo de caso*. 2013. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2013. p. 319.

<sup>401</sup> RIVERA, 2001, p. 229.

pode ainda esvaziá-lo através da explicação racional.<sup>402</sup> D'Epinay afirma que entre os pentecostais a fé, o Espírito e o sentimento são mais importantes que a letra e a inteligência e os que são contrários aos estudos alegam que este mata a fé e o sentimento.<sup>403</sup> Nisto corrobora Sung quando escreve:

Estudantes que procuram seminários e faculdades de teologia que oferecem uma reflexão teoricamente mais séria e crítica do que a oferecida nas suas igrejas não se contentam com a repetição e interpretação literal da Bíblia e dos dogmas. Só o fato de procurarem seminário ou faculdade revela este desejo de ir além. Entretanto, quando encontram nesses seminários professores que, consciente ou inconscientemente, não respeitam o seu modo de viver e comunicar a sua fé e assume como tarefa a desconstrução da sua cosmovisão religiosa e sua compreensão da fé, esses estudantes se veem presos em um beco sem saída.<sup>404</sup>

Daniel Lobos afirma que a conversão intelectual do aluno, que geralmente fere sua identidade comunitária, lhe traz crises de fé. Ao se convencer de que o aprendizado na academia suplanta o de sua comunidade, questionará seu sistema de crenças anterior, passando a entrar em conflito com este e podendo abandonar a igreja que pertencia ou ser rechaçado pela liderança.<sup>405</sup> Entretanto, deve-se entender que a crise de fé é necessária para que o sujeito amadureça sua fé, muitas vezes infantil, mitológica e romantizada. Neste sentido, a teologia desempenha importante papel. Contudo, isto não poderá ser feito destruindo esta fé, mas ressignificando-a respeitosamente.

Sung prossegue apontando uma possível solução a este problema:

Muitas vezes essa situação acontece porque os professores desconstroem a compreensão pré-moderna e pré-reflexiva da fé dos estudantes sem tomar o cuidado de diferenciar ou distinguir a experiência da fé da linguagem e cosmovisão que se utilizam para compreender e expressar essa experiência. Não estou querendo dizer com isso que é possível ter experiência sem a mediação da linguagem que permite compreender a experiência; mas é possível distinguirmos esses dois aspectos de um único fenômeno. Em outras palavras, eu posso compreender e expressar de modo diferente a mesma experiência na medida em que percebo que a

<sup>402</sup> CROATTO, 2001, p. 309.

<sup>403</sup> D'EPINAY, Christian Lalive. *El refugio de las masas: estudio sociológico del protestantismo chileno*. Concepción (Chile): USACH/IDEA/CEEP, 2010. p. 296.

<sup>404</sup> SUNG, 2011, p. 172.

<sup>405</sup> LOBOS, Daniel. Problemas y desafíos que presenta el educando pentecostal al plan de estudios teológico de nivel universitario. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis. (Ed.). *Voces del pentecostalismo Latinoamericano: identidad, teología e historia*. Vol. 8. Concepción (Chile): RELEP/CETELA/ASETT, 2003. p. 106.

linguagem/cultura que utilizei não é adequada para dar conta da experiência.<sup>406</sup>

Conforme Durkheim,<sup>407</sup> a eficácia religiosa se dá na emotividade e não na intelectualidade. Ela é eficaz pela força para viver e agir transmitidos ao fiel e não pelos conhecimentos intelectuais que tem. A ênfase racional do protestantismo tradicional certamente foi um dos motivos da emoção exacerbada no culto pentecostal em detrimento da racionalidade.<sup>408</sup> Estas compreensões são necessárias ao fazer teológico, pois pode-se incorrer em grave desrespeito à fé expressa nas comunidades, pelo fato de que a entrega absorta em Deus e a confiança incondicional em sua providência está em contraste com o “saber” e exige a mortificação do orgulho intelectual.<sup>409</sup> É isto que salienta Queiroz,

As características do primitivismo não se expressam pela simples predominância do mítico sobre o racional, mas sim pela dominação absoluta de uma ou outra destas duas maneiras de ser. Entre os arcaicos predominou o mito; mas entre os modernos, a predominância da racionalidade promoveu um retorno, não a um arcaísmo autêntico, e sim a uma ordem ainda pior, a uma nova forma de barbárie.<sup>410</sup>

Como os alunos dos seminários pentecostais são oriundos de comunidades que valorizam a experiência com o divino, fazendo dela a legitimação da fé professada, esta “proíbe que a sua paixão infinita seja cristalizada verbalmente, como um objeto de conhecimento”.<sup>411</sup> A função fundamental da religiosidade não é sua formulação intelectual, pois a “teoria não é a parte mais significativa ou essencial da religião,” é a adoração e o culto a parte fundamental dela.<sup>412</sup> “A religião não se esgota em enunciados racionais. Estes são predicados essenciais de um elemento suprarracional, onde se situa o objeto essencial da religião (o numinoso).

---

<sup>406</sup> SUNG, 2011, p. 172-173.

<sup>407</sup> “A verdadeira função da religião não é nos fazer pensar [...], mas nos fazer agir, nos ajudar a viver. O fiel que comungou com o seu deus não é apenas homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora: é homem que pode mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas, porque está elevado acima de sua condição de homem e crê-se salvo do mal.” DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 424-425.

<sup>408</sup> RIVERA, 2001, p. 147.

<sup>409</sup> WEBER, 1999, p. 380.

<sup>410</sup> QUEIROZ, 1987, p. 84-85.

<sup>411</sup> ALVES, 2005, p. 109.

<sup>412</sup> WACH, 1990, p. 39-40.

[...] Eliminar o numinoso significa reduzir a religião a um fim puramente racional e moral”,<sup>413</sup> que não pode ser definido, apenas interpretado.

Conforme já afirmara Weber, a religiosidade popular sacrifica o intelecto, sem achar isto inconveniente, para permanecer entregue ao conforto da fé.

Toda devoção fiel genuinamente religiosa, de natureza qualquer, inclui direta ou indiretamente, em algum ponto, o “sacrifício do intelecto”, em favor daquela qualidade espiritual específica, supra-intelectual, da entrega absoluta e da confissão, cheia de confiança: *credo, non quod, sed quia absurdum est.*<sup>414</sup> Aqui, com alhures, a religiosidade de salvação das religiões crentes num deus supramundano sublinha a insuficiência da força intelectual em face da sublimidade de Deus.<sup>415</sup>

#### 4.4 A formação do sagrado no sujeito

A fenomenologia da religião, para dar conta da complexidade desta tarefa, lança mão de importantes ferramentas científicas e,<sup>416</sup> uma delas, sem dúvida é a análise que a psicologia faz da concepção de Deus na interioridade do sujeito, ou seja, como ele constrói a imagem de Deus em sua psique. É em decorrência desta construção que o sujeito que compõe a membresia das ADs no Brasil, deve ser analisado.<sup>417</sup>

Na construção da imagem de Deus que os pentecostais têm, deve-se ter em conta a multiforme influência cultural e religiosa que o sujeito tem no Brasil. É um encontro de várias culturas de origem europeia, africana e indígena, o que ocasionou um modelo particular de concepção divina impregnado na psique desde a mais tenra idade e que dificilmente será abandonada de todo, mesmo numa nova configuração religiosa deste Deus. Portanto mesmo numa conversão de ruptura o sujeito abraçará a nova fé com “seu Deus de estimação debaixo do braço”.<sup>418</sup>

<sup>413</sup> BIRCK, 1993, p. 17,37,62.

<sup>414</sup> Frase de Tertuliano: mas porque, creio eu, não quer dizer que é absurdo.

<sup>415</sup> WEBER, 1999, p. 380.

<sup>416</sup> Entre as ciências da religião as obras que mais se destacam são as de: F. M. Müller (1872-1895); Natan Söderblom; (1886-1931); Rudolf Otto (1869-1937); G. van den Leeuw (1890-1950); Rafael Pettazzoni (1883-1959); W. Schimidt (1868-1954); G. Dumézil; Mircea Eliade (1907-1986) e J. Martín Velasco. CROATTO, 2001, p. 51-56.

<sup>417</sup> Para um aprofundamento deste tema consultar RIZZUTO, Ana-Maria. *O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

<sup>418</sup> RIZZUTO, 2006, p. 24.

Para se conhecer a importância da experiência e da emotividade nas Assembleias de Deus, faz-se necessário entender os “princípios inconscientes coletivos segundo os quais este grupo constrói sua realidade”, portanto, é preciso “partir de suas emoções fundadoras”.<sup>419</sup> Para tal tentou-se uma aproximação do pentecostalismo com o pensamento de Rudolf Otto e Paul Tillich,<sup>420</sup> os quais serão examinados a seguir.

#### 4.5 O sagrado em Rudolf Otto

A obra de Rudolf Otto (1869-1937), *O sagrado*,<sup>421</sup> se aproxima do pensamento religioso pentecostal por expor a experiência com o numinoso e como as pessoas sentem e reagem diante do sagrado. Ele foi um teólogo alemão envolvido com a não racionalidade da religião, obtendo seu título de doutorado com a tese *As concepções de Espírito Santo em Lutero*. Embora Otto atuasse como um cientista da religião é indicado no meio acadêmico como etnocentrista,<sup>422</sup> por propor seu olhar a partir do cristianismo, e especialmente o luteranismo.

Para uma definição do sagrado, tem-se, além de Otto o que Berger diz:

O sagrado é apreendido como algo que “salta para fora” das rotinas normais do dia a dia, como algo de extraordinário e potencialmente perigoso, embora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades cotidianas.<sup>423</sup>

##### 4.5.1 Aspectos do numinoso examinados a partir da obra de Otto

Serão analisados à luz da obra *O sagrado* de Rudolf Otto alguns aspectos do numinoso presentes no Pentecostalismo. Para isso, far-se-á um estudo de partes de sua obra procurando estabelecer contato com o Pentecostalismo. A obra citada

---

<sup>419</sup> ALVES, 2005, p. 36-37.

<sup>420</sup> Ambos tiveram contato com a fenomenologia de Mircea Eliade.

<sup>421</sup> OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>422</sup> OTTO, 2007, p. 19.

<sup>423</sup> BERGER, 1985, p. 39.

tem influência de Martinho Lutero, Emanuel Kant, Nathan Söderblom e, especialmente, o aporte aqui realizado é influenciado por Friedrich Schleiermacher.

Otto salienta que existe uma diferença entre o que é produzido por nossa faculdade do conhecimento daquilo que é recebido “por meio das nossas impressões, excitada pela experiência sensível”.<sup>424</sup> Ele propõe assim uma diferenciação entre o racional e o não racional, este último não significando irracionalidade da psique, apenas indica que existem apreensões na psique humana que transcendem o binômio racionalidade/irracionalidade, sendo o numinoso o núcleo, o elemento principal na experiência religiosa. Assim, Otto quer revelar o elemento não racional da religião que foi obscurecida pelo racionalismo.<sup>425</sup>

#### **4.5.1.1 O sentimento de criatura**

Otto convida o leitor a lembrar-se de momentos de forte excitação religiosa, e apela para que não se continue lendo seu livro quem nunca teve tal experiência. Ele as chama de “estados psíquicos de solene devoção e *arrebatamento*”<sup>426</sup>, de “sentimento de criatura que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura”.<sup>427</sup> Não se trata apenas da nulidade perante o absolutamente avassalador, no conceito de Schleiermacher, mas que também Ele é “inefável”.

O sentimento de criatura é também um efeito colateral do sentimento de receio que leva a uma dependência absoluta do numinoso e “pressupõe uma sensação de ‘superioridade (e inacessibilidade) absoluta’”.<sup>428</sup>

#### **4.5.1.2 *Mysterium tremendum***

Este aspecto não é racional e não pode ser conceituado, somente pode ser indicado sentimentalmente pela psique que pode levar a “profunda devoção meditativa”. Ou ainda pode “eclodir do fundo da alma em surtos e convulsões” e

---

<sup>424</sup> BIRCK, 1993, p. 16.

<sup>425</sup> BIRCK, 1993, p. 155.

<sup>426</sup> OTTO, 2007, p. 40.

<sup>427</sup> OTTO, 2007, p. 41.

<sup>428</sup> OTTO, 2007, p. 43.

“induzir estranhas excitações, inebriamento, delírio, êxtase”.<sup>429</sup> É possível levar ao horror e estremeção como alguém diante de uma assombração. Pode se manifestar como bárbaro e selvagem, mas também como refinado e culto.<sup>430</sup> O próprio Otto admite que não há o que dizer diante da experiência.

#### **4.5.1.3 O Tremendum (arrepiente)**

É uma reação emocional que se aproxima do temor e do receio da ira de Deus. Citando Jó (9.34; 13.21) Otto diz que é algo “fantasmagórico”. Porém esta é uma designação inferior para o *numem*, pois evoca receio demoníaco, mas não é o receio diante de coisas “naturais”. Pode ser designado como pasmo, estupefação, assombro místico, arrepiado, pânico apavorado ou sinistro.<sup>431</sup> O temor diante do demoníaco seria uma forma primitiva de se chegar ao numinoso, que pela carência de refinamento racional, cria um “pré-deus”, que depois evolui até se tornar um deus *Tremendum*.<sup>432</sup>

#### **4.5.1.4 O avassalador (majestas)**

No latim majestade tem o aspecto de “inacessibilidade absoluta”, poder, domínio, hegemonia, ou supremacia absoluta, segundo Schleiermacher. Seria o oposto dos sentimentos experimentados pela criatura, de sensação de dependência, de ser condicionado, de aniquilação de si mesmo, de ser pó e cinza diante da majestade.

---

<sup>429</sup> Peter Berger afirma que situações de êxtase são situações normais, “sociedades ou grupos sociais inteiros podem, em tempo de crise, passar coletivamente por tal situação.” BERGER, 1985, p. 57.

<sup>430</sup> OTTO, 2007, p. 44-45.

<sup>431</sup> OTTO, 2007, p. 45-51.

<sup>432</sup> SOUZA, Alexandre Ferreira de. *A narrativa de um malogro: vivência e linguagem religiosas em A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, examinadas a partir de Rudolf Otto. 2009. Dissertação (Mestrado em teologia), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009. p. 27-28.

#### 4.5.1.5 O enérgico

Seria a energia do numinoso, sentido na ira e expresso “simbolicamente na vivacidade, paixão, natureza emotiva, vontade, força, comoção, excitação, atividade, gana.”<sup>433</sup> Atua no ser humano como a força que condiciona e desperta ao zelo que progride para a prática ascética, luta contra o mundo e a carne, na formulação da piedade e na força para realizar atos heroicos. Pode também ser o ardor com que o místico se aproxima, com amor impetuoso, do *numem*.<sup>434</sup>

Esta seria a dimensão do *numem*, no qual a razão perde sua razão, pois na abstração filosófica tal dimensão o humaniza demais, tornando-o emotivo e demasiado humano.

#### 4.5.1.6 O *mysterium*

Otto conceitua *mysterium* como sendo o espantoso, o psicologicamente atingido por um milagre ou prodígio que leva o indivíduo a ficar boquiaberto, embasbacado, a estranheza absoluta. E depois para diferenciar de *tremendum* Otto cita Mc 10.32: “e estavam pasmos [*mysterium*, estupor], e os que acompanhavam tinham medo [*tremendum*]”. Já o “totalmente outro” (*ganz andere*) é o incompreensível e inconcebível, aquilo que foge ao “entendimento na medida em que transcende categorias”,<sup>435</sup> podendo contrapor-se a elas, chega a ser paradoxal. Num nível paradoxal mais elevado pode confundir, ofuscar, contrapor-se e contradizer-se. É o *ganz andere*<sup>436</sup> que “ultrapassa a experiência natural do homem” e se manifesta “como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’”.<sup>437</sup>

<sup>433</sup> OTTO, 2007, p. 55.

<sup>434</sup> SOUZA, 2009, p. 30.

<sup>435</sup> OTTO, 2007, p. 62.

<sup>436</sup> Totalmente outro.

<sup>437</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 16.

#### **4.5.1.7 O fascinante**

O numinoso, em contrataste com o elemento distanciador do *tremendum*, é algo atraente, cativante, arrebatador, encantador e fascinante, podendo levar ao delírio e ao inebriamento. Otto designa este caráter contrastante como o “mais estranho e notável fenômeno na história da religião”. E o que o “demoníaco-divino tem de assombroso e terrível para a nossa psique, ele tem de sedutor e encantador”.<sup>438</sup> A criatura estremece de receio do *tremendum* e ao mesmo tempo sente-se atraída pelo *fascinans*. O elemento racional deste aspecto do numinoso são amor, misericórdia, compaixão e consolo, como aspectos naturais da experiência psíquico-religiosa.

É o fascinante que dá início a processos como “estar no espírito” e de mística enobrecida, as quais levam a exclamações de exaltação. O algo mais do elemento fascinante são as exageradas exaltações dos bens de salvação. Além desta categoria se encontram as experiências de conversão e renascimento, muitas vezes, é difícil ao exprimi-las, podendo desembocar em “excitado enlevo, deixando a pessoa fora de si, numa exaltação que muitas vezes tange o bizarro e o anormal”.<sup>439</sup>

O sentimento de solenidade que o culto adquire, quando celebrado com profundidade e seriedade, é o elemento fascinante, que preenche e satisfaz a alma de modo inefável.

#### **4.5.1.8 O assombroso**

Caracterizado como algo “imenso, tão grande que ultrapassa nossa capacidade de imaginação espacial.” Pode ser também o “totalmente inesperado, tão diferente a tal ponto de causar estranheza”.<sup>440</sup>

---

<sup>438</sup> OTTO, 2007, p. 68.

<sup>439</sup> OTTO, 2007, p. 75.

<sup>440</sup> OTTO, 2007, p. 80.

#### **4.5.1.9 O *augustum***

Expressão como a que se encontra em Isaías “Meus lábios são impuros, venho de um povo de impuro lábios”, surpreende tanto “quanto à resposta-sentimento autodepreciativa” e de “espontaneidade imediata, quase que instintiva”, sendo dada num “reflexo psicológico imediato e involuntário”, diante da resposta de sentir o numinoso, desvalorizando-se diante dele, não como transgressão moral necessariamente, mas como distanciamento humano (como profanidade) ante a *augusta* presença. “Trata-se do valor numinoso, o profundamento e origem não racional primeira de todos os possíveis valores objetivos”.<sup>441</sup> É a exigência do numinoso em compromisso moral, algo que exige “respeito incomparável”, precisando ser reconhecido como mais válido, elevado, “situado acima de todos os valores racionais”, que reconhece e exalta algo “inconcebivelmente valioso”, e que tem o “direito de reivindicar culto” ser exaltado porque é “digno de exaltação”.<sup>442</sup>

Como esse *augustum* é elemento essencial no numinoso, a religião, independentemente de toda e qualquer esquematização moral, é essencialmente obrigação íntima, normatividade para a consciência e o vínculo da consciência, é obediência e culto, não pela pura e simples coerção pelo avassalador, mas pelo curvar-se em reconhecimento diante do mais sagrado valor.<sup>443</sup>

#### **4.5.2 O racional e o não racional no culto pentecostal: aproximações com Rudolf Otto**

Toda religiosidade apresenta aspectos racionais e irracionais. Dependendo da maneira como cada uma compreende o numinoso ou da forma como se organiza, poderão ser dadas ênfases diferenciadas para um aspecto ou outro. No caso do pentecostalismo, mais precisamente as Assembleias de Deus, tem-se, por um lado, ênfases no caráter emocional ou não racional, presentes na maneira de orar, de pregar, de cantar e de expressar o mover do Espírito<sup>444</sup>, e por outro lado, o caráter

---

<sup>441</sup> OTTO, 2007, p. 90-91.

<sup>442</sup> OTTO, 2007, p. 91-92.

<sup>443</sup> OTTO, 2007, p. 92.

<sup>444</sup> Irracional não no sentido de loucura ou avesso à racionalidade, mas no sentido de inclinações emocionais.

racional presente na maneira simplificada<sup>445</sup> como se explicam e compreendem estes fenômenos.<sup>446</sup> Conforme Croatto, o culto não é puramente mental, mas eminentemente corporal e concomitantemente comunitário.<sup>447</sup> De maneira imbricada tem-se o fato de que caminham lado a lado intuições interiores do “coração”, que governam a tomada de decisões de muitos fiéis, e a leitura bíblica literalista, embora não seja uma hermenêutica única.

Certamente o pentecostalismo não sobreviveria se lhe tirasse o caráter não racional, dada a grande atração que este proporciona aos que migram para o mesmo. Por este motivo, pode-se afirmar que, em boa medida, o pentecostalismo não é racional e quando não o pode ser, os pregadores e líderes conseguem criar situações para que assim seja, num constante ciclo de irracionalidade racional.

O Espírito Santo é o símbolo religioso por excelência do Pentecostalismo. A construção deste símbolo<sup>448</sup> se dá a partir da conversão e se aperfeiçoa com o batismo no Espírito Santo como uma “*presença* que sai das sombras, e certa *testemunha* que a reconhece”. Compõe-se numa “*relação presencial* que sela, de forma clara, tal encontro.” Como resultado desse encontro surge uma revelação em forma de “palavra sagrada”,<sup>449</sup> a glossolalia, que assume a função de sinal.<sup>450</sup> Neste sentido, Rubem Alves salienta que a religião é o encontro com o fim último do ser humano.

A religião é a memória de uma unidade perdida e a nostalgia por um futuro de reconciliação. Por isto a religião pressupõe sempre, sob as camadas superficiais de felicidade e paz que ela proclama, um eu irreconciliado com o seu destino.<sup>451</sup>

---

<sup>445</sup> Rivera argumenta que o protestantismo tem uma teologia complexa e um culto simples, enquanto o pentecostalismo tem uma teologia simples e um culto complexo, no sentido de dar lugar às expressões emocionais. RIVERA, 2001, p. 262.

<sup>446</sup> Embora Otto afirme que a racionalidade não esgota o numem. OTTO, 2007, p. 34.

<sup>447</sup> CROATTO, 2001, p. 343.

<sup>448</sup> “O símbolo é, na ordem da expressão, a linguagem originária e fundante da experiência religiosa, a primeira e a que alimenta todas as demais.” CROATTO, 2001, p. 81.

<sup>449</sup> TRÍAS, Eugenio. Pensar a religião: o símbolo e o sagrado. In: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (orgs.). *A religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p. 120.

<sup>450</sup> CROATTO, 2001, p. 85.

<sup>451</sup> ALVES, 1975, *apud* REBLIN, 2009. p. 135.

### 4.5.3 A letra mata<sup>452</sup>

Segundo Rudolf Otto, o racional é tudo que pode ser explicável ou mensurável numa religião e que facilmente se explica em conceitos humanos compreensíveis; já o não racional relaciona-se com o que há de mais profundo na religião, o que toca a realidade última do ser humano, o não explicável, o inefável, o numinoso. Isto não significa que o não racional não possa se tornar racional a partir da explicação da religiosidade e da sistematização de suas crenças. Desta forma, percebe-se que quanto mais informal for uma religiosidade, mais não racional ela é. Contudo, na medida em que seus teólogos a sistematizam perde-se esta característica.<sup>453</sup> Com isso, inúmeros conceitos religiosos se tornam frios quando apenas superficialmente conseguem explicar determinados fenômenos e características da divindade. A teologia pode dessacralizar os símbolos de fé mais primitivos do indivíduo, ou seja, segundo Croatto, “quando o sentido do símbolo é preso e traduzido em uma linguagem racional, assiste-se a seu esvaecimento”.<sup>454</sup>

A linguagem da experiência é profundamente simbólica, enquanto a reflexão reduz o símbolo. Croatto apresenta quatro formas de extinção do símbolo: pelo conceitualismo e positivismo que tentam explicar tudo pela experiência comum, do concreto e do verificável; pela dogmática que o reduz a uma linguagem racional; pelas hermenêuticas redutoras do símbolo que iguala o simbolizante ao símbolo; e pela leitura historicista da Bíblia com suas interpretações literais que excluem a possibilidade da inconcretude e destruição dos mitos.<sup>455</sup>

Neste sentido, Otto critica as dogmáticas afirmando que:

Nas dogmáticas essas coisas que necessariamente têm cunho não teórico, não conceitual e ligado ao sentimento, devido à sua natureza irracional por excelência, fugindo à análise conceitual rigorosa, são desenvolvidas em

---

<sup>452</sup> Esta expressão é muito utilizada pelos pentecostais para se referir a “frieza espiritual” demonstrada pelos que estudam teologia, logicamente baseada numa hermenêutica incorreta do texto bíblico.

<sup>453</sup> Brandão ao fazer diferença entre religião erudita e popular ouviu de um entrevistado que isto separa “a igreja quente da fria”. BRANDÃO, 1980, p. 141. Este é um jargão usado entre os pentecostais, ou seja, igrejas onde há manifestação do Espírito são igrejas quentes, “pentecas”, avivadas ou unguidas.

<sup>454</sup> CROATTO, 2001, p. 115.

<sup>455</sup> CROATTO, 2001, p. 115-117.

*teorias conceituais* e transformadas em objeto de especulação, resultando finalmente no [num] cálculo quase que matemático [...].<sup>456</sup>

No pentecostalismo pode-se afirmar que o racional manifesta-se na maneira como as doutrinas e os costumes assumem importância na vivência diária do crente e formatam suas decisões e modo de vida.<sup>457</sup> Seria a Palavra explicada e sistematizada. Imbricado com isto está a irreverência e a imprevisibilidade das manifestações do Espírito, que, neste sentido, assumem caráter numinoso e não racional. Numinoso porque leva à fascinação, ao terror, ao aniquilamento, à reverência e ao assombro diante do mistério que se revela, e não racional porque apela aos anseios mais profundos da alma humana, não mensuráveis e inexplicáveis. Por isso, certamente o pentecostalismo tem sido motivo de atração para milhares que se abrigam em seu colo confortável e selvagem (*eros religioso*), ao mesmo tempo.<sup>458</sup>

A experiência de êxtase vivenciada no pentecostalismo é uma profunda realidade na obra de Otto, que é a vivência sentimental do divino, o sentir,<sup>459</sup> quase que uma experiência bruta do numinoso.<sup>460</sup> Os aspectos brutos chegam algumas vezes a ser tão intoleráveis que os de fora rejeitam os cultos pentecostais e até mesmo se negam a visitar algum templo pentecostal por se acharem constrangidos em seu meio, alguns afirmando atividades demoníacas e ocultas.<sup>461</sup> É o que Otto chamaria de “receio demoníaco”.<sup>462</sup> Mas não somente externamente observa-se isto, internamente também, quando se satiriza, em comunidades mais elitizadas, as manifestações do Espírito.

O crente pentecostal constata o numinoso em sua vivência religiosa e em consequência, desencadeia uma gama de experiências religiosas, levando-o a admirar a plenitude de seu objeto sagrado, a sentimentos de elevação superior que

---

<sup>456</sup> OTTO, 2007, p. 96.

<sup>457</sup> “É na conversão que as necessidades emocionais se articulam com a lógica da linguagem a que o homem se converte. Na realidade, ele se converte porque a cosmovisão que lhe é apresentada pela religião a que ele irá se converter responde, de alguma forma, à sua experiência de falta de sentido. As cristalizações doutrinárias são resposta a uma pergunta existencial.” ALVES, 2005, p. 76.

<sup>458</sup> Rubem Alves se refere em alguns de seus textos ao caráter erótico-poético da teologia.

<sup>459</sup> OTTO, 2007, p. 162, 171.

<sup>460</sup> OTTO, 2007, p. 169-172.

<sup>461</sup> Estas conclusões externas surgiram porque em tempos passados alguns cultos, como Santa Ceia e Culto de Doutrina, eram feitos a portas fechadas e a entrada era permitida somente com carteira de membro. Dizia-se que havia cerimônias de ocultismo.

<sup>462</sup> OTTO, 2007, p. 169.

mais tarde servirão de base para a racionalização da fé.<sup>463</sup> Porém, pode vir a perder o não racional inicial, ou perder “o primeiro amor” no dizer dos pregadores pentecostais, que sempre de novo convidam os fiéis a experimentarem a elevação quando já não a “sentem” mais.<sup>464</sup>

A linguagem do [recém-convertido] é confessional, emotiva. Ele canta a sua nova experiência. A linguagem da comunidade, entretanto, contém uma elaboração teórica dessa experiência. O converso revela a sua alma. A comunidade articula os sentimentos com uma cosmovisão compreensiva. O converso ainda está sob o encanto mágico de um novo objeto que o fascina e que transformou suas emoções. A comunidade já submeteu esse objeto a um processo de reflexão globalizante. O converso se encontra diante de algo misterioso e maravilhoso. A comunidade já transformou o misterioso e maravilhoso em conhecimento. Por isso, a própria comunidade se refere ao convertido como aquele que “ainda não sabe no que crê”.<sup>465</sup>

A experiência de conversão não se caracteriza por clareza de ideias, mas pela intensidade das emoções. Ninguém se converte aos *ensinos* de Cristo, seja o mandamento do amor, a lei áurea, o sermão do monte, a despreocupação ante o futuro, o perdão dos inimigos. O modo imperativo da linguagem só será introduzido muito mais tarde, quando se tratar da edificação dos fiéis. Somente os já convertidos *a Cristo* podem entender os *ensinos de Cristo*. Na conversão importa *quem foi Jesus Cristo* e não o *que ensinou Jesus Cristo*.<sup>466</sup>

O culto pentecostal é caracterizado por sua espontaneidade, barulho, desordem e, sobretudo, emotividade. O irracional de Otto. Contudo, aquilo que para um assistente desavisado parece desordem, na verdade, segue certo ritual predeterminado pelo “Espírito”, naquilo que Bastide afirma ser “imposição do meio social, sempre o mesmo, através das variações individuais” e “um fato social”.<sup>467</sup>

Segundo Alves, “o símbolo Cristo não é um símbolo secundário que deve apontar para o símbolo primário a *filosofia de Cristo*, mas o símbolo originário que aponta diretamente para um centro mágico de poder”.<sup>468</sup> Ficar retido na experiência de conversão posterga o aprendizado racional da fé, sob certo medo de perder o encanto desta experiência inicial. Embora esta experiência também tenha elementos

<sup>463</sup> SOUZA, 2009, p. 22-23.

<sup>464</sup> “A função da racionalidade religiosa é resolver um problema proposto pela experiência e vivido emocionalmente, e esta resolução exige que a própria experiência fundadora seja obscurecida.” ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005. p. 104.

<sup>465</sup> ALVES, 2005, p. 84-85.

<sup>466</sup> ALVES, 2005, p. 88.

<sup>467</sup> BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 310 e 318.

<sup>468</sup> ALVES, 2005, p. 86.

de angústia sinistra que quer ser esquecida,<sup>469</sup> instala-se uma ambiguidade: o conforto de ficar retido no enlevo da experiência e o seu desejo de esquecimento, como experimentado pelos discípulos no monte da transfiguração.

A racionalidade religiosa implica o esquecimento de um aspecto sinistro da experiência emocional fundadora, [onde] combinam-se a fé e a dúvida. A dúvida é o terror que necessita ser esquecido. E isto se consegue na medida em que se instaura uma racionalidade que se apresente com as pretensões de *conhecimento* absoluto. Quando isto ocorre, a fé se transforma em dogma.<sup>470</sup>

Assim, o aprendizado teológico, por ser racional, se enquadra nesta categoria, conforme Alves:

Todas as evidências que se oferecem ao converso, seja de ordem lógica ou científica, e que, de alguma forma, questionarem a sua experiência fundamental, será imediatamente rejeitada. Aqui só funcionam as razões do coração. A experiência da conversão foi adequada para resolver o problema existencial. Logo, ela deve ser verdadeira. Qualquer insinuação da dúvida, assim, contém sempre em si a ameaça de que a consciência reverta ao seu estado primitivo de angústia.<sup>471</sup>

Desta forma, se criam mecanismos que impedem a reestruturação da fé a partir da racionalidade teológica, pois isto traz o perigo do retorno às experiências de angústia.<sup>472</sup> O medo do estudo teológico estaria relacionado ao perigo da perda desta experiência fundante, esta que lhe livrou de temores e culpas. Portanto, impõe mecanismos de defesa contra sua reestruturação racional. Desta forma, parece que o pentecostal quer viver sempre a sua experiência fundante, comportando-se como um neoconverso. Não há como negar que este não procure a inteligibilidade de sua fé, mas somente até o ponto onde esta não comprometa a experiência fundante.

Segundo Alves, toda racionalidade, religiosa ou científica, se fundamenta em “experiências pré-rationais emotivas.” Salienta que as “categorias fundamentais do pensamento e, conseqüentemente, da ciência são de origem religiosa.”<sup>473</sup> Assim “a racionalidade religiosa não é uma expressão de uma experiência fundamental, mas

<sup>469</sup> “[A racionalidade religiosa] se constrói a partir de uma experiência emocional fundadora, mas uma de suas funções é exatamente obscurecer o terror que tal experiência contém.” ALVES, 2005, p. 113.

<sup>470</sup> ALVES, 2005, p. 105.

<sup>471</sup> ALVES, 2005, p. 98.

<sup>472</sup> ALVES, 2005, p. 99-100.

<sup>473</sup> DURKHEIM, 2000, p. 103.

antes um mascaramento desta”.<sup>474</sup> Nesta mesma linha segue-se o que Schleiermacher afirmou: a “letra” (racionalidade) é subordinada ao “espírito”, e a matriz fundamental da vida espiritual é o “coração” (espírito).<sup>475</sup>

#### 4.6 Paul Tillich e a compreensão do fenômeno religioso pentecostal

Paul Tillich é conhecido como teólogo das fronteiras e das correlações.<sup>476</sup> Trabalha campos opostos ao mesmo tempo, e propõe, ao invés de ruptura, a união das partes, assim o faz também em relação à razão e à emoção. Na tentativa de compreender esta correlação e de ajudar o pentecostalismo a efetuar-la, é que se propõe o presente estudo. Além disso, Tillich relaciona a teologia aos elementos essenciais da vida, rompendo o distanciamento de um e outro, propondo a correlação sinérgica entre as partes. É justamente isto que, em boa medida, se percebe que o pentecostalismo faz, aproximando a realidade última (Deus) à concretude da vida cotidiana.

Para conseguir esta cotidianidade do sagrado é que Tillich propõe uma fenomenologia que leve em conta não apenas proposições racionais, mas também avaliações das narrativas religiosas, considerando elementos não racionais, emotivos e vivenciais.

Para Tillich, a aplicação do método fenomenológico da descrição da religião é necessária, porque ainda há na teologia ideias e conceitos com sentidos vagos e sem fundamentos, justamente pelo fato de a teologia ser uma “ciência” normativa. A descrição fenomenológica que deve estar na teologia, segundo os fenomenólogos, define-se como descrever o visto, o sentido, a experiência como vivida pelo sujeito.<sup>477</sup>

Apenas como uma tentativa de definição da fenomenologia cita-se Piazza: “a fenomenologia religiosa é o estudo sistemático do fato religioso nas manifestações e

<sup>474</sup> ALVES, 2005, p. 103.

<sup>475</sup> DREHER, Luís Henrique. *O método teológico de Friedrich Schleiermacher*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2003. p. 53-54.

<sup>476</sup> “O método de correlação explica os conteúdos da fé cristã através de perguntas existenciais e de respostas teológicas, em interdependência mútua.” TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 5ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 58. Não privilegia nem a essência nem a existência, mas correlaciona-as.

<sup>477</sup> GOTO, Tommy Akira. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 125-126.

expressões sensíveis, ou seja, do comportamento humano, com a finalidade de apreender o significado profundo”.<sup>478</sup>

Partindo deste pressuposto, o pentecostalismo será avaliado à luz do fenômeno religioso, valorizando as manifestações estáticas e tentando estabelecer uma relação com a teologia de Paul Tillich.

#### **4.6.1 A profundidade da razão**

A expressão religiosa pentecostal é caracterizada prioritariamente como emocional, com certo desprezo pela racionalidade da fé.<sup>479</sup> Prova disso é a histórica aversão que a liderança deste movimento adotou em relação ao estudo teológico. A instalação de escolas formais de educação teológica somente foi discutida após 35 anos de instalação da igreja no Brasil. E mesmo assim, o primeiro Instituto Bíblico foi oficialmente reconhecido 61 anos depois da fundação da igreja. Em todo o período entre a discussão inicial e o reconhecimento (e mesmo após este) houve calorosos debates sobre a necessidade e viabilidade do estudo formal, preferindo-se a loquacidade espontânea do Espírito.

A espontaneidade emocional reforça no pentecostalismo sua atitude anti-intelectual, pois se imagina que a racionalidade pode aniquilar a beleza presente na manifestação das emoções<sup>480</sup> e afastar a nostalgia da lembrança da experiência de revelação do mito.<sup>481</sup> Isto quando se deu a ruptura de conversão com a religiosidade anterior, que agora não serve e é criticada como incapaz de satisfazer os anseios sentimentais. A revelação do mistério bem como a relação com o mesmo se torna uma experiência a ser buscada com intensidade e periodicidade.<sup>482</sup> O mito criado

---

<sup>478</sup> PIAZZA, Waldomiro. *Introdução à fenomenologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 18.

<sup>479</sup> Embora a racionalização também se dê na rotinação da organização do culto.

<sup>480</sup> ALVES, 2005, p. 99

<sup>481</sup> Não é possível afirmar a totalidade da não racionalidade do mito, pois este “corresponde a um modo de conhecimento afetivo, paralelo a nosso modo de conhecer objetivo, desenvolvido pelo método. E estes dois modos não se excluem um ao outro. Mas o modo racional se desenvolve pelo método, que nós continuamente clarificamos; o modo mítico promove atitudes, visões, disciplinas e consciência, e exige o controle da racionalidade. Estas duas estruturas são vizinhas e se completam.” AMARAL, Leila. Maurice Leenhardt: antropologia e missão. In: TEIXEIRA, 2007, p. 174. A racionalidade também pode ter seus mitos, segundo Morin, “o mito da razão providencial” e “o mito de nossa razão todo-poderosa” seriam alguns deles. MORIN, 2012, p. 23.

<sup>482</sup> TILLICH, 2005, p. 122.

com esta experiência e o culto prestado agora obscurecem a razão objetiva (a realidade), pois Tillich afirma que:

Em si, não deveria haver nem mito e nem culto; eles contradizem a razão essencial. Eles mostram, por sua própria existência, o estado “caído” da razão que perdeu a unidade imediata com sua própria profundidade. Ela se tornou “superficial”, desvinculando-se de seu fundamento e abismo.<sup>483</sup>

A conversão pentecostal sempre é uma experiência marcante. Ela rompe com um passado que agora é vergonhoso, na maioria das vezes, e se estabelece como um novo paradigma de vida, reorganizando e reordenando a anomia<sup>484</sup> na qual anteriormente a pessoa se encontrava, ou suprimindo necessidades imediatas, ou ainda superando sua finitude. Esta reorganização, embora racional, tem início com a nova experiência emocional da religião agora abraçada, maior do que a racionalidade e a emocionalidade da religião anteriormente professada. Isto faz com que o indivíduo fique retido em sua experiência de conversão, postergando, negando ou mesmo desprezando e criticando o aprendizado teológico sob medo de extraviar ou esquecer a experiência. O que seria um sacrilégio diante do impacto e da grandeza da divindade que se revelou naquele momento.

Embora no escopo das doutrinas pentecostais não se conheça o termo êxtase, este cabe perfeitamente para definir o momento de conversão (condição preliminar para as demais manifestações). E ainda, o batismo com o Espírito Santo ou a manifestação dos dons espirituais, bem como em outras manifestações físicas, mentais e emocionais decorrentes do enlevo que o indivíduo sente no momento da “manifestação do Espírito”, do “revestimento de poder”, da “unção”, ou da “visitação”, utilizando os predicados próprios do pentecostalismo.

O fenômeno ocorre sempre pela ação do Espírito divino que age em todas as esferas existenciais da pessoa levando-a além daquilo que ele conseguiria realizar por si próprio, e a expressão dessa ação sobrenatural, são manifestações físicas que operam na edificação pessoal, comunitária e para a expansão do “Reino de Deus”.<sup>485</sup>

---

<sup>483</sup> TILLICH, 2005, p. 94

<sup>484</sup> “O cosmos sagrado, que transcende e inclui o homem na sua ordenação da realidade, fornece o supremo escudo do homem contra o terror da anomia.” BERGER, 1985, p. 40.

<sup>485</sup> KELM, Thiago Rafael Englert. Manifestações e simbolismo: uma leitura do êxtase pentecostal a partir da teoria do símbolo em Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*, São Paulo, Metodista, v. 12, n. 23, jun. 2013. p. 153

Segundo Tillich, em sua finitude e situações limites o ser humano busca “poderes superiores” para dominar o que não pode dominar, surgindo assim as crises existenciais.<sup>486</sup> Talvez esta seja a singularidade da expressão que se usa no pentecostalismo, a de “buscar o poder de Deus” através do batismo no Espírito Santo e no falar em línguas.

Essas experiências evidenciam o que Paul Tillich chamaria de “profundidade da razão” que, metaforicamente, pode ser aplicada a vários âmbitos da razão: cognitivamente é o apontar para a “verdade-em-si” daquilo que tem o poder infinito do ser; esteticamente aponta para um “sentido infinito e um significado último”; legalmente é a “seriedade infinita e uma dignidade última” da justiça.<sup>487</sup>

A profundidade da razão é aquela característica da razão que explica duas funções da mente humana, o mito e o culto, cujo caráter racional não se pode afirmar nem negar, porque apresentam uma estrutura independente que não pode ser reduzida a outras funções da razão nem ser derivada de elementos psicológicos ou sociológicos pré-rationais. O mito não é ciência primitiva, nem o culto é moralidade primitiva. Seu conteúdo, assim como a atitude das pessoas frente a elas, revela elementos que transcendem tanto a ciência quanto a moralidade – elementos de infinitude que exprimem preocupação última.<sup>488</sup>

O ser em sua finitude tem um “apelo ao transcendente” (que o salmista chamaria de sede de Deus), ao infinito, à “realidade última”, e busca a solução existencial de sua vida na transcendentalidade, na supramundandade, no sobrenatural, ou no significado último das coisas, sendo essa a sua “experiência fundante”. É a manifestação do religioso, contudo, ela não afeta a todos de uma mesma maneira e intensidade.<sup>489</sup>

O encontro com a profundidade da razão pode ser destrutivo sem uma estrutura racional que coloque em ordem ou ao menos tente explicar minimamente esta nova modalidade de vida, caso contrário, se transformará em irracionalismo. Assim, a emoção assume uma racionalidade geralmente cega e fanática, tendo qualidades do demoníaco. “Se a razão sacrificar suas estruturas formais e, com elas, seu poder crítico, o resultado não será um sentimentalismo vazio, mas ascensão demoníaca de formas antirracionalis, que geralmente são apoiadas por

---

<sup>486</sup> GOTO, 2004, p. 67.

<sup>487</sup> TILLICH, 2005, p. 93.

<sup>488</sup> TILLICH, 2005, p. 93.

<sup>489</sup> GOTO, 2004, p. 60-61.

todos os instrumentos da razão<sup>490</sup> técnica.”<sup>491</sup> É esta tendência demoníaca da razão que pode levar ao fundamentalismo religioso.<sup>492</sup> Entretanto, segundo Tillich, tal tendência demoníaca é o que leva os seres humanos a perguntarem pela “reunião de forma e emoção”,<sup>493</sup> que é a pergunta pela revelação, a qual reintegra a razão ao seu fundamento.<sup>494</sup> A revelação é a resposta “às perguntas implícitas nos conflitos existenciais da razão”.<sup>495</sup>

#### **4.6.2 Revelação, êxtase e o fundamento do ser**

Aquilo que não pode ser alcançado pelas vias normais do conhecimento é o que se chama de revelação (remover o véu).

Uma revelação é uma manifestação especial e extraordinária que remove o véu de algo que está oculto de forma especial e extraordinária. Frequentemente chama-se este caráter oculto de “mistério”. [...] Aponta para algo que é essencialmente um mistério, algo que perderia sua própria natureza se perdesse seu caráter misterioso. “Mistério”, neste sentido próprio, é derivado de *muein*, “fechar os olhos” ou “fechar a boca”.<sup>496</sup>

Segundo Tillich, o que “é essencialmente misterioso não pode perder seu caráter de mistério, mesmo quando é revelado. De outra forma, ser-nos-ia revelado algo que só aparentemente era mistério e não aquilo que é essencialmente mistério.” Entretanto, precisa-se afirmar o paradoxo de que “Deus se revelou a si mesmo e que Deus é um mistério infinito para as pessoas a quem ele se revelou.”<sup>497</sup>

Desta maneira, o mistério “precede” a relação “sujeito-objeto”, tornando impossível expressar o mistério em linguagem comum, pois esta linguagem o

<sup>490</sup> Razão técnica é o lado cognitivo do conceito clássico de razão, onde somente “perduram os atos cognitivos que se ocupam em descobrir os meios adequados para alcançar certos fins.” TILLICH, 2005, p. 86.

<sup>491</sup> TILLICH, 2005, p. 106-107.

<sup>492</sup> A igreja (e todas as religiões) precisa ser retrógrada, se ela mudar muito ou se adequar à atualidade ela deixa de prestar conforto, pois o crente se sente acolhido e seguro num ambiente de perpetuidade e continuidade das mesmas coisas, isto lhe assegura o contraste da sociedade que muda muito rapidamente gerando anomia. Assim a religião é o *nomos* (lei, ordem) que permite ao fiel a estabilidade que não encontra mais no mundo secular, dada a velocidade das mudanças.

<sup>493</sup> Aquilo que “torna uma coisa aquilo que é, é seu conteúdo, sua essência, seu poder definido de ser”. TILLICH, 2005, p. 187.

<sup>494</sup> TILLICH, 2005, p. 107.

<sup>495</sup> TILLICH, 2005, p. 157.

<sup>496</sup> TILLICH, 2005, p. 121.

<sup>497</sup> TILLICH, 2005, p. 122.

profanaria e seria compreendido de forma equivocada, pois a linguagem vem após ser estabelecida a relação sujeito-objeto. Para deixar que o mistério continue enfatiza-se o dom de línguas no pentecostalismo, ele manteria o mistério intacto porque é a manifestação não racional daquele que se revela.<sup>498</sup> A linguagem do dom de línguas continua com o mistério, porque se manifesta no êxtase do batismo no Espírito Santo. “Não deveríamos chamar de ‘mistério’ a algo que cessa de ser um mistério depois que foi revelado, e nem a qualquer coisa que possa ser descoberta por uma abordagem cognitiva metódica.”<sup>499</sup>

Contudo, Tillich faz distinção entre êxtase (presente na revelação) e possessão.<sup>500</sup> A primeira não nega a estrutura humana, não a desvaloriza e nem a destrói, antes se manifesta aquilatando a estrutura racional e emocional do ser, pois Deus não precisa destruir sua própria criação para manifestar-se nela; a segunda portanto, aniquila e bestializa as estruturas humanas. O autor faz também distinção entre o êxtase proporcionado pelo Espírito Santo do proporcionado pela intoxicação ou superexcitação religiosa, cujo critério de discernimento é a criatividade manifestada no primeiro e a ausência dela no segundo.<sup>501</sup> A superexcitação é um estado psicológico de experiência subjetiva, produzida artificialmente e não tem poder revelador. Já o êxtase transcende a condição psicológica, embora se manifeste “dentro da totalidade de nossas condições psicológicas”.<sup>502</sup>

O termo “êxtase” (“estar fora de si mesmo”) aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O êxtase não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto. Ao estar além de si mesma, a razão não nega a si mesma.<sup>503</sup>

Da mesma forma que o êxtase coloca a razão para além de si mesma, também coloca a emoção para além de si mesma.<sup>504</sup> Mas o sentimento está no mesmo nível da razão na experiência extática, ou seja, um está tão próximo ou

<sup>498</sup> Tillich afirma, contradizendo a doutrina pentecostal, que a expressão da revelação não pode se dar numa linguagem própria, pois se utiliza da linguagem comum. TILLICH, Paul. *A Coragem de Ser*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 135.

<sup>499</sup> TILLICH, 2005, p. 122.

<sup>500</sup> TILLICH, 2005, p. 570.

<sup>501</sup> TILLICH, 2005, p. 575.

<sup>502</sup> TILLICH, 2005, p. 125-126.

<sup>503</sup> TILLICH, 2005, p. 124.

<sup>504</sup> TILLICH, 2005, p. 127.

distante da revelação quanto o outro. Este é o equilíbrio que faltaria à paradoxal valorização emocional que o pentecostalismo faz da experiência extática.

É perfeitamente aceitável que algumas manifestações ditas de êxtase, sejam apenas manifestações demoníacas ou superexcitação religiosa; ainda mais que estas manifestações de êxtase são encaradas como um rito de iniciação no pentecostalismo, embora não tenham este nome. Quem é batizado no Espírito Santo e tem o dom de línguas é considerado apto a exercer cargos de liderança e tem certo prestígio na congregação, sendo quase uma subclasse de pessoas quem ainda não manifestou esta experiência. Assim, certamente existem situações em que o que se manifesta não é a revelação do fundamento do ser, mas uma imitação barata para se sentir incluído e poder ser chamado de espiritual. Esta teatralidade é denominada de “colete” na umbanda. Segundo Boff, para se discernir corretamente o que é verdadeiro basta atentar para sua “funcionalidade e utilidade para a comunidade. Deve haver proveito e edificação e não apenas bondade e pureza de intenções”.<sup>505</sup>

Outro aspecto a ser observado em relação ao êxtase é a forma como as mulheres se impõem no pentecostalismo, através do que Tillich chama de “inspiração”, que é o elemento cognitivo do êxtase.<sup>506</sup> Como os espaços de poder são exclusivamente masculinos, embora a força operária e evangelizadora seja das mulheres, estas se utilizam e apropriam do exercício do poder através do êxtase profético. Assim, elas têm seu espaço de poder assegurado pelo exercício do dom espiritual. Não tem cargo nem título, mas no momento da “inspiração” têm mais poder que o próprio pastor ou líder, pois o homem tem ministério (dinheiro, patrimônio e funcionários), a mulher tem missão (abnegada, sofrida e sacrificial).<sup>507</sup>

No êxtase pentecostal, a revelação de Deus se dá de maneira a impressionar o intelecto e as emoções,<sup>508</sup> tornando-se quase impossível qualquer

---

<sup>505</sup> BOFF, 1982, p. 246.

<sup>506</sup> TILLICH, 2005, p. 127.

<sup>507</sup> ALENCAR, 2012, p. 152.

<sup>508</sup> “As emoções experimentadas no momento em que se ouvem certas narrativas surgem igualmente na presença de certos costumes, regras ou rituais. [...] O mito é sentido e vivido, antes de ser inteligido e formulado. Mais do que uma narrativa fixada, ele é a fala, a figura; o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança. [...] Um mito só existe se for a revelação incessantemente renovada de uma realidade que penetra o ser a ponto de ele adequar a ela seu comportamento. Caso contrário, o mito se petrifica lentamente numa

“razão objetiva”<sup>509</sup> da realidade, que faça desistir da compreensão emocional abraçada, pois além disso reivindica uma “união completa com aquilo que se manifesta na revelação.”<sup>510</sup> Esta revelação é equivalente a ser aceito numa classe especial de pessoas, pois a pessoa agora se sente incluída. Entende que passa a ser cuidada de maneira especial por Deus. Logo, o converso pode reivindicar, além da união, as bênçãos que lhe são outorgadas por esta nova maneira de viver.

A união com o divino reivindica o conhecimento naquilo com o qual se uniu. E este conhecimento transforma e cura, pois afeta a “profundidade da razão”. Conforme Tillich, este é o mesmo conhecimento que no grego neotestamentário é enfatizado por Paulo. Instala-se uma nova maneira de agir praticando o bem, pois agora se está unido ao que é a essência do bem que passa a fazer parte da vida, ainda que tenha que morrer por isto,<sup>511</sup> inclusive, se necessário, fazer morrer qualquer razão objetiva. Talvez por isto os pentecostais fossem acusados de alienados, pois a razão objetiva implica em agir em realidades concretas. Embora alienado do mundo, a vida do indivíduo é afetada por esta nova realidade e reorganizada objetivamente em sua concretude pessoal. Deve-se levar em conta ainda que a realidade (o que se vê) pressupõe algo superficial, enquanto a essência (aquilo que não se vê) é o que se revela de fato, interferindo na realidade e estabelecendo comunhão com o que se revela.

Tillich faz uma fundamental distinção entre revelação e êxtase.<sup>512</sup> O primeiro provém da realidade última, do fundamento do ser. Portanto, mais importante que o êxtase. Este nada mais é do que a transcendência da “condição básica da racionalidade finita”, é a possessão da mente pelo mistério. Entretanto “não há revelação sem êxtase.”<sup>513</sup>

A racionalidade da fé não satisfaz os anseios do converso pentecostal, pois ela tende a ser controladora e dissecadora da realidade última revelada. Como a união com o que se revela é uma experiência com o todo criador e restaurador,

---

narrativa que, uma dia, será fria.” LEENHARDT, Maurice. O mito. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, p. 91-96, mar. 1987.

<sup>509</sup> TILLICH, 2005, p. 89.

<sup>510</sup> TILLICH, 2005, p. 113.

<sup>511</sup> TILLICH, 2005, p. 109.

<sup>512</sup> O autor faz ainda distinção entre êxtase e entusiasmo, este “significa ter deus dentro de si ou estar dentro de deus.” Conforme TILLICH, 2005, p. 125.

<sup>513</sup> TILLICH, 2005, p. 124-125.

aquela é desprezada por fragmentar e “estragar” esta última. Pois aquilo que é explicável perde seu encanto. Assim, o mito deixa de ser mito. Tornando-se palpável, passa a ser deste mundo,<sup>514</sup> e tudo que é deste mundo assume características malignas no pentecostalismo clássico.

Isto talvez explique parcialmente a ojeriza à racionalização sistemática da fé através da teologia. Obviamente que existe racionalização teológica no pentecostalismo, mesmo sem que se admita estar fazendo teologia, porém a racionalização sempre é feita dando grande valor ao mito fundante da fé individual auferida, que sempre refletirá o momento da conversão de forma emocional, social e espiritual do indivíduo. Embora o mito tenha certa racionalidade, é “uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares”.<sup>515</sup> A racionalização, por outro lado, pode ser os “acordos silenciosos que fazem parte da consciência coletiva da igreja”.<sup>516</sup>

Por causa desta racionalização pode-se observar uma dispersão da teologia informal que havia no início do pentecostalismo, pois hoje cada vez mais este movimento está se tornando multifacetado de acordo com o local, o líder e as circunstâncias que movem esta igreja. Portanto, quase não existe mais uma unanimidade doutrinária pentecostal nas Assembleias de Deus. Talvez as que ainda a preservem são as que observam os usos e costumes da forma como foi inicialmente, pois junto com estas observâncias conseguem manter também uma teologia mais tradicional.<sup>517</sup> No entanto, poucas igrejas das Assembleias de Deus escapam da influência neopentecostal, que a torna diversificada doutrinariamente.<sup>518</sup>

#### **4.6.3 O ser e o não ser como experiência de conversão**

A revelação do mistério implica numa das descobertas humanas mais assombrosas: o ser se torna não ser ao estar afastado do fundamento do ser

---

<sup>514</sup> Mundo é o termo usado pelos pentecostais para se referirem aquilo que é profano em relação a categorias rígidas de disciplinas e regras de vida. Esta rigorosidade em muitas igrejas já não existe mais de forma aberta, mas ainda se mantém viva nos porões do inconsciente coletivo.

<sup>515</sup> ELIADE, 1963, p. 12.

<sup>516</sup> WITTGENSTEIN, *apud* ALVES, 2005. p. 87.

<sup>517</sup> Outro fator de uniformização doutrinária das ADs é sua editora CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus, que publica somente obras que passem pelo conselho doutrinário, composto por teólogos tradicionais da igreja.

<sup>518</sup> POMMERENING, 2013, p. 8-9.

(aquele que se revela). É esta experiência de choque com o “elemento abismal no fundamento do ser” que torna a conversão ou o batismo no Espírito Santo algo tão marcante. É o que Tillich chama de “choque ontológico”, no qual a mente é “arrancada de seu equilíbrio normal e abalada em sua estrutura”.<sup>519</sup> O mistério se apresenta “como o poder de ser, vencendo o não ser”.<sup>520</sup> Ainda segundo Tillich, “cada ser tem o não ser dentro de si mesmo, de modo que é eternamente presente e eternamente superado no processo de vida divina”.<sup>521</sup> A revelação do mistério como fundamento do ser vence o não ser, expressando-se em “símbolos e mitos que apontam para a profundidade da razão e seu mistério”.<sup>522</sup>

Na experiência de encontro pessoal com Deus, que é a fonte de coragem de ser, vence-se a ansiedade e o não ser pela comunhão pessoal com esta fonte de coragem e o fundamento do ser. A coragem aqui descrita é eficaz porque não tem a si mesmo como fonte nem está enraizada em si própria, mas se deriva de um encontro com o que se revela e é baseada exclusivamente neste. E mesmo que haja ameaças ao próprio eu, seu centro está no outro Ser infinitamente maior e inabalável. Desta forma, é necessária uma individualização da coragem de ser, o coletivo apenas pode ajudar a cada indivíduo perceber-se como ser individual, como é o caso de igrejas cristãs que procuram alcançar as massas. Nelas, ao mesmo tempo em que o indivíduo se sente incluído, onde é aceito em amor, amor este que traz a recordação viva do paraíso perdido,<sup>523</sup> é desafiado a buscar sua individualidade, numa dualidade de confronto de sua culpa e condenação que precede o conforto da justificação pela graça ou da barganha com o ser que se revela. Esta é a resposta que as religiões místicas não cristãs não podem dar, pois sua justificação é baseada no esforço individual, que na busca pela coragem de ser encontra o não ser. Na coragem de ser vence-se nesta mesma confiança, a ansiedade do destino e da morte.

A graça da coragem de ser é a “coragem de aceitar-se como sendo aceito, a despeito de ser inaceitável”.<sup>524</sup>

---

<sup>519</sup> TILLICH, 2005, p. 126.

<sup>520</sup> TILLICH, 2005, p. 123.

<sup>521</sup> TILLICH, 1976, p. 27.

<sup>522</sup> TILLICH, 2005, p. 123.

<sup>523</sup> DREWERMANN, Eugen. *O Amor e a Reconciliação*. Trad. Fátima Andrade. Rio do Mouro, Portugal: Círculo de Leitores, 2004. p. 18.

<sup>524</sup> TILLICH, 1976, p. 128.

Decisivo para esta autoafirmação é o fato de ela ser independente de qualquer condição prévia moral, intelectual ou religiosa: não é o bom, ou o sábio, ou o piedoso, quem está destinado à coragem de aceitar a aceitação, mas aqueles que são faltos de todas estas qualidades e estão certos de serem inaceitáveis.<sup>525</sup>

Na união mística com Deus vence-se a ansiedade do vazio e da insignificação, transcendendo à coragem da confiança.<sup>526</sup> Tillich afirma que esta é a principal ansiedade que domina nosso tempo. Uma resposta satisfatória ao desafio é dada pelas igrejas pentecostais e carismáticas, que conseguem proporcionar aos seus fiéis o êxtase, reafirmando e reordenando a identidade e o destino dos fiéis a partir da comunhão pessoal com o divino. Isto traz uma nova realidade e reorientando o relacionamento da pessoa com Deus, dando abertura aos dons do Espírito.<sup>527</sup>

#### **4.6.4 O milagre revelador e o milagre banalizado**

O pentecostalismo é um movimento religioso que valoriza o milagre. Muitas histórias e testemunhos são contados neste sentido. E muitas pessoas aderiram ao movimento por esta causa. Mas atualmente tem havido uma avalanche de milagres midiáticos, especialmente espetacularizados pelo neopentecostalismo, que colocam em dúvida o milagre como revelação do fundamento do ser e apontam para milagres de magia.

Um milagre genuíno é, sobretudo, um evento assombroso, incomum, abalador, mas que não contradiz a estrutura racional da realidade. Em segundo lugar, é um evento que aponta para o mistério do ser, expressando sua relação conosco de uma forma definida. Em terceiro lugar, é uma ocorrência extática. [...] Aquilo que abala sem apontar para o mistério do ser não é milagre, mas magia.<sup>528</sup>

Jesus não fez milagres de forma objetiva segundo Tillich. Seus milagres sempre apontaram para o caráter assombroso de um evento-sinal, recebido de forma assombrosa por indivíduos que o recebem em atitude de fé.

<sup>525</sup> TILLICH, 1976, p. 128.

<sup>526</sup> TILLICH, 1976, p. 132-133.

<sup>527</sup> MACCHIA, Frank D. *Baptized in the Spirit: a global Pentecostal theology*. Grand Rapids (Michigan): Zondervan, 2006. p. 21.

<sup>528</sup> TILLICH, 1976, p. 129.

#### 4.6.5 Seria o pentecostalismo uma revelação histórica?

Sempre houve grupos históricos que foram portadores da revelação através do êxtase e do evento-sinal. Mas a revelação somente acontece de fato se a revelação se dá, não na história, mas mediante a história apontando para além de si mesma.<sup>529</sup> A revelação se dá numa evolução histórica, mas sua revelação final se dará no final da história.<sup>530</sup> O pentecostalismo estaria incluso neste processo de evolução revelacional, assim como qualquer comunidade que recebe sua revelação por um indivíduo, no enfrentamento da profundidade de uma vida pessoal, com suas lutas, decisões e auto-entrega.<sup>531</sup>

É o lugar de contínuas revelações dependentes, que são um aspecto da obra do Espírito divino na igreja. Este aspecto frequentemente é chamado de “iluminação”, referindo-se à igreja como um todo, bem como a seus membros individuais. [...] O Espírito divino, que ilumina os crentes individualmente e como grupo, estabelece uma correlação revelatória entre a razão cognitiva dos crentes e o evento no qual se baseia o cristianismo.<sup>532</sup>

Neste sentido, o pentecostalismo poderá reivindicar que sua provável teonomia, em determinado momento da história, aponta para uma profunda consciência da “profundidade da razão”, “do fundamento da autonomia e do centro unificador”.<sup>533</sup> Ao mesmo tempo em que o pentecostalismo é um instrumento de revelação histórico, tem negado a tradição histórica da revelação por se achar, em muitos sentidos, superior a esta. Anula assim por parte da tradição da igreja seu evento-sinal. Sob esta mesma premissa tem historicamente desprezado a revelação que se dá na própria teologia, valorizando demasiadamente a experiência e a emotividade, salientando a inferioridade da razão presente na sistematização da teologia.

O pentecostalismo foi representante e intérprete de eventos que apontavam para a realidade última. Foi instrumento revelatório enquanto permitiu transparência diante do fundamento do ser que se revelava para que este se manifestasse. Quando passa a manipular o que se revela para obter vantagem própria e adquirir

<sup>529</sup> TILLICH, 1976, p. 132-133.

<sup>530</sup> Este processo de revelação final se dará quando haverá “completa transparência de tudo, para que o divino brilhe através de tudo. Em seu reino plenificado, Deus é tudo em tudo. Este é o símbolo da revelação última e da salvação última em completa unidade.” TILLICH, 1976, p. 157.

<sup>531</sup> TILLICH, 1976, p. 139.

<sup>532</sup> TILLICH, 1976, p. 138-139.

<sup>533</sup> TILLICH, 1976, p. 158.

poder (não do Espírito, mas de forças humanas) deixa de ser elemento revelatório, pois torna-se opaco, passando a apontar para si mesmo como elemento de revelação.<sup>534</sup>

A revelação pode ocorrer diante de qualquer personalidade transparente ao fundamento do ser. O profeta, embora seja um meio de revelação histórica, não exclui outros meios pessoais de revelação. O sacerdote que administra a esfera do santo, o santo que encarna a própria santidade, o crente comum que é possuído pelo Espírito divino – todos podem ser meios de revelação para outros e para todo um grupo.<sup>535</sup>

A mesma transparência diante do ser que se revela, está presente nos santos, não como perfeição pessoal, mas como possibilidade de ser um meio de revelação para outros. “Sua fé e seu amor podem se tornar eventos-sinais para aqueles que são possuídos por seu poder e criatividade”.<sup>536</sup> O conceito de santidade no pentecostalismo tem a ver com a tensão entre o que “não pode” e o que “deve” ser feito; ele não pode participar das diversões que o “mundo” oferece, mas deve ter uma vida de oração que demonstre uma boa espiritualidade.<sup>537</sup>

Em sua demonstração de fé o cristão pentecostal tem na experiência da oração uma das principais formas de receber a revelação (mistério, milagre e êxtase). A oração recebe um grande valor no pentecostalismo e é incentivada como momento devocional, pois é a maneira eficiente de se comunicar com o que se revela, é a comunhão entre criatura e criador. Cita-se como exemplo incentivador da oração, dentre outros, a vida do profeta Daniel e a épica batalha travada entre anjos e demônios para que a oração fosse atendida. Quanto mais o indivíduo permanecer lutando em oração, mais certeza da resposta terá.<sup>538</sup>

Toda oração e meditação, se cumprem seu sentido, isto é, reúnem a criatura com seu fundamento criativo, são revelatórios. [...] Falar a Deus e receber uma resposta forma uma experiência extática e milagrosa;

<sup>534</sup> TILLICH, 1976, p. 133.

<sup>535</sup> TILLICH, 1976, p. 133.

<sup>536</sup> TILLICH, 1976, p. 134.

<sup>537</sup> Entretanto este conceito de santidade está sendo cada vez mais desvalorizado pela crescente participação dos pentecostais nas mais variadas maneiras de se divertir na vida.

<sup>538</sup> Outros exemplos de incentivo para oração utilizada pelos pregadores pentecostais são: uma evidência da conversão (At 9:11); para vencer o mundo e o pecado; para aprofundar a comunhão com Deus; para ser revestido do Espírito Santo (At 3:1,7); para que o mover do Espírito Santo se faça presente (At 4:31); é um alívio na hora da aflição (Tg 5:13); produz edificação aos que convivem conosco (Jd 20); produz intimidade com o Espírito Santo nas dificuldades (Rm 8:26); para não cair em tentação (Mt 26:41); produz poder, pouca oração pouco poder, muita oração muito poder; etc.

transcendem todas as estruturas comuns da razão subjetiva e objetiva. Constituem a presença do mistério do ser e uma efetivação de nossa preocupação última. Se a oração é rebaixada ao nível de uma conversa entre dois seres, é blasfema e ridícula. Se, contudo, é entendida como a “elevação do coração”, isto é, como a elevação do centro da personalidade a Deus, é um evento revelatório.<sup>539</sup>

Assim, a oração do pentecostalismo assume um caráter revelatório pela importância que é dada a ela e também porque através dela proporcionar a experiência mística do batismo no Espírito Santo.

#### 4.7 Teologia e ritos do pentecostalismo

Além dos ritos do batismo nas águas e do batismo no Espírito Santo, que é uma “obra distinta e à parte da regeneração”,<sup>540</sup> outro rito importante no pentecostalismo é o do novo nascimento (o “aceitar a Jesus”). É o renascimento para uma nova vida, onde se morre para o mundo, e o pecado já não exerce domínio, desfrutando a “vida superior” do Espírito.<sup>541</sup> Nesta reina a justiça, a paz e a alegria, ou seja, a “superação da condição profana, não santificada, a condição do “homem natural”, ignorante do sagrado, cego para o espírito”.<sup>542</sup> Dessa maneira, o “acesso à vida espiritual implica sempre à morte para a condição profana, seguida de um novo nascimento”.<sup>543</sup> O pentecostalismo permite o acesso ao numinoso sem intermediários e sem trâmites burocráticos.<sup>544</sup>

Estes três ritos acima são as principais manifestações numinosas valorizadas pelos pentecostais, mas é a glossolalia que renova a experiência do batismo no Espírito Santo, permitindo-se assim sempre de novo a invasão do sagrado na vida do crente. Isto se deve à crença de que o Espírito Santo pode ser “perdido”, pois se “ela [a experiência] não for expressa numa vida de oração, de testemunho e de santidade, logo se tornará numa glória desvanecente”.<sup>545</sup>

Deve-se destacar que, segundo a doutrina pentecostal clássica, o batismo no Espírito Santo ou segunda bênção, tem como significado “experimentar a

<sup>539</sup> TILLICH, 1976, p. 139.

<sup>540</sup> ARAUJO, 2007, p. 119.

<sup>541</sup> ELIADE, 2008b, p. 162.

<sup>542</sup> ELIADE, 2008b, p. 156.

<sup>543</sup> ELIADE, 2008b, p. 163.

<sup>544</sup> RIVERA, 2001, p. 223.

<sup>545</sup> ARAUJO, 2007, p. 119.

plenitude do Espírito”.<sup>546</sup> Este é acompanhado pela glossolalia e, em alguns casos, também por manifestação de dons do Espírito, geralmente os de expressão oral como profecia ou revelação. Por este motivo, dá-se tanta importância à glossolalia, e quem não a manifesta sente-se envergonhado e excluído. Segundo Araújo, o falar em línguas é o “sinal inicial do batismo no Espírito Santo”.<sup>547</sup> Esta plenitude do Espírito dá ao crente “ousadia e poder celestial para este realizar grandes obras em nome de Cristo e ter eficácia no seu testemunho e pregação”, bem como a “glória e a operação de Jesus estão presentes com seu povo”.<sup>548</sup>

A relação com Deus se manifesta, particularmente, a partir de uma presença já possuída interior e constitutivamente, que ilumina a própria presença humana, como a realidade vivida mais intimamente, imanente, e que não é uma faculdade mental, mas todas ao mesmo tempo. Na experiência religiosa é a pessoa que se expõe à presença do mistério.<sup>549</sup>

A formatação do símbolo de fé pentecostal se dá a partir da experiência pessoal de receber o Espírito Santo, e pelo seu auxílio no dia a dia, como o consolo que ajuda a vencer o passado e criar um presente novo (*metanoia*). A partir da transformação de vida, o numinoso, tendo como símbolos principais o Espírito Santo e a glossolalia, passa a ser “a linguagem originária e fundante da experiência religiosa, a primeira e a que alimenta todas as demais”.<sup>550</sup>

É através de seus rituais que a fé de seus adeptos é mantida e cada vez mais aumentada; a religião se constitui em uma prática social que mantém um bom nível de regularidade social diante dos desafios da modernidade; havendo um constante monitoramento da ação entre seus membros para que não haja uma quebra da rotina e conseqüente perda da confiança nos sistemas simbólicos da religião. Na concepção de Bourdieu os sistemas simbólicos como instrumentos de conhecimento e de comunicação só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados, pois o poder simbólico se constitui em um poder de construção da realidade, e os símbolos dessa forma são os instrumentos de integração social.<sup>551</sup>

---

<sup>546</sup> ARAUJO, 2007, p. 119.

<sup>547</sup> ARAUJO, 2007, p. 119.

<sup>548</sup> ARAUJO, 2007, p. 119.

<sup>549</sup> DEWEY, John. *Apud*: CASTIÑERA, Angel. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 179. *Apud*: SEFRIN, Carmencita. Experiência religiosa, uma experiência de sentido. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 299-300.

<sup>550</sup> CROATTO, 2001, p. 81.

<sup>551</sup> BOMFIM, Adailson Jose Rosendo. Um “alarido” neopentecostal: diversidade e ressignificação simbólica na Igreja Universal do Reino de Deus. *Scientia Plena*, São Cristovão (SE), vol. 3, n. 5, p. 65, 2007.

É normal existir certo conflito entre os ritos e o discurso teológico, pois, “é muito difícil nós separarmos a experiência da fé, que dá sentido e força para lutarmos, do discurso religioso que utilizamos para explicar a fé e a cosmovisão dentro da qual conseguimos dar sentido à nossa vida”.<sup>552</sup> Aliado a isto, tem-se que o discurso religioso quanto mais emotivo for maior será seu poder de integração, reduzindo ou eliminando possíveis mal entendidos na mensagem transmitida.<sup>553</sup>

#### 4.8 Considerações

Rudolf Otto salienta a importância da experiência extra sensorial com o numinoso como algo que está para além da dinâmica da vida e que corrobora para seu estreitamento da relação com o divino. Desta forma, ele faz uma importante conexão com as experiências vivenciadas no pentecostalismo.

Tillich sustenta superar a ruptura entre razão e emoção, embora critique a postura de alguns estudiosos de que tudo que se relaciona com emoção, mito, culto, instituições estéticas e relações comunitárias são “excluídas da razão e do conhecimento”, pois são consideradas “efusões emocionais sem validade e critério”. Da mesma forma como são despojadas de verdade afirmações sobre o sentido da vida e a profundidade da razão, salientando que o “que constitui o mistério do ser e sentido é, ao mesmo tempo, o fundamento de sua estrutura racional e o poder de nossa participação emocional nele”.<sup>554</sup>

Na revelação, a razão não é nem confirmada em seu estado de conflito, nem negada em sua estrutura essencial. Mas essa estrutura essencial é restabelecida sob as condições da existência, de modo fragmentário, é verdade, mas real e efetivo. A religião e a teologia, portanto, nunca deveriam atacar a razão como tal [...]. Ataques indistintos desse tipo conduzem o cristianismo ao campo maniqueísta, e grande parte do negativismo teológico no que diz respeito à razão é mais maniqueísta do que cristão.<sup>555</sup>

Aplicando-se o método de correlação de Paul Tillich e à luz de sua fenomenologia da religião pode-se afirmar que as manifestações de êxtase presentes no pentecostalismo são de fato a revelação do fundamento do ser, da

---

<sup>552</sup> SUNG, 2011, p. 173.

<sup>553</sup> RIVERA, 2001, p. 151.

<sup>554</sup> TILLICH, 1976, p. 163.

<sup>555</sup> TILLICH, 1976, p. 164.

realidade última; do não ser se estabelecendo pelo ser, fazendo com que o indivíduo supere sua alienação da realidade última. Esta superação produz a alegria contagiante, tão valiosa no pentecostalismo.

Tomando como base a fenomenologia analisada neste capítulo, tentar-se-á compreender a Teologia pneumatológica do pentecostalismo clássico.

## 5 COMPREENSÃO DA TEOLOGIA PNEUMATOLÓGICA NO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO

A crítica reformista ou profética ao modelo religioso oficial, embora possa engendrar rupturas, estará centrada na reivindicação de um *retorno às origens*, na volta à tradição, que julgam traída, deformada pela religião no poder.<sup>556</sup>

O teólogo Paul Tillich propõe que o método de correlação permite que questões de fé operem conjuntamente com fatores sócio culturais na sociedade, assim, este capítulo tenta compreender a pneumatologia do Espírito no pentecostalismo, mas entende que para este agir do Espírito confluíram alguns fatores políticos, sociais, culturais e econômicos, que são: explosão demográfica nas grandes cidades; ciclo da borracha e migração para SP e RJ; anomia e ambiente de sofrimentos e buscas por melhora de vida; limitação à oralidade e à experiência religiosa em católicos e protestantes tradicionais; liberdade de expressão corporal concomitantemente com uma moralidade do corpo; triunfalismo em meio ao caos; possibilidade do milagre imediato em quase ausência do estado na saúde pública; forte autoridade hierárquica dos líderes permitindo um ordenamento da vida pregressa; ascese como marco de inclusão social; dentre outros fatores.

O Pentecostalismo no Brasil tem fluidez líquida<sup>557</sup>, porque se adapta ao calor de uma religiosidade de “bricolagem” herdada da assimilação indígena, africana e europeia.<sup>558</sup> Ela é potencializada por um tempo presente de desconfiança nas instituições, impermanência de convenções sociais e mudanças culturais em velocidade rápidas e quase impossíveis de assimilar. Dessa forma, atualmente a mercantilização da fé impõe que os produtos religiosos devam ser modificados a cada instante, de acordo com as novas, constantes e crescentes necessidades de um “mercado consumidor” da fé exigente, com suas demandas por produtos inovadores que atendam à voracidade consumista.

---

<sup>556</sup> CAMURÇA, Marcedlo Ayres. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre memória e a emoção. In: TEIXEIRA, 2007, p. 253.

<sup>557</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

<sup>558</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 349.

No meio deste cenário religioso encontra-se o pentecostalismo clássico, que historicamente foi anticultural, engessado em sua estrutura hierárquica gerontocrática e com vários ministérios.<sup>559</sup> Alguns deles disputando pureza doutrinária, mas precisando se adaptar a constantes mudanças.

O pentecostalismo clássico sobreviverá em meio à rapidez das mudanças externas e às resistências internas? Historicamente sempre aconteceu o “milagre” da adaptação, mas recentemente está tendo que lidar, embora isso não se admita de forma aberta, com uma provável despentecostalização,<sup>560</sup> ou seja, o agir livre e espontâneo do Espírito que sempre esteve presente nesta igreja, precisa dar lugar às exigências de uma nova classe média que se envergonha com as manifestações imprevisíveis de louvor, choro, falar em línguas ou qualquer outra experiência pentecostal.

Esses movimentos vão dando lugar a uma igreja cuja identidade não pode mais ser explicável como única. Ela se torna nova e velha ao mesmo, moderna e conservadora, volúvel e engessada; assume formas diversas de acordo com o local e as demandas populares e pastorais onde está inserida, ou seja, racionalmente não poderia dar certo, mas misteriosamente tudo acontece.<sup>561</sup>

Entretanto, em meio a essas mudanças, o tema do Espírito Santo e algumas ênfases sobre os dons sobreviveram e tornaram-se quase cristalizadas, se não na prática litúrgica (com sua espontaneidade), porém no discurso, pois este último sobreviveu às mudanças que se impuseram ao pentecostalismo clássico. Não se descarta discursos e práticas neopentecostais que foram sendo assimiladas e também tem seu lugar próprio.<sup>562</sup>

---

<sup>559</sup> Ministério é a forma como se organiza a administração da igreja; cada ministério tem autonomia administrativa e decisória, porém poderá estar filiada a alguma convenção nacional.

<sup>560</sup> “O desequilíbrio no eixo *emocional/cultural* [produção de sentido coletivo de pertença/reúne saberes que constituem a memória comum do grupo] implica numa disjunção, onde não se comemora mais o ato fundador, resultando num “crer sem tradição” ou numa memória que não mais mobiliza uma fé comum, uma “tradição sem crença”.” CAMURÇA, Marcelo Ayres. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre memória e a emoção. In: TEIXEIRA, 2007, p. 257.

<sup>561</sup> Pastorais no sentido administrativo, onde o pastor presidente tem poderes quase ilimitados, reivindicados com base em seu carisma e consagração divina.

<sup>562</sup> POMMERENING, 2013, p. 7.

A teologia do Espírito Santo no Pentecostalismo brasileiro é de tradição majoritariamente oral.<sup>563</sup> Contudo, conta com algumas obras escritas sobre o assunto, na maioria traduzidas do inglês.<sup>564</sup> Algumas vêm repetindo o relato da experiência do dia de Pentecostes, comentando os escritos do apóstolo Paulo sobre o assunto ou relatando experiências pessoais.<sup>565</sup> Dentre algumas obras pentecostais escritas, destacam-se as seguintes: *Bom dia Espírito Santo* de Benny Hinn; *Surpreendido pelo poder do Espírito* de Jack Deere; *Eles falam em outras línguas* de John Sherril; *Como receber o batismo com o Espírito Santo* de Gordon Lindsay; *Espírito Santo revelação e revolução* de Reinhard Bonnke; *O Espírito Santo, meu companheiro* de Paul Yonggi Cho; *O Espírito Santo e seus dons* e *A respeito dos dons espirituais* de Kenneth Hagin; *O dicionário do Espírito Santo* de Geziel Gomes; *No poder do Espírito* de William e Robert Menzies; *A doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento* de Stanley Horton; *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo* de Stanley Horton; *O batismo no Espírito Santo e com fogo* de Anthony D. Palma; *A existência e a pessoa do Espírito Santo* de Severino Pedro da Silva; *Pentecoste* de Donald Gee; *Nos domínios do Espírito* de Estevão Angelo de Souza; *O vento sopra onde quer* de Lewi Pethrus e *Pentecoste para todos* de Emílio Conde.

Das acima citadas a que tem mais destaque é *Eles falam em outras línguas* que vendeu mais 2,5 milhões de cópias em todo mundo. As únicas de caráter mais dogmático são *No poder do Espírito* e *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*. Essa última e as oito últimas do parágrafo anterior foram editadas pela CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Destaca-se também a dissertação de mestrado de Reginaldo Leandro Plácido com o título *Na dimensão do Espírito: uma leitura do Espírito Santo na Teologia Pentecostal em interface com a teologia sistemática de Paul Tillich*, uma das primeiras iniciativas de cunho mais acadêmico.

---

<sup>563</sup> Além de oral é de caráter fechado, em muitos casos, e seus autores baseados apenas na sobrenaturalidade do agir do Espírito, como escreve Zilse, acham que estas revelações “externalizaram conteúdos divinos e suprahistóricos nos escritos bíblicos, fazendo com que estes, conseqüentemente, tornem-se divinos em si e possuidores de uma inerrante exposição da realidade do ser e do agir de Deus e de seu Espírito, compreensível, “simplesmente”, com uma leitura literal, ou, melhor dizendo, literalista, dos textos.” ZILSE, Raphaelson Steven. *Pneumatologia Pentecostal: revelação divina ou desenvolvimento teológico?* *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. VI, nº 01, p. 53, jan. 2015.

<sup>564</sup> Embora o pentecostalismo nos países de fala hispânica e nos Estados Unidos tem grandes obras acadêmicas pentecostais.

<sup>565</sup> Como a igreja à qual Paulo escreve sobre o assunto está familiarizada com o mover do Espírito, não há preocupação com a descrição dos mesmos, o que faz é uma lista deles e de outros poucos, apontando apenas como se usa na prática litúrgica.

Com essa breve descrição de obras de vertente pentecostal que versam sobre o Espírito Santo percebe-se a carência de uma reflexão escrita que dê conta de explicitar doutrinariamente tal fenômeno. Todavia, essa tarefa não é simples de fazer, pois aquilo que ocupa o lugar de anseio último do ser humano é incrivelmente difícil de ser descrito. Talvez teologicamente seja mesmo quase impossível. Mas utilizando-se de outras ciências, tais como a ciência da religião, a antropologia e a psicologia quem sabe se possa chegar a construir uma teologia do Espírito com ênfase pentecostal, para a partir delas e com a ajuda delas, chegar-se a uma obra doutrinária.

Essa pretensão não está presente neste escrito, demandaria um trabalho exclusivo e exaustivo de pesquisa. O presente texto atém-se a entender o agir do Espírito Santo de forma livre, tendo o pentecostalismo como contexto principal, tomando por base os escritos de alguns teólogos, dentre eles Jürgen Moltmann.<sup>566</sup> Não pretende ser, portanto, uma pneumatologia, apenas uma busca de compreensão e a tentativa de tornar escrita uma teologia oral do Espírito presente no pentecostalismo, para uma melhor compreensão dos problemas relacionados à rejeição aos estudos teológicos acadêmicos.

Esta proposta tenta harmonizar as divergências que existem entre o racionalismo teológico que escandaliza a fé professada nas comunidades pentecostais e a teologia pentecostal clássica que leva em alta conta a experiência com o Espírito Santo, no sentido de que, conforme Amos Yong, a experiência tem um papel inegável na leitura pentecostal e na interpretação da Bíblia.<sup>567</sup> Propõe, portanto, um fazer teológico em continuidade com o saber de fé que vem do povo e que sempre deveria ser para o povo, levando em conta a sua oralidade. Esta forma de pensar não quer evitar que crises de ressignificação da fé se instalem no sujeito pentecostal que pretende se tornar teólogo, mas sim que estas sejam devidamente trabalhadas sem destruir a fé pentecostal.

Tendo por objetivo permitir que o teólogo pentecostal encontre lugar junto à academia, esta de caráter mais reflexiva e metodológica, é que este trabalho pretende apontar caminhos e dar suporte às crises de fé que perpassam aqueles

---

<sup>566</sup> De nacionalidade alemã, doutor em teologia e professor em Wuppertal, Bonn e na Universidade de Tübingen. Sua mais conhecida obra é *Teologia da Esperança*.

<sup>567</sup> YONG, 2010, p. 89.

que, vindo de comunidades pentecostais como já afirmado anteriormente, valorizam a experiência e a oralidade. E que também ingressam em faculdades teológicas que dialogam com as várias correntes presentes na academia, mas que também pretendem continuar servindo às suas comunidades de forma relevante com seu conhecimento acadêmico e ressignificando suas convicções de forma sadia. Portanto, este capítulo pretende responder à pergunta de como fazer teologia em continuidade com o saber de fé que vem da comunidade/congregação.

### 5.1 A experiência com o espírito

A experiência religiosa descrita como batismo no Espírito Santo tem sido de grande importância para os pentecostais, ela é a que funda a compreensão de fé e traça importantes caminhos de organização pessoal, familiar e social para seus adeptos.<sup>568</sup> Nela os pentecostais têm dado ênfase e experimentado conforto espiritual, embora seja, numa teologia mais racional, difícil de explicar ou até mesmo inaceitável.<sup>569</sup> Segundo Moltmann, a teologia não deve renunciar à experiência do Espírito.<sup>570</sup>

Esta experiência pessoal do Espírito é expressa por muitas pessoas por estas simples palavras: “Deus me ama”. Nesta experiência de Deus elas experimentam sua própria, indestrutível e intransferível dignidade, de modo que conseguem erguer-se do pó. Encontram-se a si próprias e não precisam mais esforçar-se por quererem ser desesperadamente elas próprias ou por desesperadamente não quererem ser elas próprias.<sup>571</sup>

Dessa maneira, a desorganização emocional, social, econômica e familiar passa a se organizar a partir da simples experiência que determina no indivíduo um sentimento de pertença, bem-estar e conforto, que por si só permitem novas

<sup>568</sup> Neste sentido no pentecostalismo a experiência é distinta da experiência religiosa de outras confissões cristãs que também reclamam para si a experiência com o Espírito Santo.

<sup>569</sup> Edgar Morin criticando os postulados da racionalidade, diz o seguinte: “A verdadeira racionalidade é profundamente tolerante em relação aos mistérios. A falsa racionalidade tratou sempre como ‘primitivas’, ‘infantis’, ‘pré-lógicas’ populações onde havia uma complexidade de pensamento [...] nos mitos.” MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003. p. 170. *Apud*: SOUZA, 2009, p. 95.

<sup>570</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2010. p. 149.

<sup>571</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 15.

perspectivas de vida, trazendo esperança e alívio. Os indivíduos sentem-se preenchidos com forças gigantescas e são encorajados a um novo estilo de vida.<sup>572</sup>

Assim, não apenas o sujeito da experiência encontra resultados positivos, que atingem o “homem no núcleo de sua pessoa”<sup>573</sup> de tal forma que “passam a constituir experiências”,<sup>574</sup> mas também todo um ambiente que o cerca. E ainda, o futuro escatológico é afetado. É assim que o Espírito constrói a comunidade com experiências revelatórias de seu caráter abençoador e na concretização imediata do Reino de Deus entre os que se deixam levar pela visitação do Espírito, ainda que limitado pelas contingências humanas.

O inabitar do espírito “em nossos cora es” alcança em nós camadas mais profundas do que a consciência. Desperta os sentidos, perpassa também o inconsciente e o corpo, e o torna vivo. Do espírito procede uma nova energia para a vida.<sup>575</sup>

Além de o Espírito libertar de forças destruidoras internas, liberta também do “mundo exterior, dos princípios, regras, normas que desde sempre envolvem a rela o entre o homem e o mundo dentro de limites estreitos. O Espírito torna a pessoa livre de si mesma e livre das realidades exteriores.”<sup>576</sup>

A regra, segundo Comblin, para se manter livre   submeter-se ao discernimento do Espírito para escolher o que edifica e verificar as possibilidades mais convenientes dentro da responsabilidade da livre escolha,<sup>577</sup> lembrando que este discernimento vai na contramão das conven es dogmáticas constituídas,<sup>578</sup> pois v o além de simples obriga es, deveres e moralismos, levando em conta a promo o da vida em todas as suas nuances.

<sup>572</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 108.

<sup>573</sup> “As palavras da Bíblia, que chegaram até nós através dos séculos, e as palavras de anúncio dos cristãos que ouvimos hoje, não procedem elas de experiências do Espírito semelhantes a esta?” MOLTSMANN, 2010, p. 15.

<sup>574</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 31.

<sup>575</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 31.

<sup>576</sup> COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 75.

<sup>577</sup> “Creio que mesmo teologias progressistas cometeram este erro ao marginalizar outras reconstru es do Cristo bíblico a partir de suas experiências vitais. A liberdade para a recria o da imagem de Jesus Cristo   presente do Espírito, que tudo transfunde e recria, não se deixando aprisionar por esquemas definidos e por dogmas.” MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. O pentecostalismo e o pensamento teológico atual: reflexões sobre pneumatologia e experiência na reflexão teológica. *Estudos de religião*, São Bernardo do Campo, ano XII, n. 15, p. 71, dez. 1998.

<sup>578</sup> A parábola do Bom Samaritano pode servir como parâmetro para este discernimento.

Pessoas que vêm de um ambiente opressivo experimentam, no consolo do Espírito, um profundo júbilo, já que este é “experimentado de uma maneira muito comovente e consoladora que leva à oração, aos suspiros e às queixas diante de Deus”, produzindo esperança e fé para enfrentarem situações adversas. “Crer desperta confiança em possibilidades ainda não realizadas no homem, na própria pessoa e nos outros”.<sup>579</sup> É neste anseio por Deus na solução de dificuldade que “esconde-se a força de atração que Deus exerce sobre os homens”.<sup>580</sup>

Na efusão do Espírito, o pentecostal experimenta a liberdade que ele não encontra no sistema econômico opressivo<sup>581</sup> e excludente,<sup>582</sup> ultrapassando os “limites da realidade dada e determinada pelo passado” e busca as “possibilidades de vida que não se realizaram”.<sup>583</sup>

O coração se alarga. As metas da esperança da própria vida e as próprias expectativas de vida se fundem nas promessas de Deus de uma nova criação de todas as coisas. A própria vida finita e limitada recebe daí um significado infinito. A *profundeza transcendente* do Espírito de Deus e a amplitude escatológica do Espírito da ressurreição fazem [...] experimentar a renovação e o renovar-nos caminha conosco.<sup>584</sup>

Outra característica da experiência é a alegria, pois o indivíduo experimenta regeneração da vida, libertando-o “da violência e da culpa, das faltas e ofensas, e enfim das sombras da morte”. Começa a “amar a vida” com o amor de Deus. Logo, “respira de alívio, passa a viver de cabeça erguida e andar ereto, e é tomada por uma indescritível alegria”.<sup>585</sup>

Todas essas experiências relatadas fazem parte das “experiências do Espírito Santo”. Nelas se descobre uma “profundidade transcendente”, o indivíduo é “possuído de esperança” e começa a ver “possibilidades ilimitadas” diante de si. “O

---

<sup>579</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 116.

<sup>580</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 80-81.

<sup>581</sup> “A moderna economia de escassez, a moderna ideologia do crescimento e a compulsão de expandir-se constituem pactos com a morte. São jogos fatais com o medo das pessoas. Especulam com a voracidade de viver e sugam tudo das pessoas.” MOLTSMANN, 2002, p. 111.

<sup>582</sup> Segundo dados do IBGE 67,3% dos pentecostais recebem até 1 salário mínimo por mês e 28% de 1 a 3 salários mínimos. MENCHEN, Denise; BRISOLA, Fabio. População de baixa renda é maioria entre evangélicos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2012/06/1112383-populacao-de-baixa-renda-e-maioria-entre-evangelicos.shtml>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

<sup>583</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 116.

<sup>584</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 150.

<sup>585</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 149.

espírito de Cristo é nossa força vital imanente, o espírito de Deus é nosso espaço vital transcendente”.<sup>586</sup>

## 5.2 O deslumbramento humano diante da revelação

O êxtase experimentado diante da revelação é descrito como momentos de libertação, cura e transformação de estruturas emocionais, algumas também físicas, que traziam perturbações e incômodos.<sup>587</sup> Novas perspectivas de vida cheias de esperança e realizações agora governam a tomada de decisões e a organização da vida. A partir de então o indivíduo se afirma e se constitui como sujeito e construtor de seu destino.

A primeira experiência que os homens fazem de Deus [...], é a experiência de imensa libertação para a vida. Aqueles que são chamados pela palavra de Deus e de quem o Espírito de Deus toma posse experimentam libertações em diferentes domínios da vida. Interiormente a sua energia vital se liberta dos bloqueios da culpa e da melancolia da morte, exteriormente quebram-se os grilhões das opressões econômicas, políticas e culturais. Interiormente surge uma nova afirmação da vida, exteriormente novos espaços vitais são abertos.<sup>588</sup>

As experiências no Espírito causam um deslumbramento inexplicável e se “exteriorizam não apenas nas palavras da linguagem, mas são tão variadas como é a própria realidade sensível”,<sup>589</sup> que faz o indivíduo abandonar velhos hábitos e vícios enraizados ao longo de sua vida, comprometendo-se a seguir um novo jeito de ser que muitas vezes exige mudanças de rotina, de concepções mentais, de organizações sociais e exige sacrifícios de obediência a uma estrutura eclesial estabelecida. De tal maneira o afeta que está disposto até mesmo a submeter seus recursos financeiros. Instala-se no indivíduo um amor que poderá ser canalizado em qualquer direção. No pentecostalismo clássico ele é canalizado, especialmente para evangelizar e fazer novos prosélitos. Nada é muito diante do deslumbramento causado pela habitação do Espírito e a certeza de que se pertence à comunidade do

---

<sup>586</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 150-173.

<sup>587</sup> “Percepção do presente que é tão intensa a ponto de interromper o curso do tempo e suspender a transitoriedade. [...] Momento em que a vida é experimentada com tamanha intensidade. É uma percepção momentânea da eternidade, não uma percepção duradoura. [...] Percebemos estes êxtases excepcionais da vida com todos os sentidos, e, no entanto eles ultrapassam as percepções sensíveis.” MOLTSMANN, 2010, p. 281.

<sup>588</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 101.

<sup>589</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 15.

Espírito. Essa proximidade de Deus expulsa o desprezo pela vida e permite a retomada do amor por ela.<sup>590</sup>

O deslumbramento não pode ser explicado apenas no sentido intelectual. Essa é uma tendência ocidental e masculina, pois muitas das experiências humanas são percebidas apenas pelos sentidos e penetram camadas inconscientes da alma, apenas pequena parte torna-se atividade reflexiva e interpretativa. Existem forças elementares da vida como amor e morte que são impossíveis de serem dominadas, assim também o são as experiências do Espírito, elas simplesmente são avassaladoras.<sup>591</sup>

Muita riqueza e plenitude da vida são reprimidas<sup>592</sup> pela racionalidade exacerbada, tornando a vida deserta e árida.<sup>593</sup> Não significa que o Espírito que gera vida age de forma irracional,<sup>594</sup> apenas que sua forma de atuação passa também por percepções e sentidos que escapam à lógica racional, podendo se tornar irreverente e imprevisível. A dimensão mais profunda do ser “reside no *pathos* (afetividade)” e não “no *logos* (racionalidade)”. É nesse “transfundo” que emerge “a racionalidade, sempre imprevisível”.<sup>595</sup> “Os conceitos criam ídolos, só o maravilhar-se e o espanto conseguem compreender alguma coisa”, disse Gregório de Nissa. Embora isto não signifique qualquer “limitação de conhecimento e nenhuma pobreza de pensamento,” significa antes libertar o conhecimento na “amplidão” do Espírito de Deus, “que perscruta também as profundezas da divindade” e representa uma imensa “riqueza de pensamentos”.<sup>596</sup>

Pensar o Espírito é pensar [...] a irrupção do novo e surpreendente. É pensar o devir, o permanente vir a ser. Este não pode ser apreendido com as categorias clássicas com as quais se elaborou o discurso ocidental, tradicional e convencional da teologia.<sup>597</sup>

<sup>590</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 88.

<sup>591</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 15, 30-32.

<sup>592</sup> Westhelle chama isso de saberes que ficam “às bordas da existência.” WESTHELLE, Vítor. Desabusando o deus das lacunas. In: SCHAPER, 2012, p. 24.

<sup>593</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 40-41.

<sup>594</sup> “A fé não é mera crença na palavra de outrem; a fé não é assentimento à falta de evidência; a fé não é crença naquilo que todo mundo sabe não ser verdade, ou seja, contra o testemunho da razão crítica objetiva. Fé e razão não são de forma alguma antitéticas. A razão é intrínseca à fé, mesmo que a dinâmica da fé exceda o “raciocínio puro”; e o dinamismo tendente à fé é intrínseco à razão humana.” HAIGHT, 2004, p. 60.

<sup>595</sup> BOFF, 2013, p. 45.

<sup>596</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 78.

<sup>597</sup> BOFF, 2013, p. 10.

O teólogo pentecostal Daniel Chiquete se refere à “lógica del Espíritu”, ou seja, o agir do Espírito não obedece à lógica humana, pois se baseia na graça salvífica de Deus, não tem condicionamentos e irrompe onde menos se espera, se utilizando de canais pouco usuais. “Esta ‘lógica del Espíritu’ sobre la que intenta reflexionar la teología pentecostal debe ser valorada en su carácter “ilógico” en todo intento e intercambio de saberes con el pentecostalismo”.<sup>598</sup> Não se pode esquecer de que é a teologia que valida a experiência para que esta não se transforme em excitação religiosa, fanatismo, exibicionismo, fanfarrismo ou qualquer outra demonstração de esquisitice da psique humana.

A experiência com o Espírito Santo deve permear todo e qualquer fazer teológico pentecostal e neste sentido é mais importante que a própria teologia em si, caso contrário produzirá teólogos e alunos frios com uma teologia estéril que não satisfaz às demandas da vida e das próprias exigências do Espírito.<sup>599</sup> Esta experiência não pode ser produzida artificialmente. Só pode ser proporcionada pelo Espírito, mas pode ser desejada e intensamente buscada. Não precisa ser necessariamente o batismo no Espírito Santo ou falar em línguas, se bem que estas são experiências fundamentais do pentecostalismo, mas podem ser a devoção e a intimidade com a vida do Espírito.

A incompreensão de algumas dimensões mais profundas do ser humano talvez seja o motivo pelo qual, uma das coisas menos compreendidas do pentecostalismo, seja o falar em línguas como linguagem que vai além do inteligível, quando se é tomado pelo impulso intenso do Espírito que “ultrapassa as possibilidades meramente humanas”.<sup>600</sup> Ou como escreveu Macchia, as línguas são uma linguagem de amor em que nosso entendimento tateia desajeitadamente para tentar entender o incomensurável.<sup>601</sup>

Além do falar em línguas, outras expressões profundas podem ser experimentadas como profecias e todos os outros dons, louvor, adoração, riso e

---

<sup>598</sup> CHIQUETE, Daniel. *Escritos a tempo y fuera de tempo*. Concepción (Chile): CEEP Ediciones, 2008. p. 26.

<sup>599</sup> Em artigo publicado em *A Seara* um autor anônimo disse: “Alguns irmãos entram nas salas de aula e ensinam teologia cínica, mas de forma alguma podemos censurar, pois o fazem inocentemente. Mas não escapam da crítica de que sua teologia passa ao lado dos problemas reais.” [?]. *A Seara*, Rio de Janeiro, [?], maio-jun. 1958, p. 5-6,8.

<sup>600</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 178.

<sup>601</sup> MACCHIA, 2006, p. 257.

oração. Na maioria como fruto de expressões espontâneas repletas de intensa alegria e paz. A maioria das manifestações são pessoais,<sup>602</sup> no entanto, ao serem feitas na comunidade podem arrastar consigo todos os presentes para a mesma experiência. Portanto, o Espírito se revela individualmente não somente com o objetivo de edificar e construir a comunidade, mas também de mostrar sinais exteriores da chegada da vida eterna como triunfo sobre a morte.<sup>603</sup>

### 5.3 A construção da comunidade do Espírito

A transformação individual anteriormente descrita se estabelece em contato com a comunidade, pois é nela que acontece o apoio necessário para manter as novas constituições de sujeito anteriormente descritas. É na comunidade que se sente aceito e amado e encontra lugar para expressar as dores e alegrias decorrentes das novas decisões tomadas e estabelece sua nova identidade, permitindo-se sonhar com perspectivas antes nunca possíveis. Pode servir à comunidade com seus dons e talentos agora canalizados de forma a não apenas ser útil em sua vocação secular, mas também no Reino de Deus.

A experiência do Espírito proporciona liberdade interior, mesmo permanecendo em situações adversas, pois na comunidade se aprende a liberdade respeitando-se e reconhecendo-se uns aos outros em reciprocidade.

Torno-me verdadeiramente livre quando abro minha vida aos outros e a compartilho com eles, e quando outros abrem sua vida para mim e compartilham-na comigo. Então o outro deixa de ser a barreira e passa a ser o complemento de minha liberdade. [...] Na mútua participação na vida os indivíduos se tornam livres para além dos limites de sua individualidade. [...] Nós o chamamos amor ou solidariedade. Nele experimentamos a união dos indivíduos isolados. Nele experimentamos a união das coisas que a violência separou.<sup>604</sup>

Nessa abordagem não foram levados em conta os desvios e equívocos ocasionados por uma eclesiologia distorcida e comprometida em cooptar indivíduos a causas escusas e interesses individualistas, pois às vezes liberdade em comunidade é erroneamente interpretada como domínio. O domínio gera alienação,

---

<sup>602</sup> Uma das críticas que faz à espiritualidade pentecostal é de que ela é intimista e individualista.

<sup>603</sup> COMBLIN, 2002, p. 112.

<sup>604</sup> MOLTMANN, 2010, p. 118.

mas quando se experimenta a liberdade do Espírito cria-se a comunhão, pois esta é tornar-se uma coisa só uns com os outros.<sup>605</sup>

Liberdade como domínio destrói a vida. O domínio não manifesta a verdade da liberdade, mas sua “mentira”. A verdade da liberdade humana está no amor que quer a vida. É o amor que leva a comunidades desimpedidas, solidárias e abertas. Só a liberdade como comunhão está em condições de curar as feridas que foram e que continuam a ser provocadas pela liberdade como domínio.<sup>606</sup>

É tão somente a ação do Espírito na constituição da comunidade que opera as obras anteriormente relatadas, apesar das ambiguidades humanas. Assim sendo a experiência de Deus se dá na “autoexperiência pessoal de comunhão” e na “autoexperiência social”, porque não pode haver encontro pessoal com Deus se este não for igualmente experimentado em comunidade.<sup>607</sup>

O que antes era sinônimo de pobreza, desprezo e opressão, na comunhão é enriquecido com a presença de irmãos e amigos, pois nela existem condições de ajuda recíproca, vencendo assim o individualismo, o isolamento e a ganância. Através da atuação do Espírito Santo “são desconstruídas diferenças injustas e enfraquecedoras por meio do amor, da misericórdia e da humildade”.<sup>608</sup>

Talvez a ênfase comunitária seja uma das importantes necessidades do pentecostal, pois implica em fazer uma teologia mais oral e menos racional, dado que a oralidade sempre implica num outro presente, enquanto que a leitura e a escrita são um evento solitário. Marielli Vianna analisando as culturas oral e escrita presentes no conto de Miguel de Cervantes, afirma que Sancho Pança “representa o mundo compartilhado da leitura oral, Dom Quixote representa o universo solitário da leitura silenciosa,” ou seja, a oralidade implica em estar em comunidade, enquanto não necessariamente é assim com a cultura letrada. Mas ambos os personagens transitam, são atravessados e confrontados pela cultura oral e

---

<sup>605</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 118.

<sup>606</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 119.

<sup>607</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 97.

<sup>608</sup> WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010. p. 29.

escrita,<sup>609</sup> e vivem em constante tensão entre suas culturas, entre o mito e o logos.<sup>610</sup>

#### **5.4 Propostas mínimas para uma teologia do Espírito Santo**

Esta proposta de teologia do Espírito Santo não visa desprezar as que já foram escritas sobre isso, nem tem a pretensão de resolver questões que ficaram abertas; tão simplesmente se propõe a refletir sobre alguns pontos de vista, que no entendimento do autor são imprescindíveis, algumas delas já foram propostas por outros pesquisadores.

Com essas propostas não se está sugerindo o abandono da racionalidade ou dos postulados acadêmicos, apenas o resgate da emotividade, da sensibilidade e do livre agir do Espírito. A própria sistematização e racionalização da doutrina do Espírito Santo através de escritos e explicações lógicas e teológicas já é uma das manifestações dele na inteligência humana. Entretanto, a racionalidade “exige a eliminação das informações inassimiláveis que tenderiam a romper o mundo por ela construído”.<sup>611</sup>

##### **5.4.1 Imprevisibilidade do Espírito<sup>612</sup>**

Uma das características da manifestação do Espírito Santo no Antigo Testamento é seu surgimento quando o povo de Deus se encontrava em aperto e opressão. O povo clamava e o Espírito se manifestava conclamando alguém para a libertação, mas a manifestação geralmente foi imprevisível quanto à pessoa, ao modo e ao lugar.

Isto pode ser observado em algumas passagens bíblicas: Gideão estava no lagar, recebeu a visita do anjo e foi revestido do Espírito do Senhor, mesmo estando com medo, (Jz 6.34); Balaão, embora com o coração dividido, foi tomado pelo

---

<sup>609</sup> VIANNA, Marielle de Souza. *Dom Quixote: o elogio da leitura e o sentido da religiosidade*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012. p. 105.

<sup>610</sup> VIANNA, 2012, p. 113.

<sup>611</sup> ALVES, 2005, p. 105.

<sup>612</sup> Welker cita como evidência irrefutável da ação do Espírito no Antigo Testamento sua “*imprevisibilidade, incalculabilidade e inacessibilidade*.” WELKER, 2010, p. 91.

Espírito do Senhor (Nm 24.2); o profeta Obadias reconheceu a imprevisibilidade do Espírito em Elias (1Re 18.12); quando Israel estava lamentando diante de Deus a ameaça de guerra dos moabitas e amonitas, veio repentinamente o Espírito do Senhor no meio da congregação (2Cr 20.14); o profeta Zacarias foi apedrejado pela imprevisibilidade da manifestação (2Cr 24.20); sobre Ezequiel se diz que caiu sobre ele, numa ideia de rompante, o Espírito do Senhor (Ez 11.5); uma mulher concebeu a Jesus pelo Espírito Santo (Mt 1.18); quando Jesus foi batizado e saiu da água o Espírito Santo veio sobre ele; sobre a família de Cornélio o Espírito Santo veio interrompendo a fala de Pedro (At 10.44). Estes exemplos de imprevisibilidade atestam para a completa liberdade que o Espírito tem para agir onde, quando e como quiser e ainda age apesar do ser humanas e de suas estruturas pecaminosas. Talvez isto mostre o fato de que ninguém pode controlar o Espírito, Ele é que possui e controla o ser humano.

Durante a história da igreja sempre que a burocracia e a institucionalização locupletavam o Espírito, este irrompia de novo em novas maneiras dentro de velhas estruturas, tornando aquilo que era velho em algo novo, apesar dos protestos do poder instituído. Muitas vezes a religião instituída clamava por um avivamento, mas este se manifestava de maneira inovadora para a velha religião. A imprevisibilidade do Espírito vem de maneira inapropriada e no tempo inapropriado para aquilo que está instituído. Pode ainda se manifestar de forma ínfima em pequenas formas quase imperceptíveis ou ainda em gigantescas explosões de desorganização do previsto e nova organização e geração de vida plena.

Foi assim com Jesus que ao fluir no Espírito com uma proposta de uma religião do coração em oposição a uma religião de aparências não foi aceito na comunidade judaica. Igualmente com o monacato. Ou ainda, com movimentos espirituais populares e de leigos; com a reforma protestante; com o metodismo; com os movimentos de santificação e no século passado com o pentecostalismo. Entretanto, sempre que os movimentos do Espírito fenecem, por humanamente se esfriarem e/ou se institucionalizarem e se racionalizarem, este novamente brota dentro da própria instituição ou fora dela, de maneira inovadora, com sua beleza e poder, às vezes de maneira simples e cotidiana e outras de forma esplendorosa e milagrosa.

Mas Ele irrompe não somente na macro-história, mas também no cotidiano, como por exemplo no clamor dos pobres, nas comunidades pentecostais de periferia, no movimento feminista, na teologia da libertação, nos movimentos ecológicos, nos movimentos migratórios europeus, no desejo de renovação de líderes da igreja mais comprometidos, no grito dos operários explorados pelo capitalismo selvagem, no movimento de protestos conhecidos como as Manifestações de Junho (2013), no clamor de insatisfação de milhões de pessoas com sua situação de falta de moradia, de salário justo, por justiça social, por eliminação da corrupção e tantos outros gritos de opressão que são ouvidos. Este é o gemido inexprimível do Espírito irrompendo nas mais variadas formas, justamente ali onde a sua vida em plenitude quer se instalar, mas está impedida pela exploração e opressão humana e diabólica.

#### 5.4.1.1 O pentecostalismo como sinal da imprevisibilidade do Espírito

Desde o Antigo Testamento o agir do Espírito estava envolto em “coisas assustadoras, ambíguas, estranhas, com dúvidas e desamparo.” Os que eram “possuídos” por Ele, em alguns casos, podiam agir de forma desconexa, confusa e arbitrária.<sup>613</sup> Isto “testemunha com muita nitidez o quanto a ação do Espírito e suas consequências podem ser estranhas e perigosas. Mostra que os portadores do Espírito não estão em condições de controlar a ação do Espírito de Deus e suas consequências”.<sup>614</sup>

O surgimento de comunidades eclesiais pentecostais remete, portanto, ao caráter livre, “gratuito e surpreendente da iniciativa de Deus o qual age por meio do seu Espírito. [Sendo assim] a efusão do Espírito se atualiza ao longo da história, gerando ‘*novos pentecostes*’”.<sup>615</sup>

---

<sup>613</sup> É o caso de Sansão, Jefté e outros personagens bíblicos. “As pessoas atingidas e revestidas pelo Espírito vão além de si mesmas; transformam sua identidade, entram em êxtase profético e ficam praticamente irreconhecíveis. Elas ficam iradas; tocam trombeta, dilaceram bois, transformam-se em líderes do povo, tornam-se o centro de um movimento libertador; em todos os casos, elas não pertencem mais a si próprias.” WELKER, 2010, p. 77.

<sup>614</sup> WELKER, 2010, p. 59.

<sup>615</sup> BARROS, Paulo Cesar. *Pentecostalismo: a liberdade do Espírito. Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 6, jan./abr. 2011.

O Espírito atua de forma desconexa com a racionalidade. Já dizia o evangelista João num texto muito utilizado pelos pentecostais para se referirem ao Espírito que “O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai” (Jo 3.8). Logo, as igrejas do Espírito acabam seguindo esta mesma diretriz, abdicando e até mesmo desprezando qualquer organização formal do ato litúrgico, ou quando esta se estabelece, procura-se afirmá-lo como informal, só para não se perder de vista a não racionalidade (subjéctiva, é claro). “É bastante duvidoso que a última palavra do espírito seja ‘ordem’, a despeito de ‘desordem’ ser algo pouco aprazível”.<sup>616</sup> Entretanto, algumas lideranças por desconhecerem, desprezarem ou mesmo terem outros motivos, procuram sistematizar a atuação do Espírito. Surge assim a rotinização da manifestação do Espírito, dando-se apenas um mínimo de liberdade para que não se perca o controle da situação. Weber chama esta rotinização de “planejamento metódico” e, por isto, racionais; as quais são “todas as formas de prática, sistemática e definitivamente orientada para fins preciosos de salvação”.<sup>617</sup>

A posse do Espírito é [...] produto de um método. [...] O fato das manifestações do espírito suscitarem “desordem” não é ainda um critério que nos desse o direito teológico de rejeitar estas manifestações. Pelo contrário, é a dinâmica do espírito que torna possível que se distinga entre a defesa da fé e a defesa de um status quo. Graças ao espírito, é possível, sob certas circunstâncias, levantar a exigência de defender a fé contra o status quo, contra a ordem eclesiástica, contra a instituição. Apenas ali onde uma instituição eclesiástica concede esta possibilidade em relação a si mesma, é possível falar efetivamente de liberdade cristã.<sup>618</sup>

A posse do Espírito, no sentido de Ele se deixar domesticar não é produto exclusivo das igrejas da Palavra, mas é também perceptível nas igrejas que dizem dar liberdade ao Espírito. Aliás, esta crítica da liberdade do Espírito é algo que diferencia entre si algumas igrejas pentecostais. Diz-se nas igrejas de periferia que as igrejas mais elitizadas não dão liberdade ao Espírito, por conseguinte são categorizadas como igrejas “frias”, ou seja, onde não ocorre a imprevisibilidade do Espírito.

Até hoje a teologia evangélica não conseguiu se libertar completamente da desconfiança em relação ao Espírito. Até hoje nós pregadores não sabemos

<sup>616</sup> KÄSEMANN, E. *Der Ruf der Freiheit*. Tübingen, 1968, p. 75. *Apud*: BRANDT, 1985, p. 42.

<sup>617</sup> WEBER, 2010, p. 38.

<sup>618</sup> BRANDT, 1985, p. 38.

exatamente o que dizer em Pentecostes. Até hoje comunidades se sentem inseguras e impelidas ao protesto quando uma prédica intenta proclamar séria e conseqüentemente o poder vivificador e criativo do Espírito.<sup>619</sup>

Quando nas igrejas elitizadas ocorre alguma manifestação do Espírito que venha causar “desordem” no culto, o oficiante procura dar um jeito de aquietar a situação. Às vezes usa-se o argumento do “culto racional” de Romanos 12, outras vezes de que os “espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” de 1ª Coríntios 14. Assim acomoda-se a atuação do Espírito à racionalidade evitando-se a desordem. Faltando a desordem, sob o olhar da periferia, falta também a vida e a celebração.

A mesma situação ocorre com pregadores que se utilizam mais da racionalidade do que da emotividade. Diz-se dos primeiros que são frios, já os outros tem a “unção”<sup>620</sup> do Espírito e são mais aceitos pelas comunidades de periferia.

A substituição pela racionalidade e a repressão do mover do Espírito pela hierarquia clerical ou mesmo pela elitização do Pentecostalismo é uma séria ameaça ao mover livre do Espírito neste segmento religioso.

Não é elegante para comunidades mais elitizadas a manifestação do Espírito, pois apela à não racionalidade e a desdobramentos socialmente não aceitos, causando até mesmo zombaria e piadas por parte dos que compõem estas comunidades. Já o é socialmente aceito pelas comunidades de periferia. Acredita-se neste contexto que quanto maior a desordem e as atitudes não racionais, maior a manifestação do Espírito. Assim sendo, as críticas surgem de ambos os lados: de um a acusação de frieza e falta do Espírito e de outro o desprezo pelas manifestações do Espírito que são justamente imprevisíveis. Brandt afirma que “se é verdade que o espírito cria vida, então também é verdade [...] que ele cria ao mesmo tempo a ‘desordem’”.<sup>621</sup>

Trata-se, porém, de reconhecer que, desde os primórdios da Igreja, as manifestações do espírito foram encaradas como desordenadas, sendo teologicamente avaliadas de uma forma negativa.<sup>622</sup>

---

<sup>619</sup> BRANDT, 1985, p. 30.

<sup>620</sup> No sentido de apelar à manifestação das emoções e assim dar “liberdade” ao Espírito para “operar” livremente.

<sup>621</sup> BRANDT, 1985, p. 59.

<sup>622</sup> BRANDT, 1985, p. 31.

O espírito age, portanto, de uma forma que traz insegurança, pois ele questiona criticamente o caráter absoluto dos dogmas e um cristianismo que neles se fundamenta.<sup>623</sup>

O Espírito e a valorização da experiência é o que promovem no pentecostalismo a sua espontaneidade e provoca a comunidade à agir de forma livre e acolhedora aos que sofrem.

#### 5.4.1.2 Imprevisibilidade provocadora do Espírito

Não se deixar provocar pode ser adequado e aceitável, porém a única maneira de agir com o Espírito, segundo Brandt, é orar. Através dela, ele provoca à ação, à criatividade e ao irracional. “Não sabemos o que faremos, a que estaremos dispostos – se nos deixarmos provocar!”<sup>624</sup> Através da oração e da experiência com o Espírito se “busca no tempo aquilo que supera o tempo. Ela [a experiência] busca a comunhão com o Mistério eterno, Mistério este que envolve o tempo, mas que também o transcende infinitamente”.<sup>625</sup>

Esta experiência tem sua causa no próprio Deus (Espírito). Não é um mero produto da interpretação humana nem criação do “sagrado” pelo próprio homem. Portanto, [...] é uma experiência *determinada* por Deus. [...] A experiência do Espírito goza sempre de certa *autonomia*. Caso contrário não teria ocorrido uma revelação cristã e nem mesmo teríamos experiências provindas realmente da ação do Espírito.<sup>626</sup>

É o Espírito Santo quem concede “poder” ao crente pentecostal, em sua experiência mística do batismo, a superar suas limitações e pecados e lhe capacitar a realizar “a obra de Deus”, parafraseando Otto.<sup>627</sup> Assim, conforme Durkheim, “o fiel que se comunica com seu deus não é apenas um homem que enxerga as novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais”.<sup>628</sup> Desta forma, é uma motivação a mais para sua busca incessante da experiência não racional.

<sup>623</sup> BRANDT, 1985, p. 58.

<sup>624</sup> BRANDT, 1985, p. 137.

<sup>625</sup> BOFF, Clodovis. Perspectivas da experiência religiosa para o novo milênio. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 305.

<sup>626</sup> MIRANDA, Mário de França. A experiência do Espírito Santo: abordagem teológica. In: ANJOS, 1998, p. 124.

<sup>627</sup> OTTO, 2007, p. 69.

<sup>628</sup> DURKHEIM, 2000, p. 565.

### 5.4.2 Irreverência

A presença do Espírito é tão impactante para a psique humana que normalmente desorganiza as convenções sociais. Entretanto é uma forma de aquilatar a potencialidade das faculdades humanas. Foi assim que aconteceu com Moisés e os setenta anciãos que tiveram dificuldade de sair do transe profético (Nm 11.24-30). E ainda com outros: com Davi quando entrou dançando em Jerusalém (2 Sm 6.14); Sansão fez coisas, ao ser possuído pelo Espírito, completamente fora de lógicas humanas (Jz 13.25; 14.6,19; 15.14); Saul ao ser tomado pelo Espírito matou uma junta de bois e enviou pedaços para as tribos de Israel (1Sm 11.6-7); em outra ocasião ficou um dia todo sem roupa profetizando (1Sm 19-18-24); no dia de pentecostes a irreverência foi tão evidente que achou-se que os discípulos estavam embriagados; Paulo evocou a razão humana para controlar o agir do Espírito na igreja de Corinto.

A manifestação do Espírito não pergunta pelo lugar ou pela conveniência, ele é irreverente, é racionalmente descabida, pois apela ao *pathos* divino. “O espírito como uma dimensão da vida compreende mais do que a razão. Ele abrange eros, paixão, emoção”.<sup>629</sup> É de ruptura e surpresa. Extrapola os limites e condicionamentos da razão humana, é racional e não racional ao mesmo tempo. Não aniquila nem despreza a razão, caso contrário sua manifestação se tornaria um caos, bem como seria impossível sua sistematização em uma teologia racional. “O racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida é irracional.”<sup>630</sup>

Sua irreverência leva à fascinação, ao terror, ao aniquilamento, à reverência e ao assombro diante do mistério que se revela. É não racional porque apela aos anseios, desejos e complexidades mais profundas da alma humana, não mensuráveis e inexplicáveis. Estruturas estas tão fortes e incontroláveis como o amor e a morte. Esta irreverência não é negativa, apenas precisa ser entendida com

---

<sup>629</sup> BRANDT, 1985, p. 145-146.

<sup>630</sup> MORIN, 2012, p. 23.

pressupostos diferentes das que a razão humana e a teologia extremamente racionalista julgam como corretas.<sup>631</sup>

As pessoas atingidas e revestidas pelo Espírito vão além de si mesmas; transformam sua identidade, entram em êxtase profético e ficam praticamente irreconhecíveis. Elas ficam iradas; [...] tornam-se o centro de um movimento libertador; em todos os casos, elas claramente não pertencem mais a si próprias. [...] ficam fora de si.<sup>632</sup>

### 5.4.3 Paradoxismo

A universalidade e abrangência da manifestação do Espírito extrapola a lógica humana, pois ele pode pairar sobre as águas como uma grande mãe cuidadora e criadora, mas também pode promover a explosão das grandes estrelas; está presente no vazio, mas também na abundância; se manifesta na igreja, um suposto lugar de santos, mas também no mundo, o lugar dos profanos; está no céu, mas também no lugar dos mortos ao ressuscitar Jesus; promove a vida, mas também está presente ao consolar na morte; promove uma espiritualidade centrada e descentrada de si (em busca do outro); seu paradoxismo está presente nos dons carismáticos e também na cotidianidade do labor cansativo. Enfim, este ser onipresente, onipotente e onisciente não experimenta limites, explicações ou aprisionamentos. É tão imenso que nem a racionalidade nem a emotividade conseguem manifestá-lo em sua plenitude.

O paradoxo do agir do Espírito é presente entre ricos e pobres, conclamando-os à justiça; entre homem e mulher, rompendo formas de machismo e feminismo; entre leigos e clero, permitindo que todos tenham acesso ao divino; entre razão e emoção,<sup>633</sup> promovendo equilíbrio entre ambas; entre intimismo e

<sup>631</sup> Numa tentativa de sistematizar a relação entre fé e ciência Mikael Stenmark apontou quatro possibilidades: irreconciliabilidade, independência, diferentes versões de reconciliação, e de substituição de uma pela outra; e apontou uma possibilidade real e histórica de apoio mútuo, embora tensionado. STENMARK, Mikael. Meios de relacionar a ciência e a religião. In: HARRISON, Peter (Org.). *Ciência e religião*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 370. Pode ser que esta última seja também uma possibilidade de relação entre teologia e experiência.

<sup>632</sup> WELKER, 2010, p. 77.

<sup>633</sup> “Não há um estágio superior da razão dominante da emoção, mas um eixo intelecto ↔ afeto, e, de certa maneira, a capacidade de emoções é indispensável ao estabelecimento de comportamentos racionais.” MORIN, 2012, p. 20.

comunidade, dando importância à solitude e ao serviço; entre a sensibilidade<sup>634</sup> e o poder, mostrando que está presente nas pequenas coisas, mas também nas incompreensíveis; na igreja e no mundo, mostrando que não existem barreiras para o Reino de Deus.

#### **5.4.4 Holismo: viver segundo o Espírito**

A descida do Espírito sobre os personagens bíblicos acima relatados sempre produziram unidade e atraíram lealdade a uma causa. Mas sua manifestação é também em plenitude, ou seja, todas as dimensões da vida e todas as pessoas estão incluídas. A profecia de Joel atesta para o fato de que abrange pais e filhos, velhos e jovens, escravos e livres, ou seja, toda a raça humana.

Uma teologia do Espírito Santo deve entender que seu agir não se dá somente na conversão, no batismo com o Espírito Santo ou na manifestação dos dons. Isto seria um reducionismo. O pentecostalismo não pode reduzir a ação do Espírito Santo sob pena de trair o próprio movimento. Não pode hipervalorizar os dons carismáticos em detrimento da amplitude do agir do Espírito. Como visto anteriormente sua abrangência se dá em todas as dimensões da vida humana e cósmica, extrapolando os limites da igreja e de sua habitação humana.

Viver segundo o Espírito não é apenas receber sua ajuda para ter uma vida confortável, mas é também fazer opção a favor dos pobres, permitindo-lhes acesso a bens básicos de consumo, ao trabalho, à renda, à moradia, segurança e educação. E ainda, promover a liberdade, a justiça social, viver a essência do amor a qualquer custo, cuidar da natureza, permitir abençoar e ampliar a comunhão cristã com o exercício dos dons e receber sua inspiração para a criatividade e para as artes.<sup>635</sup>

A vida no Espírito manifesta-se na coragem de se abrir às possibilidades transgressoras daquilo que está petrificado em estruturas engessadas que não servem mais à vida, mas à morte. E também permitir que Ele promova vida nova em abundância e irrompa sempre de novo onde o comodismo, a indiferença, o

---

<sup>634</sup> No hb. *Ruach* é substantivo feminino. Foi ele que gestou as águas do caos da terra sem forma e vazia; se se nasce do Espírito, logo ele tem um útero materno.

<sup>635</sup> BOFF, 2013, p. 215-244.

autoritarismo, a lassidão, o legalismo O tenha impedido de agir. “Os mecanismos psicossociais de obscurecimento da precariedade do nosso mundo têm a função de nos enfeitiçar para que vivamos como se o precário fosse permanente, como se os fatos fossem coisas”.<sup>636</sup>

#### 5.4.5 *Carisma: os dons do Espírito*

No Novo Testamento há uma lista que enumera os vários dons do Espírito, que são divididos em dons de manifestação, de serviço e ministérios. Estes são muito valiosos ao cristianismo, especialmente ao pentecostalismo. Mas é em Isaías (11.2-3) que consta uma importante lista de dons,<sup>637</sup> que na verdade são atributos do Espírito Santo que estiveram sobre Cristo, mas que também estão disponíveis para todos e tornam a vida mais plena e bela.

Segundo Libânio, trata-se do dom da **sabedoria**, que é a capacidade de julgar todas as coisas e tomar as decisões mais acertadas. O dom do **entendimento**, que é capacidade de captar intelectualmente as realidades divinas e humanas e que abre também a mente à compreensão das escrituras. O dom da **ciência**, que é a capacidade de argumentar e dar razões e organizar provas científicas. O dom do **conselho**, que é a capacidade de discernir e consultar a si mesmo e aos outros para saber a perfeita vontade de Deus. O dom de **fortaleza** é dado para não se desfalecer no combate da fé, vivendo bem o cotidiano apesar das dificuldades e obstáculos. O dom da  **piedade**, que faz ter a experiência da relação filial com Deus, permitindo perceber a sacralidade de Deus, das pessoas e da natureza. O dom do **temor** de Deus que é a docilidade que move a reverenciar e submeter-se a Deus.<sup>638</sup>

<sup>636</sup> ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Campinas: Papirus, 2006. p. 129. *Apud*: REBLIN, Iuri Andréas. A não ciência de Deus a partir de Rubem Alves. In: SCHAPER, 2012, p. 113.

<sup>637</sup> As versões bíblicas mais usuais utilizam seis dons, mas na tradução dos LXX no início do versículo 3 utiliza a palavra “piedade” ao invés de “temor”, fazendo a tradição posterior aceitar sete dons. CROATTO, José Severino. *Isaías: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. São Paulo: Vozes/Sinodal, 1989. p. 88-89.

<sup>638</sup> LIBANIO, João Batista. *Deus Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 108-114. Embora esta compreensão não é a mesma que os pentecostais tem dos dons do Espírito Santo.

Com relação a estes atributos do Espírito concedidos como dons à humanidade, São Gregório faz menção a eles em oposição à fraqueza humana da seguinte forma:

O Espírito Santo nos dá a sabedoria contra a estultícia, o entendimento contra a estupidez, o conselho contra a precipitação, a fortaleza contra o medo, a ciência contra a ignorância, a piedade contra a dureza, o temor contra a soberba.<sup>639</sup>

#### **5.4.6 O agir cuidadoso do Espírito**

Uma das áreas deficientes do pentecostalismo é a falta de uma visão holística do agir do Espírito. Falta esta que produz fuga e alienação de realidades importantes da vida. Tem-se confundido que o Espírito serve apenas à organização individual e construção comunitária, faltando um olhar mais atento à natureza, ao envolvimento político, às políticas públicas, à promoção de justiça social e a outras multiformes maneiras do Espírito agir no mundo.

A negligência com a natureza é consequência da ideia dispensacionalista da iminência da volta de Cristo.<sup>640</sup> Como este mundo seria entregue à própria sorte com o arrebatamento dos crentes se desencadearia uma série de cataclismos de proporções dantescas e destruidoras. E assim a terra não precisaria de cuidados.

O envolvimento político teve início de forma institucionalizada com a bancada constituinte de 1988. No entanto, esse envolvimento levou em conta, quase exclusivamente, um compromisso com a liberdade religiosa. Até hoje as propostas deste segmento evangélico na política se resumem, na maioria dos casos, a defesa da família e conservação da moral. Todavia, lhe faltam propostas de envolvimento efetivo em políticas públicas e de promoção de justiça social. Dessa forma, assume uma atitude defensiva de seus interesses e combativa ao interesse de outros segmentos.

Experiência pentecostal [...] sem o seguimento pessoal e político de Jesus passam a ser uma coisa espiritualista e ilusória. O seguimento pessoal e

---

<sup>639</sup> LIBANIO, 2000, p. 107.

<sup>640</sup> Seria o arrebatamento da igreja, momento em que Cristo vem à terra levar para si aqueles que o aceitaram como salvador, conforme o dispensacionalismo vigente no pentecostalismo brasileiro.

político de Jesus sem a espiritualidade que “bebe do próprio poço” (G. Gutiérrez) torna-se legalista e rigorista.<sup>641</sup>

Porém, há de se destacar importantes trabalhos sociais desenvolvidos dentro do pentecostalismo com comunidades terapêuticas para dependentes químicos, abrigos para crianças em situação de vulnerabilidade social, atendimento às pessoas de baixa renda com distribuição de itens de necessidades básicas e instituição de estabelecimentos de educação nos mais variados níveis. Todavia, são iniciativas incipientes diante da capacidade laborativa e organizacional desse segmento religioso, bem como diante das necessidades da sociedade.

Neste sentido, Moltmann questiona a fraca presença dos pentecostais no dia a dia do mundo,

no movimento pacifista, nos movimentos libertadores, no movimento ecológico. [...] Se os carismas são dados não para que se fuja da realidade deste mundo para um mundo de sonhos religiosos, e sim para testemunhar a soberania libertadora de Cristo nos conflitos deste mundo, então o “movimento carismático” não pode transformar-se numa religião despolitizada, e muito menos despolitizante.<sup>642</sup>

A limitação da atuação do Espírito apenas aos dons carismáticos, torna o Reino de Deus limitado, pois impossibilita sua manifestação de forma mais concreta no mundo através da comunidade do Espírito. O Reino quer se estabelecer criando vida onde há sinais de morte, esperança onde se instalou a resignação, dignidade onde há vilipêndio, justiça onde impera a falta de escolhas, libertação onde domina a opressão, perdão onde existe culpa e amor onde há alienação e ódio.

O amor de Deus manifesto através da ação do Espírito, desperta forças que antes não havia e leva a comunidade a “*consolar* os tristes, *curar* os doentes e *sanar* as recordações, *acolher* estranhos e *perdoar* pecados, ou seja, *salvar* dos poderes da destruição a vida ameaçada e prejudicada.” Tal amor é “incomensuravelmente superior às decepções e mágoas que restringem e oprimem nosso amor à vida”.<sup>643</sup>

---

<sup>641</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 121.

<sup>642</sup> MOLTSMANN, 2010, p. 179.

<sup>643</sup> MOLTSMANN, 2002, p. 29,38.

## **5.5 Considerações**

O tema do Espírito Santo indiscutivelmente é prioritário na teologia e nos cultos pentecostais. Por ser tão presente certamente não se sentiu necessidade de uma melhor interpretação. O presente capítulo fez uma tentativa de compreender este assunto, seguindo uma mentalidade pentecostal assembleiana, servindo de base para o capítulo seguinte que propõe uma esquematização teológica da pneumatologia.



## 6 PROPOSTAS DE UM MÉTODO TEOLÓGICO PARA O PENTECOSTALISMO CLÁSSICO

O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração.  
Antoine de Saint-Exupéry. *O pequeno príncipe*.

### 6.1 O método teológico pentecostal

A hermenêutica do Espírito é o “fio condutor” que permeia o ensino teológico assembleiano.<sup>644</sup> O Espírito não como algo estático, porém dinâmico que leva a uma teologia experiencial. Esta valoriza e se interessa pelo cotidiano das pessoas. Bernardo Campos salienta esta “hermenêutica del Espíritu”.<sup>645</sup> Esta hermenêutica interpreta a realidade (experiência de vida) a partir de uma interpretação das Escrituras sob a luz da iluminação do Espírito Santo.

O pentecostalismo faz leitura bíblica bastante pontual e seletiva de textos bíblicos, conforme os interesses imediatos de quem prega ou dos ouvintes; procuram-se forças para soluções urgentes de problemas pessoais, familiares; buscam-se saídas mágicas para dificuldades de ordem amorosa, financeira, conjugal e angústias diversas. [...] A Bíblia é, pois, enquanto tal, portadora de um poder imanente, seus textos detêm autoridade transcendente que transforma a vida das pessoas.<sup>646</sup>

A hermenêutica do Espírito é mais utilizada nos seminários de caráter bíblicista, e também por ensinadores leigos que procuram, embora de forma inconsciente, falar a linguagem do povo, pois “a fé pessoal dos crentes não se enquadra nas nomeações de cientistas”.<sup>647</sup> Tornam-se assim melhor aceitos. Entretanto, não necessariamente este é o método teológico da academia formal, na qual em muitos casos prevalecem as ideias teológicas de grandes pensadores

---

<sup>644</sup> Para Amos Yong o pentecostalismo pode ser entendido como um movimento restauracionista, particularmente em respeito à recuperação e reapropriação da vida da igreja primitiva como registrado em Atos dos Apóstolos e isto funciona como uma lente hermenêutica na qual os pentecostais leem e compreendem o restante da Bíblia. YONG, 2010, p. 106.

<sup>645</sup> CAMPOS, Bernardo. *El post pentecostalismo: renovación del liderazgo y hermenéutica del Espíritu*. Disponível em: <[http://www.pctii.org/cyberj/cyberj13/bernado.html#\\_Toc57341950](http://www.pctii.org/cyberj/cyberj13/bernado.html#_Toc57341950)>. Acesso em: 17 jan. 2008.

<sup>646</sup> BARROS, Paulo Cesar. Pentecostalismo: a liberdade do Espírito. *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 7, jan./abr. 2011.

<sup>647</sup> BOBSIN, Oneide. Discurso científico e reificação da religião. In: SCHAPER, 2012, p. 37.

calvinistas, batistas conservadores e luteranos.<sup>648</sup> Estes, em sua grande maioria, são contrários a preceitos pentecostais importantes como a atualidade dos dons, os milagres e a experiência com o divino, pois, conforme afirma Amos Yong, a possibilidade de revelação contínua do Espírito ameaçaria uma das regras básicas da reforma que é a *sola scriptura*. Contudo, Yong afirma que oficialmente e normativamente a Bíblia permanece como base principal de interpretação e reflexão, pois os pentecostais foram e continuam sendo um povo da Bíblia.<sup>649</sup>

Estas linhas teológicas trazem embutidas um perigo à teologia pentecostal: a aniquilação da hermenêutica do Espírito, que baseada em linhas histórico-tradicionais, se fecha para a emotividade, ridicularizando-a e desprezando sua espontaneidade presente no pentecostalismo, que valoriza mais a experiência.<sup>650</sup> Nesta perspectiva, esta pesquisa tenta apontar caminhos de libertação para a teologia pentecostal através do fazer teológico mediado pela experiência com o Espírito, pois esta tem sido aprisionada por teólogos e teologias fundamentalistas, conservadoras e engessadas.

Muitas vezes, os teólogos e professores [...] fazem uma leitura literal do discurso religioso das pessoas simples que se utilizam da linguagem religiosa simbólica, apocalíptica e até mesmo fundamentalista para falar da sua vida de fé. Dessa forma, criticam e desconstroem o discurso religioso simbólico pré-moderno como um erro teórico que precisa ser corrigido e substituído por outros conteúdos compondo um discurso mais “racional”. Não levam muito em conta que o mais importante no âmbito da experiência da fé não é se o discurso religioso corresponde à “realidade”, mas sim se esse discurso está levando ou não as pessoas a viverem melhor a sua missão de testemunhar o amor de Deus no mundo, de fazer deste mundo um lugar melhor para os pobres e pessoas marginalizadas viverem.<sup>651</sup>

A assimilação tardia da teologia no meio assembleiano faz com que surjam duas vertentes: a dos métodos informais, seguindo a tradição das Escolas Bíblicas, mais biblicista, simplista, conservadora e muitas vezes fundamentalista, embora

<sup>648</sup> Exemplos de alguns autores mais utilizados: calvinistas: BERKHOF, L.; GRUDEM, W.; HODGE, C.; CHAFER, L. S.; batistas: BANCROFT, E. H.; ERICKSON, M.; LANGSTON, A. B.; THIESSEM, H. C.; STRONG, A. H.; luteranos: AULÉN, G.; BRAATEN, JENSON; KOEHLER, E. W. A.

<sup>649</sup> YONG, 2010, p. 89.

<sup>650</sup> “A Igreja não pode jamais ter uma teologia acabada, subproduto de uma hermenêutica ingênua; ela pode até ter uma Teologia sistemática, mas jamais sistematizada, ou seja, fechada. A Igreja tem fundamento teológico, mas não deve possuir um “pacote” teológico. [...] A maioria desses pontos de vista da realidade [pontos de vista da teologia] tem uma faceta, talvez, da verdade, que projetada na base do racionalismo-reducionista, absolutizou-se excluindo uma reflexão abrangente e conciliadora.” SOUZA, 2012, p. 28.

<sup>651</sup> SUNG, 2011, p. 174.

mantendo a hermenêutica do Espírito, e a acadêmica de cunho tradicional ou liberal,<sup>652</sup> dependendo das linhas de pensamento adotadas pelas escolas. Estas não dialogam de maneira satisfatória com a hermenêutica do Espírito trazendo sérios danos à continuidade desta hermenêutica.

### **6.1.1 O método gramático-experiencial informal ou devocional**

Como consequência da pouca reflexão teológica acadêmica no pentecostalismo, a maioria dos métodos teológicos e das teologias utilizadas pelo pentecostalismo é oriunda de modelos que negam a manifestação e a experiência do Espírito, ou seja, são de cunho cessacionistas.<sup>653</sup> Não levam em conta a posterioridade.<sup>654</sup> Aliás, a maioria dos escritos sobre o pentecostalismo, tanto teológicos quanto filosóficos e sociológicos, fazem críticas a este segmento religioso.

Existem bons manuais de teologia pentecostal e que defendem as experiências e evidências do batismo no Espírito Santo, mas a maioria se atém apenas às evidências bíblicas. Algumas poucas fazem uma exegese mais aprofundada destes textos e muitas delas são escritas com ênfase apologética apenas.

A título de ilustração segue abaixo um mapa conceitual de como a teologia pentecostal é pensada a partir de sua oralidade praticada nas comunidades e em escolas teológicas de caráter mais devocional e informal.

---

<sup>652</sup> Na verdade os autores liberais não são bem-vindos no meio pentecostal, poucas escolas adotam estes autores.

<sup>653</sup> “A ética protestante se caracteriza pelo fato de que ela desautoriza os sentimentos, reprime-os e os disciplina por meio de uma racionalidade heteronômica. [...] O protestantismo substitui a vida pela linguagem, o corpo pela palavra, a experiência por um dizer que a ignora.” ALVES, 2005, p. 198, 220.

<sup>654</sup> Termo utilizado por Menzies para a 2ª benção, ou batismo no Espírito Santo como evento subsequente à conversão. Embora sua sequência possa ser apenas lógica e não cronológica. Tem-se também muitos eventos na história de casos de pessoas batizadas no Espírito Santo sem a experiência da conversão, embora na Bíblia não conste nenhum caso deste tipo.

Gráfico 3: Ilustração do método teológico informal.



O teólogo alemão Friedrich Schleiermacher salienta que o ponto de partida metodológico da teologia<sup>655</sup> é a experiência religiosa ou a vida piedosa<sup>656</sup>, sendo este o método mais adequado para se compreender o objeto da teologia, se tornando até mesmo superior em importância do que a ética e a metafísica no discurso teológico. Portanto, a fé subjetiva,<sup>657</sup> o testemunho interior do Espírito Santo<sup>658</sup> e a experiência seriam o fundamento da dogmática. Este seria o único remédio para contrapor uma cultura iluminista.<sup>659</sup> Desta forma, Schleiermacher salienta o critério antropocêntrico para se fazer teologia, pois seria baseada na experiência religiosa,<sup>660</sup> num contexto de uma história particular de cada indivíduo.<sup>661</sup> Para ele, a revelação é algo que se dá no contexto da experiência

<sup>655</sup> Schleiermacher em sua hermenêutica destaca o método divinatório que consiste em conectar gramaticalmente e psicologicamente ou sensitivamente o autor e o leitor. SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária, 2012. p. 41.

<sup>656</sup> DREHER, 2003, p. 47, 50

<sup>657</sup> PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Vol. 1. São Paulo: Acadêmica Cristã; Paulus, 2009. p. 75.

<sup>658</sup> PANNENBERG, 2009, p. 80.

<sup>659</sup> DREHER, 2003, p. 48.

<sup>660</sup> DREHER, 2003, p. 50.

<sup>661</sup> DREHER, 2003, p. 57.

religiosa como ponto de partida da teologia e somente tem sentido sendo assim, pois o que é revelado o é feito para o sujeito piedoso.<sup>662</sup> E deve ser pensado exclusivamente desta forma, num sentimento de dependência absoluta.<sup>663</sup> Portanto, ele elevou a experiência e o sujeito religioso como elementos centrais no empreendimento teológico,<sup>664</sup> tendo como ponto de partida a piedade vivida na comunidade.<sup>665</sup> A experiência religiosa em Schleiermacher precede a intelecção, e é a linguagem (religiosa) que faz esta mediação.

Falar em teologia experiencial é fazer a teologia se aproximar relacionalmente de seu objeto de estudo, que é Deus. Sendo ele um Deus relacional que se expressa no amor. Logo, quem se propõe a fazer teologia deve experimentar, não apenas por fé e razão, mas também por sentimentos e afetividade, as várias expressões deste amor em sua própria vida. Somente assim a teologia deixará de ser árida e fria. Isto certamente levaria o indivíduo, que experimenta este amor, a se preocupar com o seu próximo num verdadeiro gesto de amor e entrega como Cristo também o fez.

### **6.1.2 O método gramático-experiencial acadêmico**

Adiante apresenta-se um método teológico levando em consideração várias correntes e postulados teológicos, mas dando destaque especial à experiência. Fato este, como já formulado anteriormente, desprezado em grande maioria pelas teologias ortodoxas e tradicionais.<sup>666</sup> Como a questão gramatical do método, ou seja, tudo aquilo que se refere à racionalidade e aos escritos teológicos durante a história da igreja, já é amplamente discutida em várias outras teologias, esta descrição se aterá mais à questão experiencial do método. Neste sentido, deve-se reconhecer que a teologia pentecostal tem uma grande dívida teológica para com as teologias católica e protestante.

---

<sup>662</sup> DREHER, 2003, p. 51.

<sup>663</sup> DREHER, 2003, p. 52.

<sup>664</sup> DREHER, 2003, p. 57.

<sup>665</sup> DREHER, 2003, p. 60.

<sup>666</sup> “A teologia enquanto discurso de Deus ou discurso sobre Deus proferido por seres humanos está sujeita, intencionalmente ou não, às artimanhas das disputas de poder entre aqueles que supostamente dominam o conhecimento teológico.” REBLIN, Iuri Andréas. A não ciência de Deus a partir de Rubem Alves. In: SCHAPER, 2012, p. 112.

O método proposto deve ser gramático porque não pode prescindir do *logos* cristológico que fundamenta qualquer teologia.<sup>667</sup> Porém, deve estar livre das amarras fundamentalistas,<sup>668</sup> ortodoxas, neo-ortodoxas ou liberais que sempre de novo cerceiam o livre agir do Espírito ou questionam a inspiração das escrituras. Este é um bom preceito da Teologia da Libertação aplicável à Teologia Pentecostal, quando afirma que a teologia deve estar liberta da própria teologia. Deus não pode estar engaiolado pelos dogmas criados pelos homens. Como escreveu Rubem Alves: “um Deus engaiolado nas gaiolas de palavras chamadas dogmas é sempre menor que a gaiola”.<sup>669</sup> Neste mesmo sentido, César Moisés afirma que não pode haver “inflexibilidade na reconsideração de postulados” teológicos, algumas vezes errados ou desatualizados, pois perdem sua relevância para a atualidade. Ou seja, o enrijecimento não produz uma boa teologia, mas sim uma que “se mova no horizonte real da experiência”, que seja “científica e aberta ao mundo”.<sup>670</sup>

O *logos* cristológico é composto de todos os métodos, as hermenêuticas e as ferramentas teológicas que foram sendo desenvolvidas ao longo da história da igreja e que comprovaram sua eficácia e utilidade, e se compõe, preferencialmente, do método histórico-gramatical e do histórico-crítico. Este último composto por um conjunto de métodos, que são: crítica das fontes, da forma, da redação, da tradição, literária e histórica. O *logos* cristológico, apropriando-se do método histórico-gramatical<sup>671</sup>, analisa o texto bíblico numa visão geral com sua delimitação, o seu contexto histórico, literário e cultural; ocupa-se com a tradução do texto de seus originais; faz sua análise léxica, morfológica, estilística, sintática, literária e teológica; apropria-se ainda, quando necessário, das ciências auxiliares da teologia. Desta forma, permanece ancorada às principais tradições teológicas que lhe garantem autoridade, fidedignidade e plausibilidade.

<sup>667</sup> Murad classifica cinco linhas teológicas: conservadora, indefinida, eclética, progressista e liberal. MURAD, 2010, p. 154.

<sup>668</sup> Segundo Antonio Mendonça, “o fundamentalismo no Brasil protestante provocou duplo prejuízo na formação teológica: ao empobrecer o estudo da Bíblia impediu a formação de biblistas e sua reprodução, assim estimulou o surgimento de miríades de “institutos bíblicos” cujo objetivo não vai além do treinamento básico de evangelistas.” ANJOS, M. F. (Org.). *Teologia: profissão*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 112. *Apuç*: ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Relações de poder na educação teológica. In: KOHL, 2006, p. 203-204.

<sup>669</sup> ALVES, 2004, p. 10.

<sup>670</sup> CARVALHO, César Moisés. *Uma pedagogia para a Educação Cristã: noções básicas da Ciência da Educação a pessoas não especializadas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 98-99.

<sup>671</sup> KUNZ, Claiton André. *Método histórico-gramatical: um estudo descritivo*. Disponível em: [http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo\\_historico-gramatical.pdf](http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo_historico-gramatical.pdf). Acesso em: 20 abr. 2015.

A hermenêutica utilizada no método é tanto a “hermenêutica filosófica” quanto a “hermenêutica bíblica confessante”.<sup>672</sup> A primeira se apropria do método histórico-crítico<sup>673</sup> e histórico-gramatical<sup>674</sup>, a segunda do método comunitário<sup>675</sup> de interpretação bíblica. Todavia ambas se sujeitam ao critério da inspiração e veracidade bíblica, mas sem se perder em literalidades vazias de sentido, nem cair nas armadilhas do desconstrutivismo.<sup>676</sup> Podem utilizá-lo quando necessário, permitindo abertura à linguagem mítica da Bíblia quando a verdade factual não for necessária, tendo sempre diante de si a possibilidade da experiência do Espírito,

<sup>672</sup> RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 62.

<sup>673</sup> O método histórico-crítico teve origem no final do século XVII, sob influência do Iluminismo e do Deísmo, desenvolveu-se durante os séculos XVIII e XIX, tendo seu fim (historicamente) no século XX. Apesar disso, os resultados desse método continuam ainda a influenciar os estudos acadêmicos da Bíblia. Sob a influência do Racionalismo, a tarefa da hermenêutica passou a ser considerada como *metodológica*, ou seja, competia à hermenêutica elaborar métodos através dos quais se pudesse, de forma isenta dos pressupostos, alcançar o sentido verdadeiro de um texto. Os métodos críticos de interpretação das Escrituras surgiram em decorrência desse pressuposto, e integraram a hermenêutica da época. Teve como características: reação contra o dogmatismo e o controle da exegese feito pela teologia sistemática, surgimento do conceito de “mito” na Bíblia, separação entre os dois Testamentos, abandono da doutrina da inspiração e inerrância das Escrituras, e a influência da dialética de Hegel. LOPES, Augustus Nicodemus. *A Hermenêutica da Teologia da Libertação: Uma Análise de Jesus Cristo Libertador*, de Leonardo Boff. São Paulo, 04 dez. 2000. Aula ministrada no curso de pós-graduação em Interpretação bíblica. Arquivo pessoal.

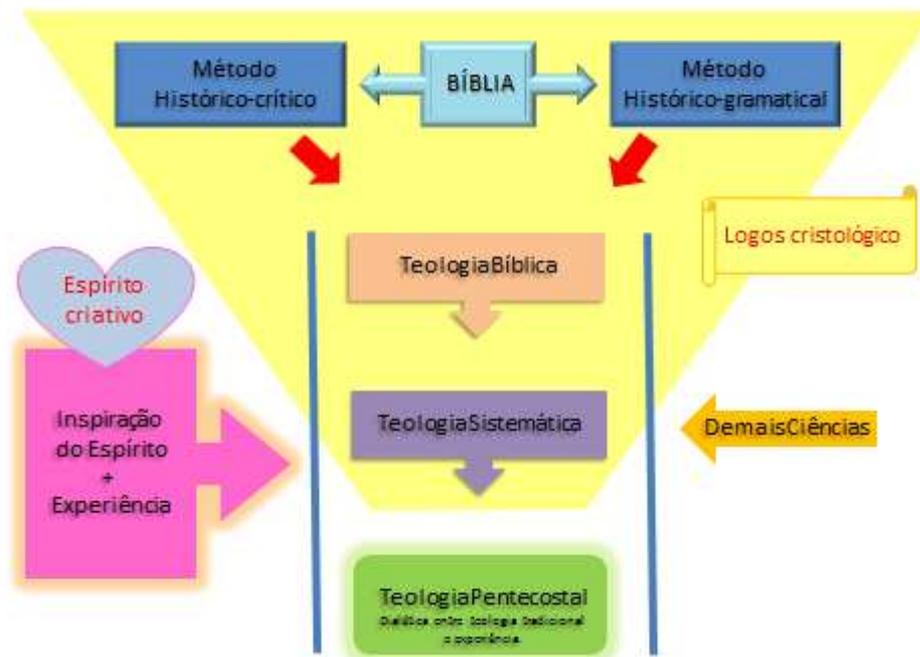
<sup>674</sup> “O método histórico-gramatical tem por objetivo achar o significado de um texto sobre a base do que suas palavras expressam em seu sentido simples, à luz do contexto histórico em que foram escritas. A interpretação é executada de acordo com regras gramaticais e semânticas comuns à exegese de qualquer texto literário, baseada na situação do autor e do leitor de seu tempo. Este tipo de exegese demanda um conhecimento dos antecedentes linguísticos, históricos, culturais e geográficos da passagem. São três os estágios para o método: observação (o que diz o texto), interpretação (o que quer dizer o texto) e aplicação (o que o texto quer dizer para nós). Este método teve seus antecedentes na Escola de Interpretação de Antioquia, no século IV (Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo), e foi posteriormente revitalizado durante a Reforma, no século XVI. Tanto Lutero como Calvino insistiram em que a função do intérprete é expor o texto em seu sentido literal, a não ser que a natureza do seu conteúdo exija uma interpretação diferente (figurada).” KUNZ, Claiton André. *Método histórico-gramatical: um estudo descritivo*. Disponível em: <[http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo\\_historico-gramatical.pdf](http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo_historico-gramatical.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2015.

<sup>675</sup> “A forma como os membros das comunidades de fé veem e explicam suas experiências de seguir a Jesus é, geralmente, imediata, não reflexiva, e também marcada pelas ideologias dominantes que penetram na cultura da população e também na sua religiosidade. A educação teológica precisa ajudar os educandos e as educandas a superarem essa visão imediatista e adquirirem o “hábito” de suspeitar do que antes aceitavam como óbvio, certo e inquestionável. Só que essa superação não pode ser feita de forma impositiva, autoritária, bancária, pois dessa forma não ocorre a aprendizagem de um pensar crítico, mas sim a aquisição de novos conteúdos.” SUNG, 2011, p. 176-177.

<sup>676</sup> Criada por Jacques Derrida (1930-2004), também chamada de hermenêutica pós-moderna, propõe a indeterminação do sentido dos textos, defendendo o relativismo. Qualquer texto deve ser lido sem preocupação em achar qualquer intenção do autor por trás dele. Deve-se ser livre na interpretação de um texto, que pode ter quantos significados sejam necessários, independente do propósito do autor ao escrevê-lo. Caberia a cada leitor, portanto, dar aos textos o significado que ele mesmo acha que tenham. CPAD NEWS. *Os métodos de interpretação da Bíblia*. Disponível em: <http://cpadnews.com.br/conteudo-exclusivo/14766/entrevista-com-tim-sanders-autor-de-%C2%B4hoje-somos-ricos%C2%B4.html>. Acesso em: 20 abr. 2015.

pois Este pode irromper em circunstâncias das mais variadas.<sup>677</sup> Para tanto, o teólogo/pregador deverá desenvolver a devida sensibilidade, disponibilidade e percepção ao mover do Espírito. Abaixo segue um mapa conceitual desta proposta.

Gráfico 4: Imagem ilustrativa do método Gramático-experiencial.



Este método teológico não poderá ser confundido com a hermenêutica criada por Hans-Georg Gadamer, chamada *reader-response*, que consiste na interpretação livre do leitor, baseada unicamente em seus pressupostos, pois ela

<sup>677</sup> “Kant insistia na possibilidade de um mal-entendido na interpretação tradicional dos textos sagrados, o que retira o fundamento da certeza numa fé baseada meramente na tradição histórica. Por mais que o crente viva na convicção de que os dogmas de sua crença são oriundos de uma revelação divina, ele não pode ter certeza disso, pois seu conhecimento a respeito se baseia numa cadeia histórica: “A revelação chegou até ele tão somente através de homens e por eles interpretada [...] sendo ao menos possível que se imponha aqui um erro” (*Die Religion*, AA VI, 187). Assim, toda fé baseada meramente na tradição e no legado histórico está exposta ao princípio da incerteza que decorre do fato de “que sempre resta a *possibilidade* de que se encontre nisso um erro” (*Die Religion*, AA VI, 187). Enquanto a convicção do crente não tem outro fundamento a não ser as demonstrações históricas, não pode ser obrigado nem deve querer obrigar os outros a admitir dogmas cujo único fundamento é a tradição histórica, pois isso implicaria uma limitação do juízo imposta num caso em que não há razão suficiente para a certeza, visto que “sempre resta a absoluta possibilidade de um erro cometido em sua interpretação clássica” (*Die Religion*, AA VI, 187). Ora, um erro de interpretação constitui bem um mal-entendido (*Missverständnis*) e interpretar um texto erroneamente é simplesmente entendê-lo mal (*missverstehen*). Quando Schlegel e, mais tarde, Schleiermacher partem do princípio de que é preciso primeiramente desfazer os mal-entendidos tradicionais, estão de fato reverberando uma tese kantiana no âmbito da hermenêutica.” BECKENKAMP, Joãozinho. Kant e a hermenêutica moderna. *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, vol.51, n. 121, p. 289, Jun. 2010.

não consegue dialogar de forma ancorada ao *logos* cristológico da proposta do método pentecostal.

O método é experiencial porque somente assim pode-se dar liberdade ao Espírito para agir onde, quando e como quiser. Sendo esta a principal diferença deste método para com os demais. Mas sempre de novo (sem engessar as experiências que podem ser diversas), ter a experiência da presença concreta do Espírito que afeta positivamente as emoções e a razão. Desta forma, o método “desloca” o indivíduo que dele lança mão de seu “interior” (emoção e razão) para uma relação “imane” “exterior”,<sup>678</sup> pois o agir do Espírito majoritariamente é comunitário e relacional.

Entretanto, este método não pode ser último, o agir do Espírito não pode estar restrito a nenhum método, pois este lhe imporá limites, mas deve estar sujeito à novidade do Espírito. O método está na tensão e ambiguidade entre o oceano inescrutável do Espírito e o *logos* cristológico como porto seguro para não se perder nas racionalidades e emocionalidades humanas, todas afetadas pelo pecado. Está em constante expansão cósmica, de um lado puxado pelo *logos* cristológico e de outro pelo Espírito livre, que expandem o método infinitamente, conforme as setas indicam abaixo.

Gráfico 5: Imagem ilustrativa da tensão no método teológico Gramático-experiencial.



O método ora proposto serve tanto ao fazer teológico quanto à elaboração de pregações. Ele se utiliza de ferramentas exegéticas e linguísticas em busca da

<sup>678</sup> RICOEUR, 2006, p. 290.

intenção do autor, mas as atualiza e contextualiza segundo a dinâmica experiencial e sensitiva do Espírito à realidade concreta da vida. A tensão resultante deste método é dialética no sentido de não se acomodar àquilo que já foi revelado, mas estar sempre em busca do novo do Espírito, ancorado na base fundamental do Logos. Neste sentido, Chiquete afirma:

La teología pentecostal es por ello en su esencia un ejercicio hermenéutico que busca traducir en discurso lógico experiencias humanamente “ilógicas”, y para hacerlo empieza también a recurrir al auxilio de herramientas lógicas, como el razonamiento y el discurso académicos. De esta manera practica un intercambio de saberes y propicia un diálogo intercultural a partir de un encuentro de vivencias y formas de expresarlas provenientes de diversas circunstancias.<sup>679</sup>

O *logos* cristológico desse método compõe-se de ferramentas hermenêuticas e exegético-linguísticas que lhe são necessárias e imprescindíveis. Estas se referem especialmente à Bíblia como palavra inspirada por Deus que lhe serve de parâmetro e limite da máxima importância, se utiliza de todas as dogmáticas, doutrinas, teorias, métodos e práticas teológicas disponíveis criadas durante toda história da igreja e está sujeita a elas, mas, ao mesmo tempo se permite transcender a elas na dinâmica experiencial do Espírito. Não se aprisiona a nenhuma instituição, método ou teologia, podendo ir além da própria teologia existente e da própria Bíblia.

O método extrapola a Bíblia, pois nenhum livro, apesar da inspiração bíblica ser verdadeira e plenamente aceita neste método, não pode conter toda a Palavra de Deus, pois sua Palavra, levando em conta a revelação sob variadas formas, se dá na história, na natureza, nos eventos cotidianos, nas circunstâncias. Para o pentecostal, da mesma forma comunitária e também individualizada, porém, sem jamais suplantam ou negar a autoridade da Bíblia e a ela se sujeitar quando surgirem dúvidas.

Uma comparação prática deste método poderia ser a experiência do monte da transfiguração. De um lado a dinâmica da experiência (Espírito criativo) que produziu reações de euforia nos discípulos e de outro lado o pedido de Jesus (*logos* cristológico) para eles se conterem. Outra comparação poderia ser Moisés ao receber as tábuas da Lei: os trovões, os efeitos meteorológicos e o brilho no rosto

---

<sup>679</sup> CHIQUETE, 2008, p. 25-26.

seriam o Espírito criativo, as tábuas da Lei e o véu sobre o rosto apontam para o *logos* cristológico. Paulo, ao ser arrebatado e receber as revelações, tem a experiência do Espírito criativo, o espinho na carne é o limite estabelecido pelo *logos* cristológico para que o apóstolo não se perdesse em sua *hybris*.<sup>680</sup>

O Espírito Santo não está afetado pela *hybris*, mas o sujeito humano da revelação e da experiência está. Por este motivo, é preciso que o limite humano do Espírito criativo seja o *logos* cristológico que lhe impõe os limites da transcendência para que a experiência não seja destrutiva. A centralidade deste método teológico está no Cristo divino e humano sem pecado, pois veio para cumprir a lei, mas, ao mesmo tempo, a ressignificou.<sup>681</sup> Este seria o equilíbrio entre a racionalidade e a não racionalidade deste método e da experiência com o Espírito.

As experiências não podem se sujeitar ao crivo das explicações da maioria das outras ciências, pelo simples fato destas trabalharem com objetos verificáveis e teorias logicamente, racionalmente e obviamente aceitáveis.<sup>682</sup> Além disso, as ciências que ajudam a teologia são metodologicamente ateias, mas, ao mesmo tempo a teologia não pode prescindir delas, para não cair em teologismo, ou seja, a ideia de que a teologia basta a si mesma, pois ela precisa das outras ciências para fazer leituras sociais, políticas, psicológicas, filosóficas e econômicas, mantendo um diálogo com elas.<sup>683</sup> Ao fazer isto deve tomar cuidado para não excluir o agir do Espírito, pois este não pode ser explicado pela ciência.<sup>684</sup> Neste mesmo nível de desconfiança se incluem algumas teologias que impõem limites ao fazer teológico, aceitando apenas o que é de caráter racional.<sup>685</sup> Entretanto, não se está corroborando com o anti-intelectualismo presente em muitos ramos do

<sup>680</sup> *Hybris* é quando o ser humano perde sua centralidade em Deus e torna-se o “centro de si mesmo e de seu mundo”, se autoelevando e enlevando em sua vaidade e orgulho; o contrário disto seria ter sempre a capacidade de reconhecer a “sua finitude, sua fraqueza, seus erros, sua ignorância e sua insegurança, sua solidão e sua angústia.” TILLICH, 2005, p. 344-345. É o ser que tenta extrapolar o limite de sua finitude, além da medida natural vangloriando-se e apoiando-se em sua finitude como se fosse infinito.

<sup>681</sup> “Vocês ouviram o que foi dito [...] mas eu lhes digo [...]” Mt 5.22,28,32,34,39,44. “A Lei e os Profetas vigoraram até João. Desse tempo em diante estão sendo pregadas as boas novas do Reino de Deus.” Lc 16.16

<sup>682</sup> Neste sentido Paulo diz: “Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes.” 1Co 1:27

<sup>683</sup> Se no passado a filosofia fazia a mediação para a teologia, hoje este espaço é ocupado pelas ciências sociais. Esta é uma consequência direta da Teologia da Libertação.

<sup>684</sup> Entretanto as Ciências da Religião, a Antropologia e a Psicologia podem ajudar a entender alguns fenômenos.

<sup>685</sup> Schleiermacher enfatizou que a religião racional não poderia mais funcionar como critério da verdade. PANNENBERG, 2009, p. 188.

pentecostalismo que desprezam a academia e os estudos, desde seus primórdios, fruto do meio em que surgiu o pentecostalismo no Brasil.<sup>686</sup> Antes, se afirma e se busca o equilíbrio entre a teologia intelectual, que tem dificuldades de lidar com a experiência do Espírito, e certo desprezo do pentecostalismo à academia, pois se pensa que esta aniquila o agir do Espírito, e a teologia de caráter mais emocional e devocional. A tendência ao uso apenas da razão na teologia impede um acesso maior à inefabilidade de Deus e à experiência com seu amor.<sup>687</sup>

As teologias mais ortodoxas defendem que o agir do Espírito Santo com evidências físicas encerrou no livro de Atos dos Apóstolos. Entretanto, os relatos deste livro são o evento fundante e único da era do Espírito, demarcando seu início. Contudo, contra a ideia cessacionista existem eventos históricos posteriores e atuais que o evidenciam. Ao mesmo tempo, o fato de no pentecostalismo permitir-se as experiências não pode lhe servir de orgulho achando-se melhor que outras teologias, pois as teologias mais racionais também são um agir do Espírito, um agir em outra dimensão. Por isso, são teologias que o pentecostalismo deve utilizar naquilo que lhe convém, ou seja, desde que não neguem as experiências.

O pentecostal não pode se perder na experiência em si, pois ela não é o Espírito Santo, é apenas a evidência deste, isto seria um reducionismo. Deve-se sempre lembrar que o evento aponta para o personagem principal, o próprio Espírito. Se esta inversão ocorrer a *hybris* estará novamente presente, fazendo da experiência um ídolo falso e apontando para o ser humano como estando no centro, ao invés do Espírito. Neste caso, a racionalidade do *logos* cristológico faz este papel de apontar para o Espírito como agente principal da experiência.

---

<sup>686</sup> O anti-intelectualismo do pentecostalismo americano é diferente do brasileiro, lá refletia o anti-intelectualismo da sociedade, que nas últimas décadas do século XIX foi agravado pelo conflito entre liberais e conservadores, o que ocasionou o fundamentalismo no início do século XX e também pelo fato do desprezo aos estudos por este supostamente fazer esfriar a fé, aqui esta ideia vem fortalecida pelo meio social de marginalidade em que o pentecostalismo surgiu.

<sup>687</sup> Certamente que a academia teológica racional é fruto da revelação não racional do divino numa etapa anterior, que pode ser a Bíblia, a comunidade ou a experiência individual, mas o autor defende a experiência também na academia para evitar a aridez teológica.

### 6.1.3 Desdobramentos do método teológico

O método corrobora com o fato do Espírito Santo batizar em Cristo na conversão (primeira bênção – 1Co 12.13) e que Cristo batiza o crente no Espírito Santo no ato da experiência pentecostal (segunda bênção – Lc 3.16). Para a eficácia do Espírito livre e criativo seria necessário usufruir da segunda bênção com seus desdobramentos renovatórios e entusiásticos ao longo da caminhada cristã. Esta afirmação não significa necessariamente que aqueles que não tiveram a experiência pentecostal não possam utilizar este método, significa apenas que como os cristãos tradicionais não têm esta compreensão do Espírito, limitam a amplitude da experiência. Para Schleiermacher a experiência é *a priori* do fazer teológico.<sup>688</sup>

Esta compreensão empírica que o pentecostalismo tinha da experiência pentecostal como posterior (nem sempre em ordem cronológica, mas lógica) à conversão foi trazida à academia com a publicação do livro *Luke: historian and theologian* de I. Howard Marshall na década de 1970 e do livro *The charismatic theology of St Luke* de Roger Stronstad em 1984.<sup>689</sup> Isto mudou radicalmente a compreensão de que Lucas e Atos não são apenas livros históricos, mas também intencionalmente teológico-carismáticos no sentido de enfatizar a experiência carismática. Mazariegos afirma que a descida do Espírito Santo em Atos é a mesma palavra usada no Antigo Testamento para várias vezes que este descia sobre os personagens bíblicos, confirmando assim sua intencionalidade dogmática.<sup>690</sup>

A intencionalidade de Lucas e, por isto, a necessidade da teologia pentecostal ser construída sobre ele, é discutida por Menzies na mudança de um texto que Lucas toma da fonte Q. Neste, Mateus (7.11) cita “boas coisas” e Lucas (11.13) altera para “Espírito Santo”.<sup>691</sup> Esta alteração do texto demonstra a intencionalidade pneumatológica de Lucas e é utilizada para corroborar o fato de que quem já é cristão precisa pedir pela vinda (experiência) do Espírito Santo. O

<sup>688</sup> DREHER, 2003, p. 69.

<sup>689</sup> Citados por MENZIES, William W.; MENZIES, Robert P. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal*. São Paulo: Vida, 2002. p. 48, 59, 60.

<sup>690</sup> MAZARIEGOS, Byron. La teología medular del pentecostalismo Latinoamericano. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis. (Ed.). *Voces del pentecostalismo Latinoamericano III: identidad, teología, historia*. Concepción (Chile): RELEP, 2009. p. 127-128,136.

<sup>691</sup> MENZIES, 2002, p. 145.

exemplo claro disto é o batismo de Jesus: ele recebeu o Espírito após o batismo de João.

Menzies enfatiza o fato de que a teologia do Espírito em Paulo é soteriológica, no sentido da justificação, purificação e relação filial; enquanto a de Lucas e Atos é carismática no sentido de preparar com poder a comunidade para o testemunho eficaz. Assim, o “Espírito em Lucas – Atos *nunca* é apresentado como agente soteriológico”.<sup>692</sup> Isto diferencia sua teologia da de Paulo.

As experiências pessoais<sup>693</sup> vão muito além do simples recebimento do batismo no Espírito Santo e da experiência glossolálica.<sup>694</sup> Se fossem limitadas apenas a isto, teria que se admitir que o Espírito estaria aprisionado a uma forma de manifestação apenas. O que se vê bíblica e historicamente é que na maioria dos casos a evidência inicial do batismo é o falar em novas línguas,<sup>695</sup> conhecida na teologia pentecostal como doutrina subsequente (à conversão). Esta, causa o aquilamento das emoções e da razão no momento da experiência. Segundo Frank Macchia, o pentecostal recebe o batismo no poder do amor de Deus, que lhe preenche, para autotranscender as limitações de criatura, transpor fronteiras e desfrutar sensitiva e emocionalmente o amor santificador de Deus.<sup>696</sup> Mas para que isso não leve ao famoso triunfalismo pentecostal nem ao orgulho, Russell Spittler adverte que as línguas são uma fala debilitada de um corpo debilitado até que se chegue à perfeição.<sup>697</sup>

No mínimo onze vezes o Novo Testamento cita o evento glossolálico.<sup>698</sup> Em Atos dos Apóstolos nem sempre se diz que ao receberem o Espírito seguiu-se esta

<sup>692</sup> MENZIES, 2002, p. 69, 110-111, 242-244. Esta mesma ideia, de forma mais simplificada, é defendida por BERGSTÉN, Eurico. *Teologia sistemática*. Vol. 4. 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1983. p. 31, 35: “Esta benção prometida [o batismo no Espírito Santo] distingue-se da experiência da salvação.” “A finalidade principal do batismo com o Espírito Santo é o recebimento de poder.” E ainda BERGSTEN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 118.

<sup>693</sup> Para Schleiermacher a vida piedosa é que é o objeto da teologia. DREHER, 2003, p. 41.

<sup>694</sup> Vários autores pentecostais, bem como pregadores, afirmam que a única evidência válida para determinar se o indivíduo recebeu o batismo no Espírito Santo é o fenômeno glossolálico, dentre eles: Stanley Horton, William Menzies, Anthony Palma, Eurico Bergstén, Antonio Gilberto, Geziel Gomes, Emílio Conde.

<sup>695</sup> Paulo faz duas perguntas retóricas cuja resposta indica sempre um não: “Falam todos em línguas?” (1Co 12.30) e “São todos profetas?” (1Co 12.29)

<sup>696</sup> MACCHIA, 2006, p. 280-281.

<sup>697</sup> MACCHIA, 2006, p. 281.

<sup>698</sup> Falar em outras línguas – At 2.4; falar em línguas – At 10.46; 19.6; 1Co 12.30; 14.5,6,18,23; falar numa língua – 1Co 14.2,4,13; falar em línguas de homens e de anjos – 1Co 13.1; falar em novas línguas – Mc 16.17; variedade de línguas – 1Co 12.10,28; línguas – 1Co 13.8;14.22; uma língua –

experiência, no mínimo em dois casos ela não é descrita, com Paulo (At 9) e com os samaritanos (At 8), mas isto não significa dizer que não ocorreu. No caso dos discípulos de Éfeso (At 19) está dito que falaram em línguas e profetizaram, não sendo claro se foram as duas coisas juntas para todos, ou línguas para uns e profecia para outros.

Dos oito exemplos em que Lucas descreve o recebimento inicial do Espírito por um indivíduo ou grupo, cinco especificamente aludem a alguma forma de discurso inspirado como consequência imediata (Lc 1.41; 1.67; At 2.4; 10.46; 10.6) e um indica a ocorrência dessa atividade (At 8.15,18). Nos dois [incluindo At 9 são três] exemplos restantes, embora o discurso inspirado esteja ausente do relato de Lucas (Lc 3.22; At 9.17), é aspecto preeminente nas perícopes que se seguem (Lc 4.14,18,19; At 9.20).<sup>699</sup>

O autor de Lucas e Atos não se preocupa em provar que a experiência do batismo no Espírito Santo é seguida das línguas como evidência.<sup>700</sup> Apesar disso, demonstra com ênfase que sempre é seguida de um *querigma* poderoso,<sup>701</sup> ou, como Menzies utiliza o termo, “inspiração profética”, que pode incluir no mínimo duas atividades: “discurso inteligível e glossolalia”.<sup>702</sup> Esta constatação em Lucas revela o caráter democrático da fala como ferramenta poderosa para a comunidade proclamar o evangelho.

Lucas [...] apresenta o Espírito como a fonte de inspiração profética. Isso é evidente desde o começo do seu evangelho, que retrata manifestações de discurso profético por Izabel (Lc 1.41-42), Zacarias (1.67) e Simeão (2.25-28). É realçado [...] no sermão de Jesus de Nazaré (4.18-19) e no sermão de Pedro no dia de Pentecoste (At 2.17-18), os quais indicam que o dom do Espírito em Lucas está intimamente ligado ao discurso inspirado. Além disso, a obra em dois volumes de Lucas é pontuada de referências ao discurso inspirado pelo Espírito (e.g., Lc 20.21; 12.10-12; At 4.31; 6.10).<sup>703</sup>

---

1Co 14.14,19,26. PALMA, Anthony D. *O batismo no Espírito Santo e com fogo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 63.

<sup>699</sup> MENZIES, 2002, p. 101.

<sup>700</sup> Lucas se preocupa em atribuir sinais e maravilhas a *dynamis* e não ao *pneuma*, evidenciando assim que a manifestação principal do Espírito é a “proclamação inspirada”, embora Lucas é o autor que mais cita eventos de cura (11 vezes) e sinais e maravilhas (9 vezes). (MENZIES, 2002, p. 183-187). Isto poderia ser mais uma prova da intencionalidade de Lucas atribuir a “proclamação inspirada” como obra principal do Espírito e como evidência de seu batismo.

<sup>701</sup> Nesta mesma compreensão segue Kenner Terra ao afirmar que a experiência originária de Atos é o êxtase seguido de proclamação. TERRA, Kenner. *Êxtase, pentecostes e unidade: desafios à luz das origens...* In OLIVEIRA, 2015, p.168.

<sup>702</sup> MENZIES, 2002, p. 157.

<sup>703</sup> MENZIES, 2002, p. 156.

A não ocorrência do fenômeno glossolálico<sup>704</sup> no batismo do Espírito Santo pode ser estendida àqueles que, tomados por outras experiências do Espírito atestam que também são batizados Nele. Isto alivia o fardo, tira o senso de inadequação, exclusão e discriminação daqueles que na comunidade não falaram em línguas quando foram batizados no Espírito ou têm limites físicos para fazê-lo, por exemplo, os surdos-mudos. Mas isto não isenta o pentecostal da busca pelo contínuo enchimento do Espírito com vistas a um discurso (inteligível ou glossolálico) inspirado.

Frank Macchia faz uma crítica afirmando que está havendo uma negligência,<sup>705</sup> por parte de teologias recentes, quanto ao batismo no Espírito Santo ser uma característica principal do pentecostalismo ou uma simples metáfora.<sup>706</sup> Esta característica está sendo substituída pela paixão por missões, ou seja, é o ímpeto missionário que evidenciaria o ser pentecostal. Além disso, ele aponta também a substituição pela teologia oral e dramática.<sup>707</sup> O batismo no Espírito como evidência do pentecostalismo seria um acidente histórico e um resquício dos movimentos de santidade, não necessariamente existindo hoje. O que marcaria o ser pentecostal seria a simples experiência com o divino, inclusive pequenas questões do dia a dia, sem necessariamente manifestar a glossolalia.<sup>708</sup>

A importância que Lucas dá à expressão vocal vem refletir o que, num certo sentido, significa o termo hebraico *dabar*, que pode ser traduzido tanto como “palavra” quanto “evento”. A palavra falada é sempre um acontecimento, um movimento e um evento no tempo. O som afeta o sentido humano do cosmos,<sup>709</sup> pois a palavra dita reverbera e afeta até onde alcançar seu som e seu poder de mudança. “Nas culturas orais, [e neste caso também no pentecostalismo] as palavras têm um grande poder sobre as coisas, um poder relacionado à magia:

---

<sup>704</sup> Menzies afirma que o falar em línguas é a forma exclusiva da evidência do batismo no Espírito Santo. MENZIES, 2002, p. 162.

<sup>705</sup> As causas da negligência apontadas por Macchia das novas teologias são as seguintes: elitismo espiritual; mudança de foco doutrinal para a escatologia; ênfase no método teológico sendo: oral, narrativo ou dramático. MACCHIA, 2006, p. 27-28.

<sup>706</sup> MACCHIA, 2006, p. 26-27.

<sup>707</sup> MACCHIA, 2006, p. 56.

<sup>708</sup> Esta Mudança na compreensão do que é ser pentecostal é devida ao trabalho de Hollenweger. HOLLENWEGER, Walter J. *El Pentecostalismo: Historia y doctrinas*. Buenos Aires: La Aurora, 1976.

<sup>709</sup> ONG, Walter Jackson. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998. p. 43.

muitas palavras são consideradas tabu, associadas, muitas vezes, ao azar ou à sorte.”<sup>710</sup>

As experiências que legitimam e seguem após o Batismo no Espírito Santo, tanto no pentecostalismo quanto no método gramático-experiencial, são as experiências pessoais e comunitárias nas suas mais variadas formas, de acordo com a criatividade do Espírito e a individualidade de cada pessoa. São exemplos: jejum, oração, tentação, narrativas de experiências, êxtases, revelações, milagres, intuições, descobertas, percepções, aprendizados, sofrimentos, prazeres e a pujança da vida no seu dia a dia, desde que inspiradas, presenciadas e presentificadas pelo Espírito Santo. O batismo no Espírito é um evento único, mas os enchementos (experiências) são contínuos e ilimitados, como no caso dos discípulos depois de terem orado “foram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a palavra de Deus” (At 4.31).

Este método sempre de novo leva a novas experiências que fazem fluir a vida, o amor, a liberdade, o serviço e o compromisso e alimenta novas formas de experiências que vão se retroalimentando dentro da dinâmica do Espírito.

#### **6.1.4 O método do amor de Deus**

A excepcional vantagem deste método é que ele leva em conta, na experiência pentecostal do batismo no Espírito Santo e na produção teológica, a imersão no amor de Deus de forma a reorganizar completamente a vida do pentecostal e a teologia. Pois a teologia é abstrata, segundo Macchia, se ela não vier acompanhada do amor de Deus revelado em Cristo e do derramamento do seu Espírito.<sup>711</sup>

Esta imersão não é racional nem intelectual, é completamente afetiva, uma importante dimensão da vida humana negligenciada pela teologia tradicional, embora tenha sido experimentada por teólogos católicos que praticam a contemplação. Enquanto a teologia pentecostal é carente de reflexões racionais, a

---

<sup>710</sup> GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Oralidade e escrita: uma revisão*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742006000200007&script=sci\\_arttext&tling=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742006000200007&script=sci_arttext&tling=en). Acesso em: 30 dez 2006.

<sup>711</sup> MACCHIA, 2006, p. 260.

experiência é a dimensão teológica mais valorizada. E é justamente esta dimensão que falta às profundas reflexões dos segmentos teológicos racionais. Um diálogo mais frutífero poderia ser a solução para a busca do equilíbrio em ambas as maneiras de fazer teologia. A teologia racional é o rosto paterno do *logos* cristológico e a teologia experiencial é o rosto materno do Espírito criativo. Aliás, o/a *ruach* no hebraico é feminino.

Esta dimensão teológica pouco valorizada poderia ter outro matiz se mais teólogas mulheres fossem incentivadas a se aprofundarem teologicamente. Durante séculos, a teologia foi exclusividade dos homens e a racionalidade obviamente também. Aliás, se Deus é amor, sendo este seu atributo principal, é difícil entender por que a teologia racional se afastou deste lugar. Da mesma forma como é difícil entender por que imersões experienciais no amor de Deus não levem os pentecostais a uma prática mais efetiva do amor manifesto nos relacionamentos interpessoais e de cuidado.

## 6.2 Considerações

O pentecostalismo no Brasil, embora sofra influências de vários segmentos da sociedade, especialmente do neopentecostalismo, consegue manter uma linha doutrinária que enfatiza o agir do Espírito, ou seja, continua sendo uma igreja do Espírito, embora necessite ser melhor organizado sistematicamente e metodologicamente. Conquanto a imprevisibilidade do Espírito jamais poderá ser totalmente compreendida e explicada, caso contrário deixará de ser mistério.

Assim sendo, a teologia pentecostal aproxima-se mais de uma teologia liberal do que ortodoxa,<sup>712</sup> pois como ainda não conseguiu produzir obras literárias que cristalizem sua pneumatologia, permite que esta seja volátil, oral e suscetível a mudanças ou desvirtuamentos doutrinários. No entanto, deve-se reconhecer que a teologia exclusivamente racional e sistemática não consegue desincumbir-se dessa tarefa sem concomitantemente, reconhecer o deslumbramento emocional com suas muitas realidades subjetivas e sem o auxílio de outros métodos teológicos que deem conta deste fenômeno experiencial.

---

<sup>712</sup> Na ortodoxia não está incluso o caráter fundamentalista de quase todos os evangélicos no Brasil.

A experiência pessoal do Espírito de Deus, quando é verdadeira, produz impactos indelévels em qualquer indivíduo, sempre deverá levá-lo a agir em prol da coletividade, pois assim está em sintonia com a Trindade e nela forma uma perfeita harmonia em reciprocidade. E também a manifestação desse Espírito construirá uma comunidade com indivíduos que servem uns aos outros e projetam sinais do Reino de Deus através do serviço em amor. Nas palavras de Rubem Alves a teologia deve apontar para algumas direções:

1. De (re)pensar a teologia como uma ciência humana debruçada sobre a experiência religiosa, seus símbolos, legados e esperanças; 2. De (re)pensar uma teologia voltada ao contexto social, ao cotidiano, a realidade; uma teologia que nasça das entranhas das pessoas, que saiba falar a partir delas e para elas; 3. De (re)pensar uma teologia que não perca o fascínio pelo mistério, que sustente sua liberdade poética e sua criticidade profética, isto é, uma teologia que seja bela antes de tudo, pois é a partir de sonhos de beleza que nascem os amantes.<sup>713</sup>

---

<sup>713</sup> ALVES, Rubem. *Apud*: REBLIN, Iuri Andréas. A não ciência de Deus a partir de Rubem Alves. In: SCHAPER, 2012, p. 120.



## CONCLUSÃO

No movimento pentecostal “encontra-se uma igreja capaz de mobilizar as massas, mas não as mentes, forte na sua ação evangelizadora, mas frágil na sua ação disciplinadora. Uma igreja propensa a sentir, mas não a refletir”.<sup>714</sup> É isto que pode ter produzido e produz o enfraquecimento doutrinário contra o qual batalharam os pioneiros deste movimento, em certo sentido mais letrados teologicamente que os líderes atuais. Enfraquece pelo fato de não ter sido estabelecido formalmente ou se firmado numa teologia densa e reflexiva, tendo que se contentar com assimilações, obviamente necessárias e importantes, de outros segmentos religiosos.

Cabe à geração presente reconciliar-se com esta que foi uma das estruturas falhas do passado, sob o ponto de vista da reflexão teológica. Entre tantos acertos estabelecer o devido valor ao intelecto e ao estudo teológico no movimento pentecostal, equilibrado com uma espiritualidade do Espírito densa. “Quando combinamos as dimensões práticas [experiências] e intelectuais [racionais] da espiritualidade, damos origem a um Paulo, Ambrósio, Agostinho, Aquino, Lutero, Calvino, Knox, Wesley ou Edwards”.<sup>715</sup> As Assembleias de Deus no Brasil cresceram e crescerão muito e poderão continuar sendo um refúgio das massas, se avançar em educação teológica e discipulado.

Faz-se necessário que a educação teológica formal valorize o contexto eclesial no qual é produzida a teologia, ou seja, a hermenêutica do Espírito, fazendo com que tanto o tradicionalismo quanto o liberalismo possam incorporar esta importante fonte da teologia pentecostal, sob risco de se perder a grande capacidade de inclusão que o pentecostalismo sempre facultou a um variado espectro de pessoas, especialmente as massas excluídas, como bem mostra o depoimento a seguir:

Do ponto de vista lógico, [a pregação] é uma montagem internamente coerente de um fio único de explicações que conduzem uma só narrativa

---

<sup>714</sup> NAÑEZ, 2007, p. 9.

<sup>715</sup> NAÑEZ, 2007, p. 169.

ortodoxa. “Tá lá na Bíblia, qualquer um pode ir lá e conferir”, ele [o pregador] diz de vez em quando.<sup>716</sup>

Levando em conta a herança de uma teologia oral e de caráter devocional, produzida no calor da paixão evangelística desta igreja no início e ao longo do século passado e percebendo a enorme luta travada entre missionários suecos e norte-americanos, aliados aos pastores nacionais, geralmente mais propensos a apoiarem os suecos, é que deve-se caminhar para a construção de uma teologia que leve em conta a experiência pentecostal com o Espírito Santo.

Este é um desafio, tendo em vista que a rejeição histórica à teologia, a burocratização, o autoritarismo, a mercantilização da fé e a assimilação de teologias cessacionistas vão minando, ainda que subjetivamente, a capacidade desta igreja construir uma teologia racional em equilíbrio com a experiência com o Espírito Santo.

A rejeição histórica à teologia tem deixado suas marcas na atual liderança, de modo que a teologia é vista em algumas situações como um mal necessário. Em outros momentos apenas tolerada, sem levar em conta se deve subsistir ou não. E, em outros momentos incentivada, mas cerceada sua liberdade acadêmica e embora possa parecer impossível, ainda existem lideranças que proíbem seus liderados de fazerem teologia, e não são poucos.<sup>717</sup> Além disso, alguns alunos que estudam teologia são vistos com desconfiança nas suas igrejas por parte da liderança ou são cerceados.

No pentecostalismo, a tensão entre fé e razão é aquilatada pela postura anti-intelectualista adotada desde os primórdios fundadores deste movimento, especialmente no Brasil. A fonte desta tensão pode ser identificada no dualismo histórico, presente nas ADs, entre a liderança laica, que é maioria, e a liderança oriunda de uma formação teológica formal, que é minoria. Isto desde sempre foi motivo de intrincadas relações de poder na denominação. Outra fonte desta crise seria a fenomenologia religiosa do pentecostalismo, alicerçada na experiência viva de fé em que Deus assume um lugar mítico importante, baseado na ruptura conversional, que marcará e delimitará a compreensão de fé, tornando as formas

---

<sup>716</sup> BRANDÃO, 1980, p. 216.

<sup>717</sup> No vestibular da Faculdade Refidim de janeiro de 2014, uma das alunas ao ser aprovada foi visitada pelo seu pastor tentando lhe convencer a não ingressar nos estudos teológicos sob o argumento de perder a sua fé.

racionais de expressão da fé questionáveis. Isto porque, num certo sentido, destroem e desmitificam a compreensão inicial desta fé.

O desprezo pela teologia no pentecostalismo não é um evento superado, ora pende-se para uma razão burocrática e até mesmo teológica, ora se pende para um emocionalismo, baseado na experiência, que despreza a razão. Porém, no discurso o que ainda se vê majoritariamente, é um certo desprezo à reflexão teológica acadêmica. Embora existam críticas contra a razão e o estudo no pentecostalismo, é um paradoxo ver como os argumentos que são utilizados para se opor à razão nada mais são do que a tentativa frustrada de utilizar a própria razão para convencer com argumentos de que a razão é menos importante. Ambas, tanto a razão quanto as emoções (baseadas na experiência) são fruto da boa obra criadora de Deus. Portanto as duas são importantes na construção da fé e para a teologia. Deus criou igualmente bons o coração e a mente, a emoção e a reflexão, a fé e a intelectualidade, a irracionalidade e a racionalidade. Portanto, cabem àqueles nos quais atua o Espírito Santo saber valorizar e respeitar ambas para que, neste que é o maior movimento evangélico do Brasil, haja avanços com equilíbrio e sobriedade.

A burocratização e a racionalização administrativa tomaram o lugar do pensar teológico que agora lhe serve de ameaça. Paradoxalmente, o anti-intelectualismo que rejeitou a teologia não teve forças para barrar este movimento dentro da denominação. Como aponta Weber, é o lugar para onde caminham todos os movimentos religiosos que começam no carisma e depois se burocratizam. Neste sentido, Gunnar Vingren representa o carisma e Samuel Nyström a burocratização, porém não uma burocratização teológica, mas administrativa, sendo aquela relegada somente às limitadas, mas na época necessárias, Escolas Bíblicas.

A burocratização encontrando terreno fértil na conjuntura econômica, política e social do Brasil, levando em conta a nacionalização da década de 1930, a ênfase autoritarista do governo Vargas com seu populismo e a herança coronelista nordestina, somado ao fato de que as ADs se popularizam a partir do Nordeste nesta época, gerou uma gênese autoritária na liderança desta igreja que persiste até hoje. Obviamente que isto serviu para ordenar e organizar a vida de muita gente que vivia na anomia e que de outra forma não teria condições de valorizar sua dignidade. Entretanto, o autoritarismo é uma ameaça à teologia, pois esta precisa se sujeitar subservientemente aos interesses de seus principais líderes sob risco de completa

extinção. O livre pensar, na maioria das vezes, foi engaiolado pelo dogma burocrático/administrativo/autoritário.

O lugar secundário dado à teologia com a burocratização a fragilizou de tal forma que as novas religiosidades que mercantilizam a fé acabaram tomando lugares importantes na matriz teológica desta igreja, fazendo com que a loucura da cruz, lugar central da teologia evangélica, aos poucos fosse sendo substituída por maneiras de vivenciar a fé cristã na lógica de consumo, pós-cristã. A pouca profundidade teológica dos líderes e pregadores, oriunda de sua carente educação teológica, não lhes dá condições de discernir nem criticar este desvio bíblico-teológico, lhes permitindo que seja adotado como um preceito cristão válido.

Se não bastasse a pouca profundidade teológica, a falta de teólogos pentecostais com densas reflexões escritas tem obrigado as ADs, inclusive através de sua editora oficial, a CPAD, a publicar obras teológicas de autores cessacionistas, levando, aquilo que sempre foi um fator agregador e atrativo do pentecostalismo a ser combatido como irreverência e infantilidade.<sup>718</sup> O que também tem levado a uma construção litúrgica solene e racional, somado ao aburguesamento de muitos membros desta igreja, acabou cerceando a ação do Espírito. Este saiu pela porta dos fundos envergonhado pela nova classe média assembleiana. Entretanto, a experiência com o Espírito ainda persiste em muitas comunidades assembleianas, especialmente as de periferia, mas estas, seguindo a trajetória histórica da igreja, não têm muito apreço pela teologia.

Desta forma continua presente nas ADs o distanciamento entre a fé vivenciada na comunidade, de caráter mais simplista, popular, emocional e experiencial, embora também tenha sua racionalidade, da fé apreendida no seminário teológico, melhor elaborada, culta e racionalista; que é fator determinante ao problema apresentado nesta pesquisa. Reconhece-se que a teologia acadêmica está iniciando, é embrionária nesta igreja e não produziu ainda grandes avanços e está sendo alimentada pelas teologias produzidas por outras instituições cristãs.

As reações dos estudantes de teologia ao estudo acadêmico podem se manifestar no mínimo de três maneiras diferentes. A primeira é o que não

---

<sup>718</sup> Falou-se muito contra a manifestação do Espírito, inclusive com argumentos teológicos, e com isto fez-se morrer o real e sobressaiu o falso, assim, foi-se inibindo cada vez mais a experiência.

experimenta crise porque consegue fazer uma transição tranquila entre igreja e a academia; a segunda, aqueles que a crise se manifesta de forma severa, gerando conflitos, dúvidas e angústias, mas que no decorrer da caminhada acadêmica vão ressignificando seus símbolos religiosos e adquirindo uma fé mais racional em detrimento da mitologia anteriormente vivenciada; a terceira reação seria abandonar sua crença e tornar-se cético ou agnóstico, o que pode ser gerador de outra crise, que é a desconfiança por parte da comunidade na qual o aluno está inserido. Isto pode lhe acarretar desconforto e abandono, na maior parte das vezes.

Estas constatações fazem a teologia pentecostal sentir necessidade de uma teologia pastoral profunda na academia, que dê conta de cuidar e pastorear os alunos e professores para que não percam a beleza libertadora do evangelho, valorizem a experiência com o Espírito como lugar de onde parte o labor teológico, que leve com conta uma espiritualidade densa aliada a uma produção acadêmica séria, profunda e comprometida com as demandas sociais.

Assim, surge a necessidade de mudança no paradigma filosófico grego e cartesiano da teologia para a realidade pentecostal,<sup>719</sup> para não alienar os estudantes de teologia de suas comunidades e das realidades eclesiais, permitindo que a teologia seja criada, pensada e produzida levando em conta a experiência com o Espírito e as dimensões humanas não abrangidas pela razão. E ainda, unindo a reflexão séria e profunda a uma experiência espiritual enriquecedora. Desta forma, a teologia que, na maioria das vezes foi mediada pela filosofia, incorpora a experiência numa mediação agora pela antropologia.

Os caminhos apontados nesta pesquisa levam à conclusão de que, para o pentecostalismo criar uma identidade teológica que dê conta deste movimento, o equilíbrio entre fé e razão deve ser considerado com novas discussões e desdobramentos. Desdobramentos deste assunto que já ocupou a relação entre comunidade e academia há muitos séculos. Alinhado com este equilíbrio, quem sabe é interessante privilegiar a construção de uma teologia mais narrativa e menos discursiva seja uma das soluções. Cabe aos tomadores de decisão, os que detêm

---

<sup>719</sup> “O respeito mútuo que se experimenta na relação de diálogo [neste caso entre razão e experiência] na educação teológica gera um ambiente de confiança mútua que permite a ambas as partes se aventurar no campo do desconhecido e tentar compreender a experiência e a linguagem de fé do outro e refletir criticamente sobre a fé diante dos desafios do nosso mundo.” SUNG, 2011, p. 179.

autoridade, aos estudantes e professores de teologia decidirem qual o melhor caminho a tomarem levando em conta os problemas, caminhos e propostas apontadas nesta pesquisa, levando-se em conta que ficaram questões em aberto que podem levar a diversos caminhos. A escolha destes caminhos é livre, mas o agir do Espírito também é livre e sempre de novo poderá quebrar estruturas enrijecidas, além disso, paradoxalmente, ele atua entre ricos e pobres, letrados e analfabetos, homens e mulheres. É ele que quebra machismos, resistências, divisões e polarizações de modo que o divino seja acessado de forma integral e equilibrada, na racionalidade e na emocionalidade.

## REFERÊNCIAS

A Seara, Rio de Janeiro, [?], maio-jun. 1958, p. 5-6,8.

A PÉROLA de grande valor. *EETAD em revista*, Campinas, EETAD, ano X, n. 29, p. 5, maio/out. 2009.

ALBANO, Fernando. Pneumatologia *Crucis* e o sofrimento: teologia do Espírito à sombra da cruz. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. 5, n. 2, p. 41-60, jul. 2014.

ALEMANHA, UM FRACASSO espiritual. *A Seara*, Rio de Janeiro, Ano 38, n. 332, p. [?], Maio/Jun. 1995.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus: 1911-2011*. Rio de Janeiro: Diálogos, 2013.

\_\_\_\_\_. Educação teológica no pentecostalismo brasileiro: rupturas & continuidades. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio. *Religiões e paz mundial: 23º Congresso Internacional SOTER 2010*. Belo Horizonte: SOTER/Paulinas, 2010.

ALVES, Rubem. *Dogmatismo & tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Por uma teologia da libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. *Religião e repressão*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998.

ARAÚJO, Israel de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

\_\_\_\_\_. *Pequena história da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil*. Apostila. Rio de Janeiro: 1988.

BARROS, Paulo Cesar. Pentecostalismo: a liberdade do Espírito. *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 5-10, jan./abr. 2011.

BARTZ, Alessandro. *Percursos religiosos e adesão: comunidades urbanas da IECLB como estudo de caso*. 2013. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2013.

BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BECKENKAMP, Joãozinho. Kant e a hermenêutica moderna. *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, vol.51, n. 121, p. 275-292, Jun. 2010.

BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. 10ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BERG, Gunar. Refletindo a formação teológica. *Caderno Teológico, Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano 85, n. 1.555, p. 01, Dez. 2014.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGSTEN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

\_\_\_\_\_. *Teologia sistemática*. Vol. 4. 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

BÍBLIA de Estudo Scofield. São Paulo: Bom Pastor, 1986.

BIRCK, Bruno Odélio. *O sagrado e Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

BITUN, Ricardo. Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios. *Revista Caminhando*, v. 14, n. 2, p. 55-65, Jul./Dez. 2009.

BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI/PPL/IEPG, 2002.

\_\_\_\_\_. Pentecostalismo: desafios e perspectivas pastorais. *Revista de cultura teológica*, São Paulo, ano III, n. 13, p. 69-76, out./dez. 1995.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *O Espírito Santo: fogo interior, doador da vida e Pai do pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOMFIM, Adailson Jose Rosendo. Um “alarido” neopentecostal: diversidade e ressignificação simbólica na Igreja Universal do Reino de Deus. *Scientia Plena*. São Cristóvão (SE), vol. 3, n. 5, p. 66, 2007.

BOMILCAR, Nelson. *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

BOSCH, J. David. *Missão Transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. 3ª ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

BRENDA, Albert W. *Ouvi um recado do céu: biografia de J. P. Kolenda*. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.

BRITO, Ênio José da Costa. Tradições religiosas entre a oralidade e o conhecimento do letramento. In: PASSOS, Joao Décio; USARSK, Frank. (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

CALVANI, Carlos Eduardo B. *Desafios para o ensino da Teologia Latino-americana*. Palestra proferida na Semana de atualização teológica, 2002.

CAMPOS, Bernardo. *El post pentecostalismo: renovación del liderazgo y hermenéutica del Espíritu*. Disponível em: <[http://www.pctii.org/cyberj/cyberj13/bernado.html#\\_Toc57341950](http://www.pctii.org/cyberj/cyberj13/bernado.html#_Toc57341950)>. Acesso em: 17 jan. 2008.

CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim, (Ed.). *Na força do espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Pendão Real, 1996.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Celso. *A Assembleia não é de A ou B*. Disponível em: <<http://www.creio.com.br/2008/noticias01.asp?noticia=13930>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

CARVALHO, César Moisés. *Uma pedagogia para a Educação Cristã: noções básicas da Ciência da Educação a pessoas não especializadas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CARVALHO, Deise Mara de. A fé diplomada. *A Seara*, Rio de Janeiro, CPAD, ano 40, n. 3, p. 38, fev. 1997.

CAVALCANTE, Ronaldo; SINNER, Rudolf von; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). *Teologia Pública em debate*. Vol. 1. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

CESAR, Waldo; SHAULL Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1999.

CGADB. *Escola Bíblica de Obreiros – 2014/2015*. Disponível em: <[http://cgadb.org.br/home5a/index.php?option=com\\_content&view=article&id=233:escolas-biblicas-de-obreiros-20142015&catid=23:conselhos&Itemid=134](http://cgadb.org.br/home5a/index.php?option=com_content&view=article&id=233:escolas-biblicas-de-obreiros-20142015&catid=23:conselhos&Itemid=134)>. Acesso em: 27 set. 2014.

CHIQUETE, Daniel. *Escritos a tempo y fuera de tempo*. Concepción (Chile): CEEP Ediciones, 2008.

\_\_\_\_\_; ORELLANA, Luis. (Ed.). *Voces del pentecostalismo Latinoamericano: identidade, teologia e historia*. Vol. 8. Concepción (Chile): RELEP/CETELA/ASETT, 2003.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Ed.). *Voces del pentecostalismo Latinoamericano III: identidad, teología, historia*. Concepción (Chile): RELEP, 2009.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Ed.). *Voces del pentecostalismo Latinoamericano IV: identidad, teología e historia*. Concepción (Chile): RELEP, 2011.

COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009.

COMO SER um bom obreiro. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano I, n. 18, p. 3, 15 set. 1931.

CONDE, Emílio. Instituto Bíblico das Assembleias de Deus. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, nº 1, p. 4, 01 jan. 1960.

\_\_\_\_\_. *Pentecoste para todos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1985.

CONFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO Teológica. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano 80, n. 1.500, p. 07, Maio 2010.

Conselho de Educação e Cultura da CGADB. *Diretrizes e Bases Normativas*. Disponível em: <<http://www.e-cgadb.com.br/index.php/diretrizes>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

COSTANZA, José Roberto da Silva. As raízes históricas do liberalismo teológico. *Fides Reformata*, nº 1, p. 79-99, 2005.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alterações das características da Igreja Assembleia de Deus no Bairro Bom Retiro em São Paulo. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 3, n. 1, p. 07-25, 2011.

\_\_\_\_\_. *Assembleia de Deus: ministérios, carismas e exercício de poder*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

COSTA, Alfredo Sampaio. Espiritualidade do martírio. *Itaici Revista de Espiritualidade Inaciana*, São Paulo, n. 97, p. 23-24, set. 2014.

COUTO, Geremias do. *Teologia Pentecostal*. Assembleiano e calvinista convicto: uma entrevista com Geremias do Couto. Disponível em: <<http://www.teologiapentecostal.com/>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

CPAD NEWS. *Os métodos de interpretação da Bíblia*. Disponível em: <<http://cpadnews.com.br/conteudo-exclusivo/14766/entrevista-com-tim-sanders-autor-de-%C2%B4hoje-somos-ricos%C2%B4.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. *Isaiás: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. São Paulo: Vozes/Sinodal, 1989.

D'EPINAY, Christian Lalive. *El refugio de las masas: estudio sociológico del protestantismo chileno*. Concepción (Chile): USACH/IDEA/CEEP, 2010.

DANIEL, Silas (ed.) Best Seller: dezembro 2015. *Mensagem da Paz*, Ano 85, n. 1.556, p. 26, Jan. 2015.

\_\_\_\_\_. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DAVANZO, Américo. A influência da religião na instrução popular. *A Seara*, Rio de Janeiro, ano III, n. 3, p. 31, maio/jun. 1958(b).

\_\_\_\_\_. A instrução popular no Brasil. *A Seara*, Rio de Janeiro, ano III, n. 2, p. 19, mar./abr. 1958(a).

DELORS, Jacques (Coord.). *Educação: um tesouro a descobrir*. Brasília: UNESCO/Faber Castel, 2010.

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (orgs.). *A religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

DIEVENKORN, Sabine. *La noticia del evangelio como traducción intercultural: una teología sin imperativos en pos de un cristianismo inclusivo y de(s)colonial*. Concepción (Chile): CEEP, 2013.

DREHER, Luís Henrique. *O método teológico de Friedrich Schleiermacher*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2003.

DREHER, Martin Norberto. *Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

DREWERMANN, Eugen. *O Amor e a Reconciliação*. Trad. Fátima Andrade. Rio do Mouro, Portugal: Círculo de Leitores, 2004.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. São Paulo: Forense Universitária, 1995.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1963.

\_\_\_\_\_. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodicéia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*. São Paulo: Paulinas, 2004.

FALCÃO, Rubens. Educação para a vida. *A Seara*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1, p. 3, jan./mar. 1959.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora USP, 1995.

FELIPE, León. *Antología rota*. Madrid: Cátedra, 2008.

FLICKINGER, Hans-Georg; NEUSER, Wolfgang. *A teoria de auto-organização: as raízes da interpretação construtiva do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

FORTE, Bruno. *A teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991.

FOUCAULT, Michel O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. São Paulo: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

\_\_\_\_\_. *Do governo dos vivos*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FRESTON, Paul (Org.). *Marxismo e Fé Cristã: o desafio mútuo*. São Paulo: A.B.U., 1988.

\_\_\_\_\_. Breve histórico do Pentecostalismo no Brasil. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Oralidade e escrita: uma revisão*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742006000200007&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742006000200007&script=sci_arttext&tlng=en)>. Acesso em: 30 dez 2006.

GANDRA, Valdinei Ramos. Uma análise da identidade assembleiana a partir da "Carta de Campinas". *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. II, n. 2, p. 19-34, jul. 2012.

GEE, Donald. Porque creio em Institutos Bíblicos. *A Seara*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 06, Nov./Dez. 1962.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERMANO, Altair. *Os antecedentes históricos da educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil de 1517 a 1979*. Disponível em: <<http://www.altairgermano.net/>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

GESSEY JUNIOR, João. Necessitam os obreiros cristãos de melhor preparo intelectual? *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 34, n. 7, p. 2, abr. 1964.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4ª ed. São Paulo: Artmed, 2005.

GILBERTO, Antonio. A EETAD e o ensino teológico. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano LIV, n. 1168, p. 10, ago. 1984.

\_\_\_\_\_. *Erudição e piedade: uma entrevista com o pastor Antonio Gilberto*. Entrevista concedida a Gutierrez Fernandes Siqueira em 17 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.teologiapentecostal.com/2015/03/erudicao-e-piedade-uma-entrevista-com-o.html?sref=fb>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. (Ed.). *Teologia sistemática pentecostal*. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

GOMES, Francisco Assis. Parabéns às Assembleias de Deus no Brasil. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 6, p. 5, 15 mar. 1960.

\_\_\_\_\_. Que significa instituto bíblico. *A Seara*. Rio de Janeiro, n. 28, p. 07, set./ out. 1962.

\_\_\_\_\_. Uma palavra aos líderes do movimento Pentecostal. *A Seara*, Rio de Janeiro, ano III, n. 3, p. 6, Mai/Jun. 1958.

GOMES, José Ozean. *Educação teológica no pentecostalismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

\_\_\_\_\_. O anti-intelectualismo nas origens do pentecostalismo norte-americano. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, vol. VI, n. 01, p. 41, Jan./Jun. 2015.

GOTO, Tommy Akira. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich*. São Paulo: Paulus, 2004.

GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue; POMMERENING, Claiton Ivan. Novos paradigmas na teologia africana: a experiência e a compaixão como possibilidades missiológicas. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. VI, n. 01, p. 09-30, Jan. 2015.

HAIGHT, Roger. *Dinâmica da Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

HARRISON, Peter (Org.). *Ciência e religião*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

HOLLENWEGER, Walter J. *El Pentecostalismo: Historia y doctrinas*. Buenos Aires: La Aurora, 1976.

HOOVER, Thomas Reginald. *Gustavo Bergstrom: herói anônimo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

HORTON, Stanley. *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.

\_\_\_\_\_. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

HURTADO, Manuel. Olhar para aquele que transpassaram. *Itaici Revista de Espiritualidade Inaciana*, São Paulo, n. 97, p. 53, set. 2014.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Hermenêutica fenomenológica e a tematização do sagrado. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012.

KELM, Thiago Rafael Englert. Manifestações e simbolismo: uma leitura do êxtase pentecostal a partir da teoria do símbolo em Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*, São Paulo, Metodista, v. 12, n. 23, jun. 2013.

KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. (Orgs.). *Educação teológica transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006.

KUNZ, Claiton André. *Método histórico-gramatical: um estudo descritivo*. Disponível em: <[http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo\\_historico-gramatical.pdf](http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo_historico-gramatical.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2015.

LEENHARDT, Maurice. O mito. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, p. 91-96, mar. 1987.

LEMOS, Edson Kolenda. Joinville, 15 fev. 2013. Depoimento concedido a Claiton Ivan Pommerening.

LEMOS, Issac Kolenda. Barra Velha, 07 jan. 2000. Depoimento concedido a Marcos Tedesco.

LEMOS, João Kolenda. *Ética ministerial: conselhos de uma jornada ministerial*. Pindamonhangaba, IBAD, 2011.

\_\_\_\_\_. Pindamonhangaba, 26 set. 2011. Entrevista concedida a Claiton Ivan Pommerening.

\_\_\_\_\_; LEMOS, Ruth Doris. Pindamonhangaba, CPAD, 09 mai. 1985. Entrevista concedida a Nemuel Kessler e Jeremias do Couto.

LIBANIO, João Batista. *Deus Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

LIMA, Cícero Canuto de. Pastor Cícero de Lima entrevista o pastor Willis Sawe. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 37, n. 09, p. 04, 1-15 maio 1967.

LOPES, Augustus Nicodemus. *A Hermenêutica da Teologia da Libertação: Uma Análise de Jesus Cristo Libertador*, de Leonardo Boff. São Paulo, 04 dez. 2000. Aula ministrada no curso de pós-graduação em Interpretação bíblica. Arquivo pessoal.

MACCHIA, Frank D. *Baptized in the Spirit: a global Pentecostal theology*. Grand Rapids (Michigan): Zondervan, 2006.

MACHADO, Renato da Silva. Teologia e experiência: uma abordagem sobre a centralidade da experiência para a teologia. *Atualidade teológica*, Rio de Janeiro, Ano XVI, n. 40, p. 87-100, jan./abr. 2012.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. O pentecostalismo e o pensamento teológico atual: reflexões sobre pneumatologia e experiência na reflexão teológica. *Estudos de religião*, São Bernardo do Campo, ano XII, n. 15, dez. 1998.

MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. *Assembleia de Deus e Teologia Pública: o discurso Pentecostal no espaço público*. Dissertação (Mestrado). São Leopoldo: IEPG/EST, 2010.

MARASCHIN, Jaci C. Novas estruturas para a educação teológica. *Revista Teológica da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos*. São Paulo, Ano III, n. 5, p. 3-9, jun. 1970.

MENCHEN, Denise; BRISOLA, Fabio. População de baixa renda é maioria entre evangélicos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2012/06/112383-populacao-de-baixa-renda-e-maioria-entre-evangelicos.shtml>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.

\_\_\_\_\_; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MENZIES, William W.; MENZIES, Robert P. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal*. São Paulo: Vida, 2002.

MÍGUEZ-BONINO, José. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. El Dios crucificado. *Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 12, n. 45, out./dez. 1973.

\_\_\_\_\_. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2010.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo/Brasília: Cortez/Unesco, 2012.

MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. *A casa da Teologia: introdução ecumênica da fé*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010.

NAÑEZ, Rick. *Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto*. São Paulo: Vida, 2007.

NASCIMENTO, Irvaldino Alves do. 10º aniversário do Instituto Bíblico Ebenézer. *Revista IBE*, Rio de Janeiro, IBE, ano I, n. 1, p. 3, dez. 1982.

NELSON, Samuel. *Samuel Nyström: pioneiro do ensino pentecostal em Escolas Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.). *Cem anos de pentecostes*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

- OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- OLIVEIRA, João de. Instituto Bíblico da Assembleia de Deus – Pindamonhangaba – São Paulo. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 15, p. 3, 01 Ago. 1960.
- OLIVEIRA, José de. *Breve história do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- OLSON, Nels Lawrence. Instituições de ensino religioso na Europa. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n. [?], p. 2,7, 15 jan. 1965.
- ONG, Walter Jackson. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.
- PACHECO, José Augusto. *Políticas curriculares: referenciais para análise*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- PADILHA, C. René. *Missão Integral*. São Paulo: FTL, 1992.
- PALMA, Anthony D. *O batismo no Espírito Santo e com fogo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Vol. 1. São Paulo: Acadêmica Cristã; Paulus, 2009.
- PASSOS, Joao Décio; USARSK, Frank. (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.
- PEREIRA, João. Escola bíblica, instituto ou seminário? *A Seara*, Rio de Janeiro, ano II, n. 4, vol. V, p. 3-4, jul./ago. 1957.
- PETERSON. Eugene. *Espiritualidade subversiva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.
- PETHRUS, Lewi. *Lewi Pethrus: a vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- PIAZZA, Waldomiro. *Introdução à fenomenologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PLÁCIDO, Reginaldo Leandro. Na dimensão do Espírito: uma leitura do Espírito Santo na teologia pentecostal em interface com a teologia sistemática de Paul Tillich. 2008. 165 f. Mestrado (Dissertação) – Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia, EST, São Leopoldo, 2008.
- POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na Teologia Pentecostal. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. I, nº 1, p. 23-62, jul. 2010.
- \_\_\_\_\_. Pentecostalismo líquido: fluidez teológica entre os pentecostalismos. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. IV, nº 1, p. 13, jan. 2013.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Rumos do pensamento etnológico na França: a atualidade de Maurice Leenhardt. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, mar. 1987.
- REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos, 2009.
- REGA, Lourenço Stelio. Revendo paradigmas para formação teológica e ministerial. *Teológica*, São Paulo, ano 3, n. 4, p. 12, 2º sem. 2001.
- REGO, José Teixeira. Instituto bíblico – sinônimo de seminário. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 11, p. 3, 01 jun. 1960.
- RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Interpretação e ideologias*. 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

RIZZUTO, Ana Maria. *O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTANA, Mário Sérgio. *Ensino teológico*. Disponível em: <<http://mariosergiohistoria.blogspot.com.br/search/label/Ensino%20Teol%C3%B3gico>>. Acesso em: 24 maio 2015.

SANTOS, Andréa Nogueira Gomes. O unguido de Deus frente aos desafios da contemporaneidade. *Expressão teológica*, Capinzal (SC), Ano III, Vol. V, p. 29-37, Dez. 2014.

SANTOS, Ismael dos. *Raízes da nossa fé*. Blumenau: Letra Viva, 1996.

SCHAPER, Valério Guilherme et al. (Orgs.). *Deuses e ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editoria Universitária, 2012.

SEFRIN, Carmencita. Experiência religiosa, uma experiência de sentido. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998.

SOARES, Afonso Maria Ligório. *Religiões e paz mundial: 23º Congresso Internacional SOTER 2010*. Belo Horizonte: SOTER/Paulinas, 2010.

SOUZA, Alexandro Ferreira de. *A narrativa de um malogro: vivência e linguagem religiosas em A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, examinadas a partir de Rudolf Otto. 2009. Dissertação (Mestrado em teologia), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

SOUZA, Sandro Alves Martiniano de. *O fazer teológico como hermenêutica transdisciplinar: a teologia desafiada pelo pensamento complexo de Edgar Morin*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: UMESP, 2012.

SOUZA, Sebastião Rodrigues. Estamos trabalhando por coisas eternas, afirma líder da AD no Mato Grosso. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, Ano 85, n. 1.555, p. 11, Dez. 2014.

STEIN, Moshe. *Além do que ousamos pedir*. Joinville, Assembleia de Deus, 03 mai. 2014. 24min15seg.

SUNG, Jung Mo; MIGUEZ, Nestor; WIRTH, Lauri. *Missão e educação teológica*. São Paulo: Aste, 2011.

SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2007.

TILLICH, Paul. *A Coragem de Ser*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. *Teologia sistemática*. 5ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VASCONCELOS, Alcebíades Pereira. "Fábrica de Pastores". *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 35, n. 1, p. 2, 01 jan. 1965.

VIANNA, Marielle de Souza. *Dom Quixote: o elogio da leitura e o sentido da religiosidade*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012.

VIEIRA, José João. *Nasce a Faculdade Refidim*. Joinville, 20 jul. 2012. 46 f. Arquivo pessoal.

VINGREN, Gunnar. *O tabernáculo e suas lições por Gunnar Vingren*: monografia de graduação em Teologia do fundador das Assembleias de Deus no Brasil, defendida em 1909 no Seminário Teológico Sueco de Chicago (EUA). Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

VINGREN, Ivar. *O diário do pioneiro: Gunnar Vingren*. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

WACH, Joaquim. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB; São Paulo: IOESP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone, 2010.

WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.

WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo, Sinodal/EST, 2008.

\_\_\_\_\_. Outros saberes: teologia e ciência na modernidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 3, n. 35, p. 258-278, 1995.

YONG, Amos. *In the days of Caesar: Pentecostalism and political theology*. Grand Rapids (Michigan): Eerdmans Publishing, 2010.

ZILSE, Raphaelson Steven. Pneumatologia Pentecostal: revelação divina ou desenvolvimento teológico? *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. VI, nº 01, p. 51-86, jan. 2015.

ZWETSCH, E. Roberto. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.